



Lletres Asturianes

Academia de la Llingua Asturiana



Lletres Asturianas 50

Boletín Oficial de l'Academia de la Llingua Asturiana
Principáu d'Asturies

Boletín editáu en collaboración cola



CAXA D'ASTURIES

Les collaboraciones de LLETRES ASTURIANES
empobínense al apartáu 574 d'Uviéu.

L'Academia nun ta obligada a tornar los orixinales
que nun s'asoleyen.

Los artículos firmaos son responsabilidad dafechu
de los sos autores.

ASOLEYA:	Academia de la Llingua Asturiana
IMPRESA:	Baraza - Uviéu
DPTU. LLEGAL:	U-826/82
I.S.S.N.:	0212-0534

La Universidá y el Gobiernu

Los díes 3 y 5 del mes de payares, los asistentes al claustru de la Universidá d'Uviéu pudieron sentir per tres vegaes cómo'l so rector perafitaba que-y faía falta conocer l'asitiamentu del Gobiernu d'Asturies pa llograr la especialidá de *Filoloxía Asturiana*. Nun yera ésta la primera vegada que l'autoridá académica s'esplayaba asina nin, nun xestu de coherencia que la honra, diba ser la cabera comu díes dempués amosaría na mesma Xunta Xeneral del Principáu.

Anque les pallabres del rector nun xustifiquen el comportamientu d'un muérganu que comu l'universitariu ye *autónomu* nin mucho menos enxamás llimpiarán de responsabilidad a los que, antiasturianamente, actúen na Xunta de Gobiernu de la Universidá d'Uviéu, non por ello dexe de ser significatives. Bien a la escontra, empobinen nel sen al que, n'opinión d'abondos, deberíen apuntar, al Gobiernu del Principáu d'Asturies. De facer casu a les intervenciones del rector Gascón, tolo que cinca a la llingua asturiana na Universidá pue iguase si'l Gobiernu enconta colos fechos lo que paez que ye voluntá de dalgún de los sos cimeros responsables.

Y de xuru qu'a esi allugamientu nun ha falta-y razón porque, nesti momentu, desenraigonaos dellos prexucios de la inercia hestórica, desempareyaos los más encirizaos enemigos de la llingua, apaciguaos políticamente los que nada perderán porque l'asturianu s'asitie nun llugar de respetu, favorable un tantu por cientu peraltu del pueblu asturianu, nun se ven razones qu'aconseyen prudencies inoperantes a un Gobiernu nel que se dan circunstancies dignes de la meyor xestión.

Les pallabres d'un príncipe

Con motivu de la entrega de premios de la «Fundación Príncipe de Asturias», asitiada n'Uviéu, Felipe de Borbón dio lléctura a un discursu que bien sedría a entendese comu la manifestación añal más importante del herederu de la corona española. Magar el conceutu xeneralizador que tien l'actu protocolariu, lo cierto ye qu'esti añu hebo referencies (a la Universidá, a Severo Ochoa, etc.) que, polo explícites, podría camentase que nagüen por enraigonase nel contestu asturianu. Nesi sen les pallabres caberes diches n'asturianu son, anque curties, amañoses y afayadices. Ensin dubia son bon niciu de qu'a la llingua d'Asturies hai que-y despesllar les puertes con qu'entá sigue trancada.

El número 50

Cola entrega d'esti exemplar los nuestos llectores tienen nes sos manes non sólo un novamientu gráficu sinón un perestimable niciu del trabayu que l'Academia de la Llingua vien fayendo de magar la so nacencia. A lo llargo de les munches páxines de Lletres Asturianas podrán alcontrar una revista onde s'axunta la investigación rigurosa d'asturianos y forasteros, l'emplegu respetuosu de toles llingües del nuesu entornu cultural, la hestoria d'un difícil procesu recuperador que será a entendese si se lleen les informaciones equí ufiertaes.

L'Academia tien el contentu del trabayu fechu n'andecha y la responsabilidad de seguir llegando a los llectores que número tres de número la enconten. El Principáu d'Asturies y el pueblu asturianu tendríen que se sentir afalgaos al dir persabiendo que, con initiatives comu ésta, que lleguen a institutos y universidaes espardíos per muchos países, Asturias y la so llingua son más conocíes y espierten más interés. Una publicación d'esti calter ye'l meyor testimoni u d'un trabayu bien iguáu nel presente y un bon enfotu pal futuru.

TRABAYOS D'INVESTIGACIÓN

Falares asturo-leoneses em território português

TELMO VERDELHO
UNIVERSIDÁ D'AVEIRO

1.A língua mirandesa

O Mirandês é uma língua, e uma língua viva que deve ser contada entre as línguas da terra.

A contagem das línguas do planeta é um problema que não encontrou ainda solução científica, nem por parte dos linguistas, nem dos especialistas da estatística demográfica. As informações quantificadoras, bastante frequentes que, um pouco por toda a parte, vêm sendo publicadas, sobre o mosaico de Babel, que recobre o nosso mundo, apresentam números escandalosamente dissonantes. Resumindo um pouco essa bibliografia podemos reduzir a contagem das línguas às cinco hipóteses seguintes, entre si tão contrárias, que dão o tecido linguístico do Planeta formado:

- por 200 línguas;
- por 3.000 línguas;
- por 5.000 línguas;
- por 15.000 línguas;
- e por 35.000 línguas.¹

Não tem sido possível estabelecer critérios rigorosos e geralmente aceites, para identificar a individuação linguística. A língua é um comportamento humano marcado pela permanente mobilidade dos indivíduos e das comunidades. A tentativa de catalogação será sempre provisória e terá apenas um valor hipotético, como toda a verdade histórica.

O Mirandês é uma língua que faz parte das 35.000 línguas, ou mesmo das 15.000 que alguns contadores de línguas enumeram sobre o mundo. Tem como referência histórica dez séculos, pelo menos, de desempenho oral, numa comunidade delimitada por um espaço geográfico bem definido. Beneficia também de uma inapagável memória textual, ainda que de elaboração recente e de modestas proporções.

¹ Informação recolhida em Gyula Décsy, “Semiotics of language counting and languageness”, in *Semiotica*, 84 - 3/4 (1991), p.309.

É actualmente testemunhado por uma pequena comunidade falante mas, não deixa de ser uma língua viva, perfeita e de muitos modos única no mundo, pelo facto dessa comunidade se encontrar em gravíssima crise de erosão e ser constituída por poucos milhares de pessoas.

É também uma língua, o Mirandês, porque constitui objecto de evocação e de reflexão aqui e agora, preenchendo este nosso tempo real de existência, e porque nós achamos congruente a hipótese de que ele é susceptível de continuar a ser assumido, de modo consciente e voluntário, por essa comunidade, como um instrumento privilegiado de intercomunicação. O Mirandês poderá ser a melhor garantia da sua diferença, o mais elaborado e genuíno testemunho da sua própria memória e o meio mais eficaz e mais instruído para o seu encontro colectivo. O mirandês é, como todas as línguas naturais, um legado cultural de incomensurável valor.

Este breve excursus introdutório pareceu-me necessário como um pressuposto epistemológico, ainda que apenas esboçado, que de algum modo esclarece o quadro em que poderemos inscrever os nossos discursos sobre o Mirandês. Em rigor, o estudo do mirandês não carece de justificação científica. Mas nós gostaríamos que ele fosse mais do que um objecto poético, casualmente contemplado e episodicamente vivido.

A linguística tem-se apresentado como uma ciência prática demasiado motivada pela eficácia, pela sua imediata utilidade e pela obsessão das grandes línguas. O nosso objecto de estudo pode ser, e tem sido, vítima de uma deplorável marginalidade científica, não só no que respeita à quantidade, mas também no des-caso e numa ideologizada desvalorização cultural.

Não vamos deter-nos no labirinto da unidade e diversidade das línguas. Deixamos também ao largo, ou apenas para uma reflexão final, a filosofia fácil do imperialismo linguístico que decide sobre as línguas boas e as línguas desprezíveis. No meu ponto de vista, todas as línguas são igualmente disponíveis para a criatividade humana. Falar de línguas mais e menos perfeitas ou imperfeitas é um acto de pura classificação social, leviano ou perverso, e caracterizado pela mesma iniquidade do racismo.

De um ponto de vista diferente e, retomando uma tradição já secular, das ciências da linguagem, poderemos acrescentar que o mirandês não será propriamente uma língua, mas apenas um dialecto da família linguística asturo-leonesa.² Foi certamente na órbita do convento jurídico asturicense instituído por Augusto, e sob a sua tutela administrativa e cultural, que aprenderam a falar latim, os habitantes de Miranda do Douro e de outros lugares que vieram a fazer parte do nordeste de Portugal. Também depois, na administração visigótica e durante a perturbação islâmica e os subsequentes repovoamentos cristãos, foi o prestígio e a clerezia do bispado de Astorga, mais que o de Bracara Augusta, que vinculou a interacção linguística desta região.

Os acasos da história, as distâncias e os acidentes geográficos fizeram fronteiras dentro desta língua. Mas as línguas são uma preenchida e remota memória da humanidade.

Relembrar aqui o mirandês é um gesto pleno de simbolismo e de grande densidade cultural, porque, ultra-

² A distinção entre “língua” e “dialecto” pode ser uma questão terminológica que não vem aqui a propósito. Notaremos apenas que a designação de “dialecto” tem sido preferentemente usada pelos estudiosos do Mirandês, nomeadamente Leite de Vasconcelos (dialecto e co-dialecto), Menéndez Pidal e Herculano de Carvalho.

passando séculos de peripécias e divisões políticas, a língua reencontra-se consigo própria, numa espécie de anagnórise que me parece, como linguista, particularmente gratificante.³

1.2. O espaço geográfico e demográfico do Mirandês

O Mirandês é uma língua referenciada numa pequena região de escassas centenas de quilómetros quadrados (cerca de 450 Km.²), situada a nordeste de Portugal, no distrito de Bragança, numa fronteira com a Espanha, delimitada na sua maior parte pelo curso superior do Rio Douro, e abrangendo, parcialmente, os concelhos de Miranda do Douro e de Vimioso. Tem sido recebida como língua materna em 13 das 16 freguesias do Concelho de Miranda do Douro (o mirandês não é falado na própria cidade de Miranda e nas freguesias de Atenor e de Picote), e em 3 freguesias do concelho de Vimioso, enumeradas no elenco seguinte, com indicação dos actuais moradores (de acordo com o censo populacional de 1991):

Censo populacional	1991- 1981	
Cicouro	118	(124) habitantes
Constantim	178	(233)
Duas Igrejas	860	(990)
Genísio	284	(380)
Ifanes	291	(353)
Malhadas	406	(497)
Palaçoulo	779	(806)
Paradela	153	(246)
Póvoa	321	(372)
S. Martinho de Angueira	439	(559)
Sendim	1392	(1669)
Silva	380	(403)
Vila Chã de Braciosa	457	(568)
Totais	6058	(7200)
VIMIOSO:		
Angueira	214	(305)
Caçarelhos	353	(432)
Vilar Seco.....	246	(294)
Totais.....	803	(1031)
	6861	(8231) ⁴

³ “...les langues, lourdes de toutes les présences dialogales accumulées par des temps immémoriaux, sont images de vie. Le linguiste, obstinément attaché à la recherche austère des lois derrière les enivrements sonores et la turbulence des mots, reconnaît dans les langues l’activité vitale d’un énoncéur qui y a laissé à travers le passé la trace d’opérations semblables à celles qu’il accomplit lui-même dans le discours quotidien. C’est parce qu’il en est fasciné, en même temps que soucieux de les soumettre aux analyses sereines de la raison, que celui qui a le langage pour métier peut aimer à aller débusquer les secrets des langues exotiques.” Claude Hagège, *Leçon inaugurale* (faite le Mardi 26 avril 1988) - Chaire de Théorie Linguistique, Paris, Collège de France, 1988, p. 31.

⁴ Instituto Nacional de Estatística, *Censos 91* -resultados preliminares.

Convirá comparar estes quantitativos com as indicações sobre o número de falantes anotados em outras datas. Assim:

em 1796 registam-se cerca de 8.000 falantes;⁵

em 1900 cerca de 10.000;⁶

em 1953, o número de falantes seria de 13.700;⁷

em 1960 cerca de 15.000 (“O mirandês... dialecto vivo é usado quotidianamente na família e no campo, por mais de 15.000 pessoas”);⁸

em 1970 cerca de 10.000;⁹

Esta breve informação estatística do mirandês está cheia de significações bem pouco consoladoras. Verifica-se, desde logo, uma dramática contracção dos índices censitários - em 30 anos, desde 1960 até 1991, houve um esvaziamento de metade dos habitantes -. Entretanto, mais grave ainda, os números da demografia não correspondem de modo nenhum, aos números da identificação linguística. As populações, postas em contacto com as ondas da radiodifusão e da televisão (portuguesas e espanholas) sofreram uma progressiva e desoladora depredação do seu espaço linguístico. Reduziu-se certamente o número real de falantes, e sobretudo ficou inevitavelmente limitado o tempo de palavra mirandesa. Os meios da comunicação social ocupam quase permanentemente os ouvidos com línguas alheias, e deixam uma disponibilidade cada vez menor para a expressão da língua nativa, verdadeiramente vernácula. O mirandês torna-se assim uma competência linguística passiva, com pouca capacidade de interacção. Podemos então dizer que hoje haverá cerca de seis a sete mil pessoas que sabem ainda falar o mirandês, mas poucas o falam habitualmente, e nenhuma delas o falará como língua única. O número actual de falantes do mirandês é o mais baixo desde há pelo menos dois séculos

A região de Miranda do Douro está sendo vítima de uma despersonalização linguística e de uma catástrofe civilizacional.

1.3. A história da comunidade falante do Mirandês

A história desta região e da pequena cidade que a polariza parece ter sido desde sempre marcada por um certo desfavor da sorte, por uma mal sofrida marginalidade e por acontecimentos desastrosos que provavelmente se repercutem ainda no actual processo de erosão que irremediavelmente a prejudica.

⁵ J. M. A. Mendes, *Trás-os-Montes nos fins do século XVIII - segundo um manuscrito de 1796*, Coimbra, INIC, 1981, p. 176.

⁶ José Leite de Vasconcelos, *Estudos de Filologia Mirandesa*, vol.I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900, p. 59/61 e p.153, veja-se tb. sobre a população de Miranda, em outras épocas, *Id.*, p.108.

⁷ H. de Carvalho, “Fonologia Mirandesa”, *Biblos*, vol.XXXIII, 1957, p.7.

⁸ M. J. M. Santos, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, 1967, p.416/7.

⁹ *Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lx. 13ª vol., col.879.

Guardam-se testemunhos do seu povoamento pré-histórico, nomeadamente de uma ocupação celta, (estão identificadas 14 ruínas castrejas) e da colonização romana,¹⁰ mas a sua emergência como região destacada, coincide com a formação da nacionalidade portuguesa.

A primeira nomeação em documento escrito data de 1172, no reinado do Fundador Afonso Henriques, e o primeiro documento escrito numa língua vernácula, que não podia deixar de ser entendida pelos mirandeses, é do ano 1257.¹¹

Desde as mais antigas referências, Miranda começou a ser reconhecida e valorizada pela sua implantação estratégica, na linha fronteiriça. Foi visitada pelo rei D. Dinis em 1297, depois de, em 1286 lhe ter dado já um segundo foral, garantindo a tutela régia e excluindo qualquer outro senhorio.¹²

Há cerca de 450 anos, Miranda é elevada à categoria de cidade (Carta de D. João III de 10/VII/1545), e promovida a sede de diocese (Bula de Paulo III “Pro excellenti apostolicae sedis” de 22/V/1545).

A presença do bispado contribuiu para melhorar o património arquitectónico do pequeno núcleo urbano (com destaque para a Sé Catedral, iniciada ainda no século XVI), mas introduziu nela um poderoso factor de perturbação linguística que deve ter levado paulatinamente a população da sede diocesana a abandonar e a esquecer o seu falar tradicional. Leite de Vasconcelos supõe que, pelos meados do século XVIII, os habitantes de Miranda já não falavam o Mirandês.¹³

Entretanto, a cidade não ultrapassou o seu antigo isolamento. O convívio com a cúria episcopal foi perturbado por frequentes questiúnculas (não obstante o prestígio de alguns dos seus bispos, como D. Julião de Alva +1570) e, no séc. XVIII, depois da retirada do bispo D. Aleixo (1764), e de um insubstituível desmembramento (1770), a sede episcopal foi definitivamente transferida para a cidade de Bragança e a diocese ficou com o título de Bragança e Miranda (Bula de Pio VI “Romanus Pontifex” 27/IX/1780).

Longe dos centros importantes do país, vítima de acidentes naturais e de vários assédios militares, alguns particularmente destruidores, como o da guerra dos sete anos (8/V/1762 - em que uma explosão de mais de 1.500 arrobas de pólvora que enchiam o paiol, provocou a destruição da cidade e a morte de cerca de um terço da sua população), Miranda do Douro, para além da sua dramática história guerreira, não logrou vencer a marginalidade geográfica e também, nunca atingiu uma expressão populacional suficiente para melhorar a sua representatividade política e económica, nem sequer a nível regional.

¹⁰ Cf. Joaquim Maria Neto, *O Leste do Território Bracarense*, ed. Autor, impresso em A União, Torres Vedras, 1975, p. 244/56.

¹¹ “Carta de venda de propriedades em Genísio e S. João de Angueira, na terra de Miranda, ao Mosteiro de Santa Maria de Moreruella, por D. Afonso Mendes de Bornes”, in António M. Mourinho, *Nossa Alma i Nossa Tierra*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1961, p. 136.

¹² Francisco Manuel Alves, *Memória Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, t. IV, p. 83/4. Cf. *Id.*, t. IX, p. 467/71.

¹³ *Estudos de Filologia Mirandesa*, vol.I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900, p.149. Parece-nos, todavia, mais provável que a memória linguística da cidade se tenha obliterado apenas ao longo do séc. XIX.

Foi quase sempre desprotegida pela administração pública. Nunca chegou a ter ligação ferroviária. O caminho de ferro não passou de Duas Igrejas, e chegou lá apenas em 1938. No final do século passado, uma viagem até Miranda, de qualquer outra cidade de Portugal, era uma demorada aventura. O primeiro pesquisador da língua mirandesa demorou 5 dias, no verão de 1883 para vencer os cerca de 380 Km do percurso, entre a cidade do Porto e Duas Igrejas. A rede rodoviária que a serve é ainda hoje francamente decepcionante.

Entretanto, esta insularização de mais de oitocentos anos protegeu o património etnográfico da região mirandesa e salvou, pelo menos até aos meados deste século, a sua memória linguística e, com ela, uma fabulosa literatura oral, enriquecida por uma genuína e especiosa música tradicional considerada das mais antigas da Europa.¹⁴

2. Descoberta e estudo do Mirandês

A língua mirandesa foi descoberta, ou pelo menos cientificamente referenciada, em 1882. Não obstante a relativa incomunicabilidade da região, o seu levantamento precedeu de alguns anos o pleno desenvolvimento da geografia linguística que foi impulsionada justamente pelo desenvolvimento dos meios de transporte, e que teve em França grandes estudiosos, como Rousselot e sobretudo Jules Gilliéron. A primeira descrição do mirandês foi feita ainda no quadro teórico da linguística comparada, especialmente formulada por Jacob Grimm e aplicada às línguas românicas por François Raynouard (1761-1836) e sobretudo por Frederico Diez (1794-1876), na sua *Grammatik der romanischen Sprachen*, publicada em 3 volumes em Bona, entre 1836 e 1843.

Foi José Leite de Vasconcelos (1858-1941) quem comunicou ao mundo a existência do Mirandês, e fê-lo antes ainda de visitar a região, através do testemunho de um mirandês (Manuel António Branco de Castro) que era estudante no Porto. A descrição da descoberta, pelo sábio português, é de tal modo empolgante, que deverá ficar para sempre associada à história desta língua que, tendo mais de mil anos, só então era recebida fora da sua própria comunidade.

Transcrevemos:

“Frequentava eu, em 1882, o 1º anno de Medicina na Eschola do Porto, quando dois meus contemporâneos e amigos, hoje médicos, Affonso Cordeiro e José Joaquim Pinto, sabedores de quanto eu apreciava as tradições e a lingoagem do povo, me disseram que andava matriculado na Academia Polytechnica um rapaz de Miranda-do-Douro, que sabia com perfeição a lingoa d’essa terra, pois a fallava desde criança.

Ora eu já então tinha conhecimento de que em Miranda se usava uma lingoa que não era a portuguesa, porem não havia ainda podido colligir senão duas ou tres palavras, uma das quaes era *cheno* (cheio), ouvida a um meu conhecido em Guimarães, por occasião de umas férias; por isso fiquei muito contente ao receber a

¹⁴ Cf. Anne Caufriez, *Perenité du Romanceiro dans la musique paysanne du Trás-os-Montes (Portugal)*. Tese de doutoramento apresentada em Paris, (2/1/1982), na E.H.E.S.S. Ver notícia em *Brigantia*, vol. II, 2/3, Abril/Set. 1982, p. 263-72.

noticia que Affonso Cordeiro e José Joaquim Pinto me deram, e não foi esta a unica vez que a estes meus dedicados e intelligentes companheiros devi informações sobre assuntos da nossa ethnographia.

Não decorreram muitos dias que eu não estivesse em optimas relações de amizade com o feliz estudante que fallava a lingoa de Miranda, o meu querido Manoel António Branco de Castro, meu Espirito-Santo mirandês, por cujo intermédio pude addicionar á carta linguistica da Europa neo-latina mais um elemento.

Combinámos reunirmo-nos um dia feriado, para eu começar o meu trabalho de investigação. Foi este dia um domingo, à tarde. Branco de Castro morava numa *republica* para os lados de Cedofeita, e lá tivemos a primeira reunião. Nunca me esquecerá tal domingo! Cada individuo tem as suas datas célebres: um, porque lhe nasceu um filho; outro porque recebeu uma herança. Para mim o dia em que pela primeira vez na minha vida ouvi fallar seguidamente mirandês, e em que esbocei as primeiras linhas da sua grammatica, constitui também uma viva memória. Consitam os leitores esta pequena expansão a quem, desde 1876, quasi não pensa noutra cousa que não seja a história da boa terra lusitana, particularmente no seu lado ethnographico e linguistico, e quasi não aspira a mais nada, senão ao gôzo de contribuir para o vasto thesouro da sciencia com um facto ou uma ideia nova, embora de modestas proporções.

Branco de Castro, reclinado sobre a cama, no seu pequeno quarto de estudante, recitava vocabulos, conjugava verbos, declinava nomes; eu, sentado numa cadeira ao pé, ia apontando fervoroso tudo o que lhe ouvia, e que para mim era como aquellas maçãs de ouro que, segundo um conto popular bem conhecido, saíam da bôca de uma virgem bem fadada, quando fallava ao seu noivo.

Num quarto vizinho estavam alguns estudantes tocando guitarra, e entre elles o meu prezado amigo Joaquim Maria de Figueiredo, conceituado pharmaceutico nesta cidade, o qual ainda hoje falla nisto; os estudantes interromperam a música, e vieram ouvir. Ao contrário de Orpheu, que, ao som da lyra, arrastava os penhascos e fazia parar os rios, aqui a musica cedia ao encanto da lingoa de Miranda! Isto constituia de facto uma novidade para os estudantes, que não sabiam que em Portugal se fallava outra lingoa além do português de Bernardes e Garrett. O mais encantado, porém, era eu. Com certeza não se escutavam com maior atenção os oraculos de Apollo em Delphos, ou os de Zeus em Dodôna, do que eu as palavras que o meu Branco de Castro proferia, sereno e resignado, deante de mim.

Dizia elle a principio: -"Isto é uma giria de pastores, uma *fala charra*, não tem regras, nem normas!". Mas, quando eu lhe mostrava que as correspondencias d'ella com o latim eram certas, que a conjugação seguia com ordem, - elle pasmava, e admirava-se que entre os *cabanhaes* de Genizio, e em meio dos *hortos* de Ifánez se pudesse ter feito cousa tão regular como era a lingoa que velhos cabreiros lhe haviam ensinado em pequeno. E também se enthusiasmava, e começava comigo a venerar esta desherdada e perdida filha do latim. Subia então ao auge o seu espanto, quando, não se lembrando casualmente de um vocabulo, ou não lhe acudindi logo á memoria a flexão de um verbo, eu lh'os indicava theoricamente, apenas baseado nas leis que pouco a pouco ia deduzindo dos factos observados..

Assim, ao cabo de algumas horas, e com mais uma ou outra notícia que colhi posteriormente, obtive materiaes que me bastaram para caracterizar nas suas feições mais gerais o mirandês."¹⁵

¹⁵ *Estudos de Filologia Mirandesa*, vol.I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900, p. 3-5.

O primeiro anúncio do Mirandês foi publicado por Leite de Vasconcelos, no jornal *O Penafidense*, em 5 números (472/73/79/82/83), em Julho-Agosto de 1882, e nesse mesmo ano foram republicados no Porto, reduzidos “a melhor forma” num opúsculo de 39 páginas, in-8º gr., com o título *O dialecto mirandês*.

A notícia divulgada pelo então estudante de medicina e jovem investigador beneficiaria de uma auspiciosa recepção, entre o mundo científico da época, de tal modo que a Societé des Langues Romanes atribuir-lhe-ia um interessante prémio pecuniário, num concurso filológico, em 1883. Neste mesmo ano e em 1884, o operoso dialectólogo português visitou a região de Miranda, procedeu a uma verdadeira imersão linguística e coligiu os elementos necessários para garantir uma descrição completa do Mirandês e para registar em definitivo a sua memória.

2.1. Breve caracterização e identificação da família linguística

A ligação do Mirandês ao grupo de línguas Asturo-Leonês foi afluída por Leite de Vasconcelos logo nos primeiros textos de levantamento e descrição, em 1882,¹⁶ e sugerida na *Fonologia Mirandesa* “O mirandês será *lingoa*, na accepção especial, ou será *dialecto*? No sentido de *lingoa* insulada, já se vê que não, porque está aparentado, de um lado com o asturianò-leonês, do outro com o galleco-português.” (vol.II, p.71/72). Menéndez Pidal confirmou em definitivo a integração do Mirandês na família linguística asturo-leonesa.¹⁷

As razões deste parentesco linguístico foram objecto de alguns estudos polémicos,¹⁸ mas em todos eles se verifica a identificação do Mirandês no espaço dialectal desta zona peninsular pontuada pelos núcleos centrípetos de Oviedo, Astorga, Leão e Zamora.

Algumas soluções fonológicas do Mirandês e do Asturiano, adoptadas no seu percurso diacrónico, a partir do latim, corroboram exemplarmente essa identificação e distinguem este grupo linguístico, por uma parte, em relação ao português, e por outra, em relação ao castelhano.

Lembramos alguns traços que nos parecem significativos:

1. Manutenção do /f-/ inicial: FAME > fame/fome/hambre;
2. Palatalização ou iotização do grupo /cl/ e /li/: APICULA > abelha/abeya/abeja; ALIENU > alhenho/ayeno/ajeno;
3. Manutenção dos ditongos /aw/ e /ei/: CAUSA > cousa/cosa; pandeiro/pandero;¹⁹

¹⁶ Cf. *Opúsculos*, 4, Coimbra, 1929, p. 679 e segs.

¹⁷ *El dialecto leonés*, sep. da *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, Madrid, 1906.

¹⁸ Cf. “Porque se fala dialecto leonês em terras de Miranda?” in *Estudos linguísticos*, 1º.vol., Coimbra, Atlântida, 2ª .ed., 1973, p. 71/92.

¹⁹ Alguns traços fonológicos aqui atribuídos ao Asturiano, sofreram uma obliteração castelhanizante, mas julgo que se mantêm ainda na parte oriental. Citei em meu abono, e a título de exemplo, a forma “pandero” registada na introdução do pequeno *Dicionariu Castellán-Asturiano*, Oviedo, La Voz de Asturias. No corpo do *Dicionariu*, regista-se a forma “panderu” (p. 94).

4. Palatalização do grupo latino /sc/: PISCE> pexe/pez;
5. Palatalização da consoante inicial /l-/: LINGUA> lhengua/llingua/língua/lengua;
6. Manutenção das consoantes /-l-/ e /-n-/ em posição intervocálica: LUNA> luna/lua; MALU>malo/mau;
7. Palatalização das consoantes duplas /-ll-/, /-nn-/ e /-mn-/: CASTELLU> castielho ou castiello/castelo/castillo, ANNU> anho/ou año/ano, DAMNU> danho ou dño/dano;
8. Ditongação da vogal breve /e/ em posição tónica: FERRU> fierro/ferro/hierro.²⁰

Estes breves e ocasionais exemplos são suficientemente indiciadores. De qualquer modo, ninguém contesta hoje a classificação do Mirandês na referida área linguística. Quando tivermos estudos do léxico (desejamos vivamente que não tardem), será possível descortinar alguns vectores de influência, nos vários domínios (cultural, religioso e político-económico) que tragam mais esclarecimentos á posição relativa do Mirandês no grupo linguístico em que se integra. No respeitante ao léxico moderno, poderá verificar-se uma presença muito evidente da influência do português, mas, em relação ao fundo lexical mais antigo, a herança asturo-leonesa será certamente predominante. A quase inexistência de levantamentos lexicais do Mirandês deixa em suspenso estas hipóteses.²¹

2.2. O difícil acesso à escrita -transcrição fonética ou ortografia?

Em 1900 e 1901, publicou Leite de Vasconcelos um amplo estudo, com o resultado das suas pesquisas, composto por uma gramática e uma antologia de textos, em dois volumes, perfazendo no seu conjunto mais de 830 páginas, que ficaram sendo a notícia fundadora e até hoje ainda não ultrapassada do mirandês.²²Foi com esta obra que o falar *charro*, ou *caçurro* ²³ teve acesso à escrita e passou a ter entrada nos manuais da linguística românica.

Para além do acontecimento histórico do registo de uma língua e da criação de um património textual, a fixação da escrita mirandesa constitui ainda hoje um problema insuficientemente resolvido. Convirá distinguir, a este propósito uma dupla perspectiva, que atenda por um lado, à transcrição fonética, necessária para o estudo linguístico, e, por outro lado, à grafia funcional, necessária para uma fácil divulgação tipográfica do texto.

O facto do registo escrito do mirandês ter sido iniciado por linguistas, deu lugar a uma tradição de escrita foneticista que sobrecarrega a representação gráfica, prejudica a reprodução e dificulta o acesso ao texto.

²⁰ Para uma caracterização muito esquemática da identidade geográfico-linguística do Mirandês, em confronto com o Português e o Castelhana, veja-se, de Manuela Barros Ferreira e Ana Maria Martins, “O Mirandês nos Atlas Linguísticos”, in *Actas das 1as. Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa*, Miranda do Douro, (Impresso na Sociedade Gráfica Ocidental - Lisboa), 1987, p. 33-42.

²¹ Cf. “O Mirandês nos Atlas Linguísticos”, p. 37.

²² *Estudos de Filologia Mirandesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1900/1901. A Câmara Municipal de Miranda do Douro tem em publicação um reprodução facsimilada desta obra. Saiu já o 1º vol. com uma nota prévia de António Maria Mourinho, e com data de 1992.

²³ Cf. *Id.*, vol. I, p. 13-17.

A primeira proposta ortográfica foi esboçada pelo foneticista Aniceto R. Gonçalves Viana, em 1894, num breve texto introdutório à publicação do *Evangelho de S. Lucas*, numa primeira versão mirandesa, feita por Bernardes Fernando Monteiro, na *Revista de Educação e Ensino* (Paris, Guillard, Aillaud, vol.IX, 1894, p.151/2 e p.500). A proposta de Gonçalves Viana é bastante simples e quanto possível aportuguesada.

Leite de Vasconcelos, em 1900 (p. 172 e segs.), sobrecarrega consideravelmente o aparelho gráfico do Mirandês, com justificada preocupação científica, mas o seu modelo vai repercutir-se, com poucas vantagens e bastante prejuízo, na subsequente reprodução textual mirandesa.

Parece-nos absolutamente necessário limitar o uso dos diacríticos e dos sinais sublineares e reservar esses recursos apenas para os manuais especializados na descrição fonética e linguística em geral. A restante produção escritural deve poder executar-se com uma codificação ortográfica suficientemente simplificada para facilitar e promover a sua produção e a sua divulgação.

Este é certamente um ponto sensível, na definição das estratégias de defesa e de promoção do Mirandês. Até ao presente, o principal e quase único escritor desta língua esforçou-se por guardar uma transcrição tão foneticista quanto possível. Deveremos concordar que fez bem e merece todos os louvores, dos linguistas e dos não linguistas. Mas agora, garantido um registo suficientemente testemunhal, é necessário libertar a escrita e interiorizar entre os falantes e os leitores, como no funcionamento ortográfico de todas as línguas, os implícitos fonológicos e ortoépicas. Deve escrever-se o Mirandês sobretudo para quem tenha querido já saber lê-lo.

Quanto aos manuais linguísticos que faltam ainda ao Mirandês, nomeadamente o dicionário, não deverá em nenhum caso prescindir da transcrição fonética.

2.3. A produção literária

O património textual do Mirandês é extremamente modesto. Não tem praticamente texto antigo. São conhecidas algumas dezenas de traduções fragmentárias, um insuficiente registo de uma preciosa literatura oral, e uma produção literária original que, no conjunto dos textos publicados, não irá além das 3 ou 4 centenas de páginas.

Poderemos dizer que é, até ao momento, uma língua quase sem escritores. Salientaremos apenas António Maria Mourinho (Sendim, 14/II/1917) que é o autor da maior parte do texto produzido em Mirandês durante os últimos cinquenta anos. Terá sido justamente em 1942, em Lisboa, na Sociedade De Geografia, no dia de Miranda do Douro, que A. Mourinho recitou em Mirandês, os seus primeiros versos.

Uma primeira síntese bibliográfica sobre a memória escritural da língua mirandesa foi elaborada pelo referido autor e publicada na *Revista de Portugal* - série *A Língua Portuguesa*, vol. V, 1944, nº. 21, p. 58/62 e nº. 22, p. 91/96.

Depois dessa data, A. Mourinho publicou, em 1961, (Lisboa, Imprensa Nacional), a mais significativa e quase única obra literária escrita em mirandês, com o título *Nossa Alma i nossa Tierra*, com centena e meia de páginas e cerca de trinta composições poéticas, acompanhadas de um brevíssimo vocabulário. Em 1979 (com 2ª. ed. em 1983), publicou ainda o mesmo autor um poemeto (98 quadras) "*Scôba frolida ã Agosto...*" (Liênda de Nôssa Senhora del Monte de Dúes Eigreijas).

Além destas obras e de duas breves peças de Teatro:

-*Saias* - Alfredo Cortês, Lisboa, 1938

-*Sturiano i Marcolfa* - Francisco Garrido Brandão, Lisboa, 1901, in L. Vasconcelos, *Estudos de Filologia Mirandesa*, vol. II, p. 280-308;

tudo o resto são textos parcelares publicados em volumes antológicos ou dispersos em publicações periódicas, em especial no *Mensageiro de Bragança*.

É urgente a compilação desses textos já numerosos, para se poder fazer uma síntese da memória textual do mirandês e para a elaboração de um indispensável levantamento lexicográfico.

Muitos destes textos, pelas suas variações ou talvez mesmo irregularidades, poderão deixar perplexos os leitores, com a verificação de que não encontram um modelo rigorosamente padronizado. A recepção e o tratamento linguístico deste “corpus” literário, não pode senão atender e respeitar o mais possível ao conjunto de variantes. O mirandês não tem suficiente referência histórica, nem levantamento de campo, nem verificação estatística, para se impor uma normalização ortológica. É necessário boa vontade e bom senso para não fechar o caminho a tudo o que possa ser ainda uma realização ou actualização dos saberes linguísticos desta região.

3. A história da língua mirandesa como epifenómeno regionalista e folclórico

A história da língua mirandesa é indissociável do seu enquadramento regionalista e folclórico. Depois de descoberta e anunciada ao público, no fim do século passado, a sua integração na consciência linguística nacional coincidiu justamente com a manifestação e o desenvolvimento dos regionalismos que, um pouco por toda a Europa, na primeira metade deste século, contribuíram para o reconhecimento das realidades e das culturas locais. A originalidade linguística de Miranda tornou-se conhecida, em Portugal e no mundo, fora dos círculos científicos, por acção dos seus grupos folclóricos, conhecidos pela designação genérica de “Pauliteiros de Miranda”.

Os “Pauliteiros” dançaram pela primeira vez, fora do seu “tarron”, em 1897, em Lisboa, por ocasião das comemorações do 4º. Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia. Eram 12 homens de Constatntim. Em 1934 tiveram uma auspiciosa internacionalização em Londres, no prestigiado Albert Hall, perante 10.000 espectadores, desta vez, representados por um grupo de 12 pauliteiros da povoação de Cércio, da freguesia de Duas Igrejas. Nesta sequência, a mais importante acção divulgadora da música e da dança popular mirandesa foi conseguida pelo Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas (que incluía os pauliteiros de Cércio), constituído em 1945, pelo então Pároco de Duas Igrejas, Dr. António Mourinho.²⁴

A riqueza etnográfica da região mirandesa tem suscitado a admiração e o interesse de muitos estudiosos e também dos meios da comunicação social, nomeadamente o cinema. Lembraremos a este propósito a obra de António Reis e Margarida Cordeiro *Trás-os-Montes* (1976), um clássico do cinema português que suscita grande parte da sua beleza e do seu lirismo a partir da paisagem e da música tradicional mirandesa.

²⁴ Cf. António Maria Mourinho, *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas (Pauliteiros de Miranda)*, Duas Igrejas, 1983. E também: António Maria Mourinho, *Cancioneiro tradicional e danças populares mirandesas*, Bragança, Escola Tipográfica (ed. do autor), 1984, p. 474 e segs..

Toda a região trasmontana e especialmente a zona de Miranda, sugerem no imaginário português um espaço cheio de remotas evocações e de um maravilhoso lendário. É certamente a região do país mais prestigiada, sob o ponto de vista dos valores regionalistas. A sua originalidade linguística, isto é, o Mirandês, parece ter motivado uma simpatia mais ou menos geral entre todo o mundo culto português e ainda no Brasil. No *Jornal do Comércio* da cidade de Manaus, publicava-se (em 7/9/1979) um artigo veemente, proclamando a urgência de salvar o Mirandês, assinado pelo Dr. Newton Sabbá Guimarães, um estudioso brasileiro, residente em Florianópolis, no sul do Brasil.²⁵

O especioso envolvimento etnográfico e histórico que envolve o Mirandês enriquece a sua identidade linguística e acrescenta um ingrediente mais, à configuração do seu estatuto de verdadeira língua minoritária.

4. Um século de resistência

Pelas informações demográficas já atrás citadas e pela observação “in loco”, forçoso é concluir que o Mirandês se encontra numa situação de declínio, podemos dizer vertiginoso. Não ousaremos todavia, falar de extinção. Parece-nos mesmo que é chegado o momento de inverter o discurso apocalíptico que desde o início do século vem perseguindo esta língua. A geografia linguística do planeta sofre actualmente uma grande perturbação, mas a variação linguística tem sido promovida como um dos valores do mundo contemporâneo e da nossa cultura. Hoje na Europa já não morrem línguas, ou pelo menos, é convicção geral de que não devem e podem não morrer.

A profecia agoirenta da iminente catástrofe do Mirandês começou logo no momento da sua descoberta. O seu primeiro estudioso, o já referido e nunca assaz louvado mestre Leite de Vasconcelos, convencido do irremediável apagamento desta língua, tentou salvar-lhe pelo menos a memória, traduzindo alguns textos de Camões e associando-lhe assim a imagem protectora do grande poeta, como ele próprio esclarece: “Abalancei-me, porém, a esta empresa árdua, porque, como o mirandês está destinado a desaparecer, mais tarde ou mais cedo, segundo a terrível sorte que persegue os idiomas que vivem nas condições dele, pretendi, à sombra de Camões, torná-lo lembrado dos vindouros...”²⁶

Durante a primeira metade do século, o Mirandês foi mantido, à custa de um quotidiano rural, isolado, discreto, sofredor e fiel às raízes. Ao mesmo tempo, a civilização urbana e mediática que então se forjava, cilindrava as variedades linguísticas. Para além de algumas referências fragmentárias, especialmente na obra de Francisco Manuel Alves, ninguém se interessava pelo Mirandês.

Em 1953, o escritor e dicionarista brasileiro Antenor Nascentes visitou Miranda do Douro e declarava à imprensa que tinha admirado “suas velhas casas, suas antigas muralhas, o Douro correndo na profundidade pedregosa” mas, não podia escusar um grave lamento: não tinha ouvido falar o Mirandês, “a única pessoa que o sabia envergonhou-se e não quis falar... Foi pena” exclamava o filólogo!²⁷

²⁵ O mesmo autor, sempre motivado por uma grande solidariedade e simpatia pelo Mirandês ter-lhe-á dedicado outros estudos segundo informação amavelmente facultada pelo Dr. Gomingos Raposo, actual responsável pela escolarização do Mirandês, v. informação infra.

²⁶ *Estudos*, 1901, II vol. p. 81/2.

²⁷ *República*, Lisboa, 6/X/53.

Em 1956, diz-se na imprensa que o dialecto é ridicularizado e desprezado: “Informam-nos de que se está a criar no concelho de Miranda do Douro forte animosidade contra o dialecto Mirandês, veneranda preciosidade linguística...”²⁸

Entretanto, a voz do povo nunca deixou de se ouvir. Mesmo no pequeno núcleo urbano de Miranda, há indícios de se ter mantido uma certa vigilância, ao nível da consciência linguística. Dizem-nos os jornais que em 1940 Miranda do Douro tomou a resolução de restabelecer os antigos nomes das suas ruas, apagando os modernos.²⁹

A partir dos anos quarenta, na sequência de uma certa movimentação regionalista, especialmente sentida em Trás-os-Montes (em 1934, Ferreira Deusdado tinha publicado *Regionalismo e patriotismo*, em 1941 realiza-se o II Congresso Trasmontano - onde se fala do mirandês-, em 1947 conclui-se a publicação das *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*) retoma-se um certo interesse pelo Mirandês ao nível da cultura pública. Começa o apostolado decisivo do Dr. António Maria Mourinho, com a publicação de textos de reflexão linguística e de elaboração literária.³⁰

A obra do Dr. Mourinho poderia ser considerada modesta, se não tivesse o incontornável mérito de ser quase única e portanto, imprescindível. Desejaríamos que se tivesse espraído um pouco mais na criação literária original. Como quer que seja, a sua produção parece-nos suficiente para libertar o mirandês da conotação de língua exótica ou, pior ainda, de língua mumificada, que não poderia funcionar, nem sobreviver fora dos pequenos agregados rurais em abandono.

Em 1957 publica-se em Coimbra um trabalho de rigorosa ciência, com um levantamento fonológico do mirandês, descrito pelo Prof. Herculano de Carvalho. De então para cá, é urgente reconhecê-lo, não voltou a ser estudado com sistematicidade científica. Foi objecto de alusões, especialmente no trabalho de Maria José de Moura Santos - *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, (Coimbra, 1967) e no *Atlas linguístico da Península Ibérica*, que se encontra ainda em elaboração.

O que mais falta ao Mirandês, no respeitante ao seu estudo linguístico, é um levantamento lexicográfico. Não se trata, evidentemente de uma simples recolha de palavras, mas sim do estabelecimento de um “corpus”, devidamente indexado e contextualizado que sirva, por um lado, como base de documentação da língua e que possa ser integrado como um testemunho mais, que falta no grande mosaico lexical das línguas românicas, e por outro lado, que possa ser utilizado como instrumento funcional pelos falantes, na actualização quotidiana, e muito especialmente na sua escolarização, e também na elaboração literária.

As palavras mirandesas reservam preciosas informações para todos os romanistas. No entanto, mais do que a sua utilidade erudita, o estudo do léxico do Mirandês é uma tarefa prioritária para esclarecer todos os caminhos possíveis da sua sobrevivência. O Mirandês é evidentemente uma língua perfeita, capaz de dizer tudo o que precisar de ser dito, mas é necessário pôr as suas palavras a funcionar em confronto com um mundo em trânsito permanente.

²⁸ *Revista de Portugal* série A - *Língua Portuguesa*, XXI, nº 141, p. 40, 1956.

²⁹ *Diário de Lisboa*, 6/1/1940. As informações referentes à imprensa, a par de muitas outras, foram comunicadas pelo Dr. Hirondino Fernandes, escritor, bibliógrafo e sobretudo amigo do peito.

³⁰ Cf. Bibliografia.

5 A escolarização do Mirandês

A escolarização oficial do Mirandês foi solicitada no início dos anos 80 pela Direcção da Escola do Ensino Secundário de Miranda do Douro e recusada pelo Ministério da Educação. Continua a não ser admitido o Mirandês no ensino secundário oficial. Tal proibição, sob pretexto de legalidade, é puramente farisaica, injusta e politicamente insustentável. Transcrevemos, para que conste e para que a história possa julgar, o ofício enviado pelo Conselho Directivo da Escola Secundária de Miranda do Douro (12/11/82), que nos parece digno e honroso; e a inconsiderada resposta da Direcção Geral do Ensino Secundário (23/11/82):

“A quando da tomada de posse do Conselho Directivo desta Escola Secundária, em 1978, composto pelos elementos ligados à terra de Miranda, deliberámos empreender diligências no sentido de não deixar perder este padrão cultural da região, que é o dialecto Mirandês.

Por motivos vários, entre os quais a não existência de um professor mirandês devidamente habilitado, não pedimos a criação dessa cadeira optativa. Fazêmo-lo agora pois que temos, na Escola dois professores, um licenciado em História e outro com o bacharelato em Filologia Clássica, que são mirandeses e podiam eventualmente dar apoio a esta iniciativa.

Por esse motivo, vimos agora, lançar a ideia para ser devidamente ponderada e analisada por esse departamento e Ministério da Educação a fim de viabilizar o projecto da salvaguarda do Mirandês, em vias de extinção, caso não tenha o amparo que merece, por quem de direito.” (assinado por Beatriz Virgínia Edra da Silva)

Resposta do Ministério:

“Em referência ao v/ofício nº 573/82, de 12 de Novembro, respeitante à criação da cadeira optativa de Mirandês, informo V.Exa. de que legalmente não é possível a introdução de disciplinas estranhas aos “Currícula” em vigor para todo o País. (...)” (assinado por Maria Alexandra de Oliveira e Castro).³¹

O ensino do Mirandês, depois de uma denodada persistência dos mirandeses e da sua Câmara Municipal, haveria finalmente de iniciar-se, no Ciclo Preparatório, com carácter experimental, no ano lectivo de 1986/87 com 30 alunos.

Por despacho de 8 de Setembro de 1985, do Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Educação, era “autorizada a inclusão a título facultativo, no plano curricular do 5º Ano de Escolaridade” (Ensino Preparatório), uma disciplina de Língua Mirandesa,

Segundo o testemunho do respectivo professor, a aula de Mirandês do 5º.ano do ensino elementar, terá sido frequentada, até 1992, por uma média anual de cerca de quarenta alunos.³²

A Língua Mirandesa deveria ser matéria curricular essencial no Ensino Secundário dos mirandeses.

³¹ Estes elementos informativos são devidos à generosa amizade da Dra. Zulmira Alves e do Dr. Francisco Joaquim Morais, cordialmente lhes agradeço.

³² Estas informações foram fornecidas pelo actual professor de Mirandês, Sr. Dr. Domingos Abílio Gomes Raposo, a quem presto reconhecido agradecimento.

Conclusão

O Mirandês é um compromisso cultural e patrimonial irrecusável para o Estado Português. A administração não pode demitir-se desta responsabilidade histórica e não só não pode contrariar o ensino do Mirandês a todos os níveis, mas antes tem a irrecusável obrigação de criar as condições para que esse ensino subsista.

A política da língua é, em Portugal, um mundo de imbeaticável inocência, quer no respeitante à língua culta portuguesa, quer em relação ao restante património linguístico, incluindo as variantes dialectais e o Mirandês. O contributo dos estudiosos linguistas também não tem sido, neste campo, particularmente inspirado. O Mirandês, por exemplo, tem sido objecto, quando não de intencional abandono, pelo menos de incon-siderado e displicente tratamento.

Consideramos a este propósito pouco louvável a posição que vem sendo assumida por representantes portugueses, em foros internacionais, sobre as línguas minoritárias, mantendo em asséptica reserva a nossa pequena variação linguística, obstando a que, sendo embora pequena, seja, a pesar de tudo, enriquecedora. A ideia dominante assenta no pressuposto de que o panorama linguístico português disfruta da singularidade de ser homogéneo e uniforme, com excepional ausência de variantes e de grupos minoritários. Ora tal facto não é rigorosamente exacto, e só de um ponto de vista imperialista poderia ser considerado um privilégio.

A exclusão do Mirandês não tem sido, em boa verdade, objecto de argumentação linguística, mas apenas de discreta desconsideração. Não nos impedirá a amizade de manifestarmos a nossa discordância em relação a mais um texto, há pouco publicado sobre este assunto que reza assim:

“Portugal surge-nos como um país unilingue, não só institucionalmente, uma vez que se trata de um unilinguismo real: dentro das suas fronteiras não apresenta, além da língua nacional, outras línguas às quais possa aplicar-se o estatuto de “línguas minoritárias”, pelo menos na acepção tradicionalmente aceite e consagrada. A inexistência de línguas regionais com esse estatuto resulta da ausência de “minorias linguísticas” tradicionais, isto é, autóctones, caracterizadas por uma língua e por uma cultura próprias. Não obstante a dificuldade de delimitação dos conceitos de “língua” e “dialecto”, o *mirandês* e o *barranquenho*, falados dentro dos limites políticos de Portugal Continental, têm sido unanimemente considerados pelos linguistas portugueses e espanhóis como *dialectos*, embora se reconheça que cada um deles goza de diferente grau de autonomia relativamente ao português. O certo, porém, é que o actual estatuto cultural e social das duas referidas realidades regionais não permite que sejam abrangidas pela designação de “línguas”, o que, portanto, elimina, obviamente, a possibilidade de serem consideradas “línguas minoritárias”.³³

Não basta dizer que o Mirandês não existe ou que não pode ser considerado uma “língua minoritária”, para presumir ciência e ficar com a consciência tranquila. As palavras, por mais eruditas e estipulantes que sejam não podem esvaziar a realidade. “O actual estatuto cultural e social do Mirandês” não se apaga da face da terra só porque alguém o declara, ainda que seja sob o impulso de uma tradição que se julga piedosa.

³³ Clarinda de Azevedo Maia, *Minorias linguísticas e sociolinguística*, p. 25-31; sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol .XX, Coimbra, 1992.

Agora, muito para além dos deveres do Estado, a defesa e a ilustração da língua mirandesa deve ser, não tanto uma obrigação, mas antes uma dedicação dos mirandeses e também dos asturianos. Uma dedicação que será tanto mais apazível e gratificante quanto mais for apaixonadamente vivida.

A decisão de assumir uma individuação linguística, na medida em que provoca divergência, suscita intolância e acarreta estatutos minoritários ou de menorização social. A língua e as línguas que são um privilegiado lugar de encontro das inteligências e das vontades, são também um dos mais importantes factores de ruptura social. Em alguma literatura linguística hoje corrente, fala-se de línguas moribundas e da morte das línguas, não podemos aceitar que se integre o Mirandês em discurso deste estilo. O panorama linguístico do futuro será essencialmente plurilingue. A vida das línguas dependerá quase exclusivamente de quem as queira falar.

Neste sentido, será inútil tentar defender o Mirandês com discursos tautológicos ou autistas. Mas será necessário que os mirandeses o queiram falar. Sob o ponto de vista linguístico, o que se poderá dizer e, neste momento já com algum fundamento, é que os mirandeses não sofrerão prejuízo e antes tirarão vantagem do facto de falarem a sua própria língua.

As línguas, por sobre as sua linhas de fractura e de variação, mantêm níveis de intercomunicação e de recorrência criativa, beneficiando grandemente a competência dos plurilingues. Desenvolvem-se hoje projectos de estudos linguísticos que exploram os interfaces das famílias de línguas.

Uma equipa dinamarquesa quer fazer uma gramática e uma estratégia de exercitação linguística que desenvolva uma competência interactiva para grupos de línguas românicas. Dizia-me um dos professores dinamarqueses que o que mais o entusiasmou no estudo das línguas latinas, é que, quando julgava aprender uma, aprendeu quatro línguas, a saber: o Italiano, o Catalão, o Espanhol, e o Português. Era agora altura de o esclarecer que não aprendeu apenas quatro e que poderá muito facilmente juntar ao seu saber linguístico o Asturiano, ou o Mirandês. A intercomunicação das línguas potencia-se como se fora uma progressão geométrica e assim, os nativos plurilingues beneficiam de uma disponibilidade linguística extremamente vantajosa e, que se saiba, sem qualquer prejuízo. Nestas circunstâncias, porque havemos de deixar perder os segredos das nossas línguas familiares, por mais marginais que no-las façam.³⁴

³⁴ Caberia nesta exposição uma breve referência aos faloares Guadramilês e Riodonorês. Guadramil e Rio de Honor são duas pequenas povoações raianas, situadas a nordeste de Bragança, com poucas dezenas de habitantes e que mantiveram até aos meados deste século uma identidade linguística que se integrava também na família asturo-leonesa. Subsistem alguns estudos, muito parciais, (Herculano de Carvalho 1954; Hirondino Fernandes 1966/67; José D. Rodrigues 1973) dessa tênue memória linguística, hoje completamente perdida. Constituem, em todo o caso, um testemunho, agora puramente histórico, de uma dimensão ainda insuficientemente conhecida, dessa família linguística que assistiu ao nascimento da Península recristianizada, e que hoje aqui celebramos, desejando que ela viva e sobreviva à nossa própria memória.

BIBLIOGRAFIA MIRANDESA

(Acrescenta-se também a informação bibliográfica referente a Rio de Onor e Guadramil)

Actas das 1as. Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa, Miranda do Douro, (Impresso na Sociedade Gráfica), 1987.

Bibliografia dialectal galego-portuguesa, Lisboa, Centro de Linguística das Universidades de Lisboa, 1976, (B.O. 8. “Falares leoneses em território português”) p. 48-50).

CARVALHO, Herculano de, “Fonologia Mirandesa”, *Biblos*, vol. XXXIII, 1957, p. 1/133.

CARVALHO, Herculano de, “Porque se fala dialecto leonês em terras de Miranda?” in *Estudos linguísticos*, 1º.vol., Coimbra, Atlântida, 2ª. ed., 1973, p. 71/92.

CARVALHO, Herculano de, “Elementos estranhos no vocabulário mirandês” in *Estudos linguísticos*, 1º.vol., Coimbra, Atlântida, 2ª. ed., 1973, p. 93/110.

CARVALHO, Herculano de, “Paradigma e corrente da fala a propósito do vocalismo mirandês” in *Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica*, (Rio de Janeiro, 1958), Rio de Janeiro, 1970 p. 135/138.

CARVALHO, Herculano de, “O falar de Rio de Onor”, V. Dias.

CORTÉS Y VÁZQUEZ, Luis L., “Dos textos dialectales de Rihonor y dos romances portugueses de Hermisende”, in *Boletim de Filologia*, Lisboa, 1950, p.388-403.

DIAS, Jorge, *Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril* (Cancioneiro de Margot Dias). Porto 1953.

DIAS, Jorge, e CARVALHO, Herculano, “O falar de Rio de Onor”, *Biblos*, vol. XXX, 1954, p. 191/244.

FERNANDES, Hirondino da Paixão, “O falar de Guadramil - 1. Estudo lexical “ in *Boletim do Grupo “Amigos de Bragança”*, Bragança, 4, 1966, p. 121-136; 5, p. 47-59; 6, p. 39-56; 7, 1967, p. 29-45; 8, p. 79-95; 9, p. 32-48; 10, p. 33-52.

FERNANDES, Hirondino da Paixão, *O Inquérito Linguístico Boléo (ILB), no Distrito de Bragança*, Vila Real, Câmara Municipal, Cadernos Culturais, 2ª série, nº2, 1987. Os inquéritos linguísticos (encontram-se no Instituto Românico da Faculdade de Letras de Coimbra) referentes aos concelhos de Miranda do Douro e de Vimioso vêm Indexados p.25-27.

FERREIRA, Albino J. de Moraes, *Dialecto mirandez*, Lisboa, 1898.

FERREIRA, Manuela Barros, e MARTINS, Ana Maria, “O Mirandês nos Atlas Linguísticos”, in *Actas das 1as. Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa*.

GIESE, Wilhelm, “Zur bauerlich Kultur der Tierra de Miranda (NO Port.)”, in *Zeitschrift fur Ethnologie*, LXXXII, 2, 1957, p. 250-256, Braunschweig.

HOYOS SANCHO, Nieves de, “Los trajes de Zamora y Miranda de Duero”, in *Actas do 1º. Congresso de Etnografia e Folclore*, promovido pela Câmara Municipal de Braga (22 a 25/VI/1956), vol.II, Lisboa, 1963, p.51-64.

KRUGER, Fritz, *Die Gegenstandskultur Sanabrias und seiner Nachbargebiete. Ein Beitrag zur spanischen und portugiesischen Volkskunde*. Hamburgo, 1925.

KRUGER, Fritz, “Mezcla de dialectos”, in *Homenaje ofrecido a Menéndez Pidal*, II, Madrid, 1925, p.121-166.

KRUGER, Fritz, “El perfecto de los verbos -ar en los dialectos de Sanabria y de sus zonas colindantes”, in *Revista de Filología Española*, XXXVIII, 1954, ps. 45-82.

KRUGER, Fritz, “Aportes a la fonética dialectal de Sanabria y de sus zonas colindantes. Con tres mapas lingüísticos”, in *Revista de Filología Española*, XLVIII, 1965, ps. 251-282.

MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, “Eldialecto leonés”, sep. da *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, X, p. 128-172 e 294-311, Madrid, 1906.

MONTEIRO, Bernardo Fernandes, Tradução mirandesa de passos do Evangelho de São Lucas e da 1ª. Epístola de São Paulo aos Coríntios, in *Revista de Educação e Ensino*, ano XI, 1896, ps. 168/176.

MONTEIRO, Bernardo Fernandes, “Literatura mirandesa: El cirujano del Señor Abade” (episódio da guerra penindular) in *Revista de Educação e Ensino*, ano IX, 1894, ps. 151/165, 182/184, 252/265, 500/507.

MOREIRA, Maria da Conceição Azevedo, *A vida do povo mirandês através do seu vocabulário*, (dissertação de licenciatura, mimeografada), Coimbra, Fac. de Letras, 1962.

MOURINHO, António Maria, *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas (Pauliteiros de Miranda)*, Duas Igrejas, 1983.

MOURINHO, António Maria, “Subsídios para um tratado de dialectologia portuguesa. O dialecto mirandês”, in *Revista de Portugal*, IV, 1944, p. 270-271, 316-320; V, p. 58-62, 91-96, 277-282; VI, 1944, p. 91-96, 1945, p. 329-334; VII, 1945, p. 137-141, 246-251; IX, 1946, p. 89-93, 254-257; X, p. 21-25; XI, 1947, p. 97-101.

MOURINHO, António Maria, “Diversidades sub-dialectais do mirandês”, in *Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos “Dr. José Leite de Vasconcelos”* (promovido pela Junta de Província do Douro Litoral, Junho, 1958), vol.III, Porto, 1960, p.329-341.

MOURINHO, António Maria, *Nossa Alma i Nossa Tierra*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1961.

MOURINHO, António Maria, *Apointamentos sobre o conto popular mirandês*, Porto 1965, (sep. das *Actas do Congresso Internacional de Etnografia*, promovido pela Câmara Municipal de Santo Tirso, 10 a 18/7/1963).

MOURINHO, António Maria, “*Scôba frolida ã Agosto...*” - Lhiênda de Nôssa Senhora del Monte de Dúes Eigreijas (Em Mirandês), Bragança, Escola Tipográfica, 2ª. ed. 1983, (1ª. 1979).

MOURINHO, António Maria, *Cancioneiro tradicional e danças populares mirandesas*, Bragança, Escola Tipográfica, 1º. vol. 1984.

MOURINHO, António Maria, *Terra de Miranda - Coisas e factos da nossa vida e da nossa alma popular*, Miranda do Douro, ed. da Câmara Municipal, 1991.

MOUTINHO, Viale, *A fala mirandesa em vias de extinção*, Vila Real, “Cadernos Culturais”, 6, 1980.

PEREIRA, Vergílio, “Corais mirandeses. Novos subsídios para o cancionero raiano”, in *Douro Litoral*, 9ª. série, I, 5-33. Porto, 1959.

PIEL, Joseph M., “Observações acerca do vocalismo mirandês”, in *Biblos*, IV, 1930, Coimbra, p. 187/190.

RODRIGUES, Daniel, *O Riodonorense, Lendas, Folclore*, Bragança, Junta Distrital, 1973, 111 ps. (reimpressão de pequenos textos publicados entre 1907 e 1957, em várias revistas); v. Leite de Vasconcelos, “Notícia do idioma de Rio de Onor”, in *Lições de filologia portuguesa*, Lisboa, 2ª. ed., 1926, p. 453/4.

SANTOS, Maria José de Moura, *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*, Coimbra, 1967 (Sep. da *Revista Portuguesa de Filologia*, vols. XII,t. II, XIII e XIV).

SLETSJOE, Leif, “La position du mirandais”, in *Studia Neophilologica*. Upsala, XXXIX, 1967, p. 150-173.

VASCONCELOS, José Leite de, “O dialecto mirandez (Notas glottologicas)”, in *O Penafidense*, nº 472, 7/7/1882; nº 473, 11/7/1882; nº 479, 1/8/1882; nº 482, 11/8/1882; nº 483, 15/1/1882; reimpresso com o título *O dialecto mirandez (contribuição para o estudo da dialectologia romanica no dominio glottologico hispano-lusitano)*. Porto, 1882, 39 ps.

VASCONCELOS, José Leite de, *Flores mirandezas*, Porto, 1884, 40 ps. (poemas em mirandês, com notas e glossário).

VASCONCELOS, José Leite de, “Línguas raianas de Trás-os-Montes, Sucintas notas. I - Notícia das línguas de Riodonor e de Guadramil”, e “Breve estudo dos falares de Riodonor e Guadramil”, in *Opúsculos*, IV, Coimbra, 1929, p. 723-790.

VASCONCELOS, José Leite de, “Um conto popular em mirandês”, in *Revista Lusitana*, I, 1887-1889, p. 260-261.

VASCONCELOS, José Leite de, “A lingua mirandeza no séc. XVII”, in *Revista Lusitana*, IV, 1895-1896, p. 125-126.

VASCONCELOS, José Leite de, “A lingua mirandeza”, in *O Reporter* (Jornal de Lisboa), nº 1517, 13/1/1897; nº 1518,

14/1/1897; n° 1519, 15/1/1897; n° 1520, 16/1/1897.

VASCONCELOS, José Leite de, “Notas mirandesas”, in *Revista Lusitana*, V, 1897-1899, p.195-198 (1.Observações phoneticas; 2. Lugares em que se fala mirandês).

VASCONCELOS, José Leite de, “Philologia mirandesa. Historia do ‘L’”, in *Revue Hispanique*, VI, 1899, p. 409-416 (sep. Paris, 1899, 12 ps.).

VASCONCELOS, José Leite de, *Estudos de Filologia Mirandesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 2 vols., 1900/1901; (o 2º vol. contém, p.79-144, a *Camoniana mirandesa*, com a tradução para mirandês de texto de Camões, e que foi também publicada em separata). A Câmara Municipal de Miranda do Douro tem em publicação uma reprodução facsimilada desta obra. Saiu já o 1º vol. com uma nota prévia de António Maria Mourinho, e com data de 1992.

VASCONCELOS, José Leite de, “Sátira á lingoagem de Palaçoulo”, in *Revista Lusitana*, VII, 1902, p. 148-149, reedit. in *Opusculos*, IV, 1929, p. 720-721.

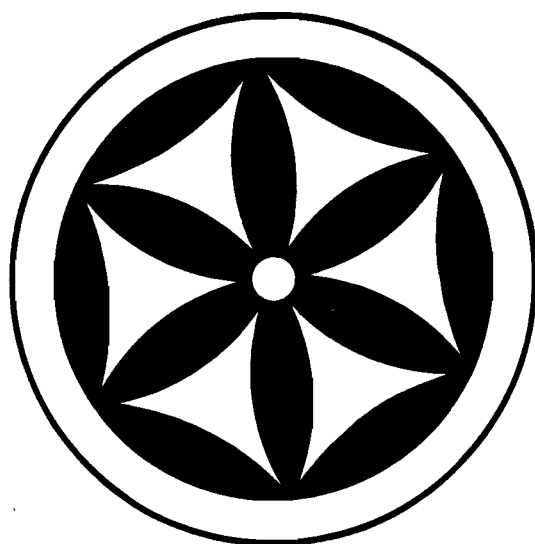
VASCONCELOS, José Leite de, “Silva mirandesa”, in *Revista Lusitana*, VII, 1902, p. 282-302, reedit. in *Opusculos*, IV, 1929, p. 689-720.

VASCONCELOS, José Leite de, “Notícias do idioma de Riodonor (que se fala no concelho de Bragança)”, in *Lições de filologia portuguesa*, Rio de Janeiro, 3ª. ed., 1959, p. 417-418, (1ª. ed. Lisboa, 1911).

VASCONCELOS, José Leite de, “IV- Vária mirandesa”, in *Opusculos*, IV, 1929, p. 721-722.

VASCONCELOS, José Leite de, “Breve estudo dos falares de Riodonor e Guadramil”, in *Opusculos*, IV, 1929, p. 739-790.

VASCONCELOS, José Leite de, “Guadramil e Riodonor”, in *P’ra cá do Marão* (jornal de Bragança), n°1, 9/4/1933, reedit. in *Revista Lusitana*, XXXIV, 1936, p. 291-292.



Yeísmo histórico y tratamiento de /x/ en asturiano y catalán

JOAN VENY
UNIVERSIDAD DE BARCELONA

1. Quixera, de mano, asoleyar la mio más fonda reconocencia a l'Academia de la Llingua Asturiana pol so prestosu brinde pa inxerime nestes «XI Xornaes d'Estudiu».

Magar la mio conocencia del asturianu seya más bien pasiva y llibresca, el mio enfotu pol so estudiu vien yá de vieyo. A lo llargo de dellos años fui responsable de Dialeutoloxía Hispánica y Llingüística Románica na Universidá de Barcelona. L'asturianu rellumaba con lluz orixinal nel conxuntu hispánicu y románicu y confieso que me quedé esteláu coles sos maravíes llingüístiques (metafonía, neutru, [tan bien esplicáu güici pol profesor Ramón d'Andrés], femeninos en -es, bayura de palatalizaciones, léxicu arcaicu y creativu, etc.). La llectura de trabayos comu los de Braulio Vigón o Rodríguez Castellano apurrióme datos pervalorables pa la comparanza col catalán. Fui decatándome de prestosos asemeyos ente les dos llingües (*vegada*, *vergoña-vergonya*, *pruir*, *espernexas-pernejar*), delles veces simples variantes (*coldu-colzo*, -e: *mantega*); o paralelismos del asturianu con variedaes dialeutales del catalán (*alendar*; *cabarra-caparra* 'garrapata'; *babayu* -mall. *babai* 'tontu' 'fatu'; *esbariar* -val. *essvarar*; *sáin* 'aceite de pescado' -mall. *saim* 'mantega'). Delles otre veces topaba nel asturianu pontes semántiques comu *arnia* 'corteya d'árbol', estadiu anterior del cat. *arna* 'truebanu', 'caxellu'.

Alvertíu de la conveniencia de falar equí n'Uviéu d'un tema venceyáu al asturianu y seguru, otramiente, de lo llendáu que toi nesta llingua, fui pa topar una solución, aguardo que granible, na llingüística románica: un estudiu comparativu de dos fenómenos fonéticos onde andechen asturianu y

catalán. Unu, pervieyu, ye'l yeísmu hestóricu, presente nel asturianu *fueya* y nel cat. dialeutal *fuiá*; l'otru surde darréu del contautu col castellán: la importación y/o adautación del fonema /x/ nes dos llingües (por exemplu /x/amón; antoxu, cat. antoix).

Arrecaldé dende siempre qu'en Llingüística nun ye bono zarrase nes llendes de la propia llingua; hai que trespasar los finxos y faer comparances de la nuesa realidá cola d'otros espacios románicos. Derromper estayes haza'l pequeñu y abluante mundu de la so llingua llariega foi pa mí una experiencia granible. Ye'l mio enfotu qu'ustedes puedan dicir lo mismo de les estayes catalanes¹.

2. El yeísmo histórico o «yodización» comprende el tratamiento de los grupos románicos LJ, C'L, G'L que, quizá a través de una articulación del tipo /j/ o /jʎ/, como insinuaba Fouché [1925], con ulterior apoyo de Coromines [1976; cf. Rasico, 1982; 194], se habría deslateralizado pasando a /j/². Este cambio se da en asturianu central y oriental y en las áreas A y C del occidental³.

¹ Me complace expresar mi profundo agradecimiento al profesor Xosé Lluis García Arias por la valiosa información, referente al asturianu, que ha tenido la amabilidad de proporcionarme, así como a P. Fidalgo por haber tenido la gentileza de traducir al asturianu la introducción de mi conferencia.

² Por ejemplo PALEA·PALIA>[pájla]>[*pájlia]>[pája]. Para el estudio del timbre de /j/ por medios espectrográficos, véase Mascaró/Rafel 1981.

³ Véase Cano *et alii* 1976, 25.

En catalán, el fenómeno se extiende por una gran parte del catalán central (la comprendida «grosso modo» entre El Ter, El Llobregat y la frontera con el occidental, cf. mapa) y todas Las Baleares, donde llegó como consecuencia de la colonización realizada mayoritariamente con gente de aquella zona. He aquí un esquema en que se comparan, en las dos lenguas, los resultados de LJ, C'L, G'L⁴ (ej. *aliu* «*ayu*») con los procedentes de L- y LL- (ej. Lepore «*llebre*, gallo «*gallo*»):

	Asturiano			Catalán	
	<i>Central y oriental</i>	<i>Occidental Zona C</i>	<i>Occidental Zona A</i>	<i>Central y balear</i>	<i>Resto del dominio</i>
LJ, C'L, G'L	j	j	j	j	↓
L-	↓	§	↓	↓	↓
-LL-	↓	§	↓	↓	↓

Ejemplos comparados en las dos lenguas⁵:

Latín	Asturiano	Catalán
apícula	<i>abeya</i>	<i>abeia</i> (<i>abella</i>)
Der. coleone	<i>acoyonáu</i>	<i>acoionat</i> (* <i>acollonat</i>)
<i>aliu</i>	<i>ayu</i>	<i>ai</i> (<i>all</i>)
Der. cacare	<i>cagayón</i>	<i>cagaió</i> (<i>cagalló</i>)
*canalia	<i>canaya</i>	<i>canaia</i> (<i>canalla</i>)
feneculu	<i>cenoyu</i>	<i>fonoi</i> (<i>fonoll</i>)
cilias	<i>ceyes</i>	<i>ceies</i> (<i>celles</i>)
es-, des *der. folia	<i>esfoyar</i>	<i>esfuair</i> , <i>desfuair</i> (<i>es-</i> , <i>desfullar</i>)
filiu	<i>fiyu</i>	<i>fiu</i> (<i>fill</i>)
folia	<i>fueya</i>	<i>fuia</i> (<i>fulla</i>)
gragulu	<i>glayu</i> «arrendajo»	<i>grai</i> (<i>grall</i> , <i>gralla</i>)
oculu	<i>güeyu</i>	<i>ui</i> (<i>ull</i>)

⁴ Desde ahora aludiré a estos grupos simplemente con LJ.

⁵ Los ejemplos están tomados de Vigón 1955, y Martínez 1968. Aclaro el significado de algunos vocablos que puedan presentar problemas de comprensión y pongo entre paréntesis el equivalente catalán normativo, precedido de asterisco si este no ha sido acogido en el corpus estándar de la lengua.

acucula	<i>guya</i>	<i>güia</i> (<i>agulla</i>)
manuculu	<i>manoyu</i>	<i>manoi</i> (<i>manoll</i>)
malleolu	<i>mayuelu</i> «badajo»	<i>maiol</i> «majuelo» (<i>mallol</i>)
moliare	<i>moyar</i>	<i>muiar</i> (<i>mullar</i>)
muliere	<i>muyer</i>	<i>muier</i> «esposa» (<i>muller</i>)
*mutulone	<i>moyón</i>	<i>moió</i> (<i>molló</i>)
ovicula	<i>oveya</i>	<i>oveia</i> (<i>ovella</i>)
palea	<i>paya</i>	<i>paia</i> (<i>palla</i>)
peduculu	<i>pioyu</i>	<i>poi</i> (<i>poll</i>)
regula	<i>reya</i>	<i>reia</i> (<i>rell</i>)
taleare	<i>tayar</i>	<i>Taiar</i> (<i>tallar</i>)
tegula	<i>teya</i>	<i>teia</i> (* <i>tella</i>)
tripaliare	<i>trabayar</i>	<i>trebaiar</i> (<i>treballar</i>)
veculu	<i>vieyu</i>	<i>vei</i> (<i>vell</i>)

Como ejemplos de los resultados de LJ, por un lado y -LL- por otro, veáanse ast. *esfoyar* (lat. «*folia*» «quitar la hoja» *lesfollar* (lat. «*folle*» «deshojarse»; y cat. *poi* (lat. «*peduculu*» «piojo» / *poll* (lat. «*pullu*»).

3. Algunas voces no presentan yodización en catalán y sí, en cambio, en asturiano, se trata de:

1) *Ulaya* («*Eulalia*»), *Santuyan* («*Sanctu Julianu*») y *ayenu* («*alienu*»), tratados con yeísmo, frente al cat. *Eulàlia* (o *Eulària*), *Sant Julià* y *aliè* respectivamente, que ofrecen un tratamiento culto⁶.

2) El yeísmo del ast. *mayar*, *panoya* y *cuayo* contrasta con el «lleísmo» de cat. *mallar*, *panolla* y *quall* (con *quallar*, etc.), respectivamente porque éstos viven sólo en área «lleista» (cat. occidental); idéntica oposición aparece en el ast. *maraviya* y *sortiya*, frente al cat. *maravella* y *sortilla* que parecen sujetos a un tratamiento más culto⁷.

3) El cat. *teia* («*tegula*») significa «tejo» «trozo de teja para jugar» (*jugar a la teia*), pero el étimo latino ha dado un duplicado *teula* «teja» a causa de la pérdida de -g- [Moll 1952, 107].

4. Como proceso ulterior al yeísmo hay que señalar la posibilidad de

⁶ En catalán, *Julià* sólo se conoce como apellido; ALIENU dio *aliè* en la lengua antigua y el castellano *ajeno* aparece adaptado en *agè* en textos escritos del s. XVIII y XIX, pero sin ningún reflejo oral.

⁷ *Sortilla*, antiguo y dialectal, alterna desde el s. XVI con *sortija* («*córrer sortija*»), juego medieval que, con esta variante, constituyó un castellanismo anterior al cambio de /z/ en /x/ en castellano.

una absorción de la /j/ en una vocal palatal, generalmente precedente.

Ejemplos del asturiano:

oreca=urea (<oreya), *rea*, (<reya), *fuea* (<fueya), *abea* (<abeya), *fía* (<fiya), *llavía=šavía* (<claviya), *coer=cuer* (<coyer).

Lo mismo pasa cuando la *i* es de otro origen:

raón ‘especie marina’ (<rayón), *Peñamayor* (<Peñamaor), etc. [García Arias 1988, 114].

En catalán la /j/ queda embebida en una /l/ anterior:

conf (<confi) ‘conejo’, *vencf* (<vencfi) ‘vencejo’, *fi* (<fii) ‘hijo’.

A veces es una /e/: top. *Basea* (<Baseia < Basilia). En algunas hablas baleáricas desaparece sistemáticamente en posición intervocálica:

cuera (<cuiera) ‘cuchara’, *fua* (<fuia) ‘hoja’, *paa* (<paia) ‘paja’, *cea* (<ceia) ‘ceja’, etc.⁸

La inserción de /j/ antihíatica se da frecuentemente tanto en asturiano como en catalán:

ast. *mayestru* ‘maestro’, *cayer* ‘caer’, *royer* ‘roer’, *oyer* ‘oir’.

cat. *beia* (<beata), *ideia* (<idea), *paella* (<paella), *teia* (<tea), *rael* (<rael), *conreiar* (<conrear); dial. *Saies* (<Sáez); cat. ant. *Medeya* (<Medea)⁹.

5. Si comparamos el tratamiento de LJ con el de L- y -LL-, constatamos que, aparte los resultados del asturiano occidental (/š/ frente a /s/ en las zonas B y D, /j/ frente a /s/ en la zona C, la evolución de L- y -LL- es /j/ tanto en asturiano como en catalán:

Asturiano	Catalán
<i>llabrar</i>	<i>llaurar</i>
<i>lladrar</i>	<i>lladrar</i>
<i>llavar</i>	dial. <i>llavar</i>
<i>llagaña</i>	<i>llaganya</i>
<i>llágrima</i>	<i>llàgrima</i>
<i>llamprea</i>	<i>llamprea</i> / <i>llampresa</i>
<i>llangosta</i>	<i>llagosta</i> / dial. <i>llangosta</i>
<i>llar</i>	<i>llar</i>
<i>llebre</i>	<i>llebre</i>
<i>lleche</i>	<i>llet</i>

⁸ Veny 1962, 337-338, y 1978, 42.

⁹ Pero en este caso la *y* podría ser etimológica, del griego *Medeia*.

<i>lleña</i>	<i>llenya</i>
<i>llibru</i>	<i>llibre</i>
<i>llingua</i>	<i>llengua</i>
<i>llinterna</i>	<i>llanterna</i>
<i>llobu</i>	<i>llop</i>
<i>llombu</i>	<i>llom</i>
<i>llonganiza</i>	<i>llonganissa</i>
<i>lloñi</i>	<i>lluny</i>
<i>lloeru</i>	<i>lloer</i>
<i>llucir</i>	<i>lluir</i>
<i>lluna</i>	<i>lluna</i>
<i>Lluis</i>	<i>Lluís</i>
<i>Llorenti/Llorienzu</i>	<i>Llorenç</i>

Esta energía palatalizante afecta también a préstamos y cultismos. Así en asturiano tenemos *lletrecista*, *llétricu* y en catalán los ejemplos son abundantes: *lloro* (< cast. *loro*) forma parte del léxico normativo; *llimpiar* (< cat. norm. *netejar*), *llògic* (cat. norm. *lògic*), *llingüística* (cat. norm. *lingüística*) aparecen en el lenguaje coloquial; la onomástica extranjera también resulta afectada: el galicismo *Lluís* (como en ast. del francés *Louis*) o el apellido *Llopis* (del cast. *López*); las muestras crecen todavía en las muestras lexicográficas (s. XVII: *llampiño* [cat. *barbamec*], *llímit* [cat. *límit*], *llegista* [cat. *legista*], *llícit* [cat. *lícit*], *llisonja* [cat. *llagoteria*], *llogro* [cat. *assoliment*], *llivia* [cat. *lleuger*], etc. [Veny 1984, 384]; hay, sin embargo, algún caso de no palatalización, como *loco* (cat. *boig*, *orat*), explicable probablemente por ser d'introducción reciente (frente al ast. *llocu*, que debe de ser voz patrimonial).

En cambio el asturiano se desmarca del catalán en la palatalización, a menudo alternante, de la L de los grupos interiores agrupados: *parllar* < *par* (< *bolare*, *burlla* < * *bur* (u) *lare*, *Carllos* < *Car* (o) *lus*, etc. [García Arias 1988, 119].

En este estudio dejamos de lado el análisis de las diversas hipótesis sobre los orígenes de dicha palatalización: la colonización suditálica de Menéndez Pidal, la presencia sorotáptica de Coromines o la interpretación estructural de Martinet.

6. Realizada esta comparación, podemos observar las siguientes diferencias:

1) Aspecto geográfico y ortográfico.

a) En asturiano, la evolución general es a /j/ (o /ʝ/ en las zonas B y D del asturiano occidental); el resultado lateral /ʎ/ únicamente se da en algunas hablas de la franja extrema occidental, adyacente al gallego (Veiga d'Eo, Santiso, Castropol, As Figueras). Se comprende, pues, que la propuesta ortográfica fuese y acorde con el fonema de mayor difusión.

b) En catalán, en cambio, la doble evolución (/j/ de *paia*, /ʎ/ de *palla*) se encuentra geográficamente repartida, como hemos visto; la /ʎ/, con mayor prestigio desde la Edad Media y con mayor extensión territorial y peso demográfico, ha accedido a la lengua literaria, a la lengua estándar, bajo el grafema *ll*. Pero no sin vacilaciones. Antes de la aprobación de las *Normes ortogràfiques* del Institut d'Estudis Catalans, Pompeu Fabra, codificador de la lengua, había propuesto, consciente de la doble distribución de palatales en la lengua histórica, distinguir el resultado /j/ (<LJ) con el dígrafo *yç* (*fuyçs*) y el resultado /ʎ/ (<L-, -LL) con el grafema *£* (*£una*) [Segarra 1985, 34], que hubiera facilitado a los hablantes del área yeísta la articulación /j/ o /ʎ/ según su procedencia.

Todavía en su *Gramática de la lengua catalana*, de 1912, Fabra afirmaba al respecto: «Todos convienen en que una ortografía *nacional*, que pretenda abarcar todos los dialectos importantes de la lengua, no puede escribir con la misma *b* las voces *ve* (de VENIT), pron. en Mallorca *vé*, con *v* labiodental, y *bé* (de BENE), pron. en Mallorca *bé*, con *b* bilabial; pues por igual razón no deberían escribirse con el mismo símbolo (*ll*) las voces *poll* (de PULLUM) pron. en Mallorca *poll*, y *poyl* (de PEDUC'LU) pron. en Mallorca *poys*» (Fabra 1912, 479, n. 1)¹⁰. La propuesta no era operativa, puesto que se rompía con una larga tradición de siglos.

Destaquemos finalmente que la solución lleísta, de la lengua escrita y del modelo ortoépico, que confunde los derivados de LJ con los de L- y -LL- en /ʎ/, se singulariza en el conjunto de las lenguas románicas (incluido el asturiano) que diferencian dichos resultados (occitano *bela* < BELLA, *palha* < PALEA; portugués *bel*, *palha*; italiano *bella*, *paglia*; francés *be-*

lle, *paille*; cast. *bella*, *paja*). En asturiano ocurre lo mismo que en estas lenguas, pero con más riqueza de variantes, como se puede ver si completamos el esquema anterior:

	C'L, G'L, LJ	L-	-LL-
asturiano central y oriental	j	ʎ	ʎ
asturiano occidental A			
”	C	ʃ	ʃ
”	B y D	tʃ	tʃ

2) Estabilidad de /j/.

a) Hemos visto que en asturiano /j/ es la solución predominante, con el aval de la ortografía. Sin embargo, recientemente se está difundiendo el yeísmo moderno, distinto del histórico, que sustituye la /ʎ/ por /j/ a consecuencia del contacto con el castellano. Sólo los ancianos distinguen /ʎ/ de /j/.

Es decir, en asturiano hay palabras con /j/ y otras con /ʎ/ que, entre los hablantes urbanos (sobre todo de Oviedo la tercera generación), se confunden en /j/; el hablante asturiano, que sabe que a menudo a la /j/ ovetense (*gayo*) corresponde /ʎ/ en su habla nativa (*gallo*), tiende, por ultracorrección, a introducir /ʎ/ en vez de /j/ (y dice, por ejemplo, **traballar* por *trabayar* (Martínez 1968, 56-58; García Arias 1988, 115). Notemos que los cambios /j/ < /ʎ/ obedecen a un contacto de lenguas.

b) En catalán, el yeísmo moderno solo se da en las capas jóvenes de la sociedad más castellanizada y, al parecer, en puntos roselloneses (Veny 1978, 41), a causa probablemente del bilingüismo catalán francés.

Respecto al yeísmo histórico, el catalán, contrariamente al asturiano, ha dado prioridad a /ʎ/ tanto en la lengua escrita como en el estándar fonético. Su adopción por la lengua literaria y su presencia en el modelo lingüístico de Barcelona, que es lleísta (con algunas excepciones), impulsó sin duda su uso expansivo frente al descrédito de /j/, considerado ordinario, poco fino; sus usuarios son llamados festivamente «els de la paia a l'ui». Es inte-

¹⁰ Consciente del corte abrupto que hubiera supuesto tal reforma, Fabra insinuaba en la misma nota que «en el caso de *poll* (PULLUM), quizás sería preferible duplicar la / modificada, duplicación que, al mismo tiempo que está conforme con la etimología (*ll*), haría al nuevo símbolo menos distinto del actual (*ll*) y por consiguiente más fácilmente adoptable. Pero aún admitiéndose esta duplicación, no se haría innecesario el diacrítico con que hemos marcado la / paladial (u otro análogo), toda vez que existen en catalán numerosas voces con / doble (*collegi*, etc.)»; éstas se escribirían, después de la aprobación de las Normes, con I-I.

resante observar que esta valoración negativa ya conoce precedentes medievales. En unas *Regles de squivar vocables o mots grossers o pagesívols*, especie de *Appendix Probi* del s. XV, se condena «*papeyó* per pavelló o papelló», «*fiyol* per fillol», «*tayar* per tallar, e mil semblants» (Veny 1978, 40); quizá el occitano tuvo algún papel en esta opción. La presión mimética del barcelonés sobre el catalán central (pero no sobre el balear) se habría desarrollado sobre todo a partir del s. XIX. Las encuestas del *Atles Lingüístic del Domini Català*, realizadas entre 1965 y 1975 con informadores de edad, revelan a menudo la tendencia «yodizante» de buena parte de ellos. Los centros urbanos constituyen un caso aparte (Terrassa, Sabadell, Manresa, Berga, Vic, etc.), puesto que muy pronto recibieron el influjo de Barcelona a través de las clases elevadas y cultivadas, del comercio, etc.; el auge literario propició también la expansión de /j/, mientras que /j/ se vio relegada a las capas sociales menos instruidas. Se trata de un proceso de inestabilidad de un fonema, cuyo conocimiento completo no se puede obtener a través de la dialectología sino que se ha de recurrir a la sociolingüística (o a la sociodialectología, si se quiere). Imma Bau y Ramona Font (1993) han llevado a cabo un estudio de este carácter en la Plana de Vic según variables de edad, cultura, sexo y residencia. Aplicaron un cuestionario de 16 conceptos a 533 informantes (1% de la población de la comarca) de nueve localidades. En total, registraron un 29% de hablantes yeístas. Respecto a la variable geográfica, Sant Pere de Torelló, aislado al Norte, junto a la sierra de Bellmunt, ofrece el mayor porcentaje de «yodización» (70%), mientras que Sant Julià de Vilatorrada, frecuentada por veraneantes y gente del sector terciario, solo llega al 12%. En cuanto a la edad, el 21% de los niños menores de 7 años son yeístas, cantidad que desciende al 7% cuando su edad está entre los 8 y 14 años a causa de la escolarización; los mayores de 40 años, en cambio, articulan /j/ en un 48% de casos, como era previsible. La variable «sexo» refleja una mayor sensibilidad femenina hacia las innovaciones lingüísticas: sólo el 26% de mujeres «yodizan» frente al 34% de los varones. Respecto a la instrucción, esta se encuentra en proporción inversa al yeísmo: a mayor instrucción, menor yeísmo (3% en la enseñanza superior, 50% entre analfabetos y nivel de enseñanza primaria, 20% en la enseñanza secundaria).

En otro estudio, de J. Cassany (1983) se puede constatar que la sustitución tiene un condicionamiento lexemático y no exclusivamente fonético; las palabras afectadas pertenecen sobre todo al mundo rural: *daia* 'guadaña', *reia* 'reja', *rostoi* 'rastrero', etc.; añádanse casos especiales como *llen-*

tia, que coincide con el barcelonés, *somaia*, nombre local de un embutido, o *poi* 'piojo', favorecido por el deseo de evitar la homonimia con *poll* 'pollo; chopo'. A semejantes resultados llega Lidia Pons (1992) en un estudio exhaustivo del fenómeno centrado en un localidad, Barbería del Vallés, y vertebado en un doble enfoque psicolingüístico, sociolingüístico.

El prestigio de la /j/ frente al descrédito de la /j/ ha originado casos de ultracorrección: por ejemplo, *atzagaiada* 'insensatez, despropósito', derivada del árabe *atzagaia* 'arma corta arrojada', se oye a menudo bajo la variante *atzagallada* como consecuencia de un razonamiento del hablante de este tenor «*Paia* está mal dicho, hay que decir *palla*; igualmente *atzagaiada* es incorrecto; hay que decir *atzagallada*».

Así, pues, el modelo lingüístico de Barcelona, completado con el peso de la lengua escrita y el estándar fonético, ha dinamizado el uso de /j/ para relegar el de /j/ a las generaciones segunda y sobre todo primera de la sociedad rural a causa especialmente de la connotación de rusticidad que le acompañaba. El lleísmo adquiere, pues, tonos expansivos, por causas internas, y no es difícil augurarle un futuro no lejano de absoluto triunfo sobre la /j/, al menos en catalán central (las Baleares son un mundo aparte y, en todo caso, el triunfo será más tardío).

II. Adopción y adaptación del castellano /x/ en asturiano y catalán

7. Tanto el asturiano como el catalán, a consecuencia del largo contacto con el castellano, han conocido, a partir del s. XVII-XVIII un sonido nuevo, inexistente en su respectivo fonetismo tradicional, autóctono: /x/; el asturiano oriental conoce dicho fonema, realizado como velar o como aspirado, en calidad de evolución propia a partir de la F- latina (*humu* < FUMU); tendré en cuenta este aspecto solo subsidiariamente.

El asturiano ha reaccionado de maneras diferentes ante el fonema intruso:

- 1) adaptando el fonema: a) según el modo de articulación (fricativa): /x/ ⇔ /s/; b) según el punto de articulación (velar): /x/ ⇔ /g/;
2. importando el fonema sin modificación: /x/ ⇔ [x].

Adaptación en /s/ en asturiano

8. He aquí unos ejemplos: *gargaxu* 'gargajo', *entoxu* 'antojo', *manoxu* 'manejo', *cortexar* 'cortejar', *abadexu*, 'bacalao'.

Gargaxu (con su derivado *esgargaxar*) no parece autóctono en asturiano (cf. port. *gargalho*, cat. *gargall*) donde habría dado *gargallu*, que efectivamente encontramos con el valor de ‘laringe’ o ‘garganta de vasija’; así opina Coromines (DCECH, s.v. *gargajo*).

Entoxu, (an- y derivados *entoxase*, an- *entoxadizu*, an-) no puede ser autóctono asturiano, puesto que su étimo latino ANTE-OCULOS hubiera dado *antueyo*, en- (con sus derivados **entoyarse* -an-, **entoyadizu*, an-); «es castellanismo», dice taxativamente Coromines (DCECH, s.v. *ojo*).

No hay duda que son castellanismos. Pero, como me falta información diacrónica documental, no puedo asegurar si se trata de préstamos antiguos del castellano llegados en la fase previa a la velarización (*garga/ʒ/o*, *garga/ʒ/o*; *anto/ʒ/o*, *anto/ʒ/o*) que hubieran sido objeto de adaptación, en una sociedad predominantemente monolingüe, según el modo de articulación y de acuerdo con una regla de correspondencias como

cast. <i>tejer</i>	ast. <i>texer</i>
<i>gente</i>	<i>xente</i>
<i>jueves</i>	<i>xueves</i>
.....	
cast. /x/	ast. /ʒ/

Así, pues, es posible que el ast. *ento[ʒ]u*, *garga[ʒ]u*, sean castellanismos primerizos correspondientes a la etapa *anto[ʒ]o* (o *anto[ʒ]o*), *garga/ʒ/o* (o *garga[ʒ]o*) del castellano; es más dudoso para *abade/ʒ/u* y *pare /ʒ/a*.

Mano[ʒ]u y *corte[ʒ]ar*, que conviven con *mano[x]u* (y *manoyu*) y *cor-te[x]ar* y parecen más tardíos, participarían de la segunda explicación.

Adaptación en /g/ en asturiano

9. La adaptación /x/ ð /g/, extendida en gallego (‘gueada’) en una primera fase del proceso integrador (según Pensado 1983), conoce pocos casos en asturiano:

Gosé (cast. *José*) y su hipocorístico diminutivo *Gosepín*;
Gamín (cast. *(Ben)jamín*).

El caso de *cofaina* ‘jofaina’ no se puede tener en cuenta puesto que, junto a *alcofaina*, es un arabismo que presenta dicha oclusiva sorda ya siglos atrás y que hoy goza de difusión bastante general (Santander, Bilbao, etc.); también se registra *cofaina* en lexicógrafos catalanes.

Importación de /x/ en asturiano

10. Aparece en muchas palabras tomadas del castellano. He aquí algunos ejemplos (con algún paralelismo en catalán):

enjines, -ies ‘anginas’ (cat. col. *an/x/ines*, cat. norm. *angines*)
o[x]o (de la fesoria) ‘ojo de la azada’ (frente a *ueyo*; cat. col. *O[x]o!* ‘¡ojo!’, *¡atención!*; cat. norm. *ep!*, *alerta!*);
[x]amón ‘jamón’ (cat. col. *[x]amó*, *[x]amon*; cat. norm. *pernil*);
[x]amelos ‘gemelos; mellizos’ (cat. col. *[x]amelos*, *[k]emelos*; cat. norm. *botons de camisa*; *binocles*);
[x]arsey, *[x]arsé*, *[x]ers* ‘jersey’ (cat. col. *[x]arsé*; cat. norm. *jersei*);
[x]esús! ‘Jesús! (exclamación)’ (cat. col. */x/esús!* (cuando alguien estornuda), *[k]esuset* ‘figurita de Jesús niño’);
arro[x]ar ‘vomitar’ (frente a *arro[ʃ]ar* ‘calentar el horno’; cat. col. *arro[x]ar* y *arro[k]ar* ‘vomitar’, cat. norm. *vomitar*, *gitar*);
[x]abalín ‘jabalí’ (cat. col. *[x]abalí*, cat. norm. *porc senglar*);
[x]ícaro ‘jícara’ (cat. col. *quíquera*, cat. norm. *xicra*);
[x]ota ‘jota (baile)’ (cat. col. *[x]ota*, *[k]ota*);
estrapa[x]o ‘estropajo’ (cat. col. *estropall*; cat. norm. *fregall*).

Estos ejemplos, tomados de Josefina Martínez (1968, 52), se refieren al asturiano de Oviedo, donde se da un contacto de lenguas de alto grado, pero algunos de ellos (*jamón*, *jabalín*, *jícara*) conocen en otras partes una realización autóctona (*xamón*, *xabalín* o *xabaryl*, *xícara*). De hecho son frecuentes las parejas de componentes alternantes (tipo [ʃ]abón-[x]abón); la forma asturiana, con /ʒ/, suele ir «acompañada de especiales resonancias efectivas e íntimas» (Martínez 1968, 52): *aba[ʃ]o-aba[x]o*, *ento[ʃ]u - anto[x]o*, *bru[x]a*, *pere[ʃ]il - pere[x]il*, *e[ʃ]e-e[x]e*, *mon[ʃ]a-mon[x]a*, *[ʃ]ente-[x]ente*, *[ʃ]abón-[x]abón*, etc.

Pero insisto en que abundan las únicas realizaciones con /x/. A los ejemplos aducidos se suman «otras palabras de introducción relativamente reciente, de uso muy frecuente en el castellano» así como «términos relativamente cultos»¹¹ (J. Martínez 1968, 52). Se encuentran también algunas voces sin réplica castellana: *fo[x]aco* ‘desastre’, *[x]erombella* ‘oropéndola’ (*ibidem*), que serán producto de una ultracorrección.

Se asimilan a /x/ los casos de [h] aspirada del asturiano centro-oriental procedentes de F-seguida de diptongo empezado por /w/ ([h]uera ‘fuera’, [h]uina ‘fuina, garduña’) que alternan con *f*; se suma a ellos algún topóni-

mo esporádico, como *La Mohosa* (García Arias 1988, 107). ¿Proceden del castellano vulgar? ¿Del asturiano oriental?

La introducción de castellanismos con /x/ puede establecer una hiperdiferenciación semántica: *aflo/š/ar* (*la bolsa*) ‘malgastar, gastar’ -*aflo/x/ar* ‘disminuir (aplicado a la fuerza del sol o de la lluvia)’; otras veces establece una diacronía de modo que la forma autóctona se convierte en arcaica: por ej., en el concejo de Oviedo, [š]uez /-[x]uez (Martínez 1908, 226).

Fortuna del cast. /x/ en catalán

11. En catalán la fortuna de /x/ ha sido algo más variada y rica de matices que en asturiano, probablemente por la mayor distancia geográfica y fonética que separa el catalán del castellano, así como por la diferente situación sociolingüística de las dos lenguas. De este modo, se registran los tres fenómenos citados del asturiano, es decir:

- 1) adopción de /x/ (tipo *le[x]ia*);
- 2) adaptación en /š/ (tipo *nav[š]a*);
- 3) adaptación esporádica en /g/ (tipo *san[g]a* ‘zanja’).

Pero en catalán hay que añadir estos otros casos:

- 4) adaptación en /ž/ (tipo *nav[ž]a*);
- 5) adaptación en /k/ (tipo *ma[k]o*).

Dejaré de lado un sexto caso, que es la adaptación /x/ ➔ /ʎ/, que aparece en el valenciano *estropall* ‘estropajo’, *encollir* ‘encoger’ (con la colaboración de *collir* ‘coger’), en falsas adaptaciones lexicográficas como *ventalla* ‘ventaja’ (Sanelo) o literarias (*morella* ‘moreja’ en Joan Santamaría) (cf. Veny 1989).

Comentaré cada uno de estos fenómenos alterando el orden expuesto arriba, según se trate de adaptación o de simple importación.

A) Adaptación

12. **Adaptación en /š/.** Se ha realizado según el modo de articulación y de acuerdo con unos «patrones de analogía» (Weinreich 1968, 2.25), es decir, como resultado de unas correspondencias fónicas que han tenido lugar en

¹¹ En casos como *fuiola*, *llentia*, *uial*, *assoleiat*, etc., en lugar de *fullola*, *llentilla*, *ullal*, *asolellat*, etc., interpretados por Fabra y Coromines como disimilación de laterales, pero que, a mi modo de ver, son supervivientes de una articulación yodizante de la Barcelona medieval —que la documentación justifica—, articulación que, enfrentada a otra lleísta más culta, acabó por sucumbir (cf. Veny 1978, 42-45).

un ámbito de bilingüismo. Es un fenómeno que se ejemplifica mayoritariamente en zona de frontera o en dialectos tales como el valenciano donde el bilingüismo fue progresivo desde el s. XVI (predicación en castellano, círculos aristocráticos castellanizados) y que adquiere cotas altas desde el s. XIX, con un teatro bilingüe o en castellano, la imitación por otras clases de los hábitos castellanizantes de la clase aristocrática, etc.).

Ejemplos: a) del área fronteriza con el aragonés: *muixar* ‘mojar’ (cat. *mullar*), *lleixia* ‘lejía’ (cat. *lleixiu*), *baraixa* ‘baraja’ (cat. *baralla*).

b) Del valenciano: *empuixar* ‘empujar’ (cat. *empenyer*), *abixorro* ‘abejorro’, (cat. *borinot*) *gargaixada* ‘gargajeada’, (cat. *gargallada*) con documentación, a veces desde el s. XVII-XVIII: *alaixa* ‘alhaja’, (cat. *joia*), *aloixar* ‘alojar’ (cat. *allotiar*), *antoix(o)* ‘antojo’ (y *antoixar-se*, *antoixadís*), *marraix* ‘marrajo’ (cat. *solraig*), *moixarra* ‘mojarra’, (cat. *variada*), *navai-xa* ‘navaja’, (cat. *navalla*), *eixèrcit* ‘ejército’ (cat. *exércit*), etc.

Fuera del valenciano, encuentro sólo *xicra*, **xíquera*, **xícara* ‘jícara’ y *xicaranda* (con variantes) ‘jacaranda’, que tal vez sean imputables a una introducción con /š/ ya desde el castellano o bien sean debidos a la influencia de la grafía con x- que la Academia Española no cambió por j- hasta la reforma de 1813; recuérdese que la X- en catalán suena /š/.

Es una lástima que los medios de comunicación catalanes no hayan optado por el uso del autóctono *Xixón* (cat. *Gijón*) de consonantismo más afín al castellano.

13. Adaptación en /ž/ o /dž/.

Se basa en este patrón de analogía:

cast.	/x/ ➔	cat. /ž/
joven		jove
jurar		jurar
gente		gent
virgen		verge

ejemplos:

a) Modernos: *mejicà* ‘mejicano’ (cat. *mexicà*), *apoplegia* ‘apoplejía’, (cat. *apoplexia*), *injertar* ‘injertar’ (cat. *empeltar*), *brújula* ‘brújula’ (cat. *brúixola*), *Javier* ‘Javier’ (cat. *Xavier*).

b) Antiguos: *encongir-se* ‘encogerse’, *navaja* ‘navaja’ (cat. *navalla*).

En los primeros casos puede también haber influido la grafía de los castellanismos con *j*, que en catalán suena [ʒ].

En valenciano, la adaptación se ha hecho bajo la variante [dʒ] que en el subdialecto «apitxat» se ensordece en [tʃ]: *semetjar* ‘semejar’ (cat. *semblar*), *tratge* ‘traje’, (cat. *vestit*), *orútol* ‘orujo’ (cat. *brisa*; *sansa*), *motgicó* ‘mojicón’ (cat. *mastegot*, *norma*), etc. (en «apitxat» *semetxar*, *tratxe*, *orútxol*, *motxicó*, respectivamente).

En el aspecto diacrónico existe a menudo el problema del valor fónico atribuible al grafema *j* (o *ge*, *gi*): ¿/ʒ/ o /x/? Si la forma está documentada antes del s. XVII, es indudable la pronunciación /ʒ/ (o /dʒ/), como en el ejemplo (*córrer*) *sortija*, de 1523. De todas maneras algunas informaciones metalingüísticas pueden ayudarnos: así, Carles Ros en su Diccionario de 1764 nos dice a propósito de *abadejo* ‘bacalao’: «pronunciada la *j* como si en castellano fuera *ch*», lo que quiere decir que se pronunciaba *abade[tʃ]o*, por tratarse de un dialecto «apitxat» y que, fuera de esta área, se pronunciaba *abade[dʒ]o*.

14. Adaptación en /g/

Así como en gallego esta adaptación fue frecuente, como he dicho antes, en una primera fase (*pa/x/a* ♦ **pa/g/a*), dando lugar a la «gueada» (a la que seguiría, en una segunda fase, la «geada», o uso ultracorrecto de /x/ por /g/: *[x]fa* por *guía*), en catalán, como en asturiano, dicha adaptación constituye un episodio intrascendente, ilustrado con poquísimos ejemplos: valenciano *sanga*, *eixanga* ‘zanja’, *Meneguildo* ‘Hermenegildo’; entre marineros ancianos, *guanete* ‘juanete’.

15. Adaptación en /k/

Se trata de una adaptación realizada según el punto de articulación (velar), propio de hablantes monolingües o de un bilingüismo tardío o precario en el manejo del castellano. Recordemos que el porcentaje de analfabetismo ha sido alto hasta el siglo actual (92,6% en Mallorca [1835], 58,3% en la ciudad de Valencia [1867], 57,7% en Cataluña [1910]) y que, por tanto, el conocimiento del castellano era bastante limitado. No nos ha de extrañar que se den con profusión casos de los que podríamos llamar «queada», siguiendo el paralelismo con los términos gallegos «geada», «gueda». Los ejemplos se pueden observar:

- 1) en el uso del código castellano;
- 2) en las palabras castellanas que, en un grado variable de asentamiento, aparecen en el código catalán.

1) Dentro del código castellano, aparecen «queadas» en la pluma de clérigos («*eliquió* sepultura», s. XVIII), lexicógrafos («*coder*, fer-le-y», s. XIX); en romances de Castilla («*Carinello*, *Carinello*, *Carinello*, *amante mío*», transformado en otra versión en «*Cardinero*, *Cardinero*, mi camare-ro pulido»), en canciones populares («Yo vengo de sangre nobla / y tú vienes de *codíos* / y no se puede *acuntar* / tu *linaque* con el mío», Tortosa), en recibos de gastos (*dos cornales* de maestro», s. XIX), en el teatro cómico (*ocos*, *tiqueras*, *vieco*, *coneco*, *orecas*, etc.).

Puede aparecer también en textos en catalán pero con cambio de código para introducir un refrán, una frase hecha, etc. («tota ma vida he oït dir *cuego de manos*, *cuego de villanos*», Tabalet, 1847) o en función del interlocutor (Mandilego, alcalde de barrio, que siempre hablaba en mallorquín, cambia de código al dirigirse al guardia municipal: «Gutiérrez, haga usted *despecar ... baco* pena de presidio, cuide que los muchachos no «interpreten» la vía pública», M. dels S. Oliver, 1903).

2) Dentro del código catalán, señalemos en primer lugar casos efímeros de «queada», documentados a partir del s. XVIII y sobre todo del XIX (*agasaco*, *alocar*, *bosqueco*, *paradoca*, *pelleco*, *quicote*, *sortica*, etc.) que aparecen en especial en la obra de lexicógrafos novecentistas pero que no conocen continuidad en la lengua actual. En cambio, han tenido vida en la lengua coloquial *alaca*, *anteocos*, *llentiquela*, *aquedrés*, *cota* (*baile*), *luco*, *potaco* ‘potaje, sanfaina’, *quefe*, *querés*, *maco*..., que, por otra parte, pueden alternar con la articulación con /x/ (*alha[x]a*, *anteo[x]os*, etc.) en función del menor o mayor prado de conocimiento de la lengua hegemónica. No faltan ejemplos toponímicos: nombres de pila como *Cuana* ‘Juana’ (cat. *Joana*), apodos como *Perro Suqueto* (Reus, S. XIX), topónimos (casi siempre de origen antroponímico) como *Los Castillecos*, *Lo Mas del Meniquildo*.

16. Obsérvese a propósito de esta adaptación.

1) La casi nula transcendencia, en léxico estable, de dichas adaptaciones, relegadas a gente poco familiarizada con el castellano, pero no necesariamente incultas (recuérdese que hay ejemplos de clérigos). Sólo una palabra ha tenido acceso a la lengua normativa, *maco* ‘hermoso, bello’,

con matices semánticos y gramaticales diferentes del castellano (se aplica a cosas, nunca es sustantivo); su aceptación quizá se explica por el vacío onomasiológico que ha sufrido el catalán en esta casilla del concepto ‘bello’: *bell* es literario (y se confunde con *vell* ‘viejo’), *hermós* es castellano, *polít* es dialectal. Respecto a *quefe* ‘jefe’, entrado a través de la esfera militar y administrativa, posiblemente se hubiera introducido en el sistema léxico si el catalán hubiera salido de la órbita de influencia castellana (como Portugal, por ejemplo) o si se hubiera aplicado un criterio más laxo respecto a ciertos castellanismos; hoy prácticamente sólo como un uso irónico.

2) El progresivo conocimiento del castellano ha provocado un retroceso de /k/ ➔ /x/ que ha conducido a la correcta pronunciación de éste fonema, pero ello ha llevado consigo algunos casos de ultracorrección explicables en un ámbito de contacto de lenguas (como pasa con los hablantes gallegos que —si es correcta la interpretación de Pensado 1983—, conscientes de que **higo* por *hijo* estaba mal dicho, pronunciaban *hi[x]o*, pero también *[x]ía* por *guía*). Así, se han registrado alteraciones esporádicas del tipo *apojinar* ‘apoquinar’, en el mp de Tarragona; *o/x/alíptos* ‘eucalipto’, *male/x/ons* ‘malecones’, */x/ocentaina* ‘Cocentaina’ entre valencianos; etc.

3) Es frecuente la utilización irónicamente malévola de voces afectadas por la «queada» con finalidad ridiculizante. Se puede hablar, con tonos no precisamente halagadores, de un canal de televisión *requional*, de un director general como «*quefe* de RTVE» o del presidente del PP como «*Kos-sé* María Assnar»¹².

B) Importación

17. El sonido /x/ es extraño al fonetismo catalán, como he dicho: sólo aparece, realizado como aspirado, en interjecciones como *ha* ‘acogida de una noticia sobre algo que parecía no poder ser’ *ha ha* ‘signo de satisfacción, asentimiento’, *ha ha ha* ‘onomatopeya de la carcajada’, *chem* ‘para llamar la atención de modo disimulado’, o en voces argóticas como *halar*, *hamáncia* ‘revuelta de los partidarios de la Junta Central’ (1843) (que, siguiendo la propuesta de Coromines, escribimos con *h*–; recientemente también aparece en ciertos anglicismos *holding*, *hall*, etc.).

El contacto cada vez más creciente con el castellano ha hecho más familiar en catalán el fonema velar /x/. Su aparición viene condicionada por el área geográfica, el nivel generacional y el nivel lexemático.

Las áreas contiguas al castellano, o al castellano-aragonés, donde el bilingüismo es vigoroso tradicionalmente, la familiarización con el nuevo fonema es alta. Se puede oír *pare[x]a* (cat. *paella*), *[x]uicio* (cat. *judici*), *an[x]ines* (cat. *angines*), *[x]amó* (cat. *pernil*), *mo[x]ete* (cat. *bufetada*), etc.

De las diferentes generaciones, la 3 y la 2 se inclinan por la /x/, mientras la 1 tiende a la /k/; de hecho, esta variable va ligada a la de instrucción en su nivel más bajo (ancianos): así, 2 y 3 *[x]abalí* frente a 1 *[k]abalí*.

Algunas palabras se oyen solamente con /x/. Así, en un pueblo del Camp de Tarragona: *[x]aleo*, *[x]uerga*, *va[x]illa*, *despe[x]ar*, *e[x]e*, etc. (Mariner 1953, 190 y 211-12). La variable lexemática puede también unirse a la geográfica: y así *vi[x]ilar*, *[x]ués*, *fif[x]ar-se* son muy generales en valenciano, cosa que no ocurre en el Principado de Cataluña ni en Baleares.

¿/x/ fonema en asturiano y en catalán?

18. A raíz de una penetración tan notable de /x/ ¿se puede decir que constituye un fonema del sistema fonético del asturiano y del catalán?

Por lo que al asturiano se refiere, Josefina Martínez (1968, 52-53), después de enumerar cincuenta ejemplos de unidades léxicas articuladas con /x/, opina que «no es unidad distintiva ajena al bable, puesto que se trata de palabras que, aunque de origen extraño, se utilizan constantemente en las situaciones más cerradamente dialectales. Hay, pues, que considerar a /x/ como fonema de nuestra habla». En esta misma línea, X. Ll. García Arias cree que «debe también considerarse /x/ como fonema en la actual descripción sincrónica del asturiano, pese a su carácter de préstamo castellano, por encontrarse algún par de palabras en oposición» (*arrojar* ‘caldear el horno’ / *arro[h]ar* ‘vomitar’; *guaxa* ‘ser mitológico’ / *gua[h]a* ‘muchacha’ (García Arias 1988, 50).

A pesar de que un par de oposiciones sea poquita cosa, sin embargo, dada la buena cantidad de ocurrencias de dicho sonido con algún vocablo carente de réplica castellana, la familiaridad de los hablantes con el mismo y su presencia, en calidad de unidad autóctona (realizada /x/ o /h/), en asturiano oriental e incluso en zonas centrales procedente de la aspiración de F- ante el diptongo -wé- (*[h]uera* ‘fuera’, *[h]uente* ‘fuente’) (García Arias 1988, 50), es posible darle esta consideración fonemática en asturiano.

Pero en catalán la situación es diferente. Hay que reconocer que Mari-

¹² Para toda esta cuestión de /x/ ➔ /k/ en catalán, véase Veny 1993.

ner (1976) intentó demostrar el valor fonológico de /x/ en catalán tejiendo una lista de 11 pares opositivos /x/ - /k/ del tipo

ge / qué (apellido)
gemelo / camelo
rajar / racar,
etc.

Payrató (1985, 100-103) ha hecho ver algunas fragilidades de la argumentación:

1) no tiene sentido formar pares mínimos en que los dos componentes (o uno de ellos) son préstamos que, además, «no han «arribat» plenament al sistema, sinó que es troben en procés d'adaptació»;

2) la /x/ puede adaptarse también en /ʒ/, /dʒ/ o /ʃ/: *nava[ʒ]a*, *nava[dʒ]a*, *nava[ʃ]a*;

3) /x/ no aparece en voces genuinas ni en morfemas gramaticales ni en procesos de creación léxica del catalán;

4) por el mismo camino podríamos hablar de /ʒ/ como fonema del castellano por la presencia de palabras como *jazz*, *gin*, *judo*, etc., con posible formación de parejas opositivas (*joquey* - *joquei*).

Añadiría que algunos de los pares de la lista de Mariner carecen de validez en otros dialectos (por ej., en mallorquín: *tra[xe]* - *tra[ke]*, *[xe]melo*, *[xáke]* -/ *[káke]* y que en el sistema del catalán está en retroceso el léxico afectado por /x/.

Payrató aboga, siguiendo a Muljačić, en este caso y otros parecidos, por una distinción entre sistema básico y primario, por un lado, y esquema secundario o marginal, por el otro, en el que encajaría /x/ en calidad de satélite del sistema.

Conclusiones

19. En resumen, por lo que se refiere a la evolución de -LJ-, el asturiano, como el francés, ha apostado por el yeísmo histórico sobre la base de un fenómeno de área geográfica mayoritaria y el apoyo de la tradición, mientras que el catalán, a pesar de darse la yodización en el dialecto central, ha privilegiado la /ʎ/ por las mismas razones y por la influencia del barcelonés. La lengua histórica asturiana ofrece más variantes que el catalán tanto para los derivados de -LJ- (/j/, /ʃ/) como para los derivados de L- y -LL- (/ʎ/, /ʃ/). Los casos de ultracorrección del asturiano vienen dados como

consecuencia de un contacto de lenguas a diferencia de los del catalán provocados por imitación de un modelo interno.

Respecto a la fortuna del castellano /x/, observamos que en catalán se dan la importación de este fonema y su adaptación en /ʃ/ esporádicamente /g/ como en asturiano, pero el catalán añade otras posibilidades de acomodación tales como la sustitución por /ʒ/ (que en asturiano era imposible por desconocer este fonema desde el s. XVII) y por /k/, explicable esta en un ámbito monolingüístico y explotada últimamente con fines cómicos e irónicos.

Espero que este cotejo haya resultado enriquecedor para la lingüística asturiana y catalana.

BIBLIOGRAFÍA

Bau-Font 1993 = Imma BAU / Ramona FONT, *La iodització a la Plana de Vic* (en prensa en las Actas del «Segón Congrés Internacional de la Llengua Catalana» [1986]).

Cano et alii 1976 = A. M^a CANO GONZÁLEZ / M^a V. CONDE SÁIZ / J.L. GARCÍA ARIAS / Francisco GARCÍA GONZÁLEZ; *Gramática bable*, Madrid.

Cassany 1983 = Jordi CASSANY, *Notes sobre el «ieïsme» a la comarca d'Osona*, «Ausa» (Vic), XI/106-107, 93-104.

Coromines 1976 = Joan COROMINES, *Entre dos llenguatges*, I, Barcelona, 1976.

DCECH = Joan COROMINAS / José A. Pascual, *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, Madrid, 1980.

Fabra 1912 = Pompeu FABRA, *Gramática de la lengua catalana*, Barcelona.

Fouché 1925 = Pierre FOUCHÉ, *La diphtongaison en catalan*, «Butlletí de Dialectologia Catalana», XIII, 1925, 1-46.

García Arias 1988 = Xosé Lluís GARCÍA ARIAS, *Contribución a la gramática histórica de la lengua asturiana y a la caracterización etimológica de su léxico*, Uviéu.

Mariner 1953 = Sebastián MARINER, *Castellanismos léxicos en un habla local del Campo de Tarragona*, «Boletín de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona»; XXV, 1, 171-226.

Mariner 1976 = Sebastián MARINER, *El préstamo fonológico*, «Revista Española de Lingüística», 6, 2, 301-308.

Martínez 1968 = Josefina MARTÍNEZ, *Bable y castellano en el concejo de Oviedo*, «Archivum», XVII, Universidad de Oviedo/Uviéu.

Mascaró / Rafel [98] = Joan MASCARÓ / Joaquim RAFEL, *La e intervocàlica baleàrica*, «Randa», 11, 37-44.

Menéndez García 1963 = Manuel MENÉNDEZ GARCÍA, *El Cuarto de los Váiles (Un habla del occidente asturiano)*, I, Uviéu.

Moll 1952 = Francisco de B. MOLL, *Gramática histórica catalana*, Madrid.

Payrató 1985 = Lluís PAYRATÓ, *La interferència lingüística. Comentaris i exemples català-castellà*, Abadia de Montserrat.

Pensado 1983 = José Luis PENSADO, «*Gueada*» y «*geada*» gallegas, «Verba», anexo 21, Universidad de Santiago de Compostela.

Pons 1992 = Lidia PONS I GRIERA, *Iodització i apitxament al Vallès. Interpretació sociolingüística i psicolingüística dels canvis fonètics*, Barcelona, Institut d'Estudis Catalans.

Rasico 1982 = *Estudis sobre la fonologia del català preliterari*, Abadia de Montserrat.

Segarra 1985 = Mila SEGARRA, *Història de la normativa catalana*, Barcelona.

Veny 1962 = Joan VENY, *Notes phonétiques sur le parler de Campos (Majorque)* «Boletim de filologia», XX, 1962, 325-340.

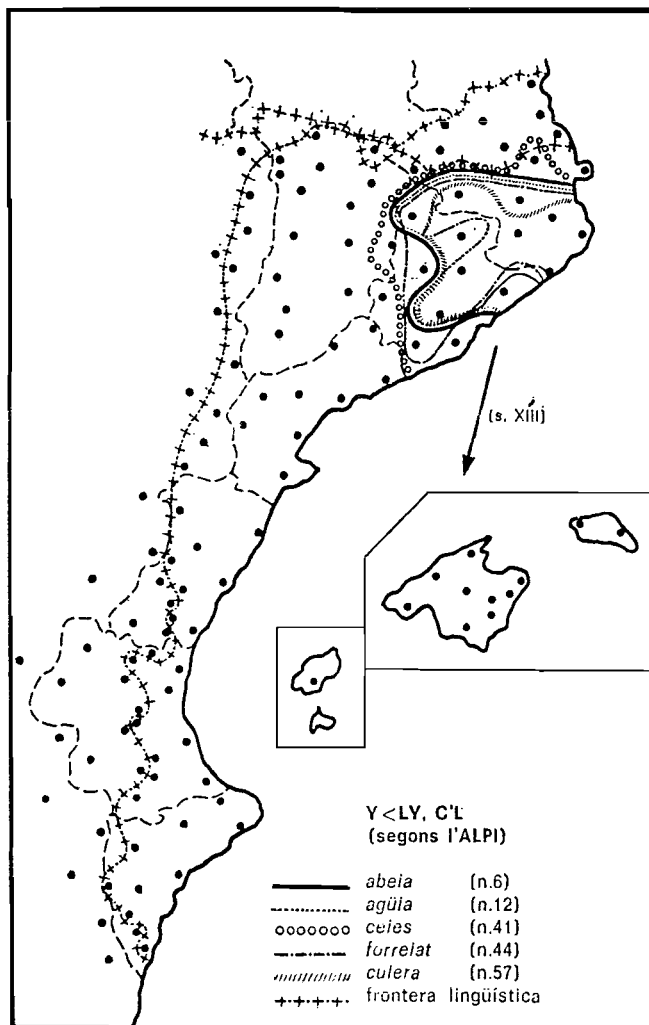
Veny 1984 = Joan VENY, *Lexicografia i dialectalismes: a propòsit del diccionari català-llatí d'Antoni Font (s. XVII)*, «Miscellània Sanchis Guarner», I, Universitat de València, 381-390.

Veny 1989 = Joan VENY, *sobre les equivalències castellà /x/ = català /ʎ/*, «Homage to Alonso Zamora Vicente», II, Madrid, 307-321.

Veny 1993 = Joan VENY, *La fortuna de /x/ en català* (en prensa en las «Actes del IX Colloqui Internacional de Llengua i Literatura Catalanes (Alacant 1990).

Vigón 1955 = Braulio VIGÓN, *Vocabulario dialectológico del Concejo de Colunga*, Madrid.

Weinreich 1968 = Uriel WEINREICH, *Languages in contact*, The Hague.





Galicismos, occitanismos, catalanismos*

X.LI. GARCÍA ARIAS

A los datos ufiertaos sobro'l puxu de les llingües galorromániques y del catalán n'asturianu (García Arias 1988, p. 281 y 334) y que fai falta axuntar a los qu'enantes ufrieren otros autores (p.e. Lapesa 1948 y 1967) y llueu dalgunos (Iglesias 1989; Pfister 1991), podemos dir amestando, pasu ente pasu, dellos más perafitándonos na intelixencia de

* Cuando se fala de dalguna pallabra del asturianu modernu entiéndese que'l datu arrecuégase nes fiches del *Diccionario Etimológico de la Llingua Asturiana*, DELLA, que, pela parte de so, tómalas de les monografíes dialeutales del asturianu.

¹ Comu exemplu pue vese'l manuscritu del *Fueru Xulgu* del s. XIII, de la Biblioteca del Estáu de Baviera (en prensa) onde apaecen términos comu los occitanos «*herege*» (DCECH s.v. hereje), «*omanage*» (DCECH s.v. hombre), «*sinéscales*» (DCECH s.v. Señor), «*bella*» (DCECH s.v. bello), «*fraires*» (DCECH s.v. fraile), «*laido*» y términos rellacionaos (DCECH s.v. laido), «*monges*», «*monjas*» (DCECH s.v. monje) «*vergel*» (DCECH s.v. verde); serien occitanismos o catalanismos; «*manieres*» (DCECH s.v. manjar), «*doncas*» (DCECH s.v. entonces); catalanismos: «*mege*» (DCECH s.v. médico), «*linnage*» (DCECH s.v. línea) francesismos: «*merchandías*» (DCECH s.v. merced), «*duc*» (DCECH s.v. duque), francesismu o catalanismo: «*ardidos*» (DCECH, s.v. ardido), quiciabes occitanismu «*comarca*» 'frontera' «*comarcan*» 'fan de llende', 'llenden' (DCECH s.v. marcar).

qu'entá ye muncho lo que tien que se facer pa llograr dafechu la collecha¹.

Los nuestos documentos medievales tienen que s'esbillar fondamente pa que se mos dibuxe llueu la nuesa antroponimia medieval, fonte d'información de nidiu interés². A los nomes de persona que yá se citaren dacuandu deberán axuntase otros comu «Fernando *Arnaldi* cognomento *Arllot*», 1198, (Floriano Llorente 1968, p. 572); «*Ardit*», 1235, (Alonso Rodríguez, 1991, p. 67); «*Petrus farragoto*» (LiCodu p. 116, llinia 4); «*Don Goszberte*», 1208, «*Bonet*», 1216, «*Balzan*», 1219, «*Alberte*», 1224, «*Aimar*», 1228, «*Rinal*», 1226, «*Rinalt*», 1231, «*Chicot*», 1224, (Sanz, 1991)... y tantos otros espreganciaos per ende en documentos comu «Pedro *Franco*», 1306, «*Suer Guibon*», 1308, «*Arnal Sanz*», 1318, «*Alfonso Giralles*», 1339, «*Pero Loys*», 1367, ... (Benito Ruano, 1990); o bien «*Loys Alvarez mercader*», 1405, (SP III) «*Guillame Pertuset*», 1417, (SP III); «*Petrus Gon-*

² En bona parte yá ta algamándose gracias a los trabayos del PATROM, ente nós empobinaos pola Dra. Cano González.

zalis dicho *Artus*», 1333, «Diego *Guion*», 1346, (SP II); «Andrei *Chicooth*», s. XIV, «Pedro Johan el *chancellor*», 1274 (Fernández Conde 1982); «Juan *Guyrab*», 1458, «Fernan *Pachon*», 1490 (Fernández Conde, 1990). «Petro *Rogel*», 1274 (Florianio, 1949); «Don *Pacho*», 1217 (SP, I, p. 108); «Fernan *Ferrer*», 1199 (CMB, p. 232), «Petrus *Carboneh*», 1195 (CMB, p. 225), «Roderico *Cornel*», 1207 (CMB, p. 237), «don *Ponz*», 1210? (CMB, p. 238).

A vegaes hai una referencia explícita al aniciu européu de la persona o del productu («*Lonbardo*», Sanz 1991, 1225; «*Panno de Ypre*», SP III, 1433; «*pano de paymas*», SP III, 1412) o propiamente «francés» («*panno de Lion*», 1275, Fernández Conde 1982; «*paños ... de La Rochela*», 1289, Benito Ruano 1990; «*Joannes de Tors*», 1216, Sanz 1991; «*Iohnne Bergonnon*», 1223, Sanz 1991; quiciabes «*Iohannes Iohannis Berigot*», 1226, Sanz, 1991); «*Petro Paris*» en 1235, Alonso, 1992; «*Don Iohan de França*», 1458, SP IV; «*de Verdemonte*», 1464, SP IV, «*abbat de Avinon*», 1465, SP IV; «*Pero Rodríguez de Teberga el Franco*», 1488, Benito Ruano 1990, etc.).

Un exemplu d'interés pedagóxicu que cinca a cómu la mesma nómina autóctona «convivía» cola importada de Les Galies allúmanoslu un documentu de 1227 (Sanz 1991, p. 162-3) onde al llau de «*Petrus Hivannes*», «*Dominicus Andres*», «*Joan Negro*»... apaecen los foriatos «*Joan de Res*» (¿Reims?), «*Joan Petenado*», «*Giral de Lagarda*», «*Arnal del Pin*», «*Joan Pere*», «*Bernal Begon*»...

Pero a la vera d'estos datos antroponímicos puen esbillase otros nidiamente apellativos; la curtia referencia etimolóxica que sigue darréu axunta en dos estayes una bona muestra de préstamos fechos poles llingües galorromániques a l'asturiana onde dixebamos pal estudii dos faces: los galicismos medievales documentaos y otros de los que tenemos anuncia más seronda.

I. Galicismos medievales

«Arllot»

El términu «arllot» apaec comu ñomatu («cognomento») de «Fernando Arnaldi» (Florianio Llorente 1968, p. 572) en 1198. En realidá ye una voz tomada del fr. ant. *arlot* o *herlot* 'fripon', 'coquin', 'ribaud' (Godefroy I, s.v.) y presente, el femenín «arllota», nos cancioneros gallego-portugueses, y, el deriváu «arloterías», nes *Partidas* d'Alfonso X (García-Sabell, 1991, p. 44).

«Cotardos»

El términu apaec en documentu de 1305 onde se fai rellación del conteníu d'un arca que perteneciere al obispu Fernán Alfonsu:

«...*Item panno de lino tinto en vermello que mando el obispo dar pora adobar una vestimenta. Item quaraenta e un marco de sterllines e onça a media maes. Item un marco de meallas de plata e de esterlines cotardos*» (Cler 1305, p. 118).

Talmente comu se fai la llectura del documentu «cotardos» podría apaecer comu un axetivu de «esterlines»; mas pa ello tien que s'almitir que «esterlines» ye un nidiu masculín en «-ines», por **esterlinos*, variante del «esterlingos» de 1304 («*unum anulum meum aureum continentem duos esterlingos e dimidium*», Cler 1304, p. 112) cosa que nun dexa ver nin el contestu citáu primero, nin el mesmu documentu de 1305 que fala tamién de «un marco de sterllines». Ye verdá, de toes maneres, que tamién sería posible entender el testu de 1305 comu una cenciella enumeración y allugar, entós, una coma ente «esterlines» y «cotardos» lo que nun s'axustaría muncho al tipu de redaición que sigue'l docu-

mentu si «esterlines» s'interpreta comu denominación de daqué especie de moneda.

«Cotardos», en tou casu, podría entendese en rellación col términu «cotardia» ('un vêtement') conseñáu por Niermeyer nel sieglu XII (MLLM) y presente n'inventariu d'Aragón de 1369, y 1374, lo que supón, n'opinión de Corominas-Pascual (DCECH s.v. cota), una xuntura de dos términos franceses *cotte hardie* “«vestido largo y ancho, hopalanda», propiamente «jubón valiente» (God II, 328a)”.

El términu «cotardos» supondría, entós, l'amestadura de los femeninos franceses *cotte(s)* 'saya' (d'u surdiría un deriváu asturianu, *cotía* 'axustador propiu de les muyeres') y *hardes* 'ropa, vestíos d'usu diariu'.

«Berengo»

El citáu documentu de 1305 (Cler, p. 118-119) inxerta tamién entre los bienes del obispu Fernán Alfonsu:

«Item folla berengo de plata que pesava dos marcos et tres quartos donça».

Resulta difícil almitir que se trate d'una concordancia «folla berengo» (a nun ser que «berengo» seya un occitanismu gascón (onde -a > -o) de la mesma manera que nun ya fácil camentar, a xulgar pela conducta estilística del documentu, que deba inxerise una coma ente los dos términos, *«folla, berengo», comu si foren el resultáu d'una enumeración. Quiciabes se trate cenciellamente, de dos nomes axuntaos per una preposición llueu desaniciada. Nesti sen «berengo», a lo meyor, sería a entendese en rellación col antecesor del occitán *berenguiero* 'gran pot de chambre', 'vase de chaise percée', 'bourdalou'; *berenguie* 'pot de chambre' (DPF).

«Berrete»

L'occitanismu *birret* (DCECH s. v. birrete) ta de setíu na documentación d'Asturies pelo menos de magar entama'l sieglu XV; asina en 1402 baxo la grafía «berrete» (SP III, p. 136) y en 1462 y 1498, «birrete» (SP, IV, 102 y 378).

«Cadafalso»

Trátase d'un occitanismu tresmitíu al castellán pel catalán, según Corominas-Pascual (DCECH s.v. cadalso). De toes maneres, la documentación asturiana del términu, añu 1235 (Alonso Rodríguez 1991, p. 67), ye anterior a la catalana fasta agora ufiertada.

«Chalvetel»

Apaez esta espresión na documentación del llamáu *Llibru'l Codu* de San Pedru de Teberga comu ñomatu: «Petrus Fernandi dictus *chalvetel*» (LiCodu, p. 120, llinia 16). Na opinión de mio podría tratase d'un deriváu del llat. *calvum* 'calvu' términu al que se-y amestaren dos sufixos diminutivos, *calvum* + *ittum* + *ellum*. L'aniciu de la espresión medieval «chalvetel» ha vese na Galia, quiciabes nuna fastera norte-occitánica, con palatalización de *ca-*. Comu finxu onde se sofitar bien ta observar que se presenta un resultáu ensin vocalización lo mesmo na sílaba d'aniciu qu'a lo cabero de pallabra onde *-el* < *-ellum*.

«Chapusador»

Un deriváu nominal del verbu francés *chapusier* 'carpin-texar a lo basto' (DCECH s.v. chapuz) ye'l nome d'oficiu «chapusador» conseñáu en 1227 (Sanz 1991, p. 162) unos

años enantes que la primera documentación conocida, dada por Staaff pa un documentu santanderín. El sufixu, agora, axústase perdafechu a los calces escritos de la construcción asturiana.

«Comarcanas»

En dos documentos de la primera metá del sieglu XV alcontramos l'axetivu «comarcanas» col significáu de 'que tán na llende', 'llinderes':

«*De la dicha tierra e vina en cada un anno et en tiempo devido segund las otras sus comarcanas de fondos e de cima*» (SP III 1432, p. 329).

«*Las dichas vinas e sus comarcanas*» (SP III 1435, p. 357).

El fechu de ser documentos redactaos en castellán y nun ser (nin *comarca* nin *comarcana*) pallabra averada a los usos llingüísticos asturianos³ faimos camentar que'l términu d'influxu galorrománicu, iguáu dende *marca* 'llende' (DCECH s.v. marcar), pue debese, ente nós'a un castellanismu anque nesa llingua se conseñe más serondamente, nel sieglu XVI.

«Cosin»

Conséñase en 1231 la esistencia d'un personaxe conocíu comu «Pelagius *Cosin*» (SV p. 182). Ensin dubia ye'l mesmu que dellos años enantes se conoz col so nome asturianu «Pele *Cosin*» (Sanz 1991, p. 122).

Siguiendo la tradición perafitada nos nuevos documentos «*Cosin*» pudiera ser un ñomatu interpretable bien dende l'asturianu *cosín*, diminutivu de *cosu* 'cosina', 'caxigalina',

'cosa pequeña', 'cosa ensin nome' o, quiciabes meyor, dende l'occitán y cat. *cosí* o francés *cousin* 'primu'.

«Gardian»

En documentu ovetense de 1332 (SP II, p. 103) faise referencia al «*gardian* del monesterio de San Francisco».

A la escontra d'esti galicismu perclaru en rellación col documentáu «gardar» ['guardar' (García Arias 1988, p. 313)] alcuéntrase l'autóctonu y coetáneu «*guardian*», oficiu que tien un tal «frey Pedro» del monesteriu de «San Francisco de Ribadeo» (Cler 1327, p. 124).

«Guima»

Nel *Llibru'l Codu* de San Pedru de Teberga (=LlCodu) faise referencia a «Petrus dictus *la Guima*» del que poco pue aventurase llingüísticamente. Namái alcuentro que **guima** podría tener el so orixe nel vieyu occitán onde s'afita'l términu *guimar* 'saltar', 'retozar' que, acordies con Corominas-Pascual (DCECH s.v. guimbarda), tendría'l so aniciu nel fráncicu **wiman*.

De toes maneres, ensin arrenunciar a ver un occitanismu nesti ñomatu, nun habría que se zarrar a almitir la esistencia d'un verdaderu antropónimu xermánicu presente, a lo meyor, en «*Guina* Martiniz» (Sanz 1991, p. 206). Nesi sen apaéz ente los nuevos nomes de llugar en Beyo (Ayer) un prau grande y cuestu llamáu *Arguime* (García Díaz 1990, p. 3) que podría representar un **agrum Wimae*.

«Miçero»

«Ente les persones citaes en documentu de 1314 (Benito Ruano, 1990, a. 1314, p. 114) apaéz «*miçero* Johan Gonza-

³ Ver lo que se diz na nota 1.

lez çapatero». El términu «miçero», amás de lo ceo de la so apaición, supón una adautación al asturianu no que se refier a la marca de xéneru equí representada pela «-o»; de la mesma manera la grafía «ç» faimos camentar que'l préstamu d'esti galicismu *messire* > it d. *misser* > cat. *misser* > cast. *micer* (DCECH s.v. señor) faise pente medies d'una llingua con una [s] dorsal.

«**Mon**» ('mio'), «**mes**» ('mios')

En documentu de 1256 (Martínez Díez 1983, p. 55) afítase la compra que se fexere nestos términos:

«Por *mon* auer e dila e offrecila conmigo a los monges».

Lo llamativo del fechu ye qu'esti «mon auer» apaez inxertu nun documentu con un emplegu regular de los posesivos asturianos («mio» / «mia») calteniendo la dixebría de xéneru qu'entá alita güei na variante occidental de la llingua (*miou* / *mia*). Que'l «mon» medieval seya un galicismu ye perposible non sólo por cuenta la so espresión sinón por tratase d'un documentu de pernidiu influxu ultrapirenaicu en términos comu «monge», «freyres», «aluguer» y otros («guisa», «rua», «albargaeria») que pudieron tresmitise dende les llingües de l'antigua Galia.

L'emplegu del plural *mes* apaez tamién en 1295: «e mes parientes» (Martínez Díez, 1982, p. 77).

«**Panel**»

Muncho enantes de la primera documentación castellana del galicismu *panel* (en Covarrubias según Corominas-Pascual, DCECH s.v. paño) apaez el términu n'Asturies:

«*Otrossi estaulecemos que nengun non meta unto nen ferra nen piedras nen otra cosa enel seuo que fezieren pora*

uender, mas faganlo limpio et bono et leal, et metan sennal cadauno cada panel» (Vigil 1889, p. 67, 1; añu 1274).

«**Peageros**»

A los munchos exemplos en «-axe» citados comu galicismos (García Arias 1988, p. 285) debe axuntase un deriváu de «peage», esto ye «peageros» (AAA 1376, p. 156) o «peajeros» (AAA 1301, p. 61; 1334, p. 131; 1339, p. 134). En sen contrariu nun se formó un deriváu de «castellage» (1275; AAA 1288, p. 46; 1289, p. 50) sinón que los encargaos del cobru d'esti impuestu llevarán el nome de «castelleros» (AAA 1301, p. 61) con espresión más axustada a la tradición del país. «Peiador» en 1235 (Alonso, 1992, p. 90).

«**Pichel**»

Yá diemos anuncia del galicismu medieval asturianu «pichel» y de la so variante «pichete»⁴ asina comu del so deriváu «pichetero» (García Arias 1988, p. 322). Volver sobre ello nun ye por cuenta de sofitar les nuses observaciones en más documentaciones comu «pichetero» (SP III 1438) sinón pa llamar l'atención sobro d'un topónimu de Quinzanas, *El Pozu'l Michel* «manancial que trai mui poca agua d'unos años acá» (Fidalgo 1990, p. 12). N'efectu magar les apariencies según les cuales *Michel* podría ser un antropónimu francés, camiento que podría entendese comu un fácil tracamundi de llabiales (*Michel* por *pichel*) lo que fadría del nome de llugar posible, * *El Pozu'l Pichel* un casu asemeyáu a los hidrónimos del tipu *La Fonte'l Vasu* yá conocíos (García Arias 1987, p. 38).

⁴ Tamién conoz l'asturianu un términu, prósimu fónicamente, *pichote*, qu'apaez comu despeutivu en comparances del tipu *ser más tontu que pichote*. *Pichote* 'pequeñu' apaez comu apellíu n'Occitania.

«Soceller»

«Soceller», 1227, (Sanz 1991, p. 162) ye, de xuru, el nome d'oficiu **soccellarium*, formáu dende'l llat. *soccum* 'zuecu', 'pantufla' o meyor *socellum* términu que yá conseñare Isidoru de Sevilla. El sufixu da cuenta del aniciu catalán (el sufixu tamién pue ser gascón) del términu.

«Tinturer»

Ye perposiblemente nome d'oficiu d'orixe catalán (o gascón), formáu nun deriváu del llat. *tingtam* 'tinta', comu alvierte'l sufixu (el mesmu qu'apaez en «soceller») al mesmu tiempu que l'antropónimu «Remont» al que s'amiesta en 1227 (Sanz 1991, p. 162).

II. Galicismos modernos

Aximistrar («anodinar, emplear medicamentos anodinos»)

Quiciabes, nun primer momentu, paeza más afayadizo camentar que l'asturianu *aximistrar* ye un galicismu tresmitíu pente medies del inglés *chemistry*. De toes maneres podría albidrase que pue tratase del galicismu *chimie* influyíu o amestáu al cultismu *ministrar* o *alministrar*.

Buseta ('chalana')

Camiento que'l términu asturianu ha axuntase, pal so estudiu, al port. *boceta*, cast. *bujeta*, cat. *boixeta* 'caxa de madera' (diminutivu de *boixa*). Abúlta-yos a Corominas-Pascual qu'estos términos tendríen aniciu nel occitán *boissa* amestáu a un sufixu tamién vivu naquella llingua (DCECH s.v. *bujeta*). Ye verdá que l'argumentu sufixal nun ye definitivu pal asturianu darréu qu'esti idioma fai emplegu habi-

tual d'elli na formación de pallabres. De toes maneres, ensin negar la posibilidá occitana, nun tien que s'escaecer el posible influxu del francés, llingua que conoz *bossette* 'copa', dende onde podría xustificase una evolución semántica afayadiza fasta'l nuesu 'chalana'.

Calicor (1. 'tizón a medies d'encender'. 2. 'movimientu que se fai nel aire col tizón medio prendíu'.)

Del fr. *calicot*, adaptación de *Calicut*, nome d'una ciudá de la India, surdiría'l cast. *calicó* 'tela delgada de algodón' (DCECH s. v. *calicó*) y, na nuesa opinión, l'ast. *calicor* nuna dómina en qu'entá se pronunciaba la consonante (-t) a lo cabero la pallabra. La variante asturiana *caricós* (d'u tamién *caricox*) supón un tracamundiu de líquides intervocálicos y una inseguranza de la final.

Calimete ('tueru o troncu de la nuega, *Lonicera periclymenum*, emplegáu pa facer la boquilla de les pipes de fumar'.)

Podría tratase d'un galicismu a xulgar pel fr. *chalumet* 'tubu d'una pipa de fumar' quiciabes nun entrecruz col deriváu autóctonu de *calamus*.

Chabra ('cabra')

Modernamente alcuentro, nuna información oral, una inusitada espresión *chabra* 'cabra' en Conceyu de Degaña, con palatalización de *ca-* pero calteniendo'l caráuter de la vocal abierta talmente comu pasa en fales del norte occitán.

Chancillar ('reforzar el texíu de la rede nel bordé')

Al mio ver ye un exemplu modernu d'una familia de vie-

yos galicismos perpresentes nel asturianu medieval y d'anicu nel llat. *cancellare* (García Arias 1988, p. 305). La particularidá d'agora ye semántica al facer una referencia alloñada de la terminoloxía cancelleresca. Entiendo que la idea de 'reforzamientu' pue xustificase dende la seguranza llograda al *cancellare* o anteponer una «cancella» pero tamién ye posible qu'al iguar un texíu de la rede se dibuxare o fexere daqué cosa asemeyada a un enrexáu (o *canciella*) de mou paecíu a comu se facía al tachar nos escritos per rayes que recordaben, visualmente, les *canciellae* o *cancellae*.

Potel ('marca pa conseñar los avances na esplotación minera')

Na terminoloxía minera da J. Rivas (1936, s.v. *potel*) esta referencia: «Marca que se hace para medir los avances y que suele ser una cruz hecha con el hacho, en una de las piezas de la entibación».

Na opinión de mio, esta cabera referencia a les pieces de la entibación afita la interpretación de ver en *potel* un términu importáu de la Galorromania darréu qu'en francés conocemos *poteau* 'poste', 'pilar de madera' 'maderu', 'viga', asina comu *potelet*, perclaru diminutivu d'un primitivu *potel* responsable direutu del asturianu *potel*.

Rucha ('oxetos y morgazu que dexa la mar na arena al baxar la marea')

Camiento que podría tratase d'un préstamu del francés, llingua onde *rouche* defínese comu 'cadarma d'una nave nel astilleru'.

Rular (1. 'dar vueltes', 'andar un artefautu', 'funcionar'. 2. 'puyar el pescáu na rula').

Na primera de les aceiciones l'asturianu ha entendese nel mesmu sen que'l galicismu en castellán *rular*, «voz de estilo baxo» pal llamáu Diccionario de Autoridades (DCECH s.v. *rueda*). Sinónimu, nesti sentíu, de *rular* ye'l verbu *funcionar*. Tamién emparentáu podría ser *rolín* («aparato provisto de una roldana para llevar la potada») a nun ser que se trate d'un galleguismu (diminutivo de *rolo*) o d'una deformación d'un conxetural **roldín* en rellación a *roldana*.

Pero na segunda de les aceiciones ast. *rular* tien d'entendese dende'l fr. *rôler* 'escribir llargo y tendío' quiciabes por cuenta les anotaciones que debíen facese darréu de la puya y asignación de los lotes de pexes. Deverbal de *rular* ye *la rula* con que la nuesa xente se refier non sólo a l'aición y efeutu de *rular* sinón al mesmu llugar u se fai la puya del pescáu. Desconozu, per otru llau, si'l llugar avilesín documentáu comu «Rolo viello» o «Rulo viello» en 1418 (Benito Ruano 1990, p. 185 ss) guarda dalguna rellación col términu *rula*. Digo lo mesmo de «Martino *Rula*» del sieglu XIII (LRCourias [590]).

Bibliografía citada

Alonso Rodríguez, María Jesús, «Documentación medieval d'Asturies». *Lletres Asturianas* 42 (1991), 55-74; 45 (1992), 73-93.

AAA = Benito Ruano, Eloy, *Colección Diplomática del Archivo del Excelentísimo Ayuntamiento de Avilés*, Avilés 1990.

SP = Fernández Conde, F.J. et alii, *El Monasterio de San Pelayo de Oviedo*. II (1981), III (1987), IV (1990). Uviéu.

Cler = Fernández Conde, F.J., *La Clerecía ovetense en la alta Edad Media*. Uviéu, Idea, 1982.

CMB = Floriano Cumbreño, A., *Colección Diplomática del Monasterio de Belmonte*, Uviéu, Idea, 1960.

Fidalgo Pravia, Pilar, «Toponimia de la Parroquia de Quinzanas». Pravia (1). *Toponimia*, 7. Uviéu, ALLA, 1990.

Floriano Cumbreño, A., *Cartulario del monasterio de Cornellana*. Uviéu, Idea, 1949.

Floriano Llorente, Pedro, *Colección Diplomática del Monasterio San Vicente de Oviedo*. Uviéu, Idea, 1968.

García Arias, X.Ll., «De toponimia tebergana (IX). La metáfora ya'l símil». *Lletres Asturianas* 26 (1987), 23-39.

García Arias, X.Ll., *Contribución a la Gramática Histórica de la Lengua Asturiana y a la Caracterización Etimológica de su Léxico*. Universidad d'Uviéu, 1988.

García Díaz, Nicolás, «Toponimia de la Parroquia de Beyo». Ayer(1). *Toponimia*, 2. Uviéu, ALLA, 1990.

García-Sabell Tormo, Teresa, *Léxico francés nos cancioneiros galego-portugueses. Revisión crítica*. Vigo, Galaxia, 1991.

Godefroy, F., *Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IX^e au XV^e*. París 1881-1902, reimpresión de 1969. Vls. I-X.

Iglesias Casal, María, I., «Occitanismos en un documento de San Pelayo», *Lletres Asturianas* 34 (1989) 41-50.

Lapesa Melgar, R., *Asturiano y Provençal en el Fuero de Avilés*. Universidad de Salamanca 1948.

Lapesa Melgar, R., «Los francos en la Asturias Medieval

y su Influencia Lingüística». *Simposium sobre la cultura asturiana en la Alta Edad Media*. Ayuntamiento d'Uviéu, 1967.

LRCourias = Floriano Cumbreño, *El Libro Registro de Corias*, 2 v. Uviéu, Idea, 1950.

Martínez Díez, M.C., «Documentos del sieglu XIII, n'asturianu» (2) *Lletres Asturianas* 5 (1983) 53-62 , 4 (1982) 72-80.

Niermeyer, J.F. *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*. Leiden, E.J. Brill, 1984.

Pérez-Sierra González, D., *Vocabulario candasín*. Xixón, 1973.

Pfister, Max, «Les éléments provençaux dans les documents asturiens des XII^e et XIII^e siècles». *Lletres Asturianas* 41 (1991), 7-19.

Rivas, J., *Vocabulario de la minería de los concejos de Langreo y Siero*. La Felguera, 1936.

Sanz, M.J. & Ruiz de la Peña, J.I., *Colección Diplomática del Monasterio de San Vicente de Oviedo*. (Siglos XIII-XV). T. I (1201-1230). Uviéu, 1991.

Suárez Solís, Sara, *Aportación al léxico de Luanco*. Xixón, 1983.

Vallina Alonso, Celestina, *Léxico marinero y folklore de Luanco*. Xixón, 1983.

Vigil, Ciríaco Miguel, *Colección histórico-diplomática del Ayuntamiento de Oviedo*. Uviéu, 1889.

Observaciones sobre líneas de evolución de la inflexión verbal en asturiano

CURTIS BLAYLOCK
UNIVERSIDAD D'ILLINOIS

En el siglo pasado y hasta bien entrado éste la lingüística descriptiva utilizaba una clasificación tipológica para caracterizar los idiomas del mundo. Se hablaba generalmente de cuatro grandes tipos principales: las lenguas aislantes (como los miembros de la familia sinotibetana), que solían expresar cada elemento semántico —incluyendo los gramaticales— por medio de unidades léxicas aisladas; las polisintéticas (como muchas lenguas amerindias), las aglutinantes (como el quechua o el japonés), y las inflexionantes (como el griego clásico o el latín).

El latín indicaba gran parte de las relaciones gramaticales entre los componentes de la oración por medio de una rica inflexión, tanto en el sistema nominal (que incluía los sustantivos, los adjetivos y los pronombres) como en el verbal. Las lenguas románicas descendientes del latín han eliminado gran parte de la inflexión nominal. En la Edad Media el galorrománico todavía conservaba vestigios de la inflexión para caso en los sustantivos, pero hoy en día hay apenas unos restos en el rumano. Los dialectos asturianos como los demás hispánicos y los románicos en general, con la excepción ya citada del rumano, conservan distinciones de caso gramatical sólo en los pronombres.

La inflexión verbal, en cambio, se ha mantenido muy fiel al patrón latino. Claro, se han introducido muchas innovaciones, pero no se ha alterado tan extensamente la estructura básica. Los para-

digmas modernos siguen exhibiendo un paralelismo notable con los antiguos. Todos los dialectos románicos han simplificado de una manera u otra la riqueza de variedad conjugacional del latín, pero los dialectos hispanos (con la excepción del catalán, que en muchos aspectos se agrupa más lógicamente con el occitano y hasta con el francés y el retorromance) optaron por una misma medida, la eliminación de la antigua tercera conjugación, que se caracterizaba por sus formas esdrújulas en el infinitivo y en la primera y segunda personas del presente de indicativo. Esto tuvo como consecuencia la reclasificación de todos aquellos verbos y su nueva identificación o con la segunda o la cuarta conjugación. En el este hubo una preferencia por la cuarta, y en el occidente una tendencia a favorecer la segunda. Así pues, el aragonés exhibe *cullir* donde el bable tienen *coyer*, paralelo al portugués *colher*. El castellano vacila entre las dos soluciones, ofreciendo a veces dos formas de un mismo verbo, como en el caso de *cerner* *cernir*. En general, el asturiano concuerda con el castellano en la selección, aunque hay notables excepciones.

El habla de Llena ofrece tres casos donde un infinitivo en *-ir* tiene su correspondiente castellano en *-er*: *tresvirtir*, *tusir* y *valir* (Neira Martínez 1955:55). El primer caso ejemplifica un fenómeno bien conocido de la gramática histórica castellana, la creación de derivados eruditos o semieruditos en *-ir* a base de verbos primi-

tivos populares en *-er*. Del primitivo *correr* se ha formado el verbo popular *socorrer*, pero al lado del verbo relativamente concreto *recorrer* tenemos un más abstracto *recurrir*. *Transverter* en castellano es bastante excepcional si se compara con *controvertir*, *convertir*, *divertir*, *invertir*, *subvertir*. El número de derivados en *-ir* es tan grande que el verbo primitivo en algunos dialectos ha llegado a comportarse como un verbo de la tercera conjugación castellana. Para la tercera persona singular del perfecto ningún mexicano diría *vertió*, y algunos de los mejores escritores escriben *virtió*. En el caso del bable *tusir* frente al castellano *toser* se trata de un verbo que ya en latín pertenecía a la conjugación en *-ī*, de manera que aquí el asturiano no ha hecho más que conservar, con todos los demás dialectos románicos, incluyendo el portugués, la forma latina, mientras que el castellano ha innovado aisladamente. Sólo en el caso de *valir* observamos una discrepancia de la solución preferida por los demás romances. El habla de Teberga coincide con los demás bables en el uso de *tusir*, pero ofrece varios casos del fenómeno contrarios, es decir, clasificación con la segunda conjugación: *esparzer*, *bater*, *ferber*, *morrer* y *abater* (García Arias 1974:105). De estos últimos verbos, *ferver* y *morrer* han sido escogidos por la Academia Asturiana (1989:54, 71) para representar la norma. El cabraniego también tiene *rier* (Canellada 1944:39).

En el presente de indicativo un rasgo llamativo de las desinencias es la persistencia en la segunda persona de plural de una *-d-*. A diferencia del francés, que eliminó las oclusivas sordas dentales y velares del latín y convirtió las labiales en fricativas, los dialectos hispanorromanos las han conservado bastante fielmente. Sin embargo, la dental bajo ciertas condiciones se ha ido perdiendo desde la Edad Media. En el castellano general, se perdió la *-d-* derivada de *-t-* latina en las formas verbales del presente ya en el transcurso del siglo XIV. Para finales del siglo XV Nebrija presentaba paradigmas en que no aparecía la *-d-* en el presente, tanto indicativo como subjuntivo, es decir, donde el acento era llano. En cambio, se conservó hasta finales del Siglo de Oro la *-d-* de las formas esdrújulas.

Aunque la ortografía actual conserva la *-d-* de los participios débiles, ese sonido comenzó a elidirse ya en el siglo XVIII. En la actualidad se conserva hasta en los estilos informales en ciertos dialectos andinos de América, pero en la norma culta general sólo se oye en los estilos más elevados y se considera una ultracorrección en el estilo conversacional. En tiempos más reciente, la *-d-* secundaria ha comenzado a desaparecer en ciertas formas no verbales, como *ná*, *tó*, etc.

Ahora, lo sorprendente es que, aunque el bable parece haber eliminado uniformemente la *-d-* de los participios pasados, ciertos dialectos de la zona occidental han conservado la dental de las segundas personas de plural, no sólo en las formas esdrújulas, sino hata en las formas llanas del presente. Rodríguez Castellano (1954:221) aduce paradigmas para las tres conjugaciones regulares que exhiben alternación entre formas con y sin *-d-*: *falades*, junto a *faláis*; *xuncéis*, al lado de *xuncedes*; *pididis*, con *pidís*. No localiza las variantes conservadoras, pero al hablar del verbo *ser* (223), especifica que donde los demás dialectos tienen *soís*, las hablas de Busmente, Santa Eulalia, Somiedo y Villaverde emplean *sodís*. Este rasgo arcaico del hispanorromance occidental no tiene paralelo en todo el resto del territorio hispánico.

Las demás formas del presente de *ser* plantean una serie de problemas. La primera persona de singular aparece en una variedad de formas, ninguna de las cuales representa una continuación ininterrumpida del étimo latino. De haber evolucionado la forma latina *sum* según las leyes fonológicas, habría debido producir tanto en bable como en castellano la forma *son*. Entre las lenguas románicas literarias el italiano y el rumano toleran una homonimia entre la primera persona de singular y la tercera del plural: el italiano con *sono*, y el rumano con *sînt*. Pero parece que las lenguas ibero-románicas son muy reacias a este tipo de ambigüedad. En la Edad Media el castellano empleaba *só*, modelado sobre *estó*, *dó* y *vó*. El portugués había uniformado los mismos cuatro verbos, pero sobre el modelo del último, que en portugués conservaba su diptongo:

vou. Hacia finales de la Edad Media esos cuatro verbos adquirieron en castellano una semivocal de debatido origen: *soy, estoy, doy, voy*. Ahora, en asturiano aparecen las tres variantes. En el oeste se encuentra mucho *sou*; en los demás dialectos hay contienda entre *so* y *soi*. Inclusive he leído que en el dialecto leonés de La Ribera del Duero se conserva una forma del verbo latino SEDERE, o sea *seo*; y hace medio siglo había gente en el Alto Ayer que decía *sé*.

La segunda y la tercera personas de singular también presentan un problema de homonimia. El castellano resolvió el problema sustituyendo la forma etimológicamente correcta de la segunda persona por *eres*, mientras que el portugués, contra sus leyes fonológicas, dejó caer la *-s* de la tercera persona. El asturiano en este caso ha preferido la solución portuguesa. Pero como todavía hay bastante vacilación en cuanto a los resultados de la llamada diptongación espontánea en bable, existen variantes en *ye, ya, y* hasta en *ía*.

Resta una última forma interesante del paradigma de *ser*. Al lado de la forma esperada *somos* o *somus* se encuentra a menudo *semos*. Varios investigadores han relacionado *semos* con una variante latina SIMUS atestiguada desde principios del Imperio. Suetonio (*De vita Caesarum*, II, 87) nos informa que el mismo Emperador Augusto decía *simus*, en vez de *sumus*. Y el gramático Mario Victorino (Keil 1874:9) declara «Messala, Brutus, Agrippa pro sumus simus scripserunt». Parece, sin embargo, bastante más probable que el *semos* del bable represente no una continuación de una peculiaridad de pronunciación de ciertos romanos,¹ sino más bien el resultado normal de la primera persona de plural del verbo SEDERE. Sea como sea, la misma forma existe también en muchas variedades rústicas del español de América. Pueden haber actuado múltiples causas para allanar una irregularidad única en la conjugación: un solo verbo en *-omos* frente a todos aquellos en *-amos, -emos, -imos*.

En el griego antiguo se podía formar un verbo sobre una raíz nominal por medio de un sufijo en forma de una vocal alta anterior seguida de las desinencias verbales. Cuando esa vocal, convertida

en semiconsonante, seguía a una oclusiva velar o dental, asibilaba la consonante y se absorbía en ella, algo muy semejante a lo que en la gramática histórica castellana llamamos la primera yod. Casi cualquier vocal o diptongo podía preceder a la consonante afectada, pero el hecho es que *-i-* predominaba. En segundo lugar iba *-a-*. Es decir, se acuñaron muchísimos verbos en *-izo* y *-azo*, además de otros muchos con otras vocales y diptongos. Con el tiempo los hablantes comenzaron a interpretar ese segmento no como parte del tema verbal sino como parte de la desinencia. Así adquirió una vida productiva independiente.

El latín preliterario no poseía un fonema sibilante sonoro. Por consiguiente los primeros verbos griegos en *-izo* que pasaron al latín fueron adaptados con una *-ss*. Con el tiempo los romanos más cultos aprendieron a pronunciar un sonido semejante a la zeta griega, y el latín entonces formó muchos verbos in *-IZARE*. Sin embargo, la zeta todavía resultaba difícil para mucha gente. Como la *-D-* latina delante de yod había adquirido una pronunciación semejante a la *-Z-*, muchos verbos entraron al latín con la terminación *-IDIARE*. Las lenguas romances reflejan esa doble transmisión del extranjerismo con dos juegos de préstamos. El italiano tiene unos verbos en *-izzare* y otros en *-eggiare*; el francés ofrece *-iser* al lado de *-oyer*.

Este sufijo se ha comportado de una manera análoga al llamado sufijo «incoativo» en *-SK-*. Es decir, ha sido tan productivo y se ha integrado en el sistema verbal hasta tal punto que en algunos dialectos románicos ha pasado de ser un sufijo puramente derivacional a constituir un elemento inflexional. El sufijo en *-SK-* ya forma parte integral de las desinencias de una gran subclase de verbos de la antigua 4ª conjugación en rumano, italiano, retorrománico, francés y occitano. Pero en la Península Ibérica sólo el catalán ha dado ese paso. Las demás lenguas peninsulares siguen restringiéndolo a su función derivacional, aunque hay algunos indicios de que el castellano del siglo XIII experimentó con atribuirle un valor inflexional sólo para rechazar la idea. Es decir, durante un breve lapso deben haber existido algunos verbos que empleaban el sufijo sólo en determinadas formas del paradigma. El infinitivo que

correspondía a esp. ant. *amanesçe* era *amanir*. La persistencia en el español actual del sustantivo *guarida* atestigua el vigor de *guarir* frente a *guarecer*.

Ahora bien, el sufijo grecolatino en -IZ- ha adquirido un valor inflexional en rumano y en ciertos dialectos italianos. En rumano la gran mayoría de los verbos de la primera conjugación, y los neologismos casi sin excepción, se conjugan utilizando el sufijo sólo en determinadas formas. Por ejemplo, el verbo *a lucra*, cognado con el verbo castellano *lograr*, pero con el sentido de ‘trabajar’, se conjuga así en el presente de indicativo: *lucrez, lucrezi, lucrează, lucrăm, lucrați, lucrează*. El sufijo vuelve a aparecer en las mismas cuatro personas del presente de subjuntivo, pero no figura para nada en el resto del paradigma. El rumano ha mantenido una forma del sufijo muy fiel al antecedente griego, pero a juzgar por el desgaste fonético del segmento en los dialectos italianos donde se da, tuvo allí su forma más adaptada a la fonología del latín arcaico.

Tanto en asturiano como en castellano observamos una doble transmisión, una que podríamos llamar semierudita (en -izar) y otra de carácter más popular (en -ear). Ambos sufijos han alcanzado con el tiempo una productividad avasalladora en los romances. Los verbos creados con la forma popular del sufijo, junto con otros verbos en -ear de diversas procedencias, han experimentado alguna confluencia con los verbos en -iar (Neira Martínez 1973, 1976; García Arias 1974:105; Díaz González 1986:56-57).

Evidentemente la categoría gramatical del aspecto verbal desempeñaba una función importantísima en indoeuropeo. Se distinguía nítidamente entre acciones puntuales o perfectivas de una parte y acciones durativas, imperfectas o continuas de otra. Se ha conservado ese contraste muy extensamente en eslavo y en griego. En griego moderno, por ejemplo, los verbos tienen dos temas de presente. Generalmente guardan alguna semejanza entre sí, y el tema perfectivo parece haberse derivado del tema imperfectivo por medio de algún proceso de alteración consonántica, pero a veces los dos temas tienen raíces completamente diferentes. Ejemplo de lo primero sería el verbo ‘escribir’, cuyo tema imperfectivo

es *graph-*, mientras que el tema perfectivo es *graps-*. Para expresar la idea contenida en la expresión ‘Quiero escribir’, en el sentido de ‘Quiero ser escritor’ se dice ‘thelo na grapho’, pero ‘Quiero escribir una carta’ es ‘thelo na grapso ena gramma’. El verbo ‘comer’ es del tipo que tiene dos raíces. ‘Quiero comer aquí’ tiene dos traducciones según si es una vez, ‘thelo na fao edo’, o habitualmente, ‘thelo na troo edo’.

Ahora bien, el latín mantenía una distinción entre dos sistemas, pero estableció más correlación entre el aspecto y el tiempo. El presente, el imperfecto y el futuro se formaban sobre el antiguo tema imperfectivo: *DĪCO, DĪCĒBAM, DĪCAM*, mientras que el perfecto, el pluscuamperfecto y el antefuturo se formaban sobre el tema perfectivo: *DĪXĪ, DĪXERAM, DĪXERŌ*, etc.

El pluscuamperfecto en latín se usaba para expresar que la acción verbal se había completado antes de un punto de referencia en el pasado y cuyos efectos perduraban todavía en ese momento. Pero el perfecto latino no relacionaba necesariamente la perfección de la acción verbal indicada en el presente. Sin embargo, existía ya en el latín republicano una perífrasis verbal para indicar que esa actividad persistía y tenía particular relevancia para el momento del enunciado. Inicialmente esta posibilidad se explotaba sobre todo con verbos en el ámbito semántico de actividades mentales. Se decía, por ejemplo, *COGNITUM, EXPLORĀTUM, CONSTITŪTUM, DELIBERĀTUM HABEŌ* en vez de *COGNŌVĪ, EXPLORĀVĪ, CONSTITUĪ, DELIBERĀVĪ*, pero con el contraste aspectual aludido. El mismo tipo de perífrasis era posible cuando se trataba de un complemento directo que podía construirse con el verbo *HABEŌ*, u otros auxiliares como *TENEŌ*, y con un participio perfectivo. César, por ejemplo, podía escribir: *Idem facit Caesar, equitatumque omnem, ad numerum quattuor milium, quem ex omni provincia et Aeduis atque eorum sociis coactum habebat, praemittit, qui videant quas in partes hostes iter faciant.* (*Bell. Gall.*, 1, 15, 1). En el latín tardío se incrementó notablemente la frecuencia de tales circunlocuciones. Urbat (1890:50-52) cita varios ejemplos extraídos de la *Historia francorum* de Gregorio de Tours.

La mayoría de los romances, como el castellano, convirtieron el perfecto en simple aoristo, pero conservando intacto el contraste entre un imperfectivo: *cantaba* y un perfectivo: *canté*, y ampliaron el empleo de los nuevos perfectivos analíticos: port. *tenho cantado*, esp. *he cantado*, fr. *j'ai chanté*, it. *ho cantato*, rum. *am cântat*. En iberorromance estos nuevos perfectos han conservado la referencia implícita al momento del habla, pero en el francés, el italiano y el rumano, se han convertido en meros aoristos, repitiendo el ciclo. Inclusive, en francés y en el rumano estándar, el perfecto simple existe sólo como una forma literaria fosilizada.

Los bablehablantes, por el contrario, parecen no haber sentido tan hondamente la necesidad de inventar nuevos paradigmas analíticos. *Cantóu* puede significar tanto 'cantó' como 'ha cantado'; mientras que *cantara* sigue con su antiguo valor latino de pluscuamperfecto. Claro, la forma correspondiente puede desempeñar la misma función en castellano, pero tiene un fuerte resabio de pedantería y sólo se usa en los estilos más artificiosos. Una innovación excepcional consiste en un desarrollo peculiar de la perífrasis *hubiere* + «participio pasado» (Martínez Alvarez, 1973).

Los pretéritos ofrecen varios detalles de interés, sobre todo si los consideramos desde un punto de vista comparativo. La primera persona de singular de los perfectos latinos acababan en una -I-. Los verbos que ampliaban la raíz agregándole una vocal característica de la clase conjugacional para formar el tema del perfecto exhibían lo que llamamos perfectos débiles, es decir, acentuaban siempre la desinencia, y no la raíz. Para la primera conjugación el iberorrománico (y aquí no incluyo el catalán), al parecer trató la primera y la tercera personas de maneras diferentes. En la primera persona CANTĀVĪ, sincopó la semiconsonante -u- para producir o *cantēi* o *canté*, mientras que en CANTĀVIT, elidió la -I-, llegando a *cantóu* o *cantó*. En castellano se han fusionado la segunda y la tercera conjugaciones débiles en el pretérito. *Comer* se conjuga de la misma manera que *vivir*. Pero algunos bables de la zona central mantienen un contraste semejante al que se observa en portugués. Donde el portugués tiene *rompeu*, *dormiu*, el bable del Cabu Peñes, según el testimonio de Carmen Díaz Castañón

(1966:212), ofrece *rompeu*, *dormiú*. El habla de Llena y otros bables de la zona central meridional, en cambio, han fundido ambas desinencias, eliminando la semiconsonante: *comú*, *morru*, *golvu*, *oyú* (Neira Martínez 1955:59).

El plural del definido en muchos bables tiene o como únicas formas o como variantes, formas con semiconsonante semejantes a las que prevalecían en el castellano alfonsí: *escribemos*, *escribieses*, *escribieron*. A lo mejor esto representa una extensión analógica de la semiconsonante de la tercera persona de singular, innovación que arraigó en muchos bables pero que había desaparecido ya en el castellano clásico.

Últimamente me he interesado por un fenómeno que se nota bastante en el aragonés. Las normas ya del latín clásico permitían elidir la *u* de los perfectos, de manera que se escribía lo mismo DORMIT que DORMIVIT. Inclusive hay quienes afirman que la forma corta no es una abreviatura de la larga, sino la forma original que fue desplazada por la forma -U- en el sur de Italia y en la Península Ibérica (Bonfante 1941). El hecho es que la tercera persona de singular en rumano, italiano estándar, francés y catalán termina en -í.

Ahora, en el *Liber Regum*, texto altoaragonés de principios del siglo XIII, esa forma es en -ié: *él murié*, *él vencié*, *él nacié*, *él bebié*, etc. Formas análogas fueron recogidas por Alwin Kuhn en los años treinta y por Manuel Alvar y otros en los años cuarenta y cincuenta. Era un rasgo en vías de desaparición, y no sé si todavía se puede oír en boca de algún habitante del Campo de Jaca.

He buscado, hasta ahora en vano, alguna mención de formas paralelas en bable. En la monografía de Ángel Fernández González (1959) sobre el habla de Oseya de Sayambre, que es esencialmente un bable, a pesar de estar situada en la provincia de León, hay una alusión fugitiva a definidos en -í para la conjugación en -er (se cita *espardí* como variante que compite con *espardiú*: Fernández González 1959:63), pero luego unos párrafos después (p. 64) el autor afirma que dicha forma en la tercera conjugación termina invariablemente en -iú. Acaso se trata de algún error de cajista. Semejante contradicción aparece en los paradigmas aducidos por

Neira Martínez (1955:59), con las formas *dormí* y *comí* para la tercera persona, seguidas por la observación de que la nota más característica del dialecto es la reducción *-ió* > *-ú*.

Los pretéritos fuertes en bable se comportan más como el portugués que como el castellano en cuanto a la generalización de vocales cerradas por metafonía. Es decir, la tercera persona de singular a menudo mantiene la vocal no metafonética, estableciendo así un contraste entre el vocalismo de la primera y la tercera persona: *fiše* vs. *fešo*, *punše* vs. *ponšo*; *fui* vs. *foi* (Neira Martínez 1955:60-61). Algunos dialectos son menos consecuentes que el habla de Llena en este respecto: Bimenes exhibe una alternancia entre *punšo* y *ponšo* y ofrece *júe* como forma única. Sin embargo, concuerda con Llena en presentar un paradigma interesantísimo para el verbo *traer* (García Álvarez 1960:421). En la tercera persona tiene *trešo*, con metafonía simple inducida por la vocalización de la velar en el grupo -KS-, pero en la primera persona *triše* la vocal radical manifiesta el efecto de una segunda metafonía condicionada por la -Ī. A diferencia de Bimenes y Llena, el Cabu Peñes ha nivelado el paradigma, usando o *trišo* o *trušo* (Díaz Castañón 1966:213).

De este somero examen de algunos de los fenómenos más llamativos de la conjugación bable podemos concluir que en general los dialectos asturianos manifiestan un notable conservadurismo, como era de esperar en una zona que ha mantenido una tradición lingüística durante un período multisecular sin grandes dislocaciones demográficas. Sin embargo, hay ciertas innovaciones peculiares de la región que atestiguan su poder creativo en la expresión lingüística.

REFERENCIAS

- Academia de la Llingua Asturiana. *Conxugación de verbos asturianos*. Uviéu: ALLA.
- Bonfante, Giuliano. 1941. The Latin and Romance Weak Perfect. *Lg.* 17:201-211.
- Canellada, María Josefa. 1944. *El bable de Cabranes* (= RFE, Anejo 31). Madrid: CSIC.
- Díaz Castañón, Carmen. 1966. *El bable de «El Cabo Peñas»*. Uviéu: Instituto de Estudios Asturianos.
- Díaz González, Olga Josefina. 1986. *El habla de Candamo*. Uviéu: Universidad de Uviéu.
- Fernández González, Ángel R. 1959. *El habla y la cultura popular de Oseja de Sajambre*. Uviéu: Instituto de Estudios Asturianos.
- García Álvarez, M^a T. Cristina. 1960. Morfología verbal en el bable de Bimenes. *AO* 10:405-24.
- García Arias, José Luis. 1974. *El habla de Teberga: sincronía y diacronía* (= AO, 24). Uviéu: Universidad de Uviéu.
- Keil, Heinrich. 1874. *Grammatici latini*. Tomo 6. Leipzig: Teubner.
- Martínez Álvarez, Josefina. 1973. Las formas compuestas en el verbo del bable central. *AO* 23:299-317.
- Neira Martínez, Jesús. 1955. *El habla de Lena*. Uviéu: Instituto de Estudios Asturianos.
- Neira Martínez, Jesús. 1973. Las alternancias acentuales de los verbos en *-iar*. *AO* 23:135-47.
- Neira Martínez, Jesús. 1976. Esquemas acentuales e interferencias entre los verbos en *-eary* y los en *-iar*. *AO* 26:169-192. Reimp. en Neira Martínez 1982:139-161.
- Rodríguez-Castellano, Lorenzo. 1954. *Aspectos del bable occidental*. Uviéu: Instituto de Estudios Asturianos.
- Urbatt, Otto August Richard. 1890. *Beiträge zu einer Darstellung der romanischen Elemente im Latein der Historia Francorum des Gregor v. Tours*. Königsberg i. P.: Schenk y Schadlofsky.

La espulsión na melecina popular asturiana (Semioloxía y simboloxía)¹

JOAQUÍN FERNÁNDEZ GARCÍA

I. Introducción: La enfermedá y les sos causes

La melecina popular asturiana ye un tema que yá foi estudiáu por munchos; yo mesmu-y dediqué dalgunos años pa facer la mio tesis doctoral en Melecina², ná menos que diez. Convencíme entón cenés de que yera un asuntu mal enfocáu en munches ocasiones y sobre too que, pa entendelu, había que metese en bastantes complicaciones; porque la idea que se tien de la melecina popular ye mui probe. La mayoría de los qu'escribioren y parlloren d'ella nun fixoren otra cosa que cuntamos les coses rares que facien los antiguos, ensin damos más esplicaciones. Eso ta bien, pero abúltamos que pa rematar esti asuntu hai que dir más acullá y buscar dalgunas esplicaciones porque, tal y comu mos lo contoren, paez que los asturianos antiguos taben llocos y les coses pámique nun son asina, y que too tien el so porqué.

Ye sabío que, tanto n'Asturies comu en tol mundu, la melecina popular ye una parte sustanciosa de la cultura y les creencies d'un

pueblu y pa entendela hai qu'estudiar abondo y con muncha maña coses que paez que nun tán rellacionaes y que vaya si lo tán. Pa encomenciariar, nun queda otu remedi u que saber qué entendien los antepasaos por enfermedá y, una vez sabío, cómo intentaben curala. Yá va munchos años que dalgunos tán empuestos nesti camín^{3, 4, 5, 6, 7}. Según ellos, nun ye posible estudiar esti asuntu ensin saber qué idees tenien sobre'l mundu, Dios, el so cuerpu y les rellaciones de vecindá. Comu ellos bien dicen, la Cosmoloxía, l'Antropoloxía y la Socioloxía populares son l'encontu más seguru p'aclaralo too. La custión ta en saber qué entendien por maldá los antiguos, porque les enfermedaes nun yeren otra cosa que la «maldá» y la «mondicia» que se metien en cuerpu; y los remedios qu'usa-

¹ Esti escritu ta pasáu al bable ayeranu pol mesmu autor.

² Fernández García, J.: *La Medicina Popular y religiosa en Asturias (Estudio histórico y etnológico)*. Tesis Doctoral Universidad d'Uviéu. Uviéu.

³ Laín Entralgo, P.: «La curación por la palabra». *Revista de Occidente*. Madrid, 1958.

⁴ Gil, L.: *Therapeia. La Medicina popular en el mundo clásico*. Edit. Guadarrama. Madrid, 1969.

⁵ Mariño Ferro, X.R.: *Satán, sus siervas, las brujas y la religión del Mal*. Edit. Xerais. Vigo, 1984.

⁶ Mariño Ferro, X.R.: *La Medicina popular interpretada*. 2 vols. Edit. Xerais. Vigo, 1986.

⁷ Ackernecht, E.H.: *Medicina y Antropología Social*. Cap. VIII: «Diagnóstico y tratamientos naturales y sobrenaturales», p. 139-166. Akal Universitaria. Madrid, 1985.

ben pa curar les enfermedaes sólo buscaben eso, echar fuera, espulsar aquella maldá.

María Cátedra Tomás fexo unos estudios ente los vaqueiros d'alzada que nun hai quien los ameyore ^{8, 9, 10, 11, 12}. Nellos, depués de parllar con munchos vaqueiros vieyos y ver lo que pensaben, llegó a dexar claro qué entendíen éstos por salú y enfermedá. Nosotros fiximos lo mesmo n'Ayer, y llegamos a les mesmes conclusiones. Vamos resumiles.

1. La idea popular d'enfermedá

Esti mundu ta mui bien organizáu y ordenáu y pa que les coses vayan bien too tien que tar en so sitiú. En cuanto les coses se salen del sitiú too encomencia a dir mal. La enfermedá nun ye otro qu'eso. Vamos velo.

1.1. Mundu y enfermedá: lo «bono» y lo malo.

Los vieyos, los asturianos de va muchos años, siempre vivieren nel so pueblu y nel so valle, ensin salir má que lo preciso; el so mundu yera mui pequenu, y amás de pequenu bien ordenáu. Ellos sabíen bien qué yera bono y qué yera malo y teníenlo too clasifi-

⁸ Cátedra Tomás, M.: «Notas sobre un pueblo marginado: los Vaqueiros de Alzada (Ecología de Braña y aldea)». *Revista de Estudios Sociales*, 6: 139-164. Madrid, 1972.

⁹ Cátedra Tomás, M.: «Notas sobre la envidia: los malos ojos entre los vaqueiros de alzada». En: *Temas de Antropología española*; op. cit. pp. 9-48. 1976.

¹⁰ Cátedra Tomás, M.: «Bendito y Maldito: categorías de clasificación en el universo vaqueiro». *Los Cuadernos del Norte VII*, 35: 70-85. Uviéu, 1986.

¹¹ Cátedra Tomás, M.: *El cuerpo es un sistema*, Jano XXX, 717: 8-24. Barcelona, 1986.

¹² Cátedra Tomás, M.: *La muerte y otros mundos*, Júcar Universidad. Madrid, 1988.

¹³ Blanco García, M.: *Estudio jurídico de la sociedad familiar asturiana*. Uviéu, 1957.

cao: los llugares, el tiempu, les persones, los reses, les alimañes, les yerbes: too taba bien asitiao na so calamaya ^{13, 14}.

La enfermedá vien cuando lo que ye malo se mete en cuerpu y los paisanos tienen munchu mieu a eso, porque «les enfermedaes sábese cuando entren, pero nunca cuando salen»; y puen entrar per muchos sitios: pela boca, pela pelleya, pel eire.

a) Enfermedaes qu'entren pela boca

En Galicia piensen lo mesmo que nós. A la mondicia qu'entra pela boca llámen-y «mal de boquéu» y creen que son los malos que s'escuenden na comida y na bebida.

Yo tengo visto y apunto munches coses n'Asturies que faen pensar no mesmo. N'Escoyo (Vega, Ayer) enantes de comer hai que dicir esto:

*Jesucristo, Rey Divino
aquel que nació en Belén
mos bendiga la cumía
y a nosotros tamién.*¹⁵

Nel mesmu sitiú, pa comer el pan, tien que facer el padre enriba d'ello una cruz cola navaya enantes de cortalo y dalo; y los panes del «remu'l día'l patrón» tienen cuasi toos fecha una cruz.

Y quien diz n'Escoyo diz en cualquier llugar d'Asturies. Y si non, qu-yos entruquen a los vieyos de Sardaya (Ribesella) por qué dicíen esto enantes de beber nuna fonte:

*Periquí pasó la Virxen
periquí volvió a pasar...
si esta me ficiera dañu
que la güelva a gomitar.*¹⁶

¹⁴ Cátedra Tomás, M.: *La muerte y otros mundos*, Op. cit. Cap. I. «La enfermedad», pp. 39-153.

¹⁵ Jesús Fernández Tuñón. 81 años. Escoyo. Vega (Ayer). Añu 1988.

¹⁶ Cabal, C.: *La Mitología Asturiana*. Op. cit. pág. 588.

O, pa terminar, lo que facíen los pastores el día de San Bartolomé nel Oriente d'Asturies, cuando asaben mazanes y dicíen que taben quemando les bruxes pa dempués comeles¹⁷.

Taba claro, la enfermedá escondida ente la comida y la bebida podía metese en cuerpu.

b) Enfermedaes qu'entren pela pelleya

En mio pueblu atormentáronme dende pequeñu coles gafures: «nun te sientes ahí, que ta llenu de gafures»; «nun t'eches acullá sin poner la chaqueta debaxo, que va mordete una gafura»; y por más qu'amiraba yo nun vía ná. Yá de mayorín, gustóme mucho esti poema de F. González Prieto publicáu en Xixón en 1921, porque m'aclaró munches coses que me pasoren y pa les que mio padre y mio güelu siempre teníen la mesma esplicación: «convéncete rapaz, convéncete, son les gafures; nun se ven, pero tán perende».

Les gafeces

*Hai que fuxir d'afechu, non písales
que les gafeces ¡mialma! son dañibles
y convién que se fagan los pusibles
pa non veles siquiera nin topales.
Les mordedures d'elles son mortales,
pos noculen venenu, vengatibles,
y reparaes bien son perhorribles
que sembulicen los mayores males.
Cuélebres, basiliscos, gusarapos,
escalamuerzos, chinches, mosques, sapos,
llegarteses, babosos, rates, fieres,
calaburnios, llangostes, saltapraos,
arañes, cucarachas y llimiaos,
víbores, escorpiones, sacaveres¹⁸.*

¹⁷ Cabal, C.: Idem., pp. 501-504.

¹⁸ *Gran Enciclopedia Asturiana*. Op. cit. «GAFURA», tomu 7, p. 135.

c) Males qu'entren pel aire.

Hai munches coses que suelten mondicia al eire; mondicia que pue enfermar y hasta matar. Yo tengo oyíu d'estes: «les muyeres cola comenencia y les embaranciaes, la gallina yueza, el sepu, el tupu, les llagarteses, el nozal, los cruces de camín, el monte, les llamargues, la mar y los defuntos»¹⁹.

Tengo entendíu qu'en Boal, cuando morría dalguién, encarbaben el ganáu monte arriba pa que nun-yos diere mal.²⁰ Y en mio pueblu, munches veces, cuando daquién se pon malu, dicen: «a isi dio-y un mal eire».

1.2. Cuerpu y enfermedá: les enfermedaes d'afuera y les enfermedaes d'adientru

Ta claro que nesti mundu ta too n'orden mientres nun se desigua; el cuerpu del home, les muyeres y los guañes ye un exemplu más: Los paisanos, fartucos d'esfoyar reses saben cómo ye'l cuerpu tanto per dientru comu per de fuera. Sobre too del gochu, que coren tolos años pal samartín. Yá lo diz el refrán: «Si quies conocer el to cuirpu, mírate nel del puircu»²¹.

Asina ye qu'ellos, a la so manera, dicíen qu'hai dos clases d'enfermedaes, les enfermedaes d'afuera y les enfermedaes d'adientru.

Les enfermedaes d'afuera aporten cuando daqué se sal del so siti y pue iguase dende fuera; llámenles de munches maneres pero les más importantes son «tar relayéu», «tar abiirtu del pechu» y «tar abiirtu d'espaldes». Estes enfermedaes son mui propies de xente nuevo, cuando principien a trabayar en llabores duros comu la yerba. Nesi momentu los vieyos nun faen más que dar consejos: «hai que trabayar curioso», «vas relayate como sigas así», «val más

¹⁹ Marino Ferro, X.R.: *La Medicina popular interpretada* II. Op. cit., pp. 17-30.

²⁰ Cabal, C.: *La Mitología Asturiana*, Op. cit., p. 499.

²¹ Juan Antonio García Pérez. 92 años. Cuevas, Entepenas (Ayer).

coyón senu que valiente relayéu (o arreventéu)», «más suave, home, que vas abrite».

Les enfermedaes d'adientru son otu cantar, porque son les más peligroses y les más difíciles d'echar fuera: nel arca tán metíos los órganos más importantes: corazón, pulmones, estómadu, fégados cola vexiga'l fiel, bazu y tripes. Pero nun ye sólo eso, porque les enfermedaes puen ser machu o fema y éstes son les peores, ataquen con más fuerza y puen matar n'hores o díes. Los mesmo-yos pasa a les enfermedaes de la parte izquierda del cuerpu, que son peores que les de la derecha. Y asina comu les enfermedaes d'afuera puen iguase con más facilidá y un bon «curiusu» o un bon «curandiru» puen iguar al que ta malu, les d'adientru maten si nun se garren a tiempu. Con estes enfermedaes ye coles que ye precisu tener muchos remedios espulsivos²². El cuerpu ye una máquina bien fecha; la parte d'afuera ta bien iguada pero pue abrise o relayase; la parte d'adientru ye la más delicada, comu se pique, muerde segura.

1.3. Rellaciones de vecindá y enfermedá

La envidia siempre foi causa d'enfermedá ente muncha xente y Asturies nun ye esceición; la envidia de los malos güeyos ye una

²² Etelvina García Suárez. 78 años. Cabanaquinta (Ayer). Senti-y esta frase: «Casóse y estrozóse. Pintó-y mal el matrimonio».

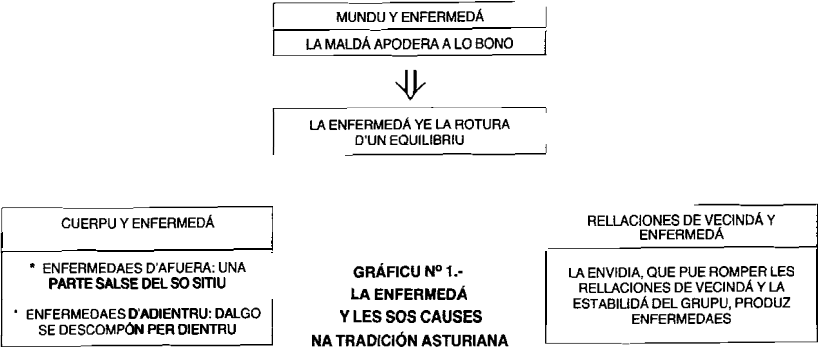
enfermedá asesina: azafranó a munchos rapazos y a munchu ganáu

La envidia ye mui mala consejera cuandu tol mundu ye igual. L'home tien que trabayar y esforzase pa ser más o menos comu tolos vecinos y los homes nun suelen ser envidiosos; ellos trabayen pa nun ser menos que los demás, tengan más o menos suerte: la mala ye la envidia de les muyeres, ye la que pue producir enfermedá cuandu queden arremellaes mirando lo que quieren y nun tienen; eso sí ye peligroso sobre too si la muyer ye vieya, fea, «ta engarabillía» o cola comenencia. Entós ye cuandu llega lo peor: l'engüeyamientu y la muerte si nun s'anda a tiempu; y asina y too, nun ye segura la salvación.

Pa remediar l'agüeyamientu, pa chalu fuera, tamién son necesarios remedios espulsivos que lu saquen dafechu.²³

Pa dexalo too dicho: les enfermedaes de guañes, homes, muyeres y reses nun son otro que too puesto pates arriba. El mundu, tan ordenáu y tan recoyetáu, tien coses bones y males; si les coses males se meten en cuerpu, póneste malu y pa curate tienes que chales fuera. El cuerpu ta tamién mui bien fechu: si s'estropia per d'afuera nun hai más remedi u qu'amañalu y si s'estropia per de dientru hai qu'arreglase comu sea pa echar tola mondicia fuera. Y nun pue escaecese que la peor modicia que pue metese en cuerpu pue venir d'unos «güeyos malos». Con esti gráficu pue quedar too más claro.

²³ Cátedra Tomás, M.; Sanmartín, R.: *Vaqueiros y pescadores. Dos modos de vida*. Pp. 9-93. Edit. Akal. Madrid, 1979.



2. La espulsión na melecina popular asturiana

Pa espulsar les enfermedaes tienen que dase delles circunstancies, lo que los entendíos llamen *ritual d'espulsión*.

La primera condición ye que tien qu'haber una persona que lo faiga, que puea vencer tolos males, seya cura, ensalmador, saludador o, cenciellamente, «curandiru». La segunda condición ye qu'ha facese en llugar apropiáu; la tercera qu'hai que tar seguros si ye'l momentu precisu; la cuarta facelo comu Dios manda pa que valga y la quinta y última, a los males hai qu'echalos pa un llugar seguru, pa que nun vuelvan. Nosotros vamos preocupamos equí, sobre too, de los remedios espulsivos pero paeznos que ya necesario parllar de toles circunstancies señales.

2.1. El curanderu y los sos poderes

La enfermedá supón el mal dientru'l cuerpu, ye una especie de diañu que mos apodera y qu'hai qu'echar fuera. La persona encargada d'esto tien que tener «poer»; y el «poer» vien direutamente de Dios o indireutamente gracies a seres sagrados comu la Virxen, los ángeles o los santos, que faen de mediadores.

Na tradición médica popular asturiana los curanderos son xente arrimao a Dios y a los mediadores. Pa probalo, nun hai más que peñerar dalgún ensalmu. Nel conceyu d'Allande recitábase ésti, contra'l mal de güeyu:

*En nombre de Dios
y de Nuestra Señora
dos t'enollaron
y un corazón malo.
El Señor San Pedro
San Pablo y San Andrés
son hermanos todos tres
Jesucristo los crió
y a tí te desenolló.*²⁴

²⁴ Cabal, C.: *La Mitología Asturiana*. Op. cit. p. 35.

Y por si fuera poco, pa ver d'ónde venía'l poder al «curandiru» asturianu, nun fai falta má qu'alcordase d'esti ensalmu «d'alcuintru».

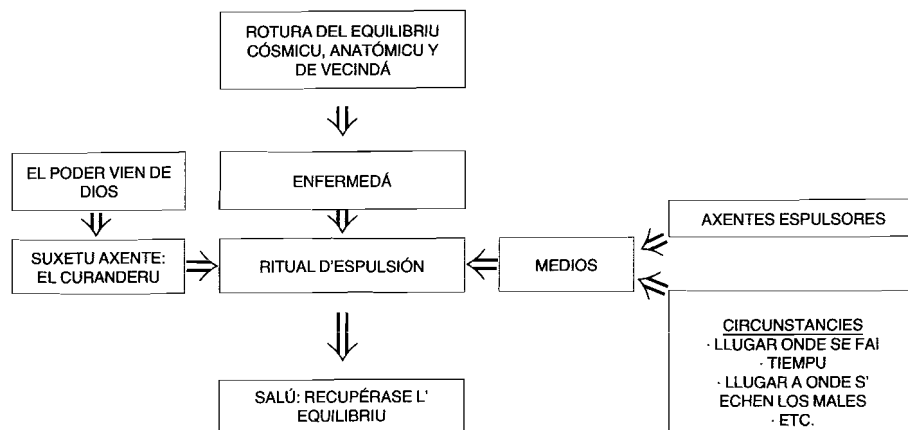
*Lázaro en el monte está
dando voces de agonía
y la Virgen bien le oía.
— ¿Qué hace ahí Lázaro?
Estoy aquí decípola y decípela
(percebún y culebrún)
que aquí me abraso
— Lázaro vete a tu casa
y en una escudilla de fresnal
echarás agua de fuente prial,
tres silbas de un silbador,
tres ortigas de un ortigal
y tres arenitas de sal;
mojarás con esto tus llagas
y así quedarán sanas y salvas.*²⁵

Tolos curanderos llexítimos tán d'alcuertu nuna cosa; el so poder vien de Dios y pa probalo basta ver les xirigoncies que facien y comu diben revistíos a veces: yera lo más asomeyao a una ceremonia relixosa. Y el «curandiru» más llexítimu na tradición asturiana, comu yera'l saludador, taba predestináu desque so madre taba embarazada y nacía con figures na boca y na llingua, que probaben l'orixen divinu de los sos poderes. Claro qu'habría muncho que discutir y parllar sobre la estremadura ente «curandiru» y bruxu y curandera y bruxa, pero agora nun podemos.²⁶

Col cristianismu, el cura convirtióse nel «curandiru» más impor-

²⁵ Castañón, L.: *Supersticiones y creencias de Asturias*. Op. cit. p. 62-64.

²⁶ Mariño Ferro, X.r.: *La Medicina popular interpretada*. II. Pp. 174-193.



GRÁFICU N° 2.- LES ENFERMEDAES Y LOS SOS REMEDIOS

tante y el que quiera probalo que repase los llibros sagraos de los ritos cristianos; sobre too los *Rituale Toletanum* y *Rituales Romanum*. Y convién acordase que los meyores ensalmadores qu'hubo n'Asturies yeren cures.

2.2. La espulsión

Pa que nun mos perdamos ye conveniente fixase nel gráficu n° 2, porque poco a poco, ensin damos cuenta y dempués d'esti discursu yá tamos llegando al asuntu que mos trexo equí. Pero nun convién precipitase y hai que seguir diendo poco a poco.

2.2.1. Llugar o sitiú onde se facía la espulsión.

Cualquier sitiú o llugar podía ser bonu; lo más corriente ye que'l ritu d'espulsión se ficiera en casa del enfermu pero tenemos documentación de que se facía tamién n'otros sitios comu: los cruces de caminos, pontes, fontes o ilesies. Diciéndolo d'otra manera, los

lugares onde se facía la espulsión yeren estos: lugares malélicos (cruces de caminos, pontes) y lugares sagraos (llar, ilesia, santuariu, fonte). Nos primeros la mondicia quedaría cola mondicia; nos segundos los poderes sagrados apoderaríen al mal²⁷.

2.2.2. Tiempu o momentu meyor pa facer el ritu d'espulsión.

Cualquier día y hora puen ser bonos pa facer un ritu d'espulsión. En Galicia había hores bones (meudía) y males (medianueche). Nun pudimos comprobar esto n'Asturies²⁸ y, anque na nuesa tradición hai día de bona suerte y mala suerte, tampocu nun pudimos comprobar qu'ello influyere nel meyor o peor momentu pa la espulsión.

El calendariu cristianu y les feches de pelegrinación y romería marquen n'actualidá'l tiempu o momentu meyor pal ritu espulsi-vu.

²⁷ Cabal, C.: *La Mitología Asturiana*. Op. cit. pp. 401-598.

²⁸ Lis Quiben, V.: *La Medicina popular en Galicia*. Op. cit. p. 44.

2.2.3. *Otres circunstancies.*

La oración ye un elementu común a la mayoría de los ensalmos asturianos. Comu estribiyu recítense en munchos l’Ave María, el Credo y xaculatories. En Foyeo (Navia) pa curar «el mal del filo» rezábase asina:

*El mal del filo te corto
ya'l mal del filo te paso
en el nombre del Padre, del Hijo
y del Espíritu Santo*²⁹.

Nun mos paez que l’ayunu tuviese importancia peles noticies que tenemos³⁰. Pero'l silenciu sí; pa curar «los ingalios» o ruindá postrera de los nenos los que diben col nenu al cruce del camín nun podíen parllar y teníen que colar cola boca zarrada.

2.2.4. *Los axentes espulsores*

Pa tener una idea completa de los axentes espulsores ye conveniente echa-y una güeyada al gráficu n° 3. Un antropólogu gallegu, citáu yá unes cuantes veces, foi'l que meyor estudió esti asuntu. Gracias a elli pue interpretase culturalmente cualquier cosa utilizada na melecina popular asturiana pa espulsar les enfermedaes. Tamos refiriéndonos a X.R. Mariño Ferro. L’ordenamientu que fai esti autor de tolos materiales etnográficos conocíos afítase nel conceutu de llucha escontra la maldá y la mondicia. Asina, fai dos gabielles de remedios que queden clasificaos d’esta manera: per un llau los que puen xuncise so la idea de coses sagraes y les cualidaes de lo bono; per otu llau, aquellos que tán rellacionaos colos antídotos y les armes. Vamos repasalos ún per ún.

²⁹ Castañón, L.: *Supersticiones y creencias de Asturias*. Op. cit. p. 55.

³⁰ Junceda Avello, E.: *Medicina popular en Asturias*. Op. cit. p. 202.

2.2.4.1. *Les coses sagraes y les cualidaes de lo bono*

2.2.4.1.1. *Les coses sagraes*

Hai munches coses sagraes pa char fuera la enfermedá, toes elles documentaes na tradición asturiana.

a) *La Cruz*

Yá lo diximos: la fuerza principal pa espulsar la enfermedá vien de Dios y la Cruz ye'l símbolu de Xesús, fiyu de Dios. El «curandiru» ye cuasi siempre un «persinaor» que fai cruces, coles manes seques o moyando los deos nel remediú, pa ponelos depués na parte mala. Los saludadores asturianos aconsejaben pal dolor de muelas poner fueyes d’aurel so la planta'l pie en cruz; y pa cuando se desigualaba un xuegu, mandaben poner xabú en forma de cruz enriba d’él.³¹

La piedra de San Pedru, que ye d’andalucita y cristaliza en forma de cruz, usábase nel Occidente d’Asturies pa tolos maleficios³².

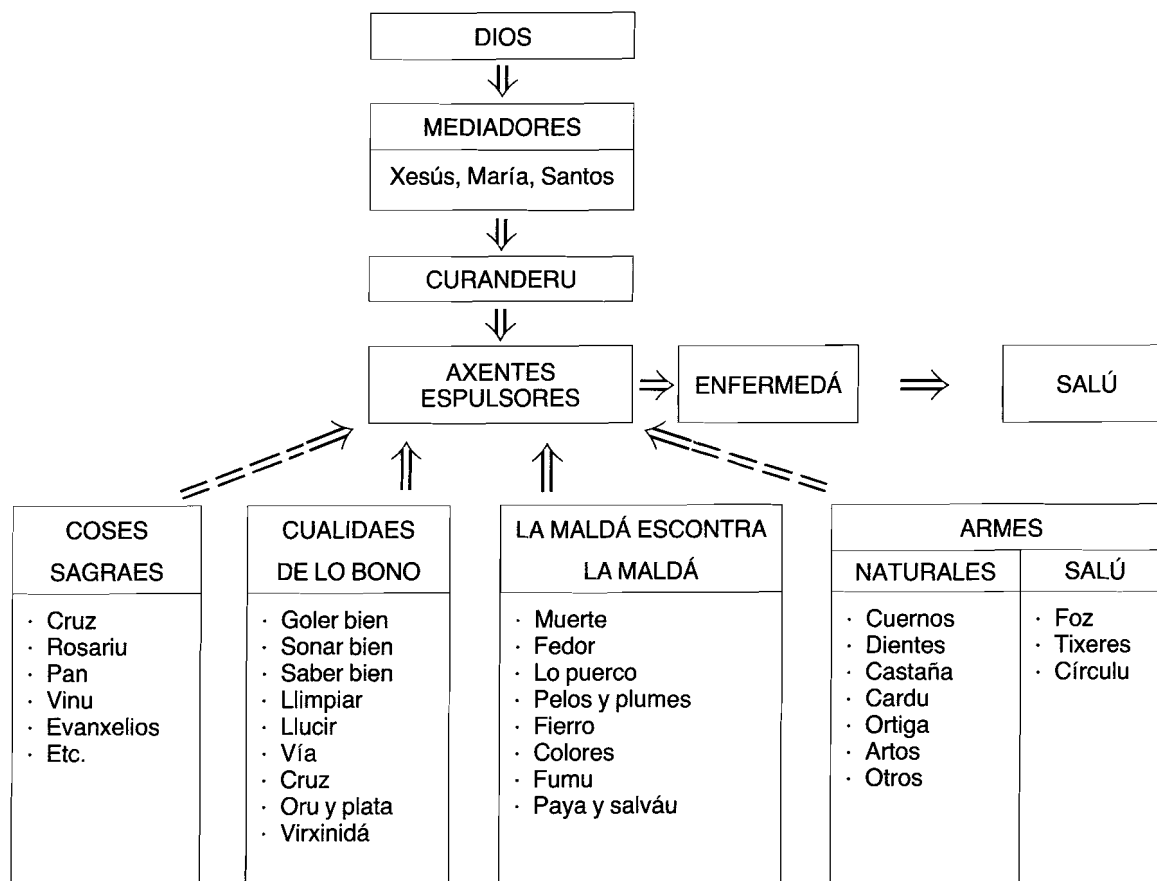
b) *El Rosariu*

N’Asturies rezóse'l Santu Rosariu en casi toles families y pela nueche; dempués de les lletaníes rezábase por too y les plegaries pola salú de vivos y difuntos yeren obligaes; nun tenemos datos pa tar seguros de que'l Rosariu tamién s’usase n’Asturies comu remediú espulsivu tocando les partes males³³.

³¹ Junceda Avello, E.: *Medicina popular en Asturias*. Op. cit. p. 152-154.

³² Junceda Avello, E.: Idem. p. 60.

³³ El Santu Rosariu tal y comu se rezaba n’Ayer hai 25 años, tanto a nivel familiar comu comunitariu, yera motivu de les más dixebrades preces. Esistía una parte del mesmu que diba dende'l final de la lletanía hasta l’aniciu de los «Actos de Fe», onde se rogaba davezu pola salud.



GRÁFICU N° 3.- LOS AXENTES ESPULSORES

c) *El pan*

El pan ye cosa sagrada por sí mesmu y porque el pan ye'l cuerpu de Cristu. N'Asturies, comu n'Extremadura, el pan bendito ye melecina: nel Occidente d'Asturies pa curar les úrzules de la boca usábense nueve cachinos de pan moyaos na saliva del que taba malu; ca día dábase un cachín al perru mentes se dicía:

*Toma can
liras y pan.*

La enfermedá quedaría pegada nel pan y comeríala'l perru, desapareciendo al novenu día, al tomar l'últimu cachu³⁴.

d) *El vinu*

De la mesma manera que'l pan, tamién el vinu ye daqué sagrado y comu tal, usábase pa curar enfermedaes mesmo de dientru que de fuera. Yá lo diz el refrán: «Mala ye la llaga que'l vino nun

³⁴ Castañón, L.: *Supersticiones y Creencias de Asturias*. Op. cit., pp. 42-43.

sana». Usábase y úsase'l vinu n'enfermedaes respiratorias, dixeratives, cardíques, sarna, etc. Y cuandu un home, muyer, gúahe o res s'empapizaba con dalgo, faciáse un fervinchu que tenía vinu y mientres lu bebía l'empapizáu, diciáse:

*San Blas benditu
bocáu baxáu y subíu*³⁵

e) *Evanxelios*

L'Evanxeliu ye la pallabra de Dios. Ye, poro, cosa sagrada. Antigualmente la madrina regalába-y al afiyáu'l día'l bautismu una cigua, la medalla de San Benitu y l'Evanxeliu de San Xuan; nun yera l'evanxeliu completu, sinón un llibrín mui pequeñín que traía unes poques de pallabres. Toos estos regalos yeren santu remediú pal agüeyamientu³⁶.

f) *Otres coses sagraes*

Nel Occidente d'Asturies les embaranzaes mezclaben raspiadures del ara del altar con agua y bebíen d'esta mezcla pa que too fuera bien y el gúahe nun naciera enantes d'emplazar³⁷. El llibru de misa valía pa esconxurar bruxes y los vaqueiros d'alzada usaben l'inciensu escontra l'agüeyamientu³⁸. Y nun digamos del sal, que taba considera'o comu bendito; los saludadores mandaben facer pediluvios durante nueve díes pa les enfermedaes de los güeyos; y además había que facelos así; el primer día con una onza, el segundu con dos y siguir d'esta manera aumentando una onza ca día hasta'l novenu; y pal agüeyamientu, la mezcla yera un poco más complicada porque llevaba un ramu d'aurel bendito, dos cagarates de pita blanca, tres graninos de sal y un poconín de pimentia³⁹.

³⁵ Junceda Avello, E.: *Medicina popular en Asturias*. Op. cit., p. 302.

³⁶ Martínez, E.: *Costumbres Asturianas*. Op. cit., p. 28.

³⁷ Junceda Avello, E.: *Etnología e Historia de la Ginecología en Asturias*. Op. cit. p. 168.

³⁸ Cátedra Tomás, M.: *La Muerte y otros mundos*. Op. cit., p. 41.

³⁹ Castañón, L.: *Supersticiones y creencias de Asturias*. Op. cit. pp. 56-57.

2.2.4.1.2. *Les cualidaes de lo bono comu melecina*

Na melecina popular la enfermedá, comu tolo malo, yera negra, puerca, fedionda, amargosa y amuyorada y les coses contraries a too eso valíen pa sacala del cuerpu; esto ye, les cualidaes de lo bono comu melecines. Vamos repasar dalgunes.

a) *Lo que güel bien*

Les plantes que güelen bien son munches y cuasi toes elles puen vese entavía güei nos güertos de los pueblos.

Cenoyu: El cenoyu usábase pa munches coses, mesmo pa los homes que pa los reses. Ansina, faciense fervinchos pa los catarros cuandu tardaben en quitase o p'aclarar la vista los vieyos. Y tanto n'Ayer comu ente los vaqueiros d'alzada, pa que nun agüeyoren les vaques; dábase-yos con sal o bien se-yos colgaba una bolsiquina del pescuezu con cenoyu, añil y sándalu⁴⁰.

Romeru: También el romeru yera un remediú mui usáu. En Tormaleo pa curar el mal del güeyu afumaben unos pantalones, que s'emplegaban nel ritu, con romeru y aurel⁴¹; n'otros llugares facién una foguerina onde echaben romeru afumando direutamente al res; y en melicina humana dábase a diestru y siniestru en fervinchos y cataplasmes, por eso se diciá:

*De les virtúes del romiru
pue escrebise un llibru entiru.*

Xabú: Y nun digamos del xabú. Había que pañar la flor del xabú per San Xuan y valía pa casi too; mezclada con mantega pa les enfermedaes de la pelleja y en fervinchu pa munches enfermedaes.

⁴⁰ Junceda Avello, E.: *Medicina popular en Asturias*. Op. cit. «Medicina Veterinaria», pp. 297-309.

⁴¹ De Llano Roza y Ampudia, A.: *Del Folklore asturiano*. Op. cit. p. 115.

*La flor del xabú, ma
yá la tengo recoyía
la mañana de San Xuan
que sirve de melicina*⁴²

Otros floritos

Pero los floritos que güelen bien y que s'usaben yeren muchos más: yerbabuena, abeyera, yerbaluisa⁴³, etc. En Los Picos d'Europa la teriz curábase asina: había que buscar un clavel y cuando se topaba había que dir nueve díes a mexar enriba d'él diciendo:

*Bonos díes, clavel
que te tengo que vesitar,
pa que tú me des to bien
y yo te dexe mio mal.*

Y pa colar, dempués de mexar, había que despedise asina:

*Hasta mañana, clavel
que te vine a vesitar
pa que tú me des to bien
y yo te dexe mio mal.*

Dempués de dicir esto había que colar colos güeyos zarraos. A los nueve díes secábase'l clavel y curaba la teriz⁴⁴.

b) *El bon tañú*

La música usóse n'otros llugares pa curar dalgunes enfermedaes comu la perlesía, el mal de San Vito, la picadura les tarántules,

⁴² Alonso, D.: *El saúco entre Galicia y Asturias (nombre y superstición)*. R.D.T.P.; t. 2.: 3-32. 1946.

⁴³ Junceda Avello, E.: *Medicina Popular en Asturias* Op. cit. «Fitoterapia popular», p. 85-88.

⁴⁴ Cabal, C.: *La Mitología Asturiana*. Op. cit. p. 588.

etc. Nun sabemos si n'Asturies hubo dalgo de too esto. Paez que ta claro que les esquiles y los cencerros del ganáu tuvieron bastante que ver con afuyentar les enfermedaes de los reses⁴⁵.

c) *El sabor dulce*

La enfermedá, yá lo diximos, ye amargosa ente otres cualidaes; les coses sabroses, sobre too les dulces, podíen afuyentala. La simbología del sabor ye escasa n'Asturies: los fervinchos de vinu blancu con azúcar pa los catarrones y la miel son los exemplos más importantes. La miel usóse muncho y pa munches coses: el partu, mal de madre, quemadures y chamuscadures, úrzules, llombriegues^{46, 47}, etc.

d) *El color blancu*

El color blancu simboliza too aquello que ta llimpio. El llinu usóse en muchos sitios pa echar les enfermedaes. Nun podemos dicir que s'usare n'Asturies. Lo único que sabemos que se facía yera blanquiar con lleche la piedra de la culiebra dempués d'usala⁴⁸.

e) *La llimpieza*

La enfermedá representábase comu lo más puerco. Ello explica

⁴⁵ Pudimos constatar personalmente el valor profilácticu que se-yos da a cencerros, esquilonos y esquiles analizando la decoración de los collares y correos que los sofiten. Ye una artesanía popular escasamente estudiada ente nós.

Nel añu 1969, analizamos una muestra de veinticinco collares nos mayaos del Puertu de Vegar y llegamos a esta conclusión: Al marxen del caráuter señeru del soníu del cenceru, el complexu collar-cenceru tien un gran valor profilácticu. Foi especialmente claru'l testimoniu nesti sen de Benito Fernández, d'Escoyo (Vega, Ayer).

⁴⁶ Junceda Avello, E.: *Medicina Popular en Asturias*. Op. cit. p. 236.

⁴⁷ Junceda Avello, E.: Idem. Pp. 26, 124, 133, 140, 147, 155, 202, 205 y 228.

⁴⁸ Junceda Avello, E.: Idem. P. 149.

que nel ritu d'espulsión s'usaren munches coses y oxetos que valen pa llimpiar. D'ellos tenemos tolos exemplos que se quieran:

Llaváu: El llaváu, real o simbólicu, ye una cosa que se repite en munchos ritos espulsivos; recordemos dalgunos: tomar la rosada per San Xuan⁴⁹; bañase tempranín pal dolor de muelles; pasiar pela playa al borde de les oles nueve díes pa casi tolos males⁵⁰; sentase a la oriella'l ríu pa la teriz, etc.

Bebida: Tamién l'agua podía bebese aparte d'usalo per fuera⁵¹.
⁵². El nuestru poeta, José Caveda, recoyó un versu onde l'agua bendito valía pal agüeyamientu:

*Mañana ensin falta
si ye que llego allá
con agua bendita
lu e de asperxar.*

Xabón: Tamién el xabón valía pa espulsar enfermedaes; sobre too si yeren mui condenaes y taben mui agarraes. Ente los vaqueiros d'alzada usábase pa echar les llombragues maleficiaes, que yeren una forma d'agüeyamientu. Facíase asina: la santa, bruxa, curandera o adivinona agarraba un poco de xabón d'una pastiella que nun tuviera usada. Mecía'l xabón con ceniza fino pasao per una penera y aballábalu con agua; facía una panchina cola pastia y dempués un tortu y poníalu al guahe nel renaz⁵³.

Ceniza: Comu pue vese, tamién la ceniza yera otru elementu espulsivu. A veces, cuando la enfermedá taba de lo más encaldao, quemaben un trapu o un vistíu del enfermu. Les cenices diliense n'agua y facíen-y beber esti fervinche. D'esta manera, cuando da-

quién tenía un ataque d'alferecía, quemaben la camisa que traía cuando-y diere l'atacón y dáben-y el fervinche de les cenices pa que nun-y repitiera^{54, 55}.

Espartu: N'otros sitios tamién usaben l'espartu en forma de fregador pa llimpiar les enfermedaes. Eso nun lo vimos n'Asturies, pero sí vimos pone-yos a les vaques un collar d'espartu con una bolsina que tenía una bola d'alcanfor pa que nun-yos atacase'l gripe y otre enfermedaes.⁵⁶

Fueu: Tamién el fueu taba consideráu comu purificador. N'Ibias, pa curar el mal de gëyu facíen esto: ún cualquiera de la familia o de la vecindá echaba gallinaces, pimientu picante y fueyes d'aurel al fueu; cuando facíen llaporea agarraben al guahe y pasábenlu per enriba'l fueu tres veces, faciendo tres cruces nel eire col so cuerpu.⁵⁷

Fornu: El fornú taba mui consideráu comu llugar pa echar les enfermedaes. Asina, en Portugal, Galicia y otros sitios, el fornú usábase pa ritos espulsivos. Va años dixéronmos d'ún que, tando mui malu, arroxo'l fornú y metióse allá; dixéronme que-y costó trabayu salir y qu'andexo xamuscáu una bona temporada.⁵⁸

Vistíu nuevu: Tamién los vistíos tuvieron que ver cola espulsión de les enfermedaes; la ropa del que taba malu representaba la so enfermedá. N'Asturies, comu en munchos otros llugares, los que se poníen malos ofrecíense a un santu y poníen el so hábitu. El día qu'acababa la promesa dexaben al santu l'hábitu y colaben pa casa con un vistíu nuevu, que simbolizaba la curación.

f) Masculinidá

Yá diximos que, na calamaya de los asturianos más vieyos, la

⁴⁹ Según testimoniu de Jesús Fernández Tuñón, de 82 años, él vio de nenu tomar la rociada de San Xuan. Escoyo, Vega (Ayer). 1989.

⁵⁰ Na playa de San Llorenzo de Xixón, de primavera a seronda, vemos entá anguaño una llarga pelegrinación de persones d'edá que bien ceu, caminen descalces al borde l'agua.

⁵¹ Castañón, L.: *Supersticiones y Creencias en Asturias*. Op. cit. p. 71.

⁵² Junceda Avello, E.: *Medicina Popular en Asturias*. Op. cit. «El agua de la Medicina popular», pp. 67-73.

⁵³ Cátedra Tomás, M.: *La muerte y otros mundos*. Op. cit. pp. 83-84.

⁵⁴ Castañón, L.: *Supersticiones y creencias de Asturias*. Op. cit. p. 70.

⁵⁵ De Llano, Roza y Ampudia, A.: *Del folklore asturiano*. Op. cit. p. 121.

⁵⁶ Observación fecha nos siguientes pueblos d'Ayer: Cabanaquinta, Escoyo, Vega, Llevinco, Serrapio y Pelluno. Añu 1954.

⁵⁷ Castañón, L.: *Supersticiones y creencias de Asturias*. Op. cit. p. 81.

⁵⁸ Observación personal, recoyida n'El Pino (Ayer). Añu 1975.

realidá tolo qu'había nesti mundu podía ser bono o malo; y que les muyeres munches veces y en munches ocasiones, podíen ser causa de maldá y que l'home simbolizaba la bondá casi siempre; d'esta manera, la masculinidá en toles sos manifestaciones, podía representar lo bono. Vamos velo:

Ropa de paisanu: La ropa de los homes usábase a veces pa echar el mal o pa evitalu. Entre los vaqueiros d'alzada había un ritu pa curar el mal de güeyu del ganáu onde s'usaben unos pantalones vieyos de paisanu y nel puerperiu, les muyeres poníen montera picona⁵⁹.

Plantes y animales machos: Les plantes y oxetu machos tamién s'usaben pa espulsar enfermedaes. N'Ayer emplegaban el fiel de los animales machu pa curar les feríes, de la mesma manera que se facía n'otros conceyos y n'otros rexones.⁶⁰

Les llaves: Les llaves teníen una doble simboloxía: per un llau por influencia del cristianismu, qu'al usales San Pedru p'abrir o pesllar les puertes del cielu yeren un remediú escontra toa maldá; per otru, yeren símbolu de la xareta del home. Llave y pesllera simbolicen en munches cultures l'asuntu de la contumeña, comu pasaba n'Asturies.

Asina, usábase en dalgunos ritos espulsivos: cuandu daquién tenía un arzolín arroxábase una llave en fueu o sobábase nun trapu de llana y poníase enriba d'él; o cuandu un rapacín daba un colodrazu pa que nun-y saliere un hinchón poníase la llave l'horru encima y, nos partos difíciles, poníase debaxu de l'almuada de la cama de la que diba parir.⁶¹

El número non: El número tamién tenía la so simboloxía, Los nones, por simbolizar la masculinidá, yeren más importantes que los pares; el cristianismu dio-yos a los números nones una

simboloxía tamién relixosa y unos poderes sagraos: los doce primeros representaben les doce pallabres más sagraes; l'unu representaba a Dios o la Virxen; el dos les Tables de la Lleí; el tres, l'Espíritu Santu o les Tres Maríes; el cuatru, los Cuatru Evanxelistes; el cincú, les Cincú Llagues de Cristu; el seis, los Seis Candelabros; el siete, los Siete Coros; l'ochu, los Ochu Gozos; el nueve, los Nueve Meses o los Nueve Cielos; el diez, los Diez Mandamientos; l'once les Once Mil vírxenes y el doce los Doce Apóstoles; esti asuntu foi perestudiáu por Constantino Cabal. El número non usábase nos ritos espulsivos davezu.

Nel ritu de los pantalones del paisanu pa esconxurar les vaques, del que falamos enantes, agarrábase unos pantalones vieyos y diciáse nueve veces, faciendo cincú cruces, esti ensalmu:

*Dos t'envidioren
tres te desenvidien
San Pedro
San Juan
y San Andrés*⁶²

Nos rituales médicos d'espulsión el número tenía muncha importancia; cuasi tolos ritos repítense un número determináu de veces y los números preferíos y que más destaquen yeren el tres y el nueve; el tres representa l'Espíritu Santu y el nueve tres veces tres, esto ye, la perfeición absoluta; les repeticiones faciense según fuere la enfermedá y cuanto más resistencia a la espulsión, más veces se repetía'l ritu.

g) Vida

Otra cualidá de lo bono ye la vida. Hai dos vexetales que simbolizan la vida en tola tradición occidental. Referímonos al aurel y al olivu.

L'aurel: Esta planta simboliza la vida por dos coses: porque ta

⁶² Cabal, C.: *La Mitología Asturiana*, Op. cit. p. 584.

⁵⁹ Junceda Avello, E.: *Medicina Popular en Asturias*. Op. cit. pp. 35-36.

⁶⁰ Pudimos ver n'Ayer (Cuevas, Entepenas), que la vesícula biliar déxase secar nel llar, pa ser utilizada si fuere precisu na curación de mancaderes. Añu 1966.

⁶¹ Junceda Avello, E.: *Etnología e Historia de la Ginecología en Asturias*. Op. cit. p. 208.

verde tol añu y porque con plantar una ramina en güertu reproduciese él solu; yá punximos exemplos del usu del aurel na melecina popular asturiana. También sabemos que se quemaba aurel cuandu la xente diba de fatu nueu pa una casa que yá taba habitada d'enantes; d'esa manera desinfestábase y echábase fuera la mondicia.⁶³

L'olivu: Esti árbol tamién simboliza la vida porque dura muncho y poles coses que diz d'él la relixón. N'Asturies nun se dan lo olivos y quiciabes por eso nun atopamos ritos nos que s'emplegue, comu pasa n'otros sitios.

La fendedura del renacimientu: Hai un ritu conocíu en toa España y en muchos países d'Europa que se llama «la fendedura del renacimientu» y que val pa curar les relayadures de los rapacinos. Consiste en pasar al nenu per un furacu d'un arbolón vieyu: el furacu ye la fendedura del renacimientu y el ritu interprétase asina: el nenu malu «renaz» al pasar per un furacu vexetal, comu si volviere salir pela natura de so madre; el vexetal sedría'l símbolu de la vida nueva, de la curación.

N'Asturies hai dos variedades d'esti ritu. Nel conceyu d'El Franco, el guahe relayáu pasa pel furacu d'un roble, arbolón míticu de la rexón. Les dos persones que faen el ritu tienen que llamase Xuan y Pedru y mientres lu faen tienen que dicir:

*Toma Xuan,
daca Pedro.
Dios quiera
que sane o neno.*⁶⁴

Y nel conceyu de Teberga, facíase d'otra manera, porque'l poder curativu en cuenta tenelu l'árbol tenía lu l'agua; garraben al nenu relayáu o quebráu y pasábenlu ente dos persones percima un

regueru; les persones teníen que ser un home y una muyer que se llamaren Xuan y María; mientres pasaben al guahe dicíen:

*Tómalo María
dámelo Xuan.
Malo te lo entrego
sano me lo das.*⁶⁵

h) *Lluz*

La lluz tamién simboliza lo bono y nel mundu de la lluz tán Dios, María y los Santos; na escuridá ta lo que ye malo y puerco. La lluz, en mui variaes formes, espanta a los diablos, a les bruxes, a les enfermedaes y a tol mal.

Veles: La vela bendita del día de Les Tiniebles siempre se llevó a casa pa remediar males. En mio pueblu y en mio casa siempre la hebo. Valía pa bendicir les vaques antes de llevales pal puertu, chándoyos cera de la vela nos cuernos y enriba'l llombu faciendo cruces; y tamién valía escontra'l mal de güeyu, pa bendicir les tierres, pa too⁶⁶. Y siempre qu'había dalguna dificultá, lo primero que se facía yera prende-y una vela al santu de la capiya del pueblu⁶⁷.

Aceite: L'aceite llimpia bien; usóse de siempre pa ello y el cristianismu recoyó la simboloxía del aceite comu elementu purificador; en too asomeya a la del agua y el fueu.

Nel tratamientu de les quemadures usábase l'aceite ente los vieyos d'Asturies. Podía chase solo o mezclado con untu, mantega, miel o vinu; dempués de ponelo na quemadura cuspiábase tres veces mientres se dicía:

⁶³ Observación personal n'Escoyo (Vega, Ayer). Añu 1954.

⁶⁴ Castañón, L.: *Supersticiones y Creencias en Asturias*. Op. cit. p. 67-68.

⁶⁵ Junceda Avello, E.: *Medicina Popular en Asturias*, Op. cit., p. 145.

⁶⁶ Observación personal n'Escoyo (Vega, Ayer). Añu 1959.

⁶⁷ Observación personal n'Escoyo (Vega, Ayer). Añu 1989.

*San Pedro y San Xuan
per un camín van.
Diz-y San Pedro a San Xuan
«Ahí va un queméu...
Di-y qu'escupa tres veces
y pronto será curéu»⁶⁸*

Tamién s'empleaba muncho pa los males de los oyíos l'aceite de la llámpara de los santos.

i) *Metales nobles*

Los metales de la mejor calidá, comu l'oru y la plata, nunca s'osiden; ellos simbolicen tolo bono y d'esta manera, una cadena d'oru al pescuezu o na muñeca de los guaños, afuyenta'l mal de güeyu; y pa que l'álferecía nun atacase a los nenos, dábase-yos cuandu nacien una gota d'agua con una cucharina de plata⁶⁹.

j) *Virxinidá*

En munchos ritos de la melecina popular danse remedios que son vírxenes, esto ye, aquellos que nun s'usaron pa lo que tán fechos o que se fixeron ensin artificiu dengún; son coses llimpies, pures, inmaculaes y que nun gastaron los sos poderes pa facer el bien. N'Asturies usábase muncho la cera virxen pa munches enfermedaes, así comu l'agua de fonte prial, la flor del agua, etc.

2.2.4.2. Antídotos y armes

2.2.4.2.1. Antídotos: la maldá escontra la maldá

son les coses sagraes y les cualidaes del bien; pero los remedios de la melecina popular nun s'agotaben equí. Hai un capítulu mui grande de remedios que podien llamase «la maldá escontra la maldá», esto ye, la maldá pue combatise cola maldá o con representaciones simbóliques d'ella.

a) *La muerte*

La mayor maldá ye la muerte; n'otres melecines tradicionales suel representase comu un güesu de muertu. Sabemos per Ambrosio de Morales que los asturianos del sieglu XVI comien pa curar les sos enfermedaes tierra del Dolmen de la Santa Cruz en Cangues d'Onís.

b) *El mal fedor*

Lo más puerco y lo que más fiede ye la mierda; na melecina popular asturiana usábase la mierda de gochu en dalgunos ritos; pa evitar maleficios, pa echar al diablu y pa les mordedures de la culiebra y el llagartu. Tamién s'usaben los orinos pa munches coses: pa evitar que s'infestaran los güeyos nos críos qu'acababen de nacer; pa les manches de la cara de les muyeres embarzaes y pa munches coses más: pal catarru, pa que les vaques paries se llimpiaran, pa que salieran tores les vaques lluniegues, etc⁷⁰. Escontra l'agüeyamientu, facíase un fueu con delles coses que golien mal tales comu la pólvora, sueles de zapatos vieyos, granos de panoya y mierda de gochu⁷¹. Tamién s'usaben floritos que güelen mal comu la ruda; en Samartín de Lluña, pa protexer del mal de güeyu, colgábase del pescuezu una fardelina colorada que tenía dientru ayos y ruda machacao, mierda de gochu y una cruz fecha de la mesma tela que la fardela⁷².

⁶⁸ Cangas Fonteriz, R.: *La Medicina popular en Ibias*. Op. cit. p. 294-295.

⁶⁹ Junceda Avello, e.: *Medicina Popular en Asturias*. Op. cit. p. 203.

⁷⁰ Observación personal n'Escoyo (Vega, Ayer). Añu 1960.

⁷¹ De Llano Roza de Ampudia: *Del folklore Asturiano*. Op. cit. p. 115.

⁷² De Llano Roza de Ampudia: *Ibidem*. p. 114.

c) *Suciedá*

Nun hai animal más puercu que'l gochu; yá viemos comu s'usaba la so mierda: Tamién s'usaben otres partes d'esti animal pa espulsar enfermedaes. Pa les úrzules había esti remedi: con un cachu tocín cocío faciense nueve cruces pela mañana y otres nueve pela tarde percima la úrzula hasta que curara; mientres se pasaba'l tocín dicíase:

*Úrzula o cáncer
¿qué vienes buscar?
Con tocín de guchu
te lo voi a dar
te ties que curar*⁷³.

d) *Pelos y plumes*

El pelo considerábase representación del mal; y con pelos facíase una preba pa saber si daquién taba agüeyáu. Dizlo mui claro esti versu:

*Marica, si tas agüeyá,
dame pelo de to trenza
porque quiero mandalo
a una desagüeyaora*⁷⁴.

Y la guedeja, que sembolizaba la enfermedá, chabase al fueu nel ritu.

Tamién les plumes s'empleaben comu antídotos, por ser consideraes comu cosa puerca; nel partu, en forma de vafos o fervinches, y cuando les muyeres teníen una comenencia muy llarga y cargada poníen-yos plumes de perdiz enriba la barriga⁷⁵.

⁷³ Castañón, L.: *Supersticiones y creencias en Asturias*, p. 74.

⁷⁴ Castañón, L.: *Ibidem*, p. 79.

⁷⁵ Junceda Avello, E.: *Medicina Popular en Asturias*. Op. cit. p. 133.

e) *El fierro*

L'oru y la plata nun s'osiden, pero'l fierro sí; y les coses de fierro pónense ferrumientes y puerques. Por eso, usábase comu antídoto; un aniellu de fierro puestu nel corazón, evitaba les enfermedaes d'elli y si se ponía n'otru, valía pa que nun apaeciesen dolores de muelles⁷⁶.

f) *Los colores: el negru y otros.*

El color negru simboliza lo peor; dizse munches veces: «¡qué enfermedá más negra!». El color negru usábase munches veces comu antídoto; el carbón y el sarriu yeren les coses negres más usaes; pa los catarros y les pulmoníes usábase'l sarriu de les chimenees en fervinche⁷⁷; y la cigua yera negra⁷⁸; y, de gallina negra, tenía que ser l'untu que había ponese enriba de les feríes y les mancaduras que se poníen abondo gafes⁷⁹.

N'otros sitios tamién se creía que'l color bermeyu y l'azul representaben la maldá y usábase comu antídotos; nun nos paez que pasara esto n'Asturies.

g) *El fumu*

El fumu tamién simbolizaba'l mal; tien mala color, métese per tolos furacos y ye molesto: piquen los güeyos, fai tusir y güel mal; ye una costume mui antigua afumar al ganáu y a los guaḥes, pa que nun los acometa'l mal; y el día San Xuan afúmase too, hasta'l pueblu⁸⁰.

⁷⁶ Mariño Ferro, X.R.: *La Medicina Popular interpretada*. Op. cit. I., p. 228.

⁷⁷ Comunicación personal de María Gloria Megido Muñiz. Felechosa (Ayer). Añu 1976.

⁷⁸ Mariño Ferro, X.R.: *La Medicina Popular interpretada*. Op. cit. I. p. 230.

⁷⁹ Comunicación personal de Felisa García Suárez-Cuevas (Entepenas, Ayer). Añu 1968.

⁸⁰ Junceda Avello, E.: *Medicina Popular en Asturias*. Op. cit. p. 37.

h) *Paya y salváu*

El pan ye lo meyor que se saca de la collecha; la paya y el salváu valen pa poco. El pan simboliza tolo bono; la paya y el salváu podríen simbolizar la mondicia y la enfermedá. D'ehí que, pa curar un arzolín, faciense tres montoninos de paya que simbolizaben una casa, un horru y un molín; quemábense los tres montoninos y con ello curábase l'arzolín⁸¹.

Y el salváu tamién s'usaba pa curar bastantes enfermedaes en forma de cataplasmes; sobre too pa infeiciones y flemones⁸².

i) *Los animales comu antídotu*

Los animales, casi toos ellos puercos y llenos de mondicia, yeren un remediu importante en munches enfermedaes. Na melecina popular europea usábense casi toos: culiebra, araña, sangre de llebre, untu d'osu, untu de llobu, la curuxa, el pelo de gatu, caldu de mur, el sapu, el topu, la sacabera, etc.

N'Asturies, tamién se emplearon muchos animales pa curar enfermedaes: l'untu de osu, la baba de caracol, los llimaces, etc.

2.2.4.2.2. Les armes

Los homes defiéndense de tolos peligros na vida real con armes. Y, simbólicamente, escontra les enfermedaes. En muchos ritos curativos de la melecina popular asturiana úsense armes.

a. *Armes feches polos homes.*

El cuchiu, la navaya, la foz y les tixeres son los cortes más usaos polos paisanos; y a nivel simbólicu, válen-yos pa matar les enfermedaes.

Nun ritu asturianu pa matar les llombragues úsense les tixeres; mientres facien que les cortaben, abriendo y zarrando les tixeres per enriba de la barriga, dicién:

*Córtote las cocas,
córtotelas todas,
córtote las malas,
déxote las bonas*⁸³

La idea de matar al mal ta mui enraigonada ente nosotros⁸⁴. Yá diximos que nun ritu pal mal de güeyu, usábense unos pantalones vieyos d'home; al final del ritu, fartucábense de da-y palos a los pantalones, símbolu del mal, pa disciplinalu, pa matalu.

Tamién pue considerase un arma'l llamáu *círculu proteutor*; los homes inventaron llueu les sebes, les estaqueres, les muries que puen considerase armes defensives; nun pue levantase alreduer d'un enfermu una seba o una muralla; pero a nivel simbólicu, sí. El círculu proteutor usábase tamién n'Asturies pa que'l mal una vez espulsáu nun volviera; cuando curaben a una vaca d'una malura nuna pata, facien un círculu nel tapín alreduer d'ella y metien el tapín nun furacu; cuando secara'l tapín, secaba'l mal; y el curanderu, cuando pon les sos coses enriba de los males fai círculos tanto al persinase, comu al asperxar y arrimar los remedios espulsivos⁸⁵.

Tamién les ferradures tenien munchu poder proteutor; vense tovía clavaes nes puertes de les cases antigües, de los horros, de les cuadres y les cabanes; y agora nos coches.

b) *Armes de la naturaleza*

Tanto los animales comu les plantes tienen les sos armes pa defendese; los curanderos tamién empleaben estes armes a nivel simbólicu pa matar les enfermedaes.

⁸³ Castañón, L.: *Supersticiones y creencias en Asturias*. Op. cit. p. 80.

⁸⁴ Fechu ocurriu en La Braña'l Güistu. Cordal d'Escoyo (Vega, Ayer). Añu 1956.

⁸⁵ Cabal, C.: *La Mitología Asturiana*. Op. cit. p. 589.

⁸¹ Mariño Ferro, X.R.: *La Medicina Popular interpretada*. Op. cit. I. p. 239.

⁸² Junceda Avello, E.: *Medicina Popular en Asturias*. Op. cit. p. 146.

b.1.) Defenses o armes animales

Cuernu: El cuernu, na melecina popular asturiana, ye un instrumentu fundamental; l'alicorniu, pa pasar l'agua a los nenos agüeyaos, yera un discu de cuernu d'animal y nel Occidente d'Asturies quémense cuernos p'afumar a los agüeyaos⁸⁶.

Dientes: Los animales que tienen unos dientes más terribles son el llobu y el xabarín; los curanderos asturianos usaben dientes d'animal pa matar les enfermedaes. Así, los caniles del gochu y del xabarín usábense pa que nun hubiera complicaciones nel partu; y los de llobu pa les inflamaciones de les tetes y contra les gafures. Dicíase nun ensalmu:

*Si yes cuxillu,
sal per esti colmillu*⁸⁷.

Otres armes defensives de los animales, usaes na melecina popular, yeren los espolones de los gallones, los cuernos de la bacalloria y les pinces de los cangrexos; la simboloxía de los ayos hai que buscala en que s'asemeyen mucho a los dientes; y n'Asturies un diente d'ayu yera'l meyor remediū pa les llumbrigues⁸⁸.

b.2.) Defenses vexetales

Los vexetales tán bien protexíos y tamién les sos armes defensives; los curanderos asturianos usáronles tamién na melecina popular.

La castaña: La castaña tien una rica simboloxía; usábase mucho comu remediū espulsivu por dos razones: per un llau, ta bien guardada pol ariciu; y per otru, ye'l frutu d'un árbol, vieyu y centenariu, que pue simbolizar la vida; ye un remediū poderosu escon-

tra l'agüeyamintu, los pioyos, los mosquitos, los sabañones, les almorranes⁸⁹, etc.

El cardu: El cardu ye temible, porque pincha mucho. Usábase comu remediū rápidu pa les mordedures de víbora; cuando'l paisanu se daba cuenta que taba mordíu, nun quedaba otru remediū que buscar una campera con cardos y revolcase nellos. Tamién s'usó na decipela⁹⁰.

La ortiga: Les ortigues, tan abundantes, usáronse pa munches enfermedaes: para tener fiyos, reuma, hemorrxes peles narices y na decipela; nesta enfermedá rezábase así:

*«Lázaro, vete a tu casa
y en una escudilla de fresnal
echarás agua de fuente prial,
tres silvas de un silvador,
tres ortigas de un ortigal
y tres arenitas de sal;
mojarás con esto tus llagas
y quedarán sanas y salvas»*⁹¹.

Los artos y otres plantes escayoses: Los artos usáronse en muchos fervinches pa munches enfermedaes. L'acebu, carrascu o xardón ye un arbolexu sagráu, utilizáu en fervinchos pal estreñimientu, y comu amuletu, pa calmar los dolores del partu. La espinera considérase un árbol malditu y piénsase que ta envelenáu; pero los fervinchos de raíz d'espinera creese que valen pa mexar bien y pal reuma. Tamién se empleó'l toxu en determinaes enfermedaes⁹².

⁸⁶ Rico-Avello, C.: *El Bable y la Medicina*. Op. cit. p. 60.

⁸⁷ Castañón, L.: *Supersticiones y Creencias en Asturias*. Op. cit. p. 125.

⁸⁸ En l'Altu Ayer constatamos esti vezu. Cómesse de xemes en cuando una seruga d'ayu p'afuyentar les llumbrigues. Felechosa, 1978.

⁸⁹ Junceda Avello, E.: *Medicina Popular en Asturias* Op. cit. p. 35-94, 111, 112, 155, 166 y 224.

⁹⁰ Oímos de viva voz a una persona que dixo tener tratao una picadura de víbora revolcándose ente cardos. Lucas Fernández del Cuadro. Escoyo (Vega, Ayer). Añu 1958.

⁹¹ Castañón, L.: *Supersticiones y Creencias de Asturias*. p. 63.

Comu pue vese, yeren muchos los remedios pa les enfermedaes rexistraos na tradición asturiana; pero nun foi la nuestra intención cuntalos toos. Sólo queríamos agrupalos y facer una pequeña semioloxía y simboloxía d'ellos; los remedios pa ca casu ye un tratáu de melecina popular enteru. Quédanos entavía por saber pa ónde van los males cuandu salen del cuerpu del enfermu. Vamos velo.

2.2.5. Llugares a los que se echa el mal

Ya viemos cuálá ye la causa de les enfermedaes y cuálós son los remedios pa chales del cuerpu. Sólo mos queda, pa rematar, pa ónde van los males, o a ónde se echen, na tradición asturiana. Nos ritos espulsivos, el «curandiru», de manera simbolóxica, azota munches veces les coses qu'usa pa char el mal a unos sitios determinaos, mandando-y a ésti que cole p'allá. Estos llugares puen clasificase en dos grupos: llugares malditos (infiernu, tierra, monte, desiertu, cementeriu, cruz de caminos y ríos) y llugares específicos dependiendo de la causa del mal. Unes pallabres sobre esti importante asuntu.

2.2.5.1. Llugares malditos

Considérense llugares malditos los siguientes:

a) L'infiernu

Na tradición europea l'infiernu ye un llugar al que se manda munches veces el mal. Na tradición asturiana nun alcontramos nengún ensalmu onde se faiga esto; pero paeznos que debió ser así porque na fala vulgar cuandu pasa dalgo malo sigue diciéndose: «¡a los infiernos!»⁹³.

⁹³ «¡A los infiernos!». Ye una afirmación frecuente n'Entepenas (Ayer). Quiciáas la tenemos sentío ellí más que n'otros llugares, porque cerca d'esti pueblu hai un paraxe inaccesible na cabecera del Ríu San Xu-lián, nomáu «Los Infiernos». El paraxe merez esti nome.

b) La tierra

La cosmovisión del asturianu tradicional suponía que había llugares bonos y malos; y considerábase qu'había llugares malos na tierra, a los que podía espulsase el mal. Confirmando esti ensalmu:

*Si yes decípela,
vete pa la tierra.
Si yes repu o sacavera
salta pa la era*⁹⁴.

c) El mare

Tamién el mare podía ser cementeriu de males. Esti mar de la mitoloxía asturiana, yera «la mar cuayá» o «la mar tapá» que taba baxo tierra; esti mare yera a onde diben los cuélebres cuandu se facíen vieyos; y no fondo de «la mar cuayá» había una taller de diamantes que podíen pescase'l día de San Xuan. A esta «mar tapá» podíen chase los males. Les enfermedaes de los tetos de les vaques chábense al mar, tal comu dicía esti ensalmu:

*Vete a la oriella del mar
qu'allí hai carne que chupar
y güesos que quebrantar*⁹⁵.

e) El monte

El monte tamién yera un llugar malditu; por eso, a les enfermedaes de los tetos de les vaques llamábase-yos «mal del monte». Tanto n'Asturies comu en Galicia, espulsábense los males al monte, diciendo esti ensalmu:

⁹⁴ Castañón, L.: *Supersticiones y Creencias de Asturias*. Op. cit. p. 125.

⁹⁵ Cabal, C.: *La Mitología Asturiana*. Op. cit. p. 560.

⁹⁶ Cabal, C.: *Ibidem*. p. 325.

*Sal diañu, sal de ahí
vete a los montes altos
onde nun hai perros nin gatos
nin oigas a los gallos cantar
nin perros lladrar*⁹⁷

f) *El desiertu*

N'Asturies nun hai desiertos; lo más asomeyao ye'l monte, pola soledá y el desamparu qu'ellí se nota; por eso nun alcontramos ensalmos nos que s'espulse el mal al desiertu. El desiertu, entre nosotros, ye sinónimu de monte.

g) *Cementeriu*

Tamién al cementeriu s'echaben dalgunos males. En Galicia esto yera mui frecuente; nesta rexón allí diben a parar «el mal del eire», «la decipela», «la llépara» y otros. N'Asturies esto nun yera tan frecuente; pero recoyimos dalgún ensalmu nel qu'apaez el cementeriu comu llugar d'espulsión; asina, dicíase cuandu cayía un diente mientras s'azotaba per enriba la tapia'l cementeriu:

*Dentillu, dentillu.
Te tiru al campillu,
pa que me salga otro
más guapillu»*⁹⁸.

h) *Cruz de caminos*

Les cruces de los caminos yeren un llugar maléficu: nellos puenxo'l cristianismu munches cruces pa protexer a los que pasaben per ellí, pos a ellos diben a espulsase munches enfermedaes; sobre too «el mal del filu».

⁹⁷ Lisón Tolosona, C.: *Brujería, estructura social y simbolismo en Galicia*. Op. cit. p. 189.

⁹⁸ García Arias, J.L.: En: *Teberga. Historia y vida de un concejo*. Uviéu, 1981, p. 73.

i) *Ríos*

El ríu tien munches virtualidaes; ellí va parar tola mondicia; y a pesar d'ello, casi siempre ta llimpiu. Yá cuntamos más arriba comu se diba a llimpiar la teriz; porque'l ríu yera tamién un destinu de les enfermedaes¹⁰⁰.

2.2.5.2. *Llugares específicos*

Los males puen chase a llugares maléficos o malditos tal comu vemos; pero tamién puen mandase a llugares específicos, dependiendo de les causes de la enfermedá; yá diximos que los males, la mondicia y la maldá, tan repartíos pel mundu y qu'entren en cuerpu per onde puen; de saber aprosimadamente d'ónde vienen, hai que mandalos pal so siti, pa que l'orden d'esti mundu vuelva al so tar. El «cuxillu» que ye una enfermedá de la pelleya espulsábase ansina:

*«Cuxillu del cuxillar,
si yes de araña,
vaite pa palla.
Si yes de Sapagucira,
vaite a paleira,
si yes de culobra
vaite a cova»*¹⁰¹.

Hai una variante más completa, na que los llugares posibles son más. Diz ansina:

– *«Cosiyo del Cosiyar
¿qué viniste aquí a buscar?*

⁹⁹ Castañón, L.: *Supersticiones y Creencias en Asturias*. Op. cit. p. 53.

¹⁰⁰ Junceda Avello, E.: *Medicina popular en Asturias*. Op. cit. p. 228.

¹⁰¹ Castañón, L.: *Supersticiones y Creencias en Asturias*. Op. cit. pp. 66-67.

- *Comer y llamber ceniza del llar.*
- *Carne humana nun te la quieren dar.*
- *Si sos de culebra, veite a la cueva.*
- *Si sos de llagartón, veite al llerón.*
- *Si sos de llagarta, veite a la charta*
- *Si sos de sapo, veite al furaco.*
- *Si sos de ratón, veite al balchón.*
- *Si sos de araña, veite a la paña.*
- *Si sos de sapagueira, métete na llera»¹⁰².*

*«Santa Ana parió a María,
María parió a Jesús;
como estes tres coses,
son pura verdá,
espinilla, paletilla
vólvete al tou llugare
como les ondes del mare»¹⁰⁴*

III. Epílogu: Sobre les funciones de la melecina popular

La melecina popular, comu ya diximos, nun ye una recatavila de coses rares; ye, sobre too, parte sustanciosa de la cultura d'un pueblu; con poques coses, trata de facer la vida más llevadera y curar les enfermedaes humanes pero, a la vez, fai otres coses nes sociedaes rurales; d'esta manera, dizse que tien otres funciones comu la teolóxica y la social; y ye mui probable que la función curativa sea la menos importante¹⁰³. Vamos repasar, pa rematar, estes funciones.

a) *Función relixosa o teolóxica.*

La melecina popular ye una clara espresión de les creencies cosmogóniques y teolóxiques de la coleutividá. Supón un ordenamientu del mundu en coses bones y males; supón interpretar la enfermedá comu una engarradiella ente lo bono y lo malo, con rotura del equilibriu nesti mundu; supón la esistencia d'una divinidad proteutora y d'espíritus malos; y, supón, en defenitiva, una constante afirmación de las creencies relixoses. Ello fai que casi tolos ensalmos sean doctrinales; basta lleer esti:

b) *Función social*

Un curanderu nun se limita a curar; suel dar conseys pa la vida; ye frecuente que dempués de facer un ritu diga coses paecies a estes: «Ve en paz, paga lo que debes, dexa a la muyer del vecín; d'esta manera, taréis a salvu tú y la to familia»; o esta otra: «Nun t'enrites con neide y la enfermedá nun golverá a atacate ni a tí ni a la to familia»¹⁰⁵. Na actualidá, si una persona tien un cáncer, nun piensa qu'ello tenga rellación cola bona vecindá, ser relixosu de verdá y cumplir; los homes d'anguañu piensen que la enfermedá nun ye otra cosa que'l cuerpu ta estropiáu comu si fora una máquina. A los antiguos pasába-yos lo contrario; pensaben que la enfermedad taba rellacionada con munches más coses; que, pa terminar, ye la rotura d'un equilibriu qu'hai nesti mundu; y, que too ta rellacionao. Por eso, la enfermedá nos pueblos primitivos ye la pena qu'hai que pagar por nun cumplir coles sos normes. Y ta claro, la melecina popular, con mui pocu gastu cumplía colos servicios que na sociedá moderna tienen que facer la policía, los cures, l'exércitu y otres instituciones. El curanderu nun facía otra cosa que estabilizar el grupu¹⁰⁶.

c) *Función curativa*

La eficacia de la melecina popular nun pue valorase en términos

¹⁰² Cátedra Tomás, M.: *La Muerte y otros mundos*. Op. cit. páx. 43.

¹⁰³ Mariño Ferro, X.R.: *La Medicina popular interpretada*. Op. cit. II. pp. 195-236.

¹⁰⁴ Castañón, L.: *Supersticiones y creencias en Asturias*. Op. cit., p. 47.

¹⁰⁵ Ackerknecht, E.H.: *Medicina y antropología social*. Op. cit. p. 174.

¹⁰⁶ Cátedra Tomás, M.: *La Muerte y otros mundos*. Op. cit. p. 139-140.

oxetivos. De facelo así, la deceición ya la norma xeneral; y sinón, que lo pregunten a Rivers y otros etnógrafos^{107 108}. Nun hai más remediu qu'aceutar lo siguiente: la melecina popular tal comu la recoyimos ye máxico-relixiosa; supón una conceición d'esti mundu y la mayoría de los remedios úsense de manera simbólica; ye probable qu'antes de too esto, los homes comu animales que semos, de forma instintiva, topásemos na naturaleza remedios eficaces de manera oxetiva; pero esos remedios, que tamién los topen los animales, nosotros cubríemolos de elementos culturales mui pronto. L'ésitu oxetivu aparente de la melecina popular hai que buscalu n'otres coses. A mí paezme, comu a otros, que la fe de los primitivos nos sos procederes basábase nesto: l'home, seleicionáu al cabu los años yera un animal mui fuerte; y per ente él, hai munches enfermedaes –la mayoría–, que son suaves y pasen soles; y atribuíase l'ésitu a la melecina popular, cuandu yera 'el propiu home' el que se curaba a sí mesmu. El calter unitariu de la melecina popular, pues nun se distingue diagnósticu y tratamientu nin enfermedaes del cuerpu y del alma, al tiempu que'l so calter relixosu dan-y muncha fuerza; ye la fe, la seguridá, lo que mas efeutu tien. Y nel campu de les enfermedaes funcionales, sicolóxicos, l'efeutu sicoterapéuticu tenía que notase muncho. Pero nun se-y puede negar a la melecina popular la posibilidá de dalgún ésitu oxetivu; sobre too, cuanto menos culturizaos usaben los remedios más primitivos y de manera instintiva, porque, de fechu, la farmacopea clásica tien les raíces metíes na cultura popular.

Y, yá pa rematar una cosa más; la melecina popular asturiana ta poco estudiada; fai falta xente que s'ocupe de ella nos próximos años; fai falta dar una bona batida pel Principáu para recoyer tolos materiales antropológicos posibles; esto, entovía pue facese pero, pasaos ochu o diez años, la cosa va ponese fea, porque los vieyos que saben estes coses van morriendo toos dafechu.

¹⁰⁷ Rivers, W.H.R.: *Medicine, Magic and Religion*. Londres, 1926.

¹⁰⁸ Ackernecht, E.H.: *Medicina y Antropología Social*. Op. cit. p. 24.

Bibliografía

1. Ackernecht, E.H.: *Medicina y Antropología Social*. Akal Universitaria. Madrid, 1985.
2. Cabal, C.: *Del folklore de Asturias*. Madrid, 1923.
3. Cabal, C.: *Las costumbres asturianas: El individuo*. Madrid, 1925.
4. Cabal, C.: *Las costumbres asturianas: La familia*. Madrid, 1931.
5. Cabal, C.: *La Mitología Asturiana*. IDEA. Uviéu, 1972.
6. Castañón, L.: *Supersticiones y creencias de Asturias*. Ayalga Ediciones. Salinas, 1976.
7. Cátedra Tomás, M.: «Notas sobre un pueblo marginado: Los Vaqueiros de Alzada (Ecología de braña y aldea)». *Revista de Estudios Sociales*, 6: 139-164. Madrid, 1972.
8. Cátedra Tomás, M.; Sanmartín, R.: *Vaqueiros y pescadores; dos modos de vida*. Edit. Akal. Madrid, 1979.
9. Cátedra Tomás, M.: «Bendito y Maldito: Categorías de clasificación en el universo vaqueiro». *Los Cuadernos del Norte*, VII, 35: 70-85. Uviéu, 1986.
10. Cátedra Tomás, M.: «El cuerpo es un sistema». *Jano*, XXX, 7171: 8-24. Barcelona, 1986.
11. Cátedra Tomás, M.: *La muerte y otros mundos*. Júcar/Universidad. Madrid, 1988.
12. Fernández Conde, F.J.: «La Religiosidad popular asturiana» *Enciclopedia Temática de Asturias*, Tomu 9; páxs. 101-122. Uviéu, 1982.
13. Fernández García, J.: *La Medicina popular y religiosa en Asturias (estudio histórico y etnológico)*. Tesis Doctoral; dos tomos. Universidá d'Uviéu. Uviéu, 1990.
14. García Jove, E.: *Errores populares*. Uviéu, 1891.
15. García Rendueles, E.: *Liturgia Popular*. Uviéu, 1950.
16. Junceda Avello, E.: *Medicina popular en Asturias*. IDEA. Uviéu, 1987.
17. López Dóriga, J.M.: *Medicina popular o apuntes para el folklore asturiano*. Xixón, 1890.
18. Llano Roza y Ampudia, A. de: *Del folklore de Asturias*. Madrid, 1922.
19. Martínez, E.: *Costumbres asturianas*. Edit. Everest. Lleón, 1982.
20. Martínez, E.: *Tradiciones asturianas*. Edit. Everest. Lleón, 1985.
21. Pérez de Castro, J.L.: *Introducción al estudio de folklore en Asturias*. Ayalga Ediciones. Salinas, 1983.
22. Rico Avello, C.: *El bable y la medicina*. IDEA. Uviéu, 1964.
23. Rodríguez Solís, J.M.: *El bable de Bello de Aller*. Xixón, 1982.
24. Tolivar Faes, J.: *Historia de la Medicina en Asturias*. Ayalga Ediciones. Salinas, 1976.
25. Uría Rúa, J.: *Los Vaqueiros de Alzada y otros estudios*. Ayalga Ediciones. Uviéu, 1976.



El llugar de la tradición oral

IVÁN HUERGA

Nel entamu fo'l mitu. Hai unos cuantos años, lo que güei ye cuentu pa unos pocos, yera cuentu pa munchos; pa cuasi tantos comu pa los que güei ye llibru, cola etiqueta de mitu. Hai cuasi dos mil años qu'aportó comu mitu (funcionando y ensin etiquetes) y asina fo per munchu tiempu, encadarmando la vida social, que ye lo que faen los mitos enantes de facese llibros. Según s'esboronaba aquella sociedá y la xente se facía país, el mitu camudábase ensin dexar de selo, y fo espeyu del país; y los tiempos dieren en que la xente convirriólu en llibru. Y gracies a los que faen llibros, güei tenemos un espeyu que nos dexa escucar la nuesa hestoria; y cuentos guapos y prestosos qu'usamos comu señes de lo que somos. Vo dexar pa otru momentu l'aspeutu que-y que pue tocar a la nuesa tradición nel mundu actual y les sos connotaciones pedagóxicques, sociales, estétiques y antropolóxicques, tema que me prestaría forgar con más fondura que la necesaria nesti momentu pa centrarme nel aniciu del mesmu.

Porque'l mitu nun ye fácil garralu coles manes d'estos tiempos... la so visión de los aspeutos tapecíos ya inconsistentes, de les lleis ñaturales, ye fondera y cenciella, pero ta

reservada al que la sepia ver, guardada tres del rellatu más o menos simbólicu; por eso se pudo curiar y caltener pel correr de los tiempos.

Personalmente nun creo que los mitos vieyos morrien pol pesu de lo racional, sinón pol de los mitos nuevos... Conveniendu nesto veremos de qué triba de pueblu mos fala'l mitu vieyu, escuquemos pel espeyu a ver qué yéremos anantia y quiciabes qué siguimos siendo...

Tampocu pa Plinio'l Vieyu fo posible ver el fondu, pero polo menos escribiólu nun llibru, y caltuvo una de les claves p'atreverse a desenguedeyar un duviellu:

Cunta Plinio na so *Hestoria Ñatural* (XXIX, 52) «Hai una especie de güevu del que nun falen los griegos, pero que se conoz muncho peles Galies. Pel verañu, abondes culiebres enrósquense unes per otres y xunten d'esti abrazu y de la babaya de les boques y el llimu del cuerpu lo que se llama «el güevu la culiebra. Dicen los druides qu'esi güevu aviéntenlu xiblando les culiebres y qu'hai que lu recoyer con un trapu enantes que toque'l suelu. El que lu garre nesi mo-

mentu tien d'escapar corriendo a caballu, porque lu persi-guen les culiebres, que namás s'aparen si tienen de cruzar un ríu. Conozse esti güevu porque flota escontra la corrien-te, anque tea atáu con oru. El vezu que tienen los magos pa tapecer los sos engaños ye tan grande que dicen qu'hai que se facer con esi güevu namás qu'en ciertu tiempu de la lluna, comu si fuere posible coincidir esti asuntu cola voluntá hu-mana. Pero ello ye que yo tengo visto esi güevu, gordu comu una mazana redonda y mediana, con una corteza car-tilaxinosa comu los munchos brazos del pulpu»¹.

Sedría llargo desplicar la importancia del ritual descritu por Plinio pa los estudiosos de la mentalidá, mitoloxía y sis-tema de creencies de los pueblos celtes, polo que va abasta-nos dicir que ta consideráu comu la única referencia cosmo-lóxica direuta que tenemos del sistema de creencies conocíu comu «druidismu»², y que ye tamién la piedra de toque so-bre la que se tien recreao esi sistema coles referencies espar-díes pel flokllore actual de los pueblos del occidente euro-péu, pelos manuscritos medievales irlandeses y galeses y pelos ritos antropológicos d'esos mesmos pueblos...³.

Esmigayando los elementos conteníos nelli, llegamos a talantar que tamos delante del equivalente d'una vieya tra-dición indoeuropea que garra carauterístiques peculiares

¹ Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia* XXIX, 52. Editada por A. García Bellido. Madrid, 1947.

² Jean Markale, *Le Druidisme, Traditions et dieux des celtes*, Payot, París, 1985, (en castellán *Druidas*, Taurus, Madrid, 1989) px. 229.

³ F. Le Roux y C.J. Guyonvarc'h, *Les Druides*, Quest-France, Roaz-hon, 1986, pxs. 321-323; tm. dellos artículos dedicaos al «güevu de culie-bra» en *Ogam* XX pxs. 495-504; *Ogam* VI pxs. 227-232 y ñota 2. Los ma-nuscritos más interesantes: *Leabhar na h-Uidre*; edición de R.I. Best, Ins-tituid Ard-Léinn, Báile Átha Cliath, 1928; *Leabhar Laighean*, mesmu edi-tor, 1956 (n'irlandés) y *Llyfr Coch Hergest* y *Llyfr gwyn Rhydderch*, fontes de los Mabinogion: Gwynn Thomas *Y Mabinogi*, Caerdyd, 1084 (en ga-lés); Londrés, 1949 (inglés).

dientru del mundu célticu, y que curiosamente son los que tán presentes na versión asturiana del mitu o la tradición de la «piedre la culiebra»⁴. «Siete⁵ culiebres enroscaes unes per otres, echen babaya sobre la tiesta d'una, y cuandu en-durez queda fecha. Guárdenla hasta que daquién-yos la roba o una lluvia enforma grande les espanta y arrastra la piedra. Val pa sorber el velenu de les mordedures (que llueu sácase al bañala ente lleche), pa preservar de gafures y enfermedaes contaxoses y pa que les madres dean lleche. La culiebra que tenga la cabeza grande y cuadrada *tien pie-dra*, y soltarála».

Efeutivamente, venti sieglos depués siguen cuntándolo comu ciertu, y los nuevos Plinios fueren los Aurelio del Lla-no, Rogelio Jove, Bernardo Acevedo, Luciano Castañón, o —modestamente— otros comu'l que suscribe; y nun son yá los druides galos, que ye'l pueblu asturianu'l que lo cuenta. Y tamién los nuevos plinios vieren el güevu, anque ye dis-

⁴ Luciano Castañón, *Supersticiones y Creencias de Asturias*, Ayalga (CPA), Salinas, 1976/83, px. 23.; Aurelio de Llano y Roza de Ampudia, *Del Folklore Asturiano*, IDEA, Uviéu, 1983 (4ª ed.); Rogelio Jove y Bra-vo, *Mitos y Supersticiones de Asturias*, Uviéu, 1903.

⁵ N'otres versiones falen de nueve culiebres. Tanto esti númberu comu'l de siete tienen un calter máxicu en toles manifestaciones folklóriques del occidente européu. El númberu 9 por ser «tres veces tres» (númberu divín por escelencia na mitoloxía céltica, ver J. de Vries *La religión des celtes*, Payot, París, 1963; Proinsias Mac Cana, *Celtic Mythology*, Newnes Books, London, 1983 (ed. revisada) ta asociáu a un calter benéficu y rellaciónase col tiempu y los remedios pa sanar malures; el númberu siete aparte tener un calter relixosu nes creencies xudío-cristianes ye común al mundu relixo-su indoeuropéu col sen anterior y sobremanera en rellación al más allá (J.G. Frazer, *La rama dorada*, Madrid, 1981, 9ª ed. en castellán). Olivier Launai en *Las civilizaciones celtas* CIL, Madrid 1985 pxs. 33-34 dedica un apartáu al simbolismu del númberu 7 y del 3 y los sos múltiplos. Los auto-res citaos proponen ver «cualidaes» distintes nestos númberos, pero ye abegoso estremar les d'un y d'otru. Na famosa obra d'Antonio González Reguera (Antón de Marirreguera) *El Ensalmador* puede vese comu tolos remedios máxico-medicinales xiren alreduro d'estos númberos (Xosé Cave-da y Nava, *Poesías selectas en dialecto asturiano*, facsímil de la ed. de 1887, ALLA, Uviéu, 1987).

cutible que lu entendieren más qu'aquél, y hasta menos qu'aquel conceyu que caltenía dos, pa usu de los vecinos, una d'elles mercada en cien ducaos «para siempre jamás del mundo», como figuraba nel documentu de compra⁶.

Nun yera tampocu'l so llabor esmigayar. Y puestos a ello esmigayemos:

1. L'enroscamientu les culiebres, el *ñudu*, que n'Asturies fórmenlu en númberu de siete (seis culiebres femes entemecíes echen babaya sobre la tiesta d'una culiebra machu). Esti númberu nun ye casual, y abastará dicir pa nun esplayase que ye especialmente significativu nel universu mitolóxicu y ritual de los pueblos atlánticos con una precisión ablucante que remite siempre al fondu míticu (n'Asturies valdránmos d'exemplu les piedres del rayu, que se funden siete capes na tierra y suben una cada añu hasta qu'apaecen na superficie⁷, la danza del corri-corri, onde seis muyeres y un machu representen un ritual ciertamente sospechosu⁸, etc...). Les culiebres, símbolu de la sabencia y tamién del «otru mundu», animales telúricos por escelencia xúntense nun nuedu pa formar un entamu, principiu de too (de la vida) o lo que ye lo mesmo, un güevu. De lo escuro vien la lluz⁹, y de la muerte la vida (yá Lucano na *Farsalia* lo

pon en boca de los galos¹⁰). Lo disperso concéntrase y vuelve dispersase nuna espiral que nun tien acabu.

2. El *güevu*, principiu vital,¹¹ val pa too, ye'l «nun va más» porque tien de too dientru concentrao. El que lu garre curará toles gafures. N'Asturies dizse «la piedra la culiebra», pero'l que ye un güevu queda afitao polos que la busquen pelos ñeros de les aigles (suponse qu'estes róbenlu pa que guaren los güevos suyos)¹². Tamién al otru llau del cordal, en tierres del norte de Lleón dizse «güevu del cuélebre»¹³. Respeutu a la forma, n'Asturies describióse comu un piedra escura con manches y vetes, y tamién comu una piedra ñidia, grasosa, porosa, azulada y xaspiada¹⁴.

3. *L'home* a caballu ye l'héroe que roba la piedra y la trai a esti mundu, tien d'afuxir porque lu persiguen les culiebres habitantes de les fondures del otru¹⁵. Siendo ésti un mitu

Sirueta, Madrid, 1987). Parten na mayoría del Llibru de Leinster (ver ñota 3). Apaez tamién esti personaxe nos Mabinogion, nel rellatu de «La señora de la fonte» (ver ñotes 3 y 17) y en dellos cuentos del ciclu artúricu comu *El caballero del lleón* de Chrétien de Troyes (ed. castellana en Orbis, Barcelona, 1982). Al respetu d'esta visión de los orixes comu un ciclu ver: Olivier Launay *op. cit.* px. 36 y Proinsias Mac Cana *op. cit.*, px. 36 «gaulish Dis Pater: Irish Donn».

¹⁰ Lucanus *op. cit.* I, 456.: «La muerte ta metanes d'una llarga vida». Iulius Caesar *De Bello Gallico* VI, 18: «Tolos galos tiénense por fijos de Dis Pater, según doctrina que dicen ser tresmitida pelos druides. Por eso cunten el tiempu, non pol númberu de díes sinón de nueches...». Confirmalo la lleenda irlandesa de Tethra (ñota 9b).

¹¹ En cuasi que toles mitoloxíes d'anicu indoeuropéu (ver por exemplu: Shahfukh Hasain *Demons, Gods & Holy men from indian myths & legends*, Eurobook, London, 1987, px. 13 (referíu al *Rig Veda* «1500 a.c.»). (Hai traducción castellana en ANAYA).

¹² Luciano Castañón *Supersticiones...* px 23.

¹³ Francisco J. Rua Aller y Manuel E. Rubio Gago *La piedra celeste, creencias populares leonesas*, Diputación de León, 1986, px. 110-112.

¹⁴ Luciano Castañón *Supersticiones...* px. 23.

¹⁵ Ye un típicu «héroe civilizador». Comu n'Irlanda Nemed («el sa-gráu») o los Tuatha Dé Danann: *Leabhar Gabhala* (Llibru les Invasiones) (traducíu en parte al castellán por Ramón Sainero *El libro de las inva-*

⁶ Luciano Castañón *Supersticiones...*

⁷ Luciano Castañón *Supersticiones...*

⁸ Xuacu Amieva Celorio (comunicación personal) rellaciónalo col movimientu les culiebres. *Gran Enciclopedia Asturiana*, Tomu 5, px. 138 (voz: *Corri-corri*).

⁹ Asina l'aspeutu celeste del dios cimeru Daghdha-Taranis-Esus va xunciu al aspeutu escuro y mortíferu de Donn-Dis Pater iguando les dos cares de la mesma divinidad. El Daghdha (dios bonu, dios padre) apaez nun pasaxe del Ciclu del Ulster comu un xigante con una maza doble que cuando da per un llau, mata a los 9 homes que van con él y cuando da pel otru resucítalos. Ye polo tanto señor de la vida y la muerte a un tiempu: «La moña los ulates» en Thomas Kinsella, *The Tain*, Oxford University Press, 1989 (hai delles ediciones del ciclu del Ulster vertíes al castellán: J.M. Álvarez Flórez & Eamon Butterfield *El perro del Ulster*, ed. Muehkn, Madrid, 1988; y la versión castellana del *Cuchulain de Muirthemné* de Lady Gregory, Ed.

con equivalente en permunches tradiciones europees (les Hespérides, los Argonautes...) ye precisamente equí onde axuntamos col tema tan asturianu del cuélebre que curia tesoros, lo que mos vuelve afitar na peculiaridá de la nuesa tradición *siempre dientru d'unes llendes definíes* y comunes a los mesmos pueblos. Una versión recoyida pela parte de Turón fala de seis culiebres y un cuelebrón con una piedra brillante, que'l que la garre yá nun necesitará más nada na vida¹⁶. Hai que dicir que nos Mabinogion galeses¹⁷ hai un

siones, Akal, Madrid 1988. Tb: Seathrún Céitinn (Keating) *Foras Feasa ar éirinn*, (orixinal de 1630), reed Irish Text Society, Báile àtha Cliath, 1987, vences a los xigantes o fomoré, representantes del caos orixinal, comu na mitoloxía escandinava y griega. N'Irlanda (onde nun hai culiebres) l'héroe Cu Chulainn visita l'Otru Mundu, acaba coles culiebres y róba-yos los tesoros (un resume en P. Mac Cana *op. cit.* px. 126). Dizse agora que les echó San Patricio, nuna tresposición que convierte al cristianismu na nueva función civilizadora que trunfa sobre lo vieyo y lo escuro (el paganismu). Ye'l mesmu mitu cosmogónicu indoeuropeu recriáu nel de «San Xurde y el cuélebre», y tamién apaez ilustrando los «Comentarios al Apocalipsis» de Beato de Liébana comu «L'arcánxel San Miguel matando una serpiente» Esti santu ye na tradición cristiana y tamién na musulmana «l'arcánxel de la Lluz» que llucha escontra les tenebres. Tamién nel ciclu artúricu Merlín siendo un ñeñu de 7 años mata a dos cuélebres, y el propiu Arturo acaba colos poderes del Cuélebre en delles versiones (J. Markale *Le roi Arthur et la société celtique*, Payot, París 1981, y del mesmu autor *Merlin l'enchanteur*, Retz, París, 1984; en castellán hai versiones de la *Historia de los reyes de Breña* y de la *Vita Merlinis* de Geoffrey de Monmouth na «Selección de lecturas medievales» de Ed. Siruela, Madrid, 1984. Ye un santu que se repite nes cruces irlandeses medievales y ye l'epónimu del Mont S. Michel en Breña, antiguu «Tombelaine», llugar consagrau a la divinidad «Belenos» (John Sharkey, *The ancient religion*, Thames & Hudson, London 1975 y J. Markale *Le druidisme...* Los animales que s'arrollen y arrastren pela tierra caltienen un tesoru, simbolizáu nel fueu, l'oru, mazanes, un güevu... el tiempu de los homes entama cuando se-yos arrampuña: Juan B. Bergua, *Mitología universal*, Madrid, 1979, II tomos. Na *Ora Marítima* de Rufo Festo Avieno, asentáu nun periplu del s. VI a.c. dizse que nel Septentrion peninsular los habitantes afuxeron por mor d'una invasión de culiebres (J.M. González, *Antiguos pobladores de Asturias: protohistoria*, Ayala, Salinas, 1976 y Tomu II de la *Historia de Asturias* de la mesma editorial, con interesantes comentarios del autor).

¹⁶ Coleutivu L'Armá (comunicación personal de la que se caltién rexistru).

¹⁷ Los Mabinogion son un conxuntu d'hestories procedentes de manuscritos galeses medievales que caltienen fondes referencies mitolóxiques

caballeru que llucha con un cuélebre que s'escuende nuna cueva y tien una piedra en rau que'l que la garre nuna mano pue tener na otra tol oru que-y pete. Tamién Paul Sebillot¹⁸ recueye un tema asemeyáu en Breña, nel que'l lladrón roba la piedra cuando'l cuélebre la posa *pa beber; aspeutu perimportante comu se verá más alantre*.

4. Pero escapa porque éstes nun son a cruzar el ríu (na versión asturiana llévalos el ríu y queda la piedra flotando). Tamién pue ser que s'atope una piedra d'éstes porque venga una lluvia mui grande y les espante, pero quede la piedra flotando (¿a contracorriente?) colo qu'enllazaríamos con otru ciclu míticu perconocíu de l'agua qu'acaba colo vieyo, les ciudaes fundíes, la fonte que se desborda, etc...¹⁹ Lo que ta claro ye que *l'agua*, cuartu pegollu del mitu, ye incompa-

d'aniciu célticu. Ver nota 3. En castellán hai una bona traducción de Marfa Cirlot *Mabinogion*, Siruela, Madrid, 1988. La referencia al cuélebre (culiebra prieta de Carn) na px. 217.

¹⁸ Paul Sebillot *Le Folklor de la France*, Vol. IV, Imago, París, 1983 (reed) pxs 43-44.

¹⁹ N'Asturies hai referencies a esti mitu en Ana M^a Cano González, *Notas de Folklor Samedán*. Academia de la Llingua Asturiana, Uviéu, 1989; M^a Josefa Canellada, *Folklore de Asturias: Leyendas, cuentos y tradiciones*, Ayala, Salinas, 1983; Braulio Vigón *Asturias, folklore del mar*. Biblioteca Popular Asturiana, Xixón, 1980 «una ciudad sumergida por la mar». Al otru llau del cordal recuéyense tradiciones asemeyaes: Rua Aller y Rubio Gago *op. cit.* px. 60-67 «Lagos malditos»; *Leyendas, cuentos y romances de Sanabria*, Salamanca, 1981. En Breña ta la per famosa lleenda de *Ker Is*: en Gwenc'hlan le Scouzèc *Histoires et Legendes de Bretagne*, París, 1968; Yann Brekelien *La mythologie celtique* París 1981; J. Markale, *La tradition celtique en Bretagne armoricaine*. N'Eire: J. Markale, *L'épopée celtique d'Irlande*, 2^a ed. Payot, París, 1978, en castellán *La epopeya celta en Irlanda* ed. Júcar, Xixón, 1975 «La inundación del Lough Neagh» pxs. 39-43 y tamién del mesmu autor *Les Celtes*, Payot, París, 1968 (en castellán *Los celtas y la civilización céltica*, Taurus, Madrid, 1992); Anne Ross *Druids, Gods & Heroes from the Celtic Mythology*, Eu-robook, London, 1986 «the story of Riach», (versión castellana en Anaya) y si se tien paciencia consultarase con provechu'l *Dindsenchas* (hestoria topónimica d'Irlanda) ú s'atoparán hestories d'esta mena a docenes *Dindsenchas*, en *Revue Celtique* números 14 al 16 (torna de Whitley Stokes).

tible coles culiebres²⁰ y ye la que trai el güevu²¹. Esta xuntura güevu/agua, que ye fundamental na cosmogonía céltica²², vuelve manifestase n'Asturies en tradiciones comu'l güevu de San Xuan que revela'l futuru²³, el güevu fervollando qu'obliga a falar a los xanos²⁴.

Pero ún de los aspeutos más sorprendentes de too esto ye ver comu caún d'estos elementos, partes d'una auténtica epopeya, remite a un mitu propiu, a un ciclu distintu, y comu caún d'esos ciclos tien semeyu na tradición oral asturiana:

El cuélebre guardián d'ayalgues, el güevu que diz la verdá, l'agua que acaba colo malo... (pueblos fundíos).

Paezme interesante tamién falar de delles maneres qu'hai n'Asturies de acabar coles culiebres o curar les sos picadures:

- L'esconxuru con nueve ramos de carbayu (Cangas).
- L'esconxuru infantil que propón estos remedios: Siete ánxeles, agua del mar, ceniza del llar y palu d'ablanar²⁵.
- Tocar la cabeza la culiebra con una cibiella d'ablanar²⁶.
- Y les creencies de que la culiebra muerre a los siete

²⁰ Col. Taranus (rexistros añu 1992 / Vallobal-Piloña).

²¹ V. ñota 4.

²² V. ñota 3.

²³ M^a Josefa Canellada *op. cit.* pxs. 242-250; Luciano Castañón *Detalles y características de la noche Sanjuanera en Asturias* B.I.D.E.A. 59, pxs. 19-56, Uviéu, 1966; Aurelio de Llano, *Del folklore...*

²⁴ ver Xuan Xosé Lajo & Iván Huerga Antuña «Mil años va que ñací», consideraciones sobre un cuentu tradicional asturianu en *Lletres Asturianes* 33, Uviéu, 1989, pxs. 53-68.

²⁵ Luciano Castañón *Supersticiones...* px. 120.

²⁶ Aurelio de Llano y Roza de Ampudia *Cuentos asturianos recogidos de la tradición oral*. Ed. La Nueva España, Uviéu 1975, pxs. 33-35.

díes de morder y de que dexa'l veleñu fuera cuando se mete nel agua²⁷.

Lo que mos trai otra vuelta al simbolismu del númberu siete y nueve, de la incompatibilidá del agua cola culiebra y la ñaturaleza vexetal que combate bien la mordedura bien la culiebra, aspeutos estos importantes, pues la cibiella d'ablanar yera privativa de los druides²⁸ y ye árbol benditu por escelencia ente los celtes, que lu ponen incluso nes manes de los dioses²⁹. Esta importancia que-y daben a l'ablanar yera compartida por unos pocos árboles más, pero sólo ye comparable al texu y precisamente al carbayu, colos que conforma la triloxía vexetal sagrada³⁰.

Puntu también d'importancia ye'l sorprendente fechu de que valga con tocar la cabeza la culiebra cola cibiella pa matala. La esplicación hai que talantala cuntando cola importancia de la cabeza (abellugu del fueu del cuerpu, lo que equival a la vida)³¹ y al calter sagráu del palu, al que fiximos referencia n'otru trabayu). Respeutu a los ciclos de la muerte, el númberu de siete ta abondo representáu nes creencies de los pueblos celtes (por exemplu nes epopeyes gaéliques los héroes muertos tán siete años corretiando perende de-

²⁷ Coleutivu Taranos (rexistros añu 1992/Piloña); Luciano Castañón *Supersticiones...* px. 121.

²⁸ F. Le Roux & C.J. Guyonvarc'h *op. cit.* Stuart Piggot *The Druids*, Pelican Books, London, 1974, 2ª ed. Alan Marc an Bhaird *The myths of the gods (structures in Irish mythology)* 1981 (inéditu).

²⁹ Dientru de los 7 árboles «primeros» (carbayu, ablanu, carrascu, pumar, fresnu, texu, bedul) Caitlín Matthews *op. cit.* px. 89 y ss. La mítica reina Medbh llevaba una cibiella d'ablanu (ver X.X Lagos & I. Huerga *op. cit.* ñota 53). En J. Markale *Le druidisme* px. 151 descríbese la rellación mágica del druida con caún d'estos árboles.

³⁰ Caitlín Matthews, *The elements of the celtic tradition*, Element Books, Shaftesbury, Dorset 1989. En castellán *La tradición celta*, EDAF, Madrid, 1992 px. 89-96; Françoise le Roux y Christian J. Guyonvarc'h *Les Druides*. Ouest France, Roazhon, 1986.

³¹ Ane Ross *Pagan Celtic Britain*, Routledge & Kegan Paul, London, 1967 (reed. 1974 en blandio), px. 16 y ss.; F. Marco Simón, *op. cit.*, px. 24.

pués de morrer enantes de dir pal Tir na nOg, momentu en que'l fueu de la cabeza colaba)³². N' Asturias el que tien el poder de falar colos muertos ye porque se bautizó con una estola de difuntu, cosa que pasa cada siete años. A los siete díes d'enterrar una persona española-y la fiel³³... pero ésti ye un asuntu que mos lleva a un campu abondo anchu pa merecer un trabayu específicu, comu son les creencies tocantes a la muerte.

La creencia —común a toa Asturias— de que les culiebres nun son veleñoses cuandu tán ente l'agua porque dexen el veleñu fuera, empata de manera ñidia col procedimientu d'echar la piedra ente lleche pa que suelte la ponzoña, col calter sagráu del agua qu'arrastra la piedra a escontra-corriente, col cuélebre galés que posa la piedra pa beber...

Bien por ciertu que too esto ponmos delante de la posibilidá de ver la tradición oral asturiana con unos güeyos bien distintos: non comu una riestra d'elementos diferentes con orixes variaos, sinón comu partes qu'encadarmen un sistema míticu complexu qu'empobina a un fondu de creencies (relixosu, si se quier) enforma concretu.

N'otru trabayu a comuña con Xuan Lajo³⁴ yá dexamos apuntada la rellación ente les xanes asturianas que roben rapacinos colos mitos tradicionales y semicultos propios de los pueblos indoeuropeos, y quedó afitao que la so peculiaridá hai que la entender comu la propia de lo céltico dientru d'esi mundu.

³² ye'l númberu d'años de los que se compón cada ciclu nel «otru mundu» J. Markale *Le épopée...* (el rondar d'Etaine); P. Lambrechts, *L'exaltation de la tête dans la pensée et dans l'art des celtes*, Brugge 1954; Daithi O'Hogain *The hero in Irish Folk History*, Gill & MacMillan, Báile átha Cliath, 1986. Dellos autores suponen que los ritos d'inhumación y cremación combinábense de la siguiente mena: soterrábase al calabre y a los siete años amburábase.

³³ Luciano Castañón *Supersticiones...* px. 155.

³⁴ Xuan Xosé Lajo & Iván Huera *Mil años...*

Podría siguise afondando n'otros mitos, y nun diba ser difícil atopar coincidencies nos diaños que se faen burros o caballos y medren y engorden hasta qu'avienten al que los monta nuna llamuerga³⁵ y los kelpies y caballos d'agua de Cambria o les Hébrides³⁶ y los correspondientes pasaxes na lliteratura alto-medieval irlandesa...

Podríamos falar del Ñuberu o de la personificación de los elementos conocíu por «Xuan» acompañáu del perru y la muyer desnuda y reconocer a la divinidá representada na estatuaria galorromana³⁷ baxo'l nome de Iupiter Optimus Maximus, a caballu, col rayu y la rueda, matando un cuélebre... y podríamos facelu descender sin munchu trabayu del invocáu na epigrafía romana d' Asturias col mesmu nome³⁸ (Nesti sen ye interesante dicir que *Esus*, ún de los integrantes de la tríada céltica citada pol escoliasta de Lucano — *Esus*, *Teutatis* y *Taranis*— traduzse perbién con *Optimus*, colo que tendríamos «el meyor de toos» o «el bon dios», lliteralmente *Daghda*³⁹ n'irlandés).

En tanto que dios del fueu y del rayu y la tona (esto ye, en

³⁵ Constantino Cabal *La Mitología Asturiana*, I.D.E.A. Uviéu, 1983; Aurelio de Llano *Del folklore...*, etc.

³⁶ En Cambria: A.J. Williams *Folklore in Mid Glamorgan*, County Council, 1987, esbillao de A. Morgan, *Legends of Porthcawl and the Glamorgan Coast*, Porthcawl, 1980 y M. Trevelian, *Folklore and Folk Stories of Wales*, Caerdydd, 1976. Pa seres asemeyaos de tradición céltica n'Escocia, Irlanda y Cambria hai una llista acuriosada en Katharine Briggs *A Dictionary of Fairies*. Kestrel Books, London, 1976 (ta al salir edición en llingua castellana en J.J. Olañeta editor, Palma de Mallorca). También na Islla de Man: Margaret Killip, *The Folklore of the Isle of Man*, London, 1975.

³⁷ Paul Marie Duval, *Les Dieux de la Gaule*, Payot, París, 1986 (reed.) px. 74.

³⁸ Francisco Diego Santos *Epigrafía Romana de Asturias*. Uviéu, 1959.

³⁹ Un de los sobrenomes de Daghdá ye Ollathir (*Leabhar Gabhala* «ñota 15» y Alan Mac an Bhaird *op. cit.*) «pá de toles coses» polo que coincide con Dis Pater y col Xúpiter galu citáu por César. Ye señor del cielu y del tiempu.

tanto que Taranis⁴⁰) César (VI, 16) y Lucano falen de les víctimes amburaes en sardos de blimes, y tamién del xigante de blimes, comu al que se-y prendía fueu hasta'l sieglu pasáu nes fiestes de verañu de delles fasteres de la Gran Bretaña... y comu non, na tradición recoyida por M. Santos y F.J. Fernández Conde d'un ritual asemeyáu que se facía nel Monsacro con una figura que tien el significativu nome de *El Tararu*⁴¹.

En tanto que dios de la rueda⁴² y polo tanto (del destín o) del sol, protagoniza un ritu del que fala San Vicente d'Agen⁴³ referíu a los paganos de la Galia que consiste

⁴⁰ Lucius Aeneas Lucanus *De Bello Civili* I, 444-6. Rellaciona los sacrificios con Taranis; César diz: «Tienen muñecos grandes de blimes que llenen con xente «...» y prénden-yos fueu». Tamién n'Estrabón *Geographiká* (IV, 5). En tanto que Teutates pide sacrificios nun calderu (na perfamosa perola de Gundestrup represéntase una escena d'un xigante metiendo a un guerreru nun calderu). Nel *Leabhar Gabhala* (ver ñota 15) Daghdha lleva un calderu que nunca s'escosa. La tema del xigante (y la so muyer) col calderu repítense nos Mabinogion. Dellos más citaos en J. Markale *Le druidisme...* Na diadema de Moñes (Piloña) con un sen claramente acuático (Marco Simón: *Heroización y tránsito acuático sobre las diademas de Moñes, Piloña* (en «Homenaje al prof. Blázquez», ed. Clásicos, Madrid. En prensa) apaez un personaxe con dos calderos.

⁴¹ M. Santos y F.J. Fernández Conde «Toponimia y tradiciones del Monsacro», en *Lletres Asturianas* n° 23 (1987), pxs. 99-112.

⁴² El Xúpiter galo-romanu acompáñase tamién d'una maza (ver ñota 9) y d'epítetos comu «Taranis». Tamién nel calderu de Gundestrup, perfamosa pieza de plata caltenida nel Muséu Nacional de Copenhague con escenas mitolóxiques típicamente céltiques, hai una divinidá con rueda *Summa Artis*, Tomu VI: *Arte prehistórico europeo*, Madrid, 1988 (8ª ed.) y P. Mac Cana *op. cit.* (les meyores semeyes en *I Celti*, catálogu de la macroesposición de Venecia nel Palazzo Grassi, S. Moscati «coordinador» FIAT, Milano, 1991). Ensin dubia ye un personaxe que participa de toles funciones: señor de la vida y darréu de la muerte, abastecedor de la comunidá (Teuta = pueblu, tribu) col so calderu inacabable y resucitador, pá de toos (Xúpiter, Dis Pater, Ollathir). El druida irlandés Mog Ruith (fíu de la rueda) tien el poder de remanar el fueu ya igua una foguera con un paxotu de madera que tien tres llaos y siete puertes: *El cercu de Druim Damhgaire*, en *Revue Celtique* XLIII, torna por M.L. Sjostedt. Sobre'l simbolismu de la ruedad: John Sharkey *op. cit.*; Mac Cana *op. cit.*

⁴³ *Bulletin de la Faculté de Lettres de Poitiers*, 1892; citáu por J. Markale *Le druidisme...*

n'echar a rodar monte abaxu una rueda quemando. Esta mesma tradición repítense nun poema inglés del sieglu XVI⁴⁴ y... quiciabes por una casualidá inoportuna nun soi pa dexar d'entrugame qué fai esi xigantón con una rueda carru que yá retratara Modesto Montoto na primera década d'esti sieglu en pueblu de Cañu⁴⁵ o me siga intrigando'l nome d'esi monte de Cangues al que-y llamen Tarañosdiós; pues yá se sabe que «si trona sobre'l ñubláu, ñueve díes anubarráu».

Polo que cinca a una parte diferente de la tradición asturiana comu ye'l calendariu festivu vo dar namás qu'un par d'apuntes, sabedor del escelente trabayu preparáu por X. Lajos sobre esta mesma tema:

Sabío ye que nos países anglosaxones celébrase'l primer día del mes de payares la fiesta de Halloween, na que los rapacinos ponen calabaces afuracaes en forma de cabeces y otres xirigoncies. Y ye almitío de vieyo l'aniciu d'esta fiesta nos ritos del 1 de payares, aniciu del añu célticu, de los díes escuros⁴⁶ que n'Irlanda tien el nome de Samhain. Pues bien, l'equivalente católicu ye la nueche de difuntos y el día de Tolos Santos, anguañu espardíos per tol orbe cristianu⁴⁷, pero que n'Asturies y otres fasteres de la cornisa cantábrica diben asociaos hasta nun va muncho cola colocación (en

⁴⁴ Idem ñota 43.

⁴⁵ El colectivu etnográfico Belenos caltién material de la celebración d'esti ritu anguañu.

⁴⁶ J. Markale *Le Druidisme...* px. 182 y ss.: «puede ún asorar de que l'Añu Nuevu principie col iviernu que llega, pero nun mos escaezamos de la creencia druídica atestiguada por César que fai de Dis Pater, esto ye, una divinidá nocherniega, l'orixe de los seres y les coses». Tb. Olivier Lounay *op. cit.*; px. 187. El Samhain (qu'etimológicamente ye «el final del verañu») coincide col términu Samonos del calendariu de Coligny (ñota 42a y 42b)... Nes cuatro fiestes mayores, comu ye'l casu del Samhain el tiempu queda suspendíu y concretamente nésta mécese vivos y muertos durante tres díes: Yann Brekelien *op. cit.*; P. Mac Cana *op. cit.*, px. 127.

⁴⁷ El fechu de que la Ilesia Católica escoyerá esti día comu celebración de Tolos Santos ye significativu: San Odilón abade de Cluny, estableciólo nel s. XI (Rua Aller & Rubio Gago *op. cit.*, px. 25).

fontes) de les llamaes «calaveres»,⁴⁸ que nun son otra cosa que calabaces afuracaes a les que se-yos pon una vela encesa dientru (pa meter mieu, sí, pero acordémonos del «fueu del cuerpu»). Tamos delante la reminiscencia del percomplicáu cultu a les cabeces que nel calendariu célticu algamaba un especial significáu nesa fecha, comu aniciu del añu escuru, de los muertos. Hai delles tradiciones referíes a esti día n’Asturies, comu la de que’l que robó en vida devuélvelo’l día de difuntos (pela nueche). Diz Luciano Castañón qu’ésta ye la única nueche qu’aprovechen les almes pa descansar en so casa, y los sos parientes déxen-yos les comes feches y aticen el llar. Préndense llámparques, una por cada alma, y la primera n’apagase ye la primera que saldrá del purgatoriu. Nel otru estremu ta la fecha del 1^u de mayu o añu de los vivos y la lluz⁴⁹, fecha bien festexada tamién n’Asturies y de la que tenemos recoyío abondes manifestaciones rituales na fastera centru-oriental. Vo citar tamién la fiesta del Santuariu de Sta. María de Llugás y la importancia que nella tien l’ofrecimientu de ganáu [(«A Llugás, si la vaca o la nuviella nun ta mala, ¿pa qué vas?») pa rematar esti apartáu señalando per un llau la fecha de celebración comu fin del ciclu festexeru verañegu en coincidencia cola advocación ganadera de les fiestes de Lughnasadh n’Irlanda qu’entamen col mes d’agostu p’acabar na folixa de Tailtiu a principios del mes de setiembre, señalando l’acabu de les brañaes y la esaltación de la fertilidá⁵⁰. Nun fai falta acordase de la importancia del ritu la fertilidá en rellación col

cabu casa, la moza que d’ella bebe, dientru del añu se casa» (acordémonos tamién que’l regatu que sal de la cueva lleval significativu nome de *Deva*, pallabra céltica que quier dicir namás que «diosa») y la coincidencia del 8 de setiembre na celebración de la Virxe de la Cueva, Llugás y Cuadonga y el peculiar recorriu romeru a qu’esto obliga. Abasta con echar una güeyada a les fiestes de pelegrinación que peles mesmes feches se faen n’Eire pa venos a nós mesmos.

Sabío ye qu’estes manifestaciones festexeres del añu célticu correspuenden a les fiestes del calendariu llunar superpuestu al solar, nel que la importancia cai nos solsticios (San Xuan, por exemplu) iguando too ello un sistema perfectamente reguláu⁵¹.

Esto nun ye más qu’un perpequeñu detalle de comu’l calendariu festivu cristianu d’Asturies tapez pero nun esbozaria sinón que se superpón, con una precisión sorprendente delles de veces, al vieyu calendariu precristianu. Asina la mentada fiesta de «El Tararu» facíase’l día de Santiago, santu mitificáu nel aspeutu guerreru durante la Edá Media y al que yá nes Escritures se llamó «Boanerges» o «fiyu del truenu».

Vo facer namás qu’alcordanza de los permunchos procedimientos de medicina popular asturianos, que constituyen una parte inportantísima de la tradición oral na que nun ye nada abegoso atopar paralelismos precisamente nel ámbitu del occidente atlánticu européu, pero especialmente nos manuscritos monacales de les epopeyes gaéliques y vo exemplificalo col fechu de que pa ser saludador n’Asturies hai que ser el séptimu fíu de siete varones⁵² o tener una rueda en cielu la boca mentes que n’Irlanda hai que ser el sépti-

⁴⁸ Rexistros Col. Taranés añu 90/Piloña.

⁴⁹ Asociada a los ritos del fueu que se caltienen nel 1 de mayu y en San Xuan. Despáchase a gustu nesti puntu Frazer *op. cit.* (Beltaine quier dicir «el fueu de Bel»). Facíase pasar al ganáu ente’l fueu pa purificalu (n’Asturies Aurelio de Llano *Del folklore...*; N’Eire W. Stokes en «Three Irish Glossaires», p. 6 *Revue Celtique XII*).

⁵⁰ Tailtiu, madre de Lugh, morrió arreventada de llabrar les tierres d’Irlanda (*Leabhar Gabhala*; Caitlín Mathews *op. cit.*).

⁵¹ Una bona síntesis en Caitlín Mathews *op. cit.*

⁵² Luciano Castañón *Supersticiones...* px. 163.

mu fíu d'un séptimu fíu pa ser «filé»⁵³; y tamién col procedimientu espulsiu de los diaños del cuerpu peles dees y deos atestiguáu en Tiraña (conceyu de Sieru) comu cuentu folklóricu⁵⁴ y comu «tratáu» druídicu nesos manuscritos⁵⁵, onde apaecen tamién pal que les quería ver, comu dos gotes d'agua, dende l'asturianísimu cuento del «viudu y la xana»⁵⁶ hasta la estructura familiar del avunculáu gaélicu⁵⁷ y el mecanismu, idénticu na so conformación a la traída y llevada «covada» de los pueblos cantábricos: supuestos rasgos estos dos de matriarcalismu primitivu non-indoeuropéu n'Asturies⁵⁸.

Nun pretendo con esto escosar la tradición oral asturiana nel marcu de lo estrictamente célticu, pero sí asitiar les coses un poquiñín más nel llugar que-yos correspuende, a la escontra d'un prexiciu tan nefastu polo menos comu la esaltación romántica del celtismu del sieglu pasáu.

Pero... Si enxertamos equí l'orixe de la nueva tradición oral ¿acasu nun ye ésto una contradicción col estáu actual de discutiniu de los estudios hestóricos, arqueolóxicos, llingüísticos, folklóricos y antropológicos? Sí, polo menos no tocante a los dos primeros y en menor midida a los demás, pero tien la ventaxa d'asitiase enriba d'un trabayu compara-

tivu rigurosu, d'un trabayu de campu que pretende ser escrupulosu y d'una conocencia mínima pero necesaria de los sistemes de creencies colos que se quier rellacionar o non la nueva tradición, esto ye, de les otres tradiciones. Personalmente fuélgome muncho d'entrar en contradicción colos prexucios. Non tanto colos toponómicos, sustratísticos, etc... (per otu llau pernecesarios) del llingüista que nun conoz más de llingües celtes que les güeyas a dalgún vieyu diccionariu decimonómicu escritu por un escaecíu sabiu alemán, pero sí de los prexucios hestóricos del que fala d'oyíes, tapecíu pol mitu ayenu; del prexiciu del arqueólogo ximielgáu poles modes pendulares, acuruxáu pola entelequia que sólo ta nel so maxín⁵⁹.

Los datos tán ende pal que los quería ver. Pela parte que me toca vo seguir a la gueta, ensin mieu a les entelequies. La contradicción en tou casu yá nun ye de mio, sinón suya, señores hestoriadores, filósofos, llingüistes, arqueólogos.

⁵³ Un «filé» ye una especialización de la función sacerdotal druídica que se caltuvo durante tola dómina medieval n'Irlanda y abasteció al cristianismu gaélicu. Tenien que facer un deprendimientu de tres ciclos de 7 años (Le Roux & Guyonvarc'h *op. cit.*).

⁵⁴ «Notes folklóriques de Tiraña, Sieru» en Lletres Asturianas 12 (1984), pxs. 18-24.

⁵⁵ De les tres clases de maxa, la maxa de didos fo la única tolerada por S. Patricio. Le Roux & Guyonvarc'h *op. cit.*; Olivier Launay *op. cit.*, px. 194; Nel *Glosariu de Cormac* descríbese esti procedimientu (traducíu por Kuno Meyer en *Revue Celtique*).

⁵⁶ Nel ciclu del Ulster «la malura de los ulatos»: Lady Gregory *op. cit.*; J.M. Flórez *op. cit.*, etc...

⁵⁷ Sé que ye abegoso pal profanu averase a los testos «orixinales», polo qu'encamiento a leer: J. Markale *La femme celte*, Payot, Paris, 1980.

⁵⁸ Idem nota 56.

⁵⁹ Pues nin el prexiciu del hestoriador ye hestóricu nin el del llingüista llingüísticu.

FAZA LLITERARIA

LLETRES VIEYES

*Escenificación que se facía ante'l neñu Xesús na ilesia de El Pino (Ayer) pela Navidá**

A - Yá ves, Paz, vengo terde pero yá sabrás la causa.

Desaparexa la burra, quíta-y el cinchu y l'albarda, pon-y algo en peselbe y métela pa la cuadra.

¿Cebesti yá los gochinos? ¿Catisti yá la Gallarda? ¿fuiesti al molín y a la fuente? ¿freguisti la ferrá? ¿Ermesisti un poco yerba de lo qu'había na bara?

B - Calla muyer, toma aliendu, por si yo te contestara toas esas preguntas, ¡malañu qu'ella nun calla!, Asíéntate nesa siella que vendrás algo cansá, dempués comes unas sopas que yo t'arreglé con grasa.

Entós ¿Qué tal el mercáu? ¿Corría bien la cebá?

C - La cebá regular, vendí mui bien las patatas, los arbeyos, las fabonas y el maiz.

Detrás de casa cuando yá taba acabando de vender lo que llevaba, presentóse una doncella que nunca la vi tan guapa. Con ella día un vieyín mui simpáticu y de barba y llevaba una cuayá. Llevaba un neñu nos brazos que paecía de nácar o fechu ente las estrellas al amanecer del alba.

B - ¿Y nun supiesti quién yeran?

A - Garrélo too xunto y metílo na banasta, púnxela debaxu'l brezu y seguilos ensin tardar. Seguí

* Fonte: Conchita Megido Castañón
Recopilador: Alberto Alfonso Megido

tres ellos y vilos metese nuna cabana ensin puerta, ensin ventana y el teyáu teyavana. Posoren el rapacín nun montonín de paya, el probín en carniquines y ensin camisa nin nada.

Yo, al ver tanta probeza, puénxime toa apenáu. Los güeyos ensin querelo enllenórenseme d'agua.

Aquel viciyín tan curiosu, aquella moza tan guapa y aquel nenín tan del cielu. ¡Vivir nuna cabana!

B - Vaya, muyer. Y ¿nun-yos diesti ná?

A - Home, a quien se-ye ocurre ¡cómo nun-yos día dar ná! Di-yos 5 peras, 6 manzanas de maíz una mozá pa piensu d'un pollín que tenían na cuadra y a la ma del rapacín, pa que pudiera tapelu, regalé-ye la mio manta.

B - Pos nun lo fixisti bien. Yo facía una soná, a la menor descuidá robába-y el rapacín y traíalu pa la mio casa.

A - Bien quise pero nun pude, nun-ye quitaben mirá. Dixórenme qu'aquel rapacín qu'allí de fríu temblaba, que bien cerca lu teníamos tan resaláu y tan guapu nel sagrariu la ilesia y que ya lu veríamos nel cielu n'estirando la pata.

LLETRES NUEVES

Memoria del pueblu

1

Quédenme les cenices comu tisbu
de qu'equí amburó lleña de carbayu
y fumos azules anúbrenme los güeyos
comu llárimas que llenden la lluz del iviernu.
Quédenme les áscuares de les fogueres
nel ritu de los llares antiguos
cola llume en folixa dibuxando esparabanes,
faciendo xuegos de maxa na escuridá de les hores
qu'apigacen seliquines a la fin d'avientu.

2

L'incendiu amortigaña cuandu l'augua amiya
fecha bastiazu, dexando'l calicor amatagáu
del alma murnia que filtraya'l pruyimientu
—llargues dómines de fuebu encaldiáu—
y nel coral xueguen los vezos,
les güelgues del amor esfrecíes.
Falta facía l'ábregu emburriando la llaparada
escontra l'ermu que saborguia la rosada;
namái fumos, fumos ñublando'l sol
y povisa, povisa qu'esparde l'aire.

Ánxel Álvarez Llano

Nun me quexo

A pesar de tar lloñe,
xintar ensin tos güeyos,
correr ensin to aliendu;
a pesar d'eso,
nun me quexo.

A pesar de que dexo
de tar contigo cada día,
ca vegada que camino,
ca vegada qu'opino;
a pesar d'eso,
nun me quexo.

A pesar de que vieyu
cada día soi más,
y que quien to nome punxo
debió poner Llibertá,
o un nome de mar o de lluna,
porque nun se te paez denguna;
a pesar d'eso,
nun me quexo.

A pesar de que l'espeyu
sólo una cara reflexa
y en soledá me dexa,
a pesar de qu'a veces me quexo;
a pesar d'eso,
nun me quexo,
porque hebo una vez...
na que me disti un besu.

Xuan Porta

*Dos poemas d'Alfonso Camín**

Canciu

Si quies que te cortexe,
mocina casamentera,
di-y a to ma que dexe
de presumir de soltera.

Que yá ta pervieya,
que vaya llavar,
que curie la oveya,
que curie'l telar.

Cortexu

L'oriéganu nel monte,
la pumará en terrén liso,
el canciu nel camín
y el lloréu nel to ventán.

Y sobre too
nel to pelo'l trigu roxo
y nos tos güeyos el cielu claru.

La palomba nel teyáu,
l'alandrina nel to bistiechu,
nel prau'l ganáu
y tú, palomba y lluceru.

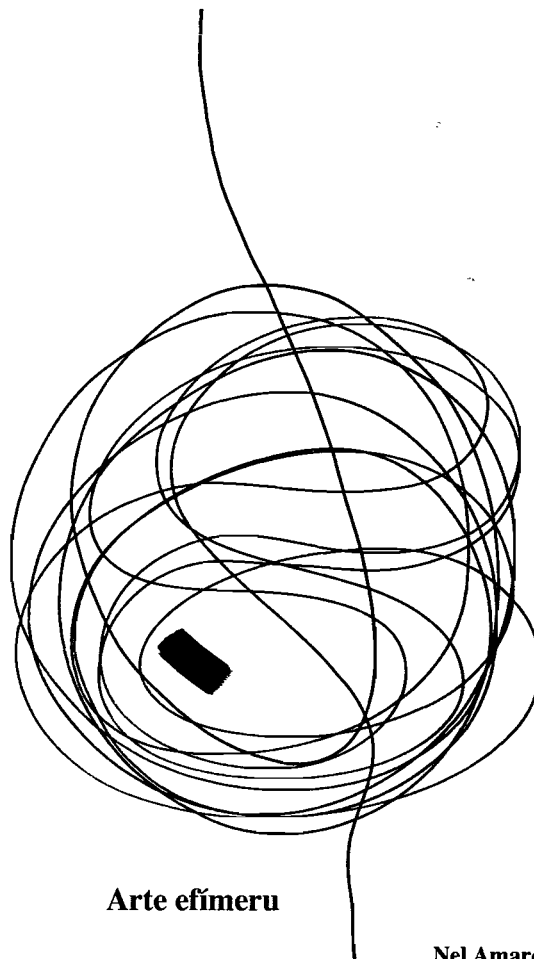
Y sobre too,
nes nueches cortexu,
que cortexete yo namás.

* Torna de Xulio Lluís Pardo Fernández



1.000.000 de pallabres

Poemes visuales



Arte efímeru

Nel Amaro

El Barcu

Pero si yá pagamos los nuegos billetes nesti mundiu
por qué, por qué nun nos dexen sentanos y xintar?
Naguamos por mirar les nubes,
naguamos por tomar el sol y goler el sal,
ñidiamente nun se trata de molestar a naide,
ye tan cenciello: somos pasaxeros.

Toos vamos pasando y el tiempu con nosotros:
pasa la mar, despídese la rosa,
pasa la tierra per solombra y pela lluz,
y ustedes y nosotros pasamos, pasaxeros.

Entonces, qué-yos pasa?
¿Por qué anden enraxonaos?
¿A quién anden guetando con revólver?

Nosotros nun sabíemos
que lo teníen too ocupao,
les copes, los asientos,
les cames, los espeyos,
la mar, el vinu, el cielu.

Agora resulta
que nun tenemos mesa.
Nun pue ser, talantamos.
Nun pueden convencenos.
Taba escuro cuandu llegamos nós al barcu.
Y tábemos coritos.
Toos llegábemos del mesmu sitiu.
Toos veníemos de muyer y d'home.
Toos tuvimos fame y bien ceu dientes.
A toos nos surdieron les manes y los güeyos
pa trabayar y pa deseyar lo qu'esiste.

Y agora sálenmos con que nun podemos,
que nun hai sitiu nel barcu,
nun quieren saludanos,
nun quieren xugar con nosotros.
Por qué son tantes ventaxes pa ustedes,
¿Quién-yos dio de la cuyar cuandu nun nacieren?

Equí nun tán contentos,
asina nun van les coses.

Nun me presta nel viaxe
atopar, nos requexos, la tristura,
güeyos ensin amor o la boca con fame.

Nun hai ropa pa la viniente seronda
y menos, menos, menos, pa esti prósimu iviernu.
Y ensin zapatos ¿cómu vamos dar la vuelta
al mundiu, a tanta piedra nos caminos?
Ensin mesa ónde vamos xintar,
¿ónde nos sentaremos si nun tenemos siella?
Si ye una burla triste, decídanse, señores,
a finala darréu,
a falar en serio agora.

Dempués la mar ye dura.

Y llueve sangre.

Pablo Neruda¹

¹ Tornáu de *Navegaciones y regresos* por Xuan Porta Allende.

Cartafueyín

I

Semasti l'ausencia
nel xardín d'opalina
Fetos qu'aguyen
na cara llamargosa
del vientre l'escalagüerniu.

II

A la gueta'l navayazu
l'abandonu atropa'l
pesu la falcatrúa.

III

Dientru'l pozu l'alma
oyimos l'ecu del pensamientu
Xemíu de lletra non parida.

IV

La idega'l simulacru
amedrana les apariencies
que xixilen nos bayurosos
xuegos la oxeición fecha oligofrenia.

V

Ñublen les pallabres escaecies
los guaceos oceanográficos
de la inocencia semeyante a borrina o fotomatón.

Xosé Lluis Campal

4 *poemes*

A José Saavedra

Dexasti güella na mio carne
y memoria na pelleya de sopapos inacabables
que me percorrieren el cuerpu nel claustru del sua-
ñu
quién sabe si'l mio destín paeceráse al d'un home
y dalgún día pariráse un neñu pa imitalu.

* * *

Nel escuru xardín del manicomiu
los llocos cáguense nos homes
les rates surden a la Cloaca Superior
guetando'l besu los Dementes.

* * *

Faigamos un brindu so la nada
blincu d'un saltimbanqui nel aceru escritu
onde la flor esnúdase y vive ente los homes
que rinse d'ella y tuercen la vista
ensin saber oh ilusión que ye tamién a la nada
aonde la tornen ellos y que ca xugada
espárdese la Muerte desnuda delante'l xugador
y los ñarros xueguen con tiestes humanes.

* * *

Dancia na ñeve
muyer maldita
dancia fasta que los tos pies
escalzos sangren,
el Sabbath entamó
y nes tranquiles cas
de los homes
hai munchos más .
llobos qu'equí
Depués de baillar toca
la ñeve: daráste cuenta que ye bono
y que nun ambura les tos manes
comu la foguera
na qu'abonda guapura
prenderá dalgún día.
Dende los pies
fasta'l sexu
y arralando los senos
y chamusquiando'l pelu
con un cruxíu comu de
mosques al espachurrarse na
vela.
Asina prenderá'l to cuerpu
y del Sabbath quedará
namás una llágrima
y el to agullíu.

Leopoldo M^a Panero*

* Tornó **Atanasio Fondón**. De: *Poemas del manicomio de Mondragón*.

La carga de les walkiries

SIEMPRE me socedía lo mesmo colos garbanzos, una llegume indixesta, cola que tenía problemas asgaya, amás de nun prestame un res pa xintar, pero primero foi mio mai, depués en cuartel, tando na mili, na cárcel, por cuenta'l franquismu y, pa finar, la muyer, de casáu. Garbanzos polo menos un día selmanal, y nin el mio petite, y menos entovía el mio estómadu, taben fechos pa llegume cazurra semeyante.

Debíen ser ellos, los garbanzos, los que me daben la nueche, faciendo de les suyes y nun me dexaben dormir a la perllonga, sinón con sueños espantibles, cási que veleos ensin una fin.

Sé que quiciás toi diciendo coses res de res científiques, si digo que «tola nueche suañé lo mesmo», una y otra vuelta lo mesmo.

Lo que, al paecer, científicamente, ye imposible, porque los sueños nun duren namái que custión de segundos, o décimes de segundu.

Cási que res de res.

Semos nós los que desaxeramos y esi segundu, o eses décimes de segundu, en toa una nueche de siete-ochu hores, abúltanos una braera desaxeración, hores a mamplén.

Y de ná nos val lo que digan los científicos y les sos teoríes asgaya, posque nós sufrimos igual que si fueren eses hores y nueches envede segundos, o décimes o centésimes de segundu.

ESTA vez los garbanzos con tol mangaráu reglamentario actuaben más cafiantes y hasta'l suañu tenía, lo que nun yera nenguna novedá pa mín, colorinos y música, una música que me paeció identificar nel intre y perteneciente a la banda sonora de la película de Coppola «Apocalypse Now», aquella de los helicópteros, nel Vietnam.

¿Nun vos alcordais?

Nun podía quexame tampocu, posque non siempre ye posible suñar asina, nesi color por technicolor, música de calidá y empobináu por unu de los direutores cinematográficos de mayor sonadía mundial.

¡Francis Ford Coppola!

Con too ello, braeramente nun merecía la pena semeyante sofrenca, un desasosiegu xabaz y aquel sudu que camudaba la cama nuna sauna.

¡Los garbanzos y el chorizu del «hiper» Dela! Taba seguru de la muncha influencia negativa de la llegume cazurra nel mio aparatu sicosomáticu, emperráu na fabricación d'unes imáxenes apavo-

riantes que, ehí taba lo esmolecedor pa mín, nun teníen a cencielles, ensin necesidá d'andar a vueltes col doctor Freud y los mélicos egrexos de la so pernomada «Escuela vienesa», lóxica nenguna.

EMPICIPIANDO polos compañeros nel repartu de la «superproducción», a los que nun conocía y que teníen nomes ayenos dafechamente a la mio vida y axenda social, privada y profesional.

Nin aquellos, de nomes foriatos, Humberto, Ástur, Nel, «El Roxu», Iyán, Delaira y Xaranzana, nin tampocu los otros, de nomes más afayaízos pal mio oyíu, Richard, John, Foster, Peter, Jerry, Jessica, Bob, Tom y Arthur, me dicíen daqué.

Nun ficiere enxamás tratu o negociu con nenguna d'aquelles persones, nin tuviere, polo que Dela pensare, rellaciones sentimentales, o sexuales, con elles, con Delaira, Xaranzana y Jessica.

Atopábame nes meyores condiciones pa xuralu y nun condergame.

Too, elles y ellos, nun separtaben enxamás los sos güeyos de mín, igual que si quixeren estudia-me a fondu, ensin gorgutar, mientras me diba poniendo nerviosu y miraba pal suelu, fuxendo asina de les sos miraes, emplegando la téunica del avestruz, «si nun veo, nun me ven».

Sicasí sentíales enriba, fuertes y de cutio.

Miraes femenines y masculines, faltándome entós frebes pa, levantando la tiesta, mirándolos en tientes, yo a toos ellos y perllongadamente, entruiga-yos.

—¡Qué...!, ¿Tengo pintada la cara?

O nun tenía les frebes necesaries pa facelo o, cenciellamente, escaeciérase'l Coppola de poner los diálogos necesarios na so película.

Yera un suañu contemporaneu daveres, colos sos colorinos, la so música al altu la lleva y aquel ruxir de les hélices de los helicópteros y lo que son les coses, ensin pallabres, comu nuna película muda d'Abbott y Costello, aquella pareya cómica que tantu me ficiere rir na mio infancia, comu nengún otu cómicu lo llograre, na mio infancia, mocedá y aduetez, y falo de Danny Kaye, Cantinflas, Tin-Tan, Jerry Lewis o Woody Allen, anque cola esceición de los hermanos Marx.

¿CULPA del Coppola, o enxamás nun hebo diálogos nel guión?, ¿olvidu inocente o fechu arremamente y con tol xacíu?

Aquel silenciu, aquellos miraes, aquel tar ellí, delante d'aquelles muyeres y homes a los que tenía por primera vez de compañía, amalecíame.

Quería entós gritar, y nun tenía gritos.

Pruyía por entruigar...

¡Y nun tenía entruigues!

Arranaba por dici-yos daqué y nun tenía tampocu pallabres.

El míu yera un personax, al delláu d'otros personaxes más, víctima d'un direutor y guionista xu-

guetones, qu'ensayaben con nós les sos gromies, en forma fadies, y al que nun-y dexaben yá nin emplegar la so voz nun casu urxente.

Y la nueche, qu'entovía guardaba, enviescada la malvada ente les sos mesmes solombres, delles baces pa xugales nel momentu que meyor-y encartiare, obligándome a acordame, con abonda seña, del pasáu.

¿Nun naguabes pola voz?, ¿nun queríes entruugar y retrucar?, ¿nun clamiabes pola pallabra?
¡Equí la tienes!

Yá tas enteru. Agora fala, entruuga, retruca, ataca y deféndete. Foi comu si m'aventaren los mios reproches al focicu, abandonándome darréu d'ello ente aquella xente desconocío pa min y qu'entrayaba na mio vida por nun sé que furacu, puerta o ventana falsos, asitiándose nel mio suau, na mio vida, na mio nueche, na mio cama...

...Nes mios llercies, tresformando'l mio descansu nocturnu nuna braera griesca, na cuala, tamién, too paecía tar contra min.

Asina, les primeres pallabres, les primeres entruques, foron les de toos ellos.

Les pallabres y entruques d'aquella xente desconocío.

El guionista nun paecía cuntar comigo pal papel principal naquel suau cinematográficu.

— ¿Quién yes?

— ¿Qué faes?

— ¿Pa qué?

— ¿Quién t'unvia?

Foron les sos pallabres, les sos entruques, pallabres y entruques d'aquellos homes y muyeres, siempres averándose a min, estrenchando'l círculu, acorripiándome d'un modu nidiamente acuruxador.

ELLES y ellos, aquella xente desconocío pa min, tamién dieron les rempuetes, escaecíu pol guionista y dialoguista de turnu.

— Espionax.

— Del estranxeru.

— Pa espiar.

— El gobiernu vecín.

ENXAMÁS nun volvería a xintar, nin pal meudía y, entovía menos, pa cenar, garbanzos, una llegume cazurra de difícil dixestión y que me trayía llocu y moyáu dafechu pola mor del munchu mugor.

El mugor ye, igual que la risa, una válvula d'escape pa la medrana. Les pallabres de los, pa min, desconocíos, paecieron facer muezca nel xacú de los que, nel papel de xueces y fiscales, peraten-

tamente escuchaben y garraaben abondes notes, y que nun me dieron nin la menor de les oportuni-
daes pa desplicame.

— ¡L'acusáu ye... culpable dafechu!

De traición, d'espionax y... ¡terrorismu!

So la mio conciencia charon docenes de calabres, muertes de neños, mozos y vieyos, muyeres y paisanos, toos civiles y ensin posibilidá nenguna de fuxir o defendese de la muerte por mín entemana-
nada.

A los demás, a los que taben comigo y nun hicieron namái qu'acusame y chame toles culpes posi-
bles, condergáronlos a toos, a elles y ellos, pero a delles penes de cárcel, que diben dende los tres
años y un día hasta la cadena perpetua, mientras que pa mín guardaron los xueces el mayor de los
escarmientos, la pena capital, la pena de muerte, sentencia que, ensin nenguna clas d'apelación,
tendría de ser cumplida dientru del plazu másimu de setenta y dos hores.

Dientru d'esti plazu, d'esos setenta y dos hores, en cualisquier momentu podía ser executáu, lle-
váu delante'l pelotón d'execución, posque sedría la mio fin asina, y pasáu peles armes d'un piquete
de soldaos.

HUMBERTO, Astur, Nel, «El Roxu», Iyán, Delaira y Xaranzana, igual que Richard, John,
Foster, Peter, Jerry, Jessica, Bob, Tom y Arthur, que paecien conocese, a fondu, ente ellos, salva-
ben la so pelleya, allugando la mia de cote a les boques de los fusiles del pelotón executor.

De la cárcel, pensaríen, un día u otru, tamién se sal, y hai indultos, o cambia'l Gobiernu.

O báltenlu los Estaos... ¡O...!

Del cementeriu non, enxamás naide, muertu a tiros, nun coló polos sos propios pies del llugar.
Camentaba que nun sedría yo la esceición.

¿Cómu podía yo seguir el xuegu d'un guión permal escritu?

¿Cómu podía yo creyer nuna falcatrúa semeyante?

¿Aónde diba yo a parar papando una hestoria asina?

Namái fuxir, del modu que fuere, d'aquel suaño, d'aquella velea, seguru de tar espiertu, yá pa-
saría la mio factura a los responsables de tol enguedeyu, pa que nun volvieren a olvidar los diálogos
del mio personax nel so guión.

PICABEN, picaben con estrueldu a mamplén, picaben na puerta del cuartón onde me teníen
prindáu, so una xacea de paya fediondo, na que mexaríen y se faríen milenta payes la mayor parte
de los enemigos políticos d'aquel réximen tiránicu y dictatorial.

Seguíen picando, bederrememente picando na puerta, y dando berríes nun llinguax ayenu pa mín.

Esperté, esfregué los güeyos primero y depués el banduyu, emperráu en dar unos ruxíos aseme-
yaos a los emitíos peles cañerías del agua.

¿Nun sedrá —pensé— cosa de los garbanzos cazurros?

Fecha la entruiga, entamé'l llabor de facer alcordanza de lo último que cenare, ensin llogralo, por cuenta de los bederres que picaben y glayaben na puerta del cuartón.

Namái vía los güeyos d'unu d'ellos, grandonos.

Y sanguinarios tamién.

Convencíu de que si nun-yos abría la puerta pola de buenes, pocu diben ellos en tardar a baltala, empobinéme pa ella, entregando pola presencia d'aquella xente nel mio cuartón, pela mañanina, asgaya ceu, asina como pol númberu y razón de la so presencia.

Anque yá tenía voz y pallabra, dexando'l guionista que'l dialoguista fexere'l so trabayu ensin pilancos y me diere unos cuantos, el casu yera qu'aquella docena de gorilas, blancos unos y prietos otros, igual que'l carbón de les mines polaques, y yo, tábemos condergaos a falar en llingües estremaes, abondo estremaes, diría yo.

EMBURRIÁU por ellos, atopéme de secute nun patiu interior al qu'arrodiaben les cuatro muries bermeyes de lladriyu y barru d'unes edificaciones cuarteleres y tercermundistes, atacaes de ventanes, tres cuyes rexes, y taben tamién atacaes de rexes, milenta pareyes de güeyos sigúen la mio peripecia.

Si nun cené garbanzos cazurros, ¿tampocu toi agora mesmo suañando too esto?

Pensé.

El trucu del peñizcu yera imposible, esposáu de pies y manes comu taba, pero los golpes de los mios carceleros, con pies, manes, tiestes, porres, palos y cañones y culates de los sos fusiles, cumplén bayurosamente esi llabor.

Taba vivu.

Nun suañaba.

Hasta atopame llantáu delante d'aquellos diez soldaos, afataos caún comu meyor podía, unos de civil, de militar otros y una amestadura de civil y militar un tercer grupu.

Lo mesmu socedía col so armamentu, fusiles y metralletes de diferentes guerres, dómines y nacionalidaes.

Teníen «Kaláshnikov» y pude ver más d'un «M-16».

Un pelotón d'execuciones d'un exércitu bananeru, entamando'l so llabor, naquel intre, y pa mayor desgracia mía, el mio fusilamientu.

De nun ser asina, tendríu dalguna gracia comu folclorismu.

El llinguax xestual ye'l mesmu en tolos sitios del mundu y tamién nos sueños y na vida real, de mou que, averáu a la muria, colos pies y les manes esposaos, delante d'aquel pelotón, mandáu por un oficial blancu con estrelles y medalles a maza semaes pel so uniforme, verde oliva, pescanciaba

a les clares la verdá de la mio situación ellí, que yá nun tenía res de res que ver colos garbanzos cazurros y el chorizu del «hiper» y la so perdifícil dixelión.

Depués del «¡preparaos!», viendo'l «¡car-gueeen!» y darréu d'esti un forníu «¡apuuunnn-teeennn!», cuandu tranquilé los güeyos, pa nun ver l'últimu biecu del oficial blancu al mandu del pelotón executor.

Un ruxíu ensordador, aportando de cerquina, punxo un paréntesis, daqué esperanzador, naquel macabru actu militar.

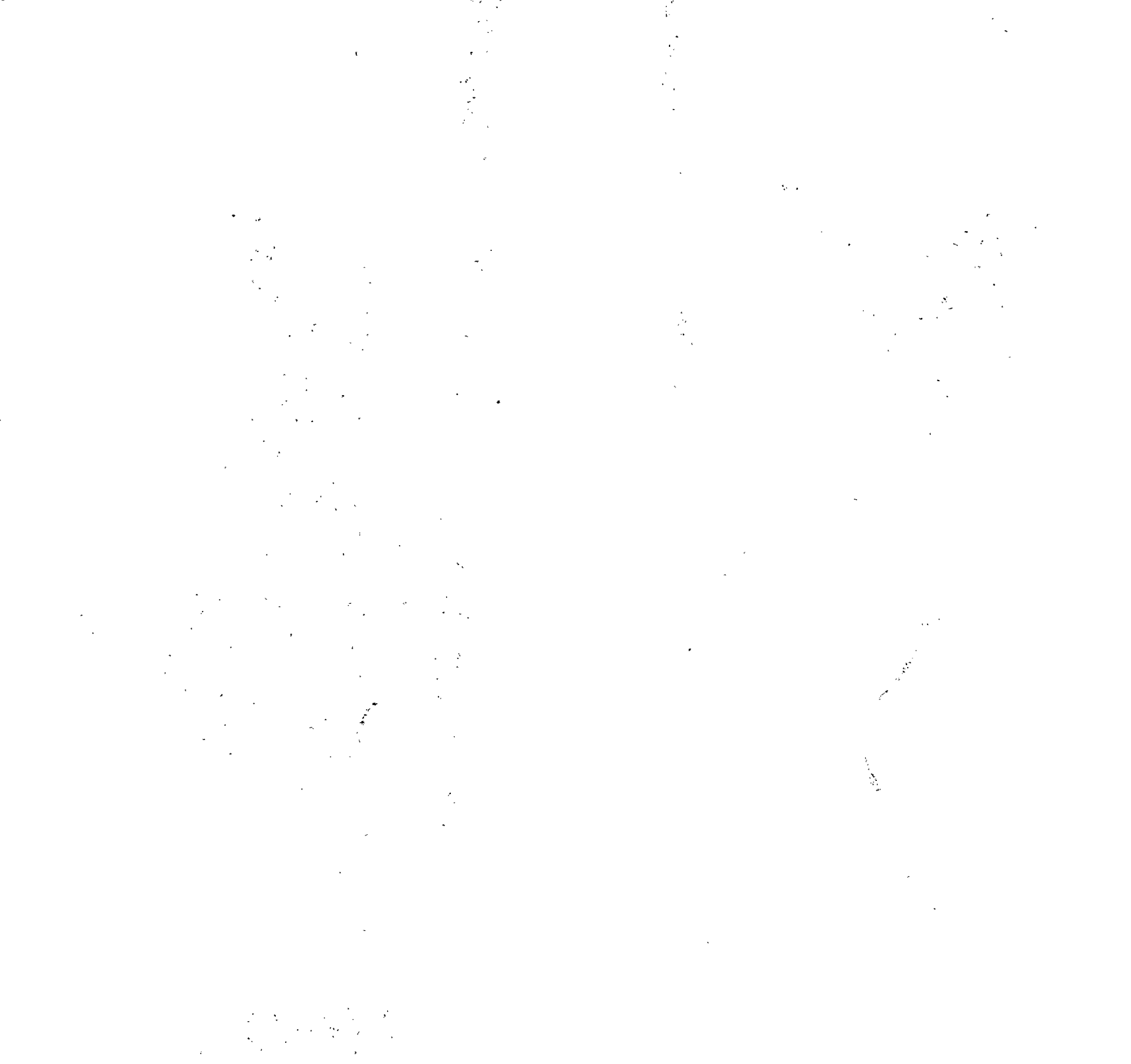
L'oficial olvidóse d'esmenu de mín y buscó, colos sos soldaos, un abellugu dende'l cualu recibir al enemigu, tres helicópteros, ferruñosos y armaos con ametralladores y altavoces, coles que facíen fueu asgaya y espardíen, al altu la lleva, «La carga de las walkirias», de Wagner, igual, igual, igual que na película de Francis Ford Coppola.

En suelu, faciéndome'l muertu lo meyor que sabía —deprendió nel cine— aguardé nel centru d'una prestosa zapatiesta.

DEPUÉS de too, los tres helicópteros aportaben pa salvame d'una muerte segura y l'oficial blancu, si salía'l probitín vivu del baturizu, quedaríase coles ganes de gritar, na so llingua, «¡fueu!».

Nel Amaro

NOTES Y ANUNCIES



Entamos pa una alternativa comunicacional-televisiva

JAVIER FOMBONA CADAVIECO

¿Qué nos pasa cola tele?

Si tenemos en cuenta la importancia del mediu tratáu, los datos conocíos so la televisión son malos, polo que se fai preciso desenvolver les causes y efectos malos del mediu televisivu. Per otru llau, ye difícil pescanciar el pocu enfotu que pon el sector docente pol estudiu la trascendencia les nueves téuniques de comunicación, calteniendo un escesivu centralismu nel llinguaxe faláu y escritu.

La televisión ximiélgase ente l'arte y la ciencia, polo que los sos análisis caen fácilmente nel paecer suxetivu ensin sofitase nos datos esautos.

Anque hai casos estremaos a embute de zuna al mediu, o de dengún impautu n'otros individuos; son los ensayos sociolóxicos los que cuantifiquen, dende varies perspeutives, el braeru impautu social de la televisión na variada y dispereya audiencia.

Colonización del espaciu familiar

La televisión reúne a la familia, pero nun la xunta; caltria hasta nel propiu dormitorio, tórname nun protagonista dogmáticu que nun quier rétruca. La gueta l'audiencia n'hores punta mediante la variedá na ufierta de les distintes cadenes, obliga a tener un televi-

sor por cada gustu personal, deseparando al espectador, desplazándolu de la tertulia y desanicando la necesidá de salir a la cai a la gueta la vivencia real, escaeciendo la esperiencia activa que ye la que tien bayura pal home.

La TV nun ye un mediu de mases, sinón d'individuos; emprobez les rellaciones sociales y personales. La charla y el comentariu en familia de les últimes anuncios o acontecimientos, foi fenetivamente desterrao de los nuestos vezos. Lo que ye más, la Universidá de Búffalo señala que la influencia del mediu so los más mozos xube del 10 al 20% cuando nun tán los sos pas al llau. La esquilada *colonizadora* que protagoniza'l televisor, y los sos complementos lletrónicos, ye oxetivamente midible nel llar.

Ca añu n'España:

760.000 vídeos vendíos.

200.000 cámares de vídeo vendíes.

2.000.000 televisores vendíos.

Imbuyición de la cultura uniforme americana

Los llares americanos, que nos preceden industrial y comunicológicamente, ven más de 33 canales de TV, y nun futuru prósimu verán 100. L'americana ye una industria y un mercáu audiovisual

netamente esportador; tan potente y sobeyu que pue producir muncho y barato, rentabilizando los sos productos téunicos y culturales, dientru y fuera'l so territoriu coles sos esportaciones. (Les producciones americanes valen diez vegaes menos que les españolas y algamen tol mercáu mundial). Esta potencia d'industria y técnica audiovisual americana fomenta la proyección de los sos conteníos y fórmules televisives a lo llargo la so audiencia.

Conteníos centraos nel ociu y nel arruelu

Toles cadenes del mundu inclínense llanciar los mesmos conteníos de consumismu y arruelu, ya que la televisión de calidá resulta demasiau cara. Embaecimientos, comu'l xéneru güici na picorota *Concursos*, pueden tener otra llectura social: el so efeutu adormidor al procurar algamar coses col mínimu esfuerzu; asina, una les consecuencias peligrosas ye'l nivel d'enmazcaramientu tres el

que s'escuenden los sos efeutos. El nuevu *mundu feliz* atacáu d'allancies d'arruelu adormez l'actitú crítica; l'embaecimientu suple les carencias emocionales d'una sociedá añiciadora d'angusties.

Elevaes capacidaes pedagóxiques

Los pedagogos dicen que los instrumentos qu'empleguen la imaxen en movimientu (la propia TV), aballen el desendolque'l pensamientu lóxicu y discursivu na edá ente los 6 y 9 años, na que'l procesu maduración ye paralelu al del aprendizaxe intelectual.

El natural enclín a pescanciar lo real al traviés de les idegues y conceutos, ye aballada pel chorru incesante de les imáxenes audiovisuales; favorécense ansina les tendencias gratificadores primaries (gociu, llerza, etc.) en perxuiciu de la capacidá d'astracción indispensable pal desendolque de la conciencia reflexiva. Dempués d'esti panorama talántase que los neños en munchos países yá echen más tiempu delante la televisión, enantes d'escolarizase, que l'emplegáu'l restu la so vida n'actividaes docentes.

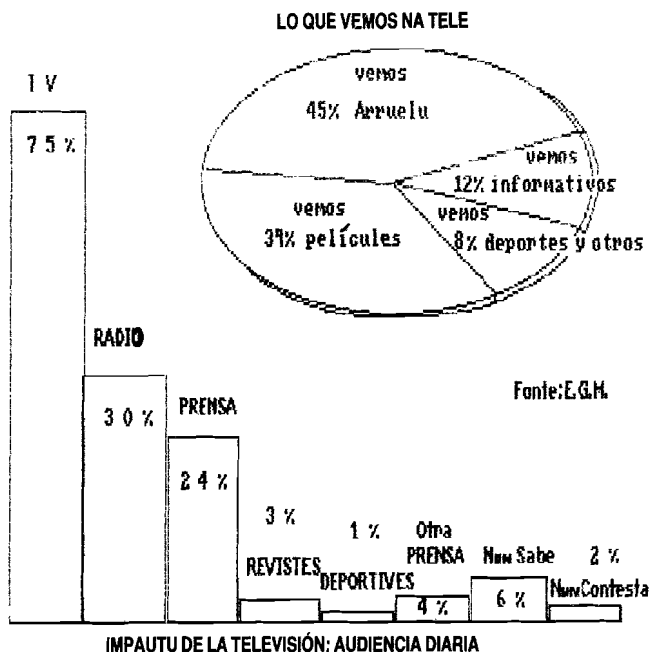
Dinamismu y violencia

La televisión xunta *dinamismu-ritmu y violencia*. El ritmu y el dinamismu son una de les claves narratives de la «tele». El so esponente más claru ta nel efeutu hipnóticu de los «spots» publicitarios que sinteticen a la perfeición la picorota la estética televisiva. Estética qu'aguxa y esparde la violencia comu fácil elementu granxeador d'espectadores; comu activu españante de sensaciones ya impulsos primaries.

Al tisbar una aición violenta nun mos tornamos violentos, pero va resultándonos ca vegada más familiar y conocida la situación. Los vezos camuden mizcu a mizcu y a llargu plazu.

Mediación coleutiva a llargu plazu

La «tele» nun influye nos valores culturales ya qu'esixen que



l'espectador tea emparáu y educáu pa papalos. Influye nos valores morales que camuden la conducta ya que nun esixen esfuerzu intelixible; estos valores son incitativos natos y puros (violencia y sexu). La película «Apocalipsis Now», por exemplu, pue vese sólo comu sucesión de violencia ensin granxar los sos valores estéticos. La TV tienta conductes ensin camudar niveles culturales. Los restos del conteníu que mos queden guarden rellación colos nuestos intereses.

Los paeceres pue que nun camuden muncho, pero sí lo fai la so ciedá y los vezos. Los medios tienen un destacable puxu na orientación de l'atención de l'audiencia pa los temes de mayor interés coleutivu; ye'l poder de los «mass-media» pal establecimientu de ciertu orden de preferencies nel pensamientu la xente.

Eleváu puxu comunicador

Nun sería xusto menospreciar la so ñidia y positiva cabida pa «furnir datos», «pa ufiertar compañía y embaecer». Pero esta so ciedá, con informaciones a embute, recarga desmididamente la capacidá de perceición y fai insegura la interpretación. A midida que medra'l consumu de televisión desendolcase menos lo cognoscitivo.

Los sos meyores llogros son *facer compartir esperiencias* hestóriques... y la so mayor debilidá ta nel tratamientu *los conteníos conceutuales*. El propiu puxu espresivu de la imaxen pue derivar nuna merma la eficacia comunicativa. Stephen Hearst, realizador de la BBC, cuida que la televisión falla nos *conceutos astrautos* porque la imaxen ye tan poderosa que borra, reduz a secundariu'l conteníu. El direutor del Centru Internacional del Espectáculu y Comunicación Social Italianu, Nazareo Tadei, señala que la imaxen de TV sólo pue ser talantada al completu, por quien son capaces de lleela.

¿Cómu vemos los asturianos la tele?

N'España vese televisión una media de 207 minutos diarios (146

minutos d'audiencies demuestren que nel norte vemos dalgo menos TV que na fastera Mediterránea (n'Andalucía vese más televisión qu'en Cataluña magüer la menor ufierta). Les cadenes de cobertura estatal tienen nes comunidaes ensin televisión autonómica (comu Asturias) un 20% más d'audiencia. D'alcuertu con esto, los niveles de llectura de prensa nel nuesu país son de los más elevaos de España (mínimos en comparanza colos europeos).

Tratamientu televisivu de les informaciones

El biecu y la tilde garren trescendencia nes formes y conteníos políticos. La televisión fixo medrar el númberu persones qu'escuchen temes políticos, pero la política tórnase «show», espectáculu, arruelu; porque inda cuandu ye temática, trata d'averase a tolos niveles culturales. Los políticos tórnense cómicos y desprestíxense, mentes que los serios y mestos nun interesen yá que nun son televisivos.

El capital políticu nesti mediu ye la telexenia (el biecu, la pallabra oportuna, la imaxe...). El fechu de ser conocíu yá da posibilidaes al políticu. Los ciudadanos lleguen a formase un xuiciu de lo que ye importante na vida pública del país col resultáu de la mayor o menor presencia que determinaos asuntos y persones tienen nos espacios informativos; l'ésitu nun radica en gobernar el cómu piensa l'audiencia sinón el so qué.

Los análisis d'audiencies destaquen la repercusión del xéneru INFORMATIVOS nos espectadores capaces ellos mesmos de crear barganices o corrientes d'opinión (los GUÍES DE OPINIÓN). L'informativu xenera un círculu zarráu onde se crea l'anuncia, y onde s'inspiren persones con capacidá social executora: políticos, gobernantes, empresarios... y los propios periodistes, que siguen realimentando'l procesu algamando y verificando los sos propios conocimientos.

L'informativu convence al restu les audiencies que garren conocimientos ciertos al traviés de datos oxetivos. Nun pasa ná si nun pasa delante una TV, el 82% de los españoles infórmense pela televisión.

La influencia la televisión occidental so los camudos de la RDA, o la Radio Voz de América so los países del Este, o la presencia la TV-Martí so Cuba, denoten el puxu televisivu comu motor de camudos sociales.

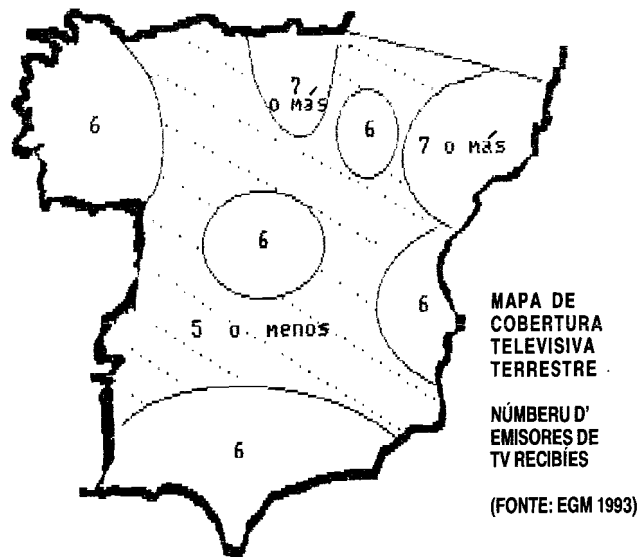
Ante'l cutu que padez la llibertá d'espresión, sólo queda la d'información, la de recibir desemeyaes versiones sol mesmu acontecimientu. Anque tamién pue duldase so cuantos confronten l'anuncia en desemeyaos medios.

Los grandes medios de comunicación multipliquen per tol ámbitu nacional un mensaxe centralista, unificador, lloñe y ayenu a les audiencies. Los propios axentes busquen recursos: páxines d'información rexonal, desconesiones de televisión... pero'l mensaxe ye globalizador y xeneralista. Nesti contestu surden les televisiones autonómiques y la so filosofía informativa.

¿Pa qué nos val eso de la cultura?

Poques vegaes atopamos un elementu con paeceres tan estremaos comu nos pasa cuandu se fala de cultura. Dende dalgún sitiu vese la cultura comu elementu pa medrar con facilidá; dende otru, comu «un rollu» que mos vien lloñe; y dende otros pocos, vese comu'l braeru camín pal desendolque la persona.

La cultura ye ferramienta pa xorrecer políticamente, al ser un serviciu a la sociedá que nun desixe tantos rompederos de cabeza comu otros más retrucaos (los problemes industriales, llaborales, urbanísticos... son los que tán siempre na picorota). La rempuesta social, nesti casu, nun esiste o tápase-y la boca cola facilidá d'unes perrines o d'otres prebendes colo que ta too iguao. Sóbrennos exemplos d'aiciones enquivocaes y que pasen desapercibíes: biblioteques que se queden raquítiqes (casu de la nuesa Biblioteca Pública central de Xixón), actividaes sectaristes (grupos nos ayuntamientos que-yos estorba collaborar cola xente o con otros villes), escaecimientu adrede de tradiciones autóctones (la nuesa llingua por exemplu), puxu d'aiciones propagandístiques («conciertos» multitudinarios pa engarrase escontra ciduaes prósimes), etc.



Per otru llau, comu se diz más enriba, la xente nun ta avezao a pasalo bien cola cultura, diz que ye un rollu. Tienen razón, al ser la cultura güei pieza de muséu que sólo la gocien cuatru que tán deprendíos; porque pa esto, comu pa too, hai que saber, y les zunes culturales tamién camuden mizcu a mizcu.

Son pocos los que bramente antroxen y gocien cola cultura. L'ésitu o fracasu de la persona nun ta en función de les perres y el so usu, comu mos quieren facer ver los medios de comunicación. Nun falo d'actividaes d'élite, sinón d'aiciones que faen xorrecer coses comu'l deporte de base non comercial, comu la descentralización y l'averamientu de los canales d'información a la xente, el puxu d'actividaes lúdiques non lucratives y ensin intereses cobertorios, sofitar los grupos y persones que tienen producción dafechu y les que pueden tener, desendolque d'una infraestructura de locales, equipamientos y monitorización que posibilite'l planteamientu y la creación activa nel pueblu o nun ámbitu menor, etc.

Deseguida pescánciase que l'enganchase a la cultura desixe un *plantegamientu integral*. Desaniciar nesta idega la llingua asturiana ye escaecese del únicu y más importante recursu cultural que

podemos llucir; ye seguir importando modelos que na mayor parte les vegaes viénennos de más lloñe del estáu español. Nun reciente informe de E.G.M. esclárase que más del 75% les producciones audiovisuales que vemos son de los EE.UU. Los programes televisivos que güei tán na picorota son los que yá tuvieron ésitu n'USA hai años («¿Quién sabe onde?», «Contautu con tautu», «Secretos ensin resolver», etc.).

Ye un enquivocu talantar que sólo necesitamos reindustrialización teunolóxica, al tar ésta xunida a la cultural. Les comunidaes del estáu español que se dieron cuenta d'esti asuntu tienen pesu cultural y políticu autóctonu y propiu, y son les que güei tán garramitaes nel progresu.

Nin gallegos, nis vascos, nin catalanes tuvieron dubia que l'estáu español medra al empar d'ellos mesmos, cuando ca pueblu tamién medra. Nun perdieron el tiempu cola llucha ente les sos variantes llingüístiques (que tamién les tienen), nin duldaron nes ventaxes de los canales de comunicación autóctonos (nosotros nesto tamién tamos nel furgón de cola), nin trifulcaron los partíos ñacios nel so territoriu colos ufiertaos dende posiciones en Madrid (nós escaecémonos de los nuevos, que s'estrocen ente sigo meses), etc. etc.

La cultura asturiana nun ta pa munches crítiques, y paez que nun mos damos cuenta del mal que mos facemos a nós mesmos cuando escaecemos o reborgamos y criticamos iniciatives (más o menos bones) que dende cualquier llau tán nel llabor de sofitar dalguna parte de la cultura asturiana.

Alternatives comunicacionales

Amás de les conteníos culturales básicos enantes cuentaos, y na mesma llinia, hai toa una riestra conteníos centraos en persones, coletivos y anuncios que deberíen tener cabida en canales informativos de calter rexonal y nun la tienen: asociaciones de pas y vecinos, grupos sociales marxinales de cobertura non estatal, asociaciones deportives de pequeñu ámbitu, etc. Nestos medios onde,

pol so calter amenorgáu y rexonal, ye onde tán llamados a manifestase. Nun tien sentíu que se promuevan los mesmos eventos que na TV d'ámbitu estatal.

Rafael Ansón, direutor d'ABC, recibe unes cinco mil cartes diaries y sólo espubliza cinco...; les audiencies o los consumidores queden fuera del escenariu, bien pol so nulu protagonismu nel procesu, bien pol desabeyu, desamparu, al que se ven sometíos por normativas carentes o ausentes¹.

«La autocracia industrial privada y pública progresa nel camín del raptu oligárquicu de la comunicación, nuna fase de la civilización téunicamente comunicacional (...) la manipulación de los medios y les sos teunoloxíes desancia'l deseu participativu de los ciudadanos»².

L'oxetivu caberu que puede algamase ye'l potencial de bayura cultural y lliberador de los medios, onde la camuda cuantitativa de la ufierta traduzse nuna nuea y meyor calidá de vida social, contribuyendo a crear una sociedá comunicativa de ciudadanos informaos y capaces d'actuar racionalmente³.

Otru autor, Wolf, estudia al emisor comunicacional xunciéndolu a la socioloxía de les profesiones. Estudia les carauterístiques sociolóxiques, culturales y formatives de los emisores nuna llinia que sorraya dalgunos factores esternos qu'influyen nos procesos, esto garra interés na midida qu'aporta conocimientu cara al «reclutamientu» llaboral y a la organización del trabayu con criterios d'eficacia y productividá⁴.

Aparentemente, son munchos los espacios nos que l'audiencia intervién dende'l so llugar de receición: debates-alderiques con conesiones telefóniques; sondeos d'opinión, números de teléfo-

¹ Fundesco (1992): *Tendencias*, Boletín Fundesco, nº 133. Madrid.

² Benito, A.: «Información, poder y tecnoloxía», *MENSAJE Y MEDIOS*. Madrid.

³ ROMANO, V. (1990): «Por una ecología de los Medios», *MENSAJE Y MEDIOS*, nº 11, Madrid.

⁴ WOLF, Mauro (1987): *Teoría de la comunicación de masas*, Paidós, Barcelona.

nu que recueyen paeceres, etc. Pero, l'aición real del telespectador nesti procesu comunicacional ye mínima⁵.

Hai munches esperiencias perinteresantes so televisiones locales y el reforzamientu les rellaciones coleutives y protagonismu de sectores activos na sociedá. El direutor de la TV. local de Sabadell, Pere Iborra⁶, curia y defende los conteníos ñidios del so modelu televisivu de serviciu públicu que cubre'l vacüu informativu que nun atiende nenguna otra cadena: «realizamos una programación mui centrada na nuesa localidá que difícilmente podría emitise n'otru sitiu».

L'alcalde de Zuera, Coordinador de la Comisión de Comunicación de la FEMP ve'l siguiente aspeutu positivu pa la TV local municipal: Los grandes avances teunolóxicos van posibilitar non sólo'l progresivu accesu de los ciudadanos al usu de los Medios de Comunicación, sinón la puesta en funcionamientu d'interesantes procesos d'*interaición* que tornen la xestión municipal nuna disciplina nueva, más dinámica y fecunda⁹.

Entamos normativos pa una TV-local

Nel modelu autonómicu y local faise necesario redefinir:

1. El conceutu de descentralización; l'ámbitu territorial de receición debe realizase non tanto comu un calcu de les instituciones alministratives, sinón incorporando criterios de comunidá llingüística, cultural y social. Eso desixe reesaminar el sen de les televisiones públiques centrales en países con diversidá nacional, cultural y socio-política (tender a modelos asemeyaos a la ARD, la TV-Belga o la suiza).

2. Redefinir el conceutu de Serviciu Públicu, que desixe integrar les polítiques de comunicación nes polítiques culturales; nun seguir cola mesma ufierta de les otres megatelevisiones; equilibrar

⁵ MUÑOZ, Xosé Xavier (1990): «De los diversos usos de la TV», *MENSAJE Y MEDIOS*, n° 10, px. 92, Madrid.

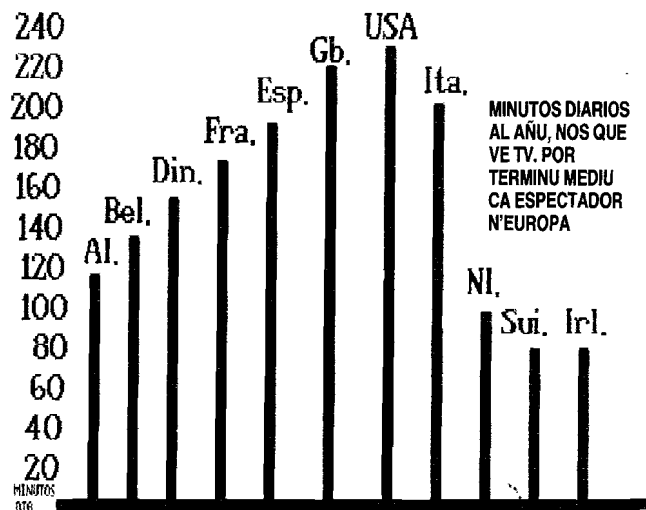
⁶ IBORRA, Pere (1989): «El motor de las televisiones locales», *VIDEO POPULAR*, n° 35, Barcelona.

⁷ TELECAST & BROADCAST (1991): «Televisión pública autonómica y local», *TELECAST & BROADCAST*, n° 17. px. 68, Madrid.

los recursos financieros y el pesu que se-y da a les televisiones respeuto a otros medios y a otros formes d'aición cultural, y camudando criterios de programación y financiación.

3. Redefinir el conceutu «democracia» aplicáu a la televisión. la reducción de la centralización y del control institucional ha ser dafechu. Hai que recuperar el serviciu públicu comu vehículu d'espresión de les diversidaes y los diseños de la sociedá y, pa ello, ha desplazase la función cultural del mediu dende'l güei poder económicu y políticu fasta los axentes sociales y los mediadores culturales. L'accesu debe midise con instrumentos de control y participación na política de producción y de difusión o esparidmientu de programes.

4. Redefinir el modelu d'organización interna de les emisores. Los criterios de rentabilidá comercial de toles cadenes imponen un sistema xerárquicu del conteníu y del funcionamientu del trabayu, que supedita tola actividá profesional a los criterios de los progra-



Fonte: E.G. Wedell y G. M. Luyken-Institutu Européu Comunicación-Intermedia 1988 París

madores y de los puestos burocráticos. Lo que ta en crisis ye la capacidad creativa, la riqueza informativa y la pluralidá d'espresión⁷.

Marcu xurídicu

Ye precisu un reordenamientu del marcu xurídicu xeneral qu'incluya:

— La supresión del sistema de concesiones a Terceros Canales y la so sustitución pola titularidá de las Comunidaes Autónomes sol sistema televisivu.

— La aprobación d'una llei de TV-Cable que desixa atrocar, sevellosar al menos parte los canales pal usu local non llucrativu y trespase les competencies pal so desendolque llexislativu a les Comunidaes Autónomes y a los conceyos.

— La inclusión na llei de reformas del Estatutu de RTV de la posibilidá qu'al menos ún de los canales de TVE camude en canal federal, en base a les autonomíes.

— El desaniciu de la normativa qu'obliga los Terceros Canales asemeyase orgánica y funcionalmente col modelu de TV central. Así comu desaniciar les disposiciones restrictives pa ello, pertenecan, o non, a Comunidaes con llingua desemeyada.

— Una reorientación na política de conteníos, programación y tiempu d'emisión, ensin sometelos a la dictadura de mercar máxima publicidá.

— Una organización del accesu social al mediu que favoreza'l control y la participación de grupos culturales, creativos, sociales, sindicales, etc. de la sociedá nes árees de producción y difusión o espardimientu⁹.

⁸ TELECAST & BROADCAST (1991): «Televisión pública autonómica y local», *TELECAST & BROADCAST*, nº 17, px. 71, Madrid.

⁹ CASTILLO, F. Xavier (1991): «TV local y municipio», *TELECAST & BROADCAST*, nº 18, px. 62, 1991, Barcelona.

Les traducciones bíbliques al asturianu: métodos y resultancies

FEDERICO G.-FIERRO BOTAS
COORDINADOR DEL EQUIPU DE TRADUCTORES
Y ESPERTOS DE LA BIBLIA N'ASTURIANU

La traducción de tola Biblia al asturianu dende los testos orixinales: griegos, hebreos y arameos, ye ensin dulda'l trabayu xeneral de traducción más ambiciosu n'Asturies, y arriendes, del llibru más importante de la nuesa cultura occidental.

El calter de les llingües dende onde colamos: hebréu, arameu, pero tamién el griegu. La torga n'atopar traductores con conocencia de les dos llingües al empar. La solución a vegaes de facer el trabayu con dos traductores. Por exemplu l'espertu n'hebréu traduz al castellán con una traducción lli-teral y anotaciones, que recueye l'espertu n'asturianu pa facer la so torna.

Nun ye'l meyor mou, pero tien bonos resultaos en munchos idiomes del mundu onde tán asitiaes les Sociedaes Bíbliques Xuníes que ye la entidá patrocinadora del proyeutu.

Pero amás los testos bíblicos tienen pilancos esexéticos; ye dicir, pa caltriar el sentíu en llugares onde entovía nun hai esclariamentu, magar que la nuesa traducción ye interconfesional católica-protestante nel marcu de les «Normes pa la Cooperación Interconfesional nes Traducciones de la Biblia», apautaes nel 1987 ente'l Vaticanu y les Sociedaes Bíbliques Xuníes.

El fechu de ser por necesidá un trabayu d'equipu formáu por más de 20 persones asoleya una riestra problemes.

La nuesa estructura d'organización amuéxase asina:

a) *Equipu de Traductores*¹ con cualidaes abondes, complementaries ente ellos, con respetu recíprocu, capacidá de trabayu n'equipu etc.

b) *Comité Revisor* de persones cualificaes pal estudiu científicu del testu, ante la eséxesis, uniformidá del estilu...

c) *Grupu de Consulta* ente representantes de les Ilesies, llingüistes, por motivos xeográficos, a asturianos con estremaos niveles de conocencia del asturianu, etc.

¿En qué modelos podemos sofitaos pa una traducción d'esti calter?

¹ *Nomes, cualificación y trabayu de los componentes del Equipu de Traductores y Espertos na traducción de la Biblia al asturianu:*

Alonso Díaz, Xosé, S.J.: Doctor en Teoloxía, Llicenciáu en Sagrada Escritura y Filosofía. Profesor na Universidá de Comillas (Madrid).

Alonso Fontela, Carlos: Doctor en Semítiques. Profesor na Universidá Complutense (Madrid).

Álvarez García, Lourdes: Llicenciada en Filoloxía Española. Serviciu de Política Llingüística (Uviéu).

d'Andrés Díaz, Ramón: Doctor en Filoloxía Española, Profesor na Escuela-Universitaria del Profesoráu d'E.X.B. (Uviéu).

Benito Jiménez, Alberto: Llicenciáu en Teoloxía, en Semítiques y Filosofía. Profesor d'Institutu de Bachilleratu (Sama Llangréu).

Díaz López, Adolfo Camino: Llicenciáu en Filoloxía Española. Escritor.

Diego Santos, Francisco: Doctor en Filosofía y Lletres (Clásiques). Profesor Eméritu de la Universidá d'Uviéu.

Fernández Valle, Rubén: Diplomáu en Teoloxía. Pastor Evanxélicu.

García Carrera, Xosé Bernardo, S.J.: Llicenciáu en Filoloxía Bíblica Trilingüe. Profesor de Colexu (Vigo).

García Oliva, Vicente: Profesor Mercantil. Emplegáu de Banca. Xixón.

Nel sieglu caberu hai una única traducción bíblica que ye la del obispu Manuel Fernández de Castro fecha en 1861.

Nos caberos años tenemos l'*Evanxeliu de San Marcos* (ensin espublizar) de Llorienzu Novo Mier nel 1981. La *Carta a los Gálatas* de Xicu Monteserín de 1984. Estes tres tán feches dende testos castellanos.

En 1987 Telvino González López espubliza l'*Evanxeliu de San Xuan* dende los orixinales griegos.

Anque'l nuesu llabor sigue les normes de l'Academia de la Llingua Asturiana, sicasí hai munches faces que tenemos que perfacer: nomes propios, escoyer en dalgunos casos les mesmes pallabres pa da-y uniformidá al testu, el problema de seleición nos verbos irregulares d'una ente les múltiples formes llexítimes. Los «xuegos de pallabres», perdifíciles nes traducciones, diferencies ente cultures tan estremaes xudía-asturiana, etc. Los «préstamos llingüísticos» del llatín, griegu, hebréu... y que deberíen facese dende l'asturianu d'anguañu en quantu seya posible, etc.

Garzón Díaz, Xulián: Doctor en Filoloxía Bíblica Trillingüe. Profesor na Universidá d'Uviéu.

González-Fierro Botas, Federico: Llicenciáu en Teoloxía, Filosofía y Ciencies Polítiques. Profesor d'Institutu de Bachilleratu (Xixón).

González López, Telvino: Llicenciáu en Teoloxía y Filosofía. Profesor. Uviéu.

Gurruchaga Ruiz, Martín: Doctor en Clásiques (Griegu). Profesor d'Institutu de Bachilleratu (Santander).

López Fernández, Enrique: Llicenciáu en Teoloxía, Ciencies Bíbliques y en Filoloxía Semítica. Profesor nel Seminariu d'Uviéu.

Mendoza Regaliza, Inaciu: Llicenciáu en Teoloxía. Consultor Bíblicu.

Méndez Méndez, Emilio C.M.F.: Llicenciáu en Filoloxía Bíblica Trillingüe.

Pandavenes Alonso, Ánxel: Llicenciáu en Filosofía y Lletres (S. Español). Profesor de Colexu. Uviéu.

Rodríguez Alonso, Alexandru: Estudios Eclesiásticos. Párrocu (Cerroño-Salas).

Rodríguez Hevia, Tomás: Llicenciáu en Clásiques (Griegu). Monxu en Valdediós (Villaviciosa).

Sánchez Martín, Isabel Nieves: Llicenciada en Clásiques (Griegu). Profesora d'Institutu de Bachilleratu (Xixón).

Les traducciones de Manuel Fernández de Castro, de Llorienzu Novo Mier y Xicu Monteserín suponen un valor referencial importante. Muncho más ye l'*Evanxeliu de San Xuan* de Telvino González López por ser el primeru fechu dende los testos griegos orixinales.

Poro, el nuesu primer frutu, l'*Evanxeliu de San Lluques*, llibru pilotu editáu pola Sociedá Bíblica nel 1991, trabajáu y apolazáu d'un mou perminuciosu, amuébase ante los nuevos güeyos comu modelu referencial pal trabayu que vien darréu, magar qu'hai nelli aspeutos d'alderique y meyora- bles, y la seleición de les formes de los verbos irregulares nun apaez nél por ser apautamientu de dempués.

El métodu siguiu pa desenguedayar estos escayosos allu- gamientos foi'l trabayu n'equipu, y distribuyir responsabi- daes no que cinca a lo llingüístico y al conxuntu de la obra; tenemos:

1. Un Coordinador Xeneral del proyeutu.
 2. Un Coordinador del Equipu de Traductores y Esper- tos Bíblicos.
 3. Asesor Bíblicu.
 4. Coordinador pa la revisión y xuntura del estilu.
 5. Responsable de Notes, Referencies Bíbliques, Enta- mos, Vocabulariu...
 6. Responsable d'Elementos Gráficos: mapes, cronolo- xíes, pesos y midíes...
 7. Toos ellos son el sofitu del Equipu de Traductores y Espertos Bíblicos, que lleva dafechu'l pesu del trabayu.
- ¿Qué podemos ufiertar a los llectores en plazos y feches?
- Atalantamos que pa 1994 pue tar na imprenta tol *Nuevu*

Testamentu y los Salmos.

La traducción de los *Salmos* pol so calter arcaicu y poéti- cu ye la torga mayor de tola Biblia. Algamar comu camen-

tamos calidá y fidelidá ye'l llogru de más pesu nesti trabayu. No llingüístico ye la prueba más empruna nestes tornes.

Arriendes, los *Salmos* son el gran llibru d'oración de católicos y evanxélicos, y empobina a múltiples empregos amás de la llectura personal: na lliturxa, nos *Diurnales* o *Llibros de les Hores*, nel canciu relixosu, etc.

L'Antiguu Testamentu necesita siete años más, si nun cuntamos con más personal y tiempu de dedicamientu. Ye dicir que pa perfacer tola Biblia si nun tenemos más medios humanos, al ritmu de los que trabajamos nella, taría pa dempués del 2.000.

Esto ye tamién un llamamientu, un toque d'atención pa los que nagüen por un trabayu aína rináu. Poro, la xera de les traducciones bíbliques ta despesllada pa quien deseyen trabayar, tean capacitaos pa traducir o n'otres xeres (iguar, mecanografiar, meter datos nun ordenador, etc.) y tengan un migayu de tiempu. *¡Ye l'únicu mou d'acurtiar los plazos!*

Alcordémonos que los trabayos entamaron abenayá nel 1988, al algamar esti añu un ampliu consensu ente Entidaes Eclesiástiques y Civiles d'Asturies.

Tampocu podemos trabayar de cutiu con medios económicos y humanos tan curtios. Nun tenemos nin secretarios, nin ordenadores, nin mecanógrafos, nin dineru, nin locales...

De baldre pue trabayase pero ensin medios ye perdifícil. La nuesa xera ye a teyavana a vegaes... ¡Asturies nun tien clima pal llabor científicu albentestate! Y nós trabajamos n'abertal...

L'allancia nestes xeres ye pescanciable con estos condicionamientos. L'aidanza nestos cuatro años foi no económico d'una única subvención pola Consejería de Cultura d'Asturies, y no científicu del sofitu de la Sociedá Bíblica pa los Seminarios d'Estudiu, asesoramientu bíblicu, llibros, materiales técnicos de traducciones, cursinos, etc. Y ye la

mesma Sociedá Bíblica la que cuerre col gastu de la edición de 10.000 exemplares del *Evanxeliu de San Lluques* comu llibru pilotu pa tola Biblia...

¿Qué más se pue pidir de nós?

Caltríamos que l'estilu y resultancia de les traducciones bíbliques pol so volume y curiáu testu, va ser no llingüístico un modelu de referencia y un impautu perimportante nel asturianu escritu normativu de la cabera década del XX.

Nun entramos nel significáu no relixoso que tien la traducción bíblica y la so repercusión n'Asturies.

En resume ésti ye un trabayu que pue pasar a lo fato nun alvertíu, pero que ye perengedeyáu por ser:

a) Un esfuerciu de recriación del asturianu en fidelidá colos textos orixinales, y en sintonía al empar col asturianu escritu y normativizáu d'estos caberos años.

b) Una búsqueda de soluciones llingüístiques peronde diría la nuesa llingua nos próximos años y atopar nes nuses traducciones la normativa afayadiza nos casos en que falta l'académica.

c) Un trabayu n'equipo que calletra nos momentos importantes pasos y conteníos ente persones de dixebrades especialidaes, calleres y oríxenes (mundu eclesiásticu, universitariu, escritores, ciudadanos d'a pie, etc.).

d) Un averamientu de contínuo colos meyores algames llingüísticos del asturianu nestes dómines.

e) Y en too ello'l pilancu socio-lingüísticu d'alloñar lo menos posible l'asturianu cultu y espurechu, de la fala de la xente. Ye dicir un testu pescanciable, pero un testu bíblicu perguapu y cultu.

Esperamos de toos comprendoria, aidanza y paciencia con esta llarga xera que tenemos nes manes por sintonía y fidelidá de les nuses Ilesies Católica y Evanxélica, cola cultura llariega d'Asturies. En concretu cola so llingua que ye la espresión más cimera del nusu ser y sentir.

Memoria d'actividaes de l'Academia de la Llingua Asturiana nel branu de 1993

XI Cursu de Llingua Asturiana pa Enseñantes

Fexéronse, comu davezu, en dos tandes (xunetu y agostu) qu'acoyeron en Lluarca (Valdés) y Cangas (Cangas del Narcea) un total de 113 profesores d'EXB y EE.MM. La Direutora foi la Dra. Ana María Cano González.

IV Cursu d'Afondamientu Cultural y Llingüísticu

Del 16 al 23 d'agostu, tamién en Cangas, llevóse alantre'l, *Cursu d'Afondamientu Cultural y Llingüísticu*, estremáu en dos estayes:

- A) «Afondamientu Cultural y Sociollingüísticu»
- B) «Capacitación pa la traducción al asturianu»

El númberu total de profesores participantes foi de 39.

* * * *

El pieslle oficial de los Cursos tuvo lugar n'Uviéu'l día 3 de setiembre, nel Salón d'Actos de la Biblioteca d'Asturies. Tres la entrega de les certificaciones la direutora de los Cursos, Dra. Cano González y el Presidente de l'Academia Dr. García Arias dirixeron a tolos asistentes unes pallabres que reproducimos darréu.

Pallabres de la Dra. Cano González

Con esti públicu piéslense los *XI Cursos de Llingua Asturiana pa Enseñantes* y el *IV Cursu d'Afondamientu Cultural y Llingüísticu*. L'Academia de la Llingua Asturiana y la Direición del Programa de Formación quixo qu'esta vegada la entrega de Certificaciones y Diplomes tuviere la relevancia social que l'esfuerzu de toos, profesores y alumnos, merez y vien mereciendo dende cuantayá. A naide se-y escapa amás, que tamos nun momentu decisivu pal futuru de la llingua asturiana y pa la so presencia na Universidá. Esti actu, entós, pue ser una bona oportunidá p'amosar a la institución universitaria que sí hai interés, demanda y enfotu por llograr una formación científica que namái unos estudios de calter universitariu puen ufrir con garantías.

¿Qué podemos dicir, per otu llau, dempués d'una selmana de finaes les actividaes llectives? Ensin dulda afitar lo que yá camentáremos: los resultaos académicos y les opiniones calteníes nes encuestes que se vos plantegaron son, en xeneral, perpositives. Sabemos del altor del programa, del interés del profesoráu y de la bona acoyida que'l tratamientu de los conteníos tuvieron ente vós. D'esi mou, los cursos cumplen l'oxetivu que dende siempre mos propunximos: si pola mor de la so curtia duración nun ye posible algamar una capacitación perfeuta, sí se llogra llargamente, ensin embargu, facilitar al futuru profesoráu d'asturianu aquelles ferramientes mínimes qu'han permití-y averase d'un mou afayadizu al so llabor formativo dende distintes perspeutives: competencia oral y escrita, conocencia lliteraria y cultural, plantegamientos pedagóxicos, fontes documentales y bibliográfiques, etc, etc.

Pero, más entá, la Direición de los Cursos yá dispón, nesti momentu, de les vuses propuestas y suxerencies pa futuros Programes d'Afondamientu y, ensin dulda, toes elles serán estudiaes y evaluaes, de mou que se puean llevar efeutivamente a la práutica. Esti ye un compromisu nel que, de xuru, podeis enfotavos toos.

Ná más, munches felicitaciones y aguardamos qu'esta entrega de Certificaciones y Diplomes represente pa vós el mesmu contentu que pa l'Academia de la Llingua Asturiana.

Pallabres del Dr. García Arias

Acabante entregar 150 certificaos y diplomes a otros tantos profesores d'EXB y EE.MM. que siguieren los cursos de branu entamaos pola Academia de la Llingua podemos tener el mesmu tastu d'otros años cuando al despedinos siempre alendábamos díes meyores pal futuru del idioma.

De toes maneres güei bien ta facer un curtiu recuentu pa dexar afitao lo que toos sabemos: qu'agora entréguense 150 documentos comu l'año 92 entreguemos otros tantos. Y comu l'año 91, y comu'l 90 y 89, y 88... y asina comu fai 11 de magar se punxere'l niciu de los cursos allá en La Puela d'Allande.

Más d'un llargu millar de profesores pasaren yá peles mesmes aules recibiendo unes enseñances rellacionaes cola nuesa llingua y cultura, convivieron nun ambiente de trabayu y amistá que, de xuru, ha ser difícil pa toos d'escaecer. Les llargues hores de trabayu entremeciéronse con perbonos momentos de fala prestosa, de conversación afalagadora y de diversión alegre. Too ello féxomos a toos afondar na conciencia asturiana y naguar por facer vidable la so vindicación.

La realidá de los cursos dexa ver, ente otres, dos coses de les que quixera falar:

1. D'un llau qu'hai una bona demanda ente los docentes por conocer la llingua d'esti país y les materies con ella inxeríes. Les fondes llagunes informatives de los planes d'estudiu oficiales tratamos asina d'iguales pente medies d'unes xornaes necesaries pal bon facer pedagóxicu. Los docentes, comu la sociedá en xeneral, nun

tán por asistir apigazando a la desaturianización del país y oliven por lluchar coles propies armes culturales que la propia tradición punxo nes nuses manes.

2. L'Academia ufierta, ensin dulta, nos sos programes una calidá científica y pedagóxica, ameyorada añu tres d'añu y namái llendada peles curties posibilidáes económicques y pel curtiu teimpu de dos selmanes de lleiciones.

Por too ello l'Academia siéntese percontenta y da anuncia de qu'examás arrenunciará a les competencies educatives que-y reconocen los sos estatutos, llograos, nel so día, graciés al pautu de les fuerces polítiques y democrátiques allugaes n'Asturies.

Pero l'ALLA quixera, y asina vien rispiendo por ello abenayá, que la formación del profesoráu no que cinca a la capacitación llegal, seya cosa, que s'algame na Universidá, pente medies de los cursos afayadizos y reglaos na Escuela de Formación del Profesoráu y na Facultá de Filoloxía, gracies a les especialidaes correspondientes. Requisitos asemeyaos a los esixíos pa la enseñanza del inglés, de les matemátiques o de la llingua española han ser los esixíos a los que nes primeres estayes o nes enseñances medies deprendan a neños y rapazos la llingua asturiana. Mentantu ello nun s'algame daqué anormal tará produciéndose na sociedá. Mentantu ello nun se llogre tará echándose lleña al fueu del descontentu, y d'una peligrosa conciencia d'asturianidá frayada, insatisfecha y despreciada.

L'ALLA, muchos docentes y abondes persones más, cuantayá que venimos allampiando porque llanamente, bonalmente y ensin airuelu, la nuesa llingua pueda asitiase nel llugar que debe corresponde-y na sociedá. Mas tenemos de reconocer murniamente qu'hai xente en cargos públicos que nun son respetuosos nin con Asturies nin cola voluntá de la so xente. Faigamos un pocu d'hestoria.

La llingua na Universidá

Fai dellos años, cuandu se falaba d'inxerir la llingua nos centros escolares, dicíen de pallabra aquellos que paecíen más posaos: «Sí, pero llibremente».

Pero cuandu l'arrechu valir de los fechos fexo ver que la «llibertá» nun diba a la escontra de la llingua sinón que los porcentaxes de neños qu'escoyíen esa materia yeren peraltos, hubo que camudar l'argumentu cenciellemente pente medies de torques burocrátiques qu'amenorgaren el procesu de recuperación.

Tamién daquella, cuandu se falaba del «bable», toos o cuasimente toos, mesmamente los más xabaces, facíen proclames del so amor y, remedando lo qu'Unamuno dixere pal vascu, falaben de la conveniencia d'em-balsamalu en ciencia y dexalu morrer.

Pero cuandu los testerones fechos dan anuncia de qu'entá ye ceu pa falar de muerte y na Facultá de Filolo-

xía ríspese por ufiertar la llingua d'Asturies comu especialidá, de nueu les estructures burocrátiques, agora universitaries, lluchen por frayar toa posibilidá d'anovamientu cultural asturianu.

Sedría difícil, en tou casu, escaecer que xente non asturiano qu'agora, baxo un rector non asturianu (Gascón), s'opón perdafechu a la llingua na Universidá, apadrinó, hai dellos años namás, baxo otru rector non asturiano (López Arranz), unes xornaes («La lengua y sus variedades») que nel so enfotu significaríen arrexuntar pa siempre la dignificación de la llingua d'Asturies.

Dello d'esa xente, ideológicamente estremoso, culturalmente ermo y socialmente ambicioso, nin s'esmolez poles sos actuaciones nin algama les consecuencies llacerioses que pa la institución universitaria puen xenerase. Incapaz de tastar el valir de les materies humanístiques nada fadría que pescancie lo que ye un conceutu dinámicu de la cultura.

Pero n'otru sen un nueu talante nel Gobiernu d'Asturies (el mesmu que bien llueu contará ente les sos tresferencies cola mesma Universidá) podría facer reflexionar a los más xuiciosos d'ente los allugaos nel entremez universitariu. La implantación del asturianu sedrá posible si al Gobiernu d'Asturies-y paez aconsejable. A la necesidá social y a la conveniencia científica podría axuntase agora la suxerencia o'l pautu políticu. Los tiempos que curren fadrán apostar pola razón siempre del llau de los que, en casos de crisis, lluchen poles posibilidaes del propiu país.

N'efeutu, nós camentamos que la responsabilidá fondera tienla'l Gobiernu y que, agora, desiguaos nel so interior los caberos requeos de la intransixencia, tien nes manes la posibilidá d'afitar pa munchos años la dignidá d'Asturies, de la so llingua y de la so cultura.

Pa ello, de xuru, nun han falta-y, ente los más valoratibles, nin personaes capacitaes nin collaboraciones desinteresoses. Pero, xustamente por ello, encamiéntense-y yá, de magar agora, coses tan elementales comu, abúltamos, fáciles de llograr:

Díalogu fondu, pautu sobre los oxetivos, fixación de plazos pal llogru d'esos finxos.

Namái per esi camín será a algamase la credibilidá necesaria esconjurando'l mieu al engañu continuu, tan afalagáu a lo llargo d'estos años y con tan ruinos resultaos. Enfotase nel poder nun ye fácil anque nel mesmu s'asitien vieyos amigos. Enfotase nos amigos ye prestoso pero los amigos nel poder persaben que nun ye aconsejable que naide firme cheques en blanco dexando les manes llibres cuando hai esixencies y responsabilidaes públiques.

Ye al Gobiernu a quien-y correspuende facer la política, pero políticos de necesidá somos toos los ciudadanos y nun ye afayadizo alloñar a quien comu l'ALLA, los sindicatos de la enseñanza o les sociedaes culturales y llingüístiques, tiene ganáu'l necesariu prestixu que da la llucha descarnada pola supervivencia del idioma y de la cultura del país.

A esti país fai-y falta tolos díes col trabayu y la llucha seguir alantre ganando'l so futur. Y, de xuru, va ganar el futuru col puxu de toos. Paecerá qu'apigaza Asturies pero que naide faiga burlla pescanciando que nun va esconsoñar. Díxonse hai unos meses con bones pallabres y esplicóse con procuru'l Día de les Lletres. Sin em-

bargo dellos quixeron escaecelo naguando por humildamos y abaxamos negando na Universidá los drechos elementales que comu asturianos mos acompanguen. Comu la contestación nun se fexo esperar acusábenmos de llamar a la guerra santa aquellos que nel so ruin coral tienen la nidia sensación de ser eternos infieles o'l complexu de ser albuertos permanentes.

A otros, faltosos analistes de lo inmediato, dio-yos por facer comparanza d'Asturies con dalgún doliosu casu d'intransixencia internacional. Que naide tracumundia les coses, que naide camiente que pol nuesu ser, davezu tranquilu, respetuosu y acoyedor, pol nuesu amor al país y a la so xente, que naide pescancie, digo, qu'esto ye terrén n'abertal onde la Gran Serbia o los sos mandaos pueda llantar los sos propios muñones, esborrianondo les vieyes llendes.

Al suxerir estes observaciones nun se ta apellidando col pruyimientu de la obcecación, la griesca o l'amarraza; cenciellamente ta dándose una voz pa que toos sepamos perdafechu qu'al entamar setiembre y con ello un nueu añu escolar, nun tán escaecíos los vieyos problemes que siguen ehí, lo mesmo qu'en xunu, ensin iguar. L'ALLA nun quier la confrontación nin l'aplagoriu por eso la nuesa llamada ye a la solución de lo que quieren amaliñar, al respetu a la llegalidá y a les regles del xuegu, cosa que fasta agora nun fexeron los que tán por torgar tolos llogros democráticamente algamaos.

L'ALLA alvierte, nel so llabor tutelar, qu'enantes d'asumir el Principáu d'Asturies toles competencies educatives tien que tenese iguáu un Plan de Formación del Profesoráu. Si esto nun ye asina y con toles garantías. La gravedá del casu aconsejará a l'ALLA facer dichu plan ufiertándolu darréu al Gobiernu Asturianu, dando-yos puxu a toles posibilidaes educatives que prevén los estatutos pelos que mos reximos. Pa ello cuéntase non sólo cola esperiencia y el bon resultáu llograos nestos años sinón con un profesoráu capaz, que pue incrementase, onde se conxunten docentes con esperiencia na enseñanza primaria y nes enseñances medies y profesoráu universitariu que fadrá que los sos saberes nun desmerezan un res de los impartíos na propia Universidá. Si hai problemes pa l'asturianización de la Universidá, nós fadremos la Universidá d'Asturies.

Presencia de l'Academia en Conceyos Internacionales

Conceyu Internacional de Llingües y Cultures Amenazes

El miembru de númeru Dr. Roberto González-Quevedo asistió en representación de l'Academia al **XVI Conceyu Internacional de Llingües y Cultures Amenazes** celebráu en Begunje y Ljubliana (República Eslovena) en mes de xunetu.

El tema central del Conceyu foron esti añu les problemátiques étiques que surden de les situaciones de minorización. Ente les resoluciones apautaes rescampa la referente a Asturias na que, por unanimidá, encamiéntase al Rector de la Universidá d'Uviéu que faiga lo necesario pa que nesta Universidá puea estudiase la llingua hestórica d'Asturies Nesi sen considérase imprescindible la creación de la «Especialidá de Llingua Asturiana». Asina mesmo, el representante de l'Academia, Dr. González-Quevedo foi escoyíu comu nueu representante territorial pal Estáu español de l'AIDLCM.

I Coloqui u Internacional sobre Censos de Llingües Minoritaries y Encuestes en Comunidaes Llingüístiques (COMPASS)

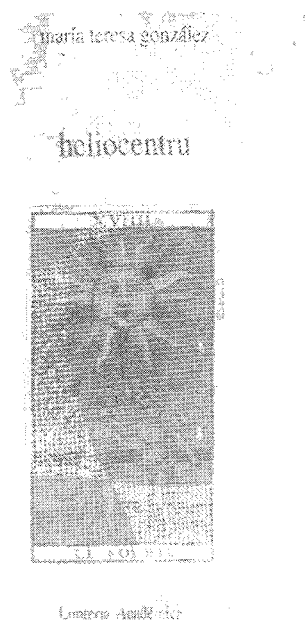
El Dr. Ramón d'Andrés asistió comu representante de l'Academia a esti I Coloqui u entamáu pola Universidá de Hertfordshire (Inglaterra) en comuña col Buró Européu pa les Llingües Menos Espardíes (C.E.E.). El coloqui u tuvo llugar nel Wall Hall Campus de la citada universidá ente los díes 1 y 4 de setiembre.

L'oxetivu de les xornaes yera repasar la situación de les llingües minoritaries europees dende l'aspeutu de los censos y encuestes, informándose del panorama estadísticu y encuestal de les diverses comunidaes llingüístiques europees. Los trabayos del Coloqui u espublizaránse ceu nun informe.

Conseyu de Comunidaes Asturianes. Cursos de branu.

El Conseyu de Comunidaes Asturianes fexo brinde a l'Academia de la Llingua pa collaborar nos sos cursos de branu. Los académicos de númberu, Drs. González-Quevedo y Lluís Álvarez foron el representante de la institución, participando nos cursos con dos conferencies, «Situación actual y proyeutu de la llingua asturiana» y «Bases hestóriques y culturales de la llingua asturiana», encargándose del primer tema'l Dr. González-Quevedo y del segundu'l Dr. Lluís Álvarez. Les sesiones tuvieron llugar los díes 21 y 22 de xunetu na Quinta Guadalupe de Colombres (Ribadeva), asistiendo a elles fíos y fíes d'asturianos asitiaos n'otres comunidaes del estáu, Europa y América.

Llibrería Asturiana



Lliteratura

Poesía

* María Teresa González, *Heliocentru*. Uviéu, ALLA, 1993. «Llibrería Académica» 23.

* Xandru Fernández, *Breviariu de la diáspora*. Uviéu, 1993.

Teatru

* Adolfo Camilo Díaz, *Psicokiller*. Uviéu, ALLA, 1993. «Mázca-

ra» 1. (Primera entrega d'una nueva coleición qu'aguardamos grabile).

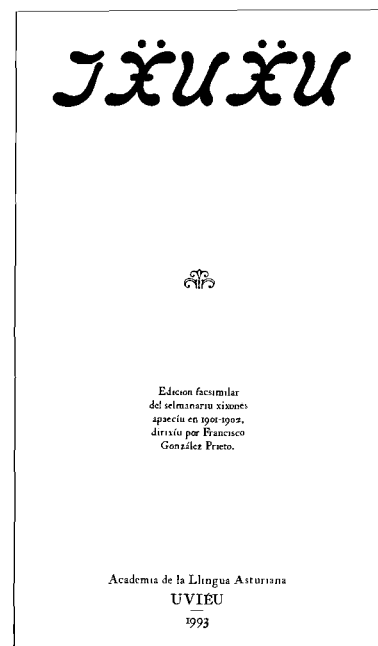
Tornes

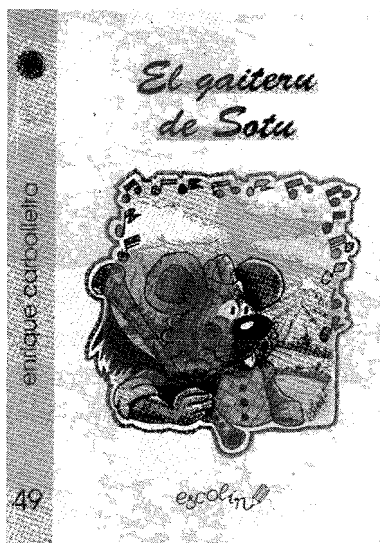
* Carlos Casares, *Xuguetes pa un tiempu prohibíu*. Uviéu, 1993. (Torna de X.M. Suárez).

* Carlos Oquendo de Amat, *Poesía completa*. Uviéu, ALLA, 1993. «Llibrería Académica» 24. (Nuna traducción de Vicente García-Oliva, dase a la lluz la obra completa d'un autor peruanu bien conocíu de los estudiosos de la etapa surrealista).

Facsimiles

Ixuxú. Viva la mio quintana. Uviéu, ALLA, 1993. «Llibrería fac-





similar» 20. (Ed. facs. de dellos números d'un periódicu n'asturianu y asoleyáu en Xixón entre 1901 y 1903).

Lliteratura infantil y xuvenil

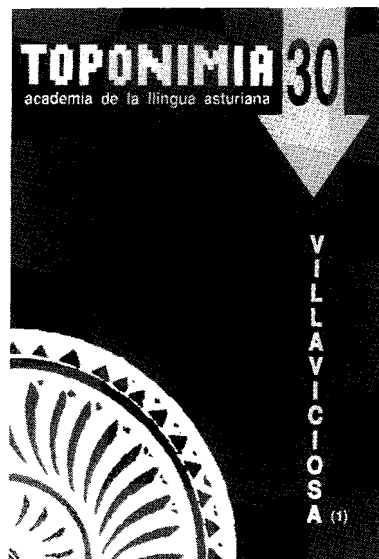
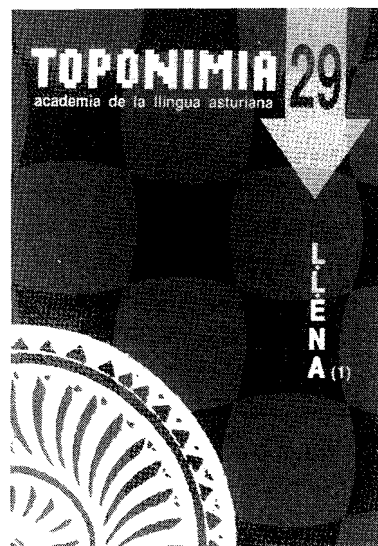
Orixinales

* Enrique Carballeira Melendi, *El gaiteru de Sotu*. Uviéu, 1993. «Escolín» 49. (Premiu «Llectures pa Rapazos» na so edición del añu 1993).

* VV.AA., *Los mejores bilordios de Pinón*. Sograndio (Uviéu), 1993. (Recueye, n'asturianu y castellanu, los cuentos ganadores nes cinco primeres ediciones del concursu «Bilordios de Pinón», de la AA.VV. «San Esteban» de Sograndio).

Tornes

* Jacqueline Ballcells, *Cleo escontra Clea*. Madrid, 1993. «Lleo-Lleo» 40.



Publicaciones periódiques

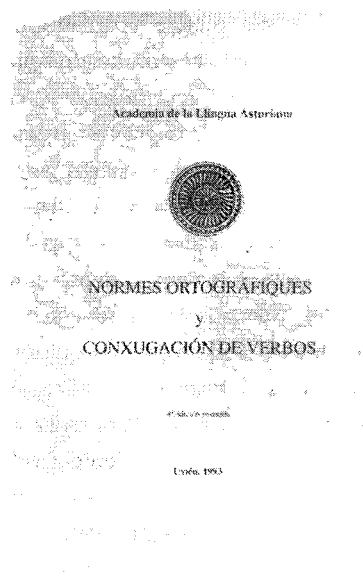
- * *Rede C.* N^o 15. Madrid, 1993.
- * *Bígara. La revista de los neños.* N^o 15. Madrid, 1993.

Toponimia

- * Marta Elena Santamarta Santos, *Conceyu de Llena: Parroquia de Congostinas.* Uviéu, ALLA, 1993. «Toponimia» 29.
- * Marta Villazón González, *Conceyu de Villaviciosa: Parroquia de Pueyes.* Uviéu, ALLA, 1993. «Toponimia» 30.

Ensayos y estudios

- * *Primeres Xornaes de Lliteratura. Ponencies.* Xixón, 1992.
- * Juan Busto Cortina, *Catálogo Índice de romances asturianos.*



Uviéu, Conseyería d'Educación, Cultura, Deportes y Xuventú, 1992. (Premiu «Juan Uría Ríu» 1989).

- * Ramón Sordo Sotres, *Picos de Europa. Macizo Oriental.* Llanes, 1993. (Cola toponimia dafechamente n'asturianu, inxere tamién un pequeñu vocabulariu y mapes de rutes).

Llingüística. Normativa.

- * *Normes ortográfiques y Conxugación de verbos.* 4^a edición. Uviéu, ALLA, 1993. (La cuarta edición de la normativa ortográfica asturiana, qu'inxere tamién la conxugación verbal y tres índices estremaos).

Otres publicaciones

- * *Puxa.* Xixón, Andecha Astur. N^o 6, xunetu-agostu 1993.
- * *El Xelón.* Xixón, I.B. «Padre Feijoo». N^o 1, xunu 1993.
- * *La Llariega.* Cangas del Narcea. C.P. Oubanca. Primavera 1993.
- * *El Fielatu.* Xixón, Remanecer. N^o 14, mayu 1993.
- * *Cubera.* Villaviciosa, Asociación «Amigos del Paisaje de Villaviciosa». N^{os} 22 (abril) y 23 (agostu), 1993.
- * *Boletín SUATEA.* Uviéu, Sindicatu Autónomu de Trabayadores de la Enseñanza d'Asturies. N^o 60, septiembre 1993.
- * *El Llapiceru.* Xixón, Conceyu Bable. N^o 10, 1993.
- * *El llinu y la llana.* Catálogu de la esposición. Xixón, Muséu Etnográficu del Pueblu d'Asturies, 1993.

La patria de la piel

El segundu volume de la coleición TOLES VOCES pása-y el testigu al xéneru poéticu depués de l'aniciu narrativu fantásticu de cuentos curtios d'EL SECRETU DE LA LLUVIA, textos dalgunos que sedríen retomaos a posteriori polos sos criadores pa llibros autónomos (el cuentu de *Xulio Viejo* «Badagüeyu» apaec en «*Les falcatrúes del demoniu*», y el rellatu de *Nel Amaro* «Les siete vides de Xulián Cuesta» incorporóse llueu a «*Prietu Jazz*», el caberu llanzamientu de l'avilesina editorial *Azucl*). Si'l xéneru negru tien perafitaos validores ente los narradores llarriegos, nun ye'l calayu de les zunes erótiques güerta menos petecida. Asina, repiten collaboración nel proyeutu coleutivu siete nomes (*Amaro*, *Camilo Díaz*, *Xandru Fernández*, *Tere González*, *Riesgo*, *Trejo* y *Vixil*) y apaecen, namás, vieyos conocíos del ramal poéticu (*Mánfer de la Llera*, *Sabel de Fausta* y *Ricardo Algar*) xunto a xente mozo comu *Mariano Suárez*.

Col encontu de la Consejería de la cosa cultural n'Asturies y l'Ayuntamientu xixonés (otres instituciones gubernatives deberíen imitar l'exemplu playu), la collecha, variopinta nes sos perspeutives y ángulos de visión, tien dellos lapsus, inofensivos pero curiosos, comu l'anuncia d'ineditez de los poemas cuandu ún de *Sabel de Fausta* dexa bien claro que s'espulizare na páxina d'ALITAR ASTURIES de «El Comercio», y en LLETRES ASTURIANES; amás, nes dataciones de los poemas, comu'l casu de *Vixil*, puen surdir graciosos confusiones so la precocidá llírica. Nun hai, al cien per cientu, un criteriu homoxeneu. Puestos a que-xase, a mín, personalmente, prúyeme muncho más el títulu d'EL REINU DE LA PELLEJA que l'atribuíu de LA PATRIA DE LA PIEL, anque seya ésti d'un talante cultista más acorde al contextu lliterariu del mesmu. Na muesa, una cosa ta perñidia: naide—

y eso ye lo bono—contempla'l fenómenu amorosu-sensual-eróticu-tresgresor coles mesmes ferramientes y conclusiones.

Xulio Vixil, col poema más llargu del llibru (nin *Riesgo* lu gana), insiste nel so particular, y defendible, universu d'atenuáu surrealismu d'albidru sentimentalista, onde, nin la iconoloxía via-xera nin l'idealismu intuitivu de raigañu sensorial, falten. La conciencia d'inxusticies sociales, les referencies lorquianes, el misteriu, la esperanza, les dulces y sofitos ensamen nun tonu confesional y daqué sarcásticu. La esperiencia de les emociones nel filtru la tradición lliteraria. Les intenciones desenguedéyense, aparentemente, nel títulu: «50 versos d'amor». Nostante, *Vixil* fala d'unes cuantes coses más. El perconocíu «as» que s'escuende dientru la manga.

Helena Trejo aporta cola húmida alcordanza del amor comu afalagu y la eterna complicidá del sentimientu comu sentíu y sin-sentíu. Son los de l'autora de *Camientos, cosas, curuxes* (1989), cuatro poemas qu'arrecienden a fuercia y ausencia. L'amor comu gozu y señardá nunos mensaxes económicos pero efeutivos. La otra muyer de l'antoloxía, *Tere González*, avanza tres poemas pe-requilibraos estilísticamente, asgaya entevenaos de cotidianeidá y ciertu estilete melanconiosu; una poesía impresionista que l'auto-ra vien d'asoleyar nuna coleición de l'Academia de la Llingua Asturiana embaxu'l títulu de «Heliocentru», y que diba sacalu la entoavía virxen editorial «La Currimanxa», proyeutu nel que taben comprometíos los escritores *Xandru Fernández* y *Xosé Cagide*, poeta esperimental esti últimu perteneciente al coleutivu AUXILIOS MUTUOS que ta, dende fai un añu, espolletando guapamente con perestimables composiciones, dalgunes inxeríes n'importantes espulbrazaciones de la estaya visual; *Caxide* coordina,

xunto al incombustible Amaro, les carpetes de criyación vanguardista MONDRAGÓN, qu'alenden yá dende tres números con collaboraciones de primera llinia y prestixu.

Mentantu *Mariano Suárez* desgrana, nos sos dos poemas («Nuechi mauritana» y «Xarabal de sensaciones nel tálamu d'Eros») suxerentes imáxenes simbóliques, connotaciones metafóriques, un profusu orientalismu vexetal y táctil, amén d'un descriptivismu anatómicu d'un llirismu asumíu con abundu apasionamientu otros, comu *Mánfer de la Llera*, encarríllense pel retoricismu d'una narratividá prosaica que-y da cartes de naturaleza lliteraria a un simpáticu episodiu aneudóticu, al traviés d'un *romance* d'ortodosa asonancia nos sos versos pares, comu-y corresponde en rigor a tala estructura métrica.

Xosé Nel Riesgo, home que trabaya angüañu en dos noveles y una torna, y que, nel pasáu cursu d'estensión universitaria en Corvera so la novela negra, demostrare unes dotes de mandu intelixentes na moderación d'una mesa redonda difícil de lliar (¿pue haber tema más indillucidable que la d'esclariar si ye factible una clas de novela negra asturiana?) *Xosé Nel Riesgo* descuélgase col pulsión d'un desenfrenáu versu llibre: orixinal torbellín de xeoloxía mítico-épica y fonderu glayíu. La sucesión del dolor y un discursu ablucante, asina comu'l gustu poles construcciones bimembres, y el llargor del versu, dixébrenlu de cásiqe tolos sos cole-

gues. *Xandru Fernández* apuesta pola ácida ironía del desencantu y el taxu descarnáu en «Cosadiella». *Dolfo Camilo Díaz* escórase haza l'escuro hipnotismu de lo ambiguo y prohibió en «El deseyu»: les «otres» siendes d'ufrise al fonderu conocimientu del animal qu'hái en toos nosotros. *Sabel de Fausta* empobina los sos poemas a la esaltación del oxetu amatoriu y el combate se(n)sual, condimentaos pol optimismu y frescos moldes poéticos. *Nel Amaro*, pola so parte, recupera dos poemas de solera so la prostitución (na figura de Baudelaire) y una intensa declaración d'ética amorosiega. Vieya, y nueva a un tiempu, catarsis amariana, percutantes gargaxos na direición del esterminiu. La concisión, espresiva en forma, sigue siendo l'arma meyor engrasada del artista turonés. Ricardo Algar retorna con «Maurecíos frutos» depués d'un prollongáu silenciu. Pesimismu matizáu y una bárgana de renunciés esistenciales, emviescaes en finxos temporales, defínenlu agora.

LA PATRIA DE LA PIEL ye un ventán pa cerciorase de la vitalidá poética n'asturianu. Nun tarán, de xuru, tolos que son, pero pue dicise que nun sobra naide. Les dimensiones de llibru de bolsellu fáenlu tamién manexable y portátil. Hai que baraxalo too nuna dómina onde'l el calter formal tien el so pesu específicu, quiciabes determinante pal ésitu o fracasu de cualisquier títulu.

Xosé Lluis Campal

El vienres 12 de payares/noviembre na Xunta celebrada pola Academia de la Llingua Asturiana foron escoyíos los siguientes cargos:

Presidente: D. Xosé Luis García Arias

Secretariu: D. Lluis Álvarez Fernández

Ayalguera: Dña. Ana María Cano González

Vicesecretariu: D. Vicente García Oliva.

Uviéu, 12 de payares/noviembre de 1993

¿Voces autorizaes?

Por mor del «brillu y rellume» nes instituciones académiques, acomuñamientos lliterarios y asociaciones parexes, tolos indicativos apunten a un finxu: comu si d'un equipín de fútbol (o futbolín chigreru) se treate, tienen ficháu a un presonaxe, a poder ser llicenciáu en lletres, con xeres d'empaque intelectual y bones agarraderes, y, p'algamar el retratu ideal, que destierre los llamparones d'un pasáu —biográficu y estéticu, qu'a los güeyos ayenos cobra too la mesma importancia— con señales bohemies y costumes disolutes. Asina, talos xenios son xiringaos, d'un llau pa otrú, esgrimiendo la so de xuru pontificadora sapiencia. Esa operación, absolutista dafechu y cheque blancu pal fomentu los cotos privaos y la promoción los paxaronos pegañosos, aconceya prexucios abondu mayores pal prestixu de los coleutivos que los amparen, pos priende la consideranza de «pallabra divina» a los sos testimonios pal que s'avera de primeres a la conocencia d'unes temes; y toi acordándome agora d'un perlleú fascículu so la llingua y lliteratura llariega nel períodu nomáu del xurdimientu fasta los díes d'angüañu. La riestra d'escaecimientos adréi, el meter nun sacu a coses perdixebraes dende un puntu vista rigurosu y la proyeición de voces, válides o non, col denominador común d'unos gustos paecíos; lo qu'un entrañable collaciú bautizare, con tinu y un pocón de sarcasmu, comu la «xeneración de la fotocopia». L'autor del fascículu, inxeríu nuna ¡Hestoria d'Asturies!, demostrare cási que nada d'oxetividá y seriedá científica dientru d'una xera que, ya que diba dirixida a un públicu amplísimu —criyando'l consiguiente alloriamientu mester a la realidá cercenada, que-yos daría a los antibablistes milenta razones pa siguir esbabayando escontra la nuesa cultura—, requería midir los xuicios con plomada y enxamas a güeyada de cuberu apigaciando.

¿Voces autorizaes? Los resultaos avísenmos de que nun ye conveniente caleyar nesi sen, mentantu sigan socediendo desaguisaos asina.

Atanasio Fondón

La Xunta Xeneral y la Universidá d'Uviéu

La Xunta Xeneral del Principáu rechazó criticar la decisión de la Xunta de Gobiernu de la Universidá de negase a aceptar una asignatura d'Asturianu comu materia optativa nos Planes d'Estudiu aprobaos pola Facultá de Filoloxía. La propuesta (una proposición non de llei del diputáu X.X. Sánchez Vicente) foi rechazada por 16 votos en contra (del P.P. y el CDS), 6 a favor (I.U., Germán Abad y Sánchez Vicente del Grupu Mistu) y l'abstención de los 18 diputaos del PSOE.

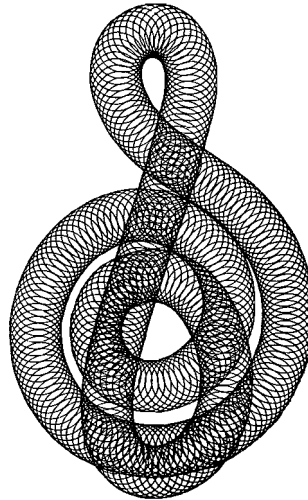
MÚSICA Y MÚSICOS

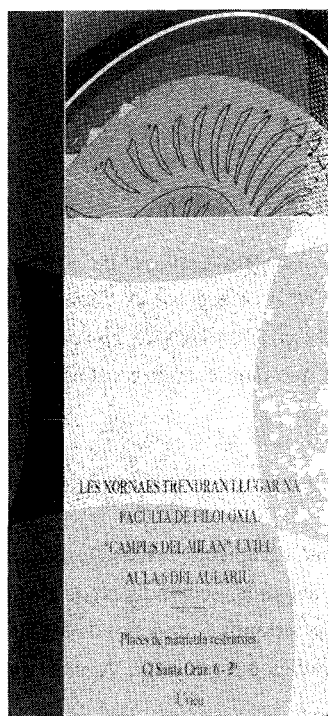
Cien años después

Un perestimable trabayu d'un grupu nuevu, «Vía libre», que tuvo l'aciertu d'escoyer pa esta primera grabación poemas d'autores clásicos asturianos, armonizaos dalgunos d'ellos yá pa coros y orfeones, musicándolos con ritmos actuales. Al bon llabor musical y téunicu desendolcáu en *Cien años después* ha amestase tamién, con igual o más valir, la xera d'espardimientu y distribución que tán llevando a cabu personalmente «Vía libre».

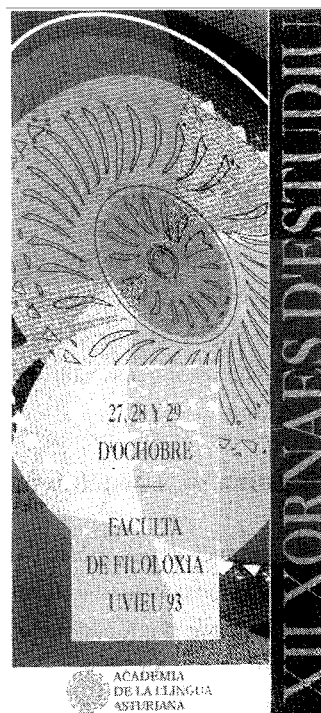
Bandina «La Martaleña»

La productora «L'Aguañaz» ufiértamos un prestosu enfotu d'un nueu grupu que trabaya la estaya de la música tradicional asturiana. Recuéyense nesta grabación doce pieces de bandes (o bandines) de músicos populares qu'acompañaron hasta los años 60 toles fiestes de los pueblos asturianos y munchos de los de les rayes. Bandes que son un fenómenu entá mui poco estudiáu de la cultura tradicional asturiana. Aguardamos qu'esti sea'l primer pasu pal so conocimientu.





Cal sutor, del Principáu d'Asturies



27 Miércoles	28 Xueves	29 Viernes
16,45 hores Xuan Castro (Universidá d'Uviéu) "Forma y usu tradicional de la literatura asturiana del romanticismu"	16,45 hores Piero Bee (Universidá de Poitiers) "Lenguas románicas y léxicu asturianu"	16,45 hores Carmu Mayock (Universidá d'Illinois) "La metáfora desde una perspectiva comparativa"
18,00 hores Antonio Fernández Isacela "Fábriques Olives y Avenir" Miguel Ángel Machado Compañy "La forma de 'El llacertu de formes' de Roberto y alioru" Xosé Lluis Campal Fernández "La narración literaria en 1993" Xuan Xosé Lago Martínez "Lenguas del mundu y de los dioses na mitoloxía asturiana" Roberto González Quirós "El Caudex: Una xeneración de la literatura popular"	18,00 hores Ana María Cano González "Obras de la literatura d'Asturies y asturianu" Francisco Javier Gago Martínez "Traducción y la poesía de Luis" Ángel Llaguna Sanjurjo "Lenguas de la literatura, la literatura y la poesía asturiana" Miguel Ángel Gago "La literatura del astur - ARU d'asturianu" Xosé Lluis Gago Arca "Lenguas, traducción y calificación"	18,00 hores Ramón d'Andrés Díaz "Notas gramaticales" Xilberto Lluis Gago "Modos verbales y subordinados" Proyecto María López "Lenguas y narración asturiana"
20,00 hores Miguel Ramón Corredo "Academia de la Llingua Asturiana, UNED" "Formas del mundu y de la literatura asturiana"	20,00 hores Leopoldo Ribera Anz "Universidá d'Uviéu" "Lenguas asturiana y Universidá"	PRESENTACION Lenguas 1901-1902. Primer periódicu d'asturianu (Edición familiar) 20,00 hores David M. Rivas Ferrate (Universidá Autónoma de Madrid, Academia de la Llingua Asturiana) "Política presentacion y Política lingüística nos países con llingua minoritaria"

ÍNDIZ

ENTAMU	3
TRABAYOS D'INVESTIGACIÓN	
<i>Falares astur-leoneses em território portugués</i> Telmo Verdelho	7
<i>Yeísmo histórico y tratamiento de /x/ en asturiano y catalán</i> Joan Veny	27
<i>Galicismos, occitanismos, catalanismos</i> X.Ll. García Arias	39
<i>Observaciones sobre líneas de evolución de la flexión verbal en asturiano</i> Curtis Blaylock	47
MATERIALES D'ANTROPOLOXÍA	
<i>La espulsión na melecina popular asturiana. (Semioloxía y simboloxía)</i> Joaquín Fernández García	53
<i>El llugar de la tradición oral</i> Iván Huerga	75
FAZA LLITERARIA	
LLETRES VIEYES	87
LLETRES NUEVES	89
NOTES Y ANUNCIES	103



LOS ÚLTIMOS 30 AÑOS

PANORAMA DEL ARTE CONTEMPORANEU 1960 - 1990

PALACIU «REVILLAGIGEDO».
CENTRU INTERNACIONAL D'ARTE
XIXÓN

14 D'AVIENTU 1993 - 31 DE MAYU 1994
52 HORES LLECTIVES
DIPLOMA ACREDITATIVU COL 80% D'ASISTENCIA

INFORMACION Y MATRICULAS:
PALACIU «REVILLAGIGEDO», CENTRO INTERNACIONAL DE ARTE.
PZA. DEL MARQUÉS, S/N. 33201 - XIXÓN
TLFNU. 98 / 534 69 21

INSTITUTO DE ESTÉTICA Y
TEORÍA DE LAS ARTES

PALACIO
REVILLAGIGEDO



CAXA D'ASTURIES

LA LINGUA NA UNIVERSIDÁ

El día 18 de xunu la Xunta de Gobiernu de la Universidá d'Uviéu negábase a inxertar l'asturianu comu llingua optativa nos planes d'estudiu de la Facultá de Filoloxía. Facía esti pautu a la escontra de la decisión mayoritaria de dicha Facultá. Ello llevó a una crítica xeneralizada nos medios de comunicación y a una concentración a llamada de los sindicatos de la enseñanza (CC.OO., SUATEA, FETE-UXT). Los periódicos La Nueva España y La Voz de Asturias d'Uviéu asina comu El Comercio de Xixón, les emisores de radio y la mesma TVE n'Asturies dieron anuncia de los fechos.

Damos darréu una curtia muestra de los documentos qu'obren na Academia.

Nota oficial

L'Academia de la Llingua, muérganu del Principáu d'Asturies, que mira polos drechos llingüísticos de los asturianos, vien teniendo una actitú de fonda prudencia nes sos declaraciones públiques no que cinca al procesu de recuperación llingüística. Asina lo aconseya tanto la so propia convicción comu los encamientos del poder políticu pa nun facer de la cuestión llingüística un elementu más de la crispación social qu'arrodia al nuesu país.

De toes maneres nun sería a entendese que güei, cuando la Universidá atropella los drechos llingüísticos del nuesu pueblu, tapeciéramos la nuesa indignación col silenciu cobarde.

L'actual equipu rectoral tien un comportamientu que se fai merecedor del rechazu de la xente d'Asturies. El so proceder ye una burla a la decisión, mayoritariamente llograda na Xunta de Facultá de Filoloxía, y abre'l camín al asitiamentu de les postures más radicales. Resulta paradóxicu, incomprensible y ofensivo que la llingua asturiana seya una materia que nun s'almita cola xida de la so non oficialidá y, en sentíu contrariu, acueyan l'árabe o'l portugués cuya oficialidá n'España ye desconocida.

L'actitú mayoritaria de la Xunta de Gobiernu de la Universidá ye una provocación que la nuesa sociedá nun pue tolerar porque sería almitir que'l caciquismu ye la norma de conducta que tien que rixir les nuses rellaciones públiques.

L'Academia alvierte que lluchará con toles sos fuerces escontra la reiterada y odiosa violación de los drechos llingüísticos de los asturianos y fai responsable a aquellos sectores minoritarios que desprecien a Asturies del clima de tensión social que de les sos posiciones pudiera xenerase.

Uviéu, 18 de xunu de 1993

Academia de la Llingua Asturiana

Acerca de unos extremistas

En 1988, en pleno fragor de la polémica suscitada por el manifiesto en contra de la recuperación del asturiano (conocido como «planfeto de los sensatos y pensantes»), recuerdo que tuve una charla con una conocida firmante de *aquello*, por aquel entonces profesora también en la Universidad. Recuerdo sus palabras al término de la plática: «Bueno, ¡a ver si se soluciona el enfrentamiento entre babistas y *antibablistas*!». Hay lapsus que deberían figurar en cualquier manual de psicología elemental.

La negativa del Gobierno de la Universidad a ofrecer una optativa de Lengua Asturiana en los estudios de Filología, no puede deberse más que a eso, a un *antibablismo* irracional. La profesora Marita Aragón, portavoz de ese órgano, nos ha ilustrado con la fabulosa simpleza de que el asturiano no es lengua oficial; pero no ha dado ninguna razón académica, universitaria o científica de esa negativa. Por tanto, habrá que concluir que el asturiano no será optativa en la Facultad de Filología por una razón más prosaica, pero contundente: porque al Gobierno de la Universidad no le sale de la narices.

Cuando la señora Aragón afirma que «no cabe la consideración académica de un idioma que no es oficial», miente como una bellaca: la *Lengua Asturiana* (con esta denominación) es una asignatura optativa que yo imparto en la Escuela Universitaria de Magisterio desde el curso 1985-86. Seguramente he de adivinar que para la señora Aragón y sus compañeros de fobias en la Junta de Gobierno, la materia que imparto no supera la categoría de pura porquería. De todas maneras tienen mi permiso para que a partir de octubre entren en mis clases y escudriñen y fisguen todo lo que quieran para comprobar con qué ponzoñosas mentiras drogo a mis alumnos.

Hacen ustedes un penoso ridículo cuando tratan de barnizar con supuestas razones científicas (esa de que el asturiano no es oficial es antológica) lo que no es más que la exteriorización de odios inconfesables muy alejados de la controversia científica. Porque uno puede estar muy lejos de las posturas de un Jesús Neira, pero cabe reconocerle que siempre afirmó lo mismo y nunca traicionó sus posiciones. Pero dejémonos de monsergas: es de una absoluta falta de seriedad la actitud de un Emilio Alarcos, que durante unos años mantiene una postura (recuerdo sus alabanzas desde un tribunal a mi tesina de licenciatura escrita en asturiano, año 1981) para contradecirse desvergonzadamente a los pocos años (recuerdo también su desprecio hacia mi tesis doctoral por estar redactada en asturiano, año 1987).

Seguramente el señor Alarcos y su esposa tienen un millón de motivos personales para estar enfrentados con colegas (bablistas y no bablistas) de su Facultad. Pero la opinión pública debe saber que desde hace años Alarcos y su esposa pierden por goleada todas las votaciones referidas a la len-

gua asturiana, tanto en el seno del Departamento de Filología Española como en la Facultad de Filología; porque el haberle reconocido su valía como lingüista haciéndole emérito, no significó nunca el compartir con él sus odios hacia la lengua histórica de Asturias. Alarcos Llorach, es triste decirlo, parece fatalmente incapacitado para darse cuenta de ello.

Ello no ha evitado que muchos universitarios hubiéramos de soportar una persecución infame por nuestra actitud en defensa de la lengua asturiana: una tesis doctoral que se retrasa un año por estar redactada en asturiano; profesores que ven torpedeada su carrera profesional; conspiraciones (a golpe de pasillo y de teléfono, se dice) para cambiar el signo de decisiones democráticamente tomadas; etc.

Sin ir más lejos: hay ahora mismo un libro mío (dentro de la colección universitaria «Biblioteca Filológica Asturiana») que, a pesar de estar ya impreso y encuadernado, está secuestrado desde hace meses. ¿El problema? Está escrito en asturiano y «hay presiones». Así lo confesó el señor Rector hace pocas semanas ante varios representantes sindicales. Hace algunos años el profesor García Arias tuvo que soportar una situación muy semejante, por los mismos motivos.

El Departamento de Filología Española y la Facultad de Filología (los órganos universitarios competentes en materia lingüística) han sido claros: sí al asturiano como optativa y sí al asturiano como especialidad. Son decisiones tomadas en votaciones democráticas. La postura del Gobierno de la Universidad es absolutamente impopular (a ver cómo explican a la sociedad que árabe sí pero asturiano no); se basa en consideraciones políticas, no académicas ni científicas; vulnera la decisión democrática del Departamento y de la Facultad; y es totalmente provocadora.

Es, en definitiva, la postura de un grupo extremista instalado en cúpula del poder universitario. Alejados de la realidad sociológica y del pensar de los propios universitarios, obrando como servidores únicamente de su particular fundamentalismo, ese búnquer extremista practica un juego peligroso para la convivencia universitaria y social. El necesario consenso sobre la lengua asturiana al que nuestra sociedad ha de llegar tarde o temprano, se ve obstaculizado por estas conductas antisociales y faltas de toda moderación, en las que se desprecia nuestra lengua, la lengua de nuestros mayores, la lengua de los que nos sucedan, la lengua histórica de nuestro pueblo y, por si fuera poco, una parcela de la ciencia y del arte literario que se llama Lengua Asturiana. Tomen nota de ello los responsables políticos y culturales de Asturias; valoren y sopesen dónde están las posturas avaladas democráticamente y dónde las actitudes ultras y pendencieras.

Se están pasando.

Ramón de Andrés (*La Nueva España*. "Tribuna", 23-6-1993).

La Universidad, en una actitud incalificable, se posiciona contra la sociedad asturiana

La decisión de la junta de gobierno de nuestra Universidad (18-6-93) rechazando la petición de que el asturiano forme parte como asignatura optativa de los planes de estudio de la Facultad de Filología nos ha dejado aterrados. Lo que en palabras de Javier Neira constituye un monumental escándalo no es más que la expresión de una actitud de extrema intransigencia que pone de manifiesto la falta de conexión, y hasta el desprecio, que la máxima instancia académica tiene para con el patrimonio cultural asturiano.

1. Las justificaciones

La vicerrectora de Ordenación Académica, María Aurora Aragón, en sumaria rueda de prensa, pretende con una delirante argumentación convencernos de que tal rechazo se fundamenta en el hecho, innegable de que el asturiano no es lengua oficial.

Olvida la citada vicerrectora que en la misma sesión académica se opta por aprobar otra asignatura optativa, el árabe, que, siendo un bien cultural cuya inclusión en los planes de estudio no vamos a discutir, ni es oficial en Asturias ni constituye una urgente necesidad para los intereses de nuestro pueblo.

Según lo anterior, ¿es ilegal la asignatura que con el nombre de Lengua Asturiana se imparte como optativa en la Escuela Universitaria de Formación del Profesorado de EGB? Más aún, ¿los diplomados universitarios en EGB que hayan cursado estos estudios pueden ver cuestionada, legalmente, su titulación?

Evidentemente, no. El marco legal en que nos movemos es incontestable:

«El bable gozará de protección. Se promoverá su uso, su difusión en los medios de comunicación y su enseñanza, respetando, en todo caso, las variantes locales y voluntariedad en su aprendizaje» (artículo 4 del Estatuto de Autonomía de Asturias).

«La Universidad de Oviedo, por su vinculación histórica, social y económica al Principado de Asturias, dedicará especial atención a los aspectos culturales e intereses colectivos de Asturias. La Lengua Asturiana tendrá el tratamiento adecuado de acuerdo con la legislación. Nadie será discriminado por razón de su uso» (artículo 6 de los estatutos de la Universidad de Oviedo).

Queda claro entonces que la decisión no responde a ninguna incompatibilidad jurídica. Tampoco procede, por cierto, la discusión acerca del «status» lingüístico del asturiano desde el momento

en que es la propia junta de la Facultad de Filología (es decir, donde se sitúan los expertos y estudiosos de la lengua) quien es desautorizada y puesta en evidencia por un órgano administrativo superior.

Resulta evidente, en fin, que, al menos en este caso, la junta de gobierno ha optado por la no consideración de aquellos principios más representativos del espíritu universitario: la libertad y la tolerancia.

2. Las responsabilidades

Plantear que una decisión que se sitúa, objetivamente, contra los intereses de Asturias obedece a la decisión mayoritaria de los miembros de la junta de gobierno de la Universidad y es, como consecuencia, plenamente democrática, constituye una falacia. En efecto, el análisis técnico de la propuesta parte del departamento de Filología Hispánica y es en ese ámbito donde, tras la discusión científica, se decide por una amplísima mayoría (votación en la junta de Facultad) aceptar la propuesta de incluir el asturiano como asignatura optativa. Es a partir de esta resolución (15-2-91) cuando se inician todo tipo de recursos y contenciosos con el único fin de anular, mediante permanentes aplazamientos burocráticos, la puesta en práctica de esta democrática decisión. En resumen, la que se evidencia como postura minoritaria pretende conseguir, administrativamente, lo que democráticamente no puede lograr.

La responsabilidad de la lamentable situación actual es clara: quienes presionan y quienes permiten esa presión son los únicos culpables. Ahora bien, desde un punto de vista ético, como garante de las libertades académicas, es el Excelentísimo y Magnífico Señor Rector y su equipo el máximo responsable. El invocar, constantemente, su no asturianidad y la falta de interés por parte de las instancias políticas del Principado no eximen a don Santiago Gascón de su cómplice inhibición. Es su obligación, en todo caso, defender los intereses de Asturias, la autonomía de la institución académica y el respeto al pluralismo universitario. Sin olvidar, por último, que no conocemos —aunque intuimos— cuál ha de ser la postura del entrante Gobierno del Principado de Asturias sobre esta gravísima decisión de la junta de gobierno de la Universidad.

Los que conocemos al señor rector y sabemos de su capacidad de diálogo confiamos, no obstante, en que de su reflexión sobre las consecuencias de un acuerdo, tomado en su ausencia, se pueda derivar una rectificación que, en este momento, la sociedad asturiana valoraría muy positivamente. Ello evitaría, además, las posibilidades de una confrontación y crispación social que ninguna persona de talante liberal puede desear.

3. Necesidad de los estudios universitarios de asturiano

La exigencia del carácter universitario de estos estudios constituye una constante demanda de la sociedad asturiana: colectivos de profesores, sindicatos de enseñanza, organizaciones estudiantiles, instancias políticas y todo tipo de entidades sociales y culturales.

Tales demandas tienen un fiel reflejo en la opinión pública que se manifiesta abrumadoramente favorable (en un porcentaje superior al 80%) a la enseñanza escolar de la Lengua Asturiana. No se puede obviar, por otro lado, la realidad de los casi 17.000 alumnos que reciben, voluntariamente, enseñanza de asturiano en los aproximadamente 160 centros que ofrecen esta posibilidad. ¿Qué mejor garantía, entonces, para una rigurosa preparación del profesorado que una formación universitaria? ¿Cómo es posible que la propia Universidad pretenda eludir su responsabilidad cuando de lo que se trata es de mejorar la calidad educativa en Asturias?

La trascendencia de la decisión adoptada —aun cuando no se haya tratado todavía de la futura especialidad de Filología Asturiana— se evidencia más descarnadamente cuando estamos en vísperas de una asunción de competencias plenas en materia de educación, que, de acuerdo con la legalidad del Estatuto de Autonomía, tiene, necesariamente, que tender a la generalización del proceso de enseñanza del asturiano y a garantizar, en el marco educativo, los derechos lingüísticos y culturales de los alumnos.

Sería, en este sentido, imperdonable que nuestra Universidad no asegurara una planificación académica capaz de dar cuenta de estas urgentes necesidades y, más todavía, que se permitiera cuestionar —o entorpecer— los avances y logros sociales en la valoración y dignificación de un legado cultural que debiera asumir como propio.

Es el momento, en fin, de que todos contribuyamos a vertebrar una comunidad, Asturias, inmersa en una verdadera crisis global: económica, social y cultural. En este contexto histórico la Universidad ha de comprometerse, inequívocamente, con el pueblo al que sirve. Lo contrario, seguir dando la espalda a los asturianos, la llevaría a un aislamiento y desprestigio irreversibles.

Xosé Antón G. Riaño

(*La Nueva España*. “Tribuna”. 22-6-1993).

Las declaraciones de Marita Aragón

Lleendo les informaciones so la decisión escontra l'Asturianu comu asignatura optativa nos estudios universitarios, abultárenme especialmente incoherentes y llaméntables les xustificaciones puestes en boca de la vicerreutora Marita Aragón, que presidió la xunta de gobiernu.

1. Diz la señora Aragón que l'asturianu nun ye llingua oficial según l'Estatutu d'Autonomía. Pero ¿conoz esta señora l'Estatutu d'Autonomía? Esti estatutu afirma que debe fomentase la enseñanza del Asturianu, con caráuter voluntariu. L'Estatutu d'Autonomía asturianu obliga a les autoridaes educatives a ufiertar asignatures optatives d'Asturianu y afirma que los estudiantes asturianos tienen derechu a esa asignatura.

En consecuencia, la decisión de la que ye portavoz la señora Aragón va totalmente escontra l'Estatutu d'Autonomía.

2. Diz esta señora que «no cabe la consideración académica» del asturianu. Pero ¿sabe la vicerreutora que yá na Universidá d'Uviéu hai asignatura d'Asturianu optativa (E. Universitaria de Formación del Profesorado)? ¿Sabe que miles d'asturianos estudien esta asignatura en centros académicos? Pero esta señora ¿tien alguna idea de lo que ye la educación n'Asturies?

3. Les manifestaciones de la vicerreutora Aragón nun son estrictamente académiques, son manifestaciones polítiques ¿Tien esta señora dalgún poder otorgáu pol pueblu asturianu pa decidir políticamente? La señora Aragón tien derechu a, personalmente, odiar la llingua asturiana, tien derechu a militar escontra'l futuru d'Asturies. Pero nun tien derechu a parar la petición democráticamente mayoritaria de la Facultá de Filoloxía porque esta petición, ésta sí, ye una iniciativa académica.

Roberto González-Quevedo

(*La Nueva España*. "Cartas al Director". 20-6-1993).

Asturiano

La Universidad de Oviedo decidió ayer que el asturiano no sea una asignatura optativa de la licenciatura de Filología Hispánica. Ni siquiera eso.

Tal decisión la adoptó la junta de gobierno, que es un órgano plenamente representativo. Y la adoptó por una amplia mayoría y en votación secreta. Más aún, ningún miembro de esa junta manifestó antes de la votación una postura contraria a prescindir del asturiano. O mejor dicho, sólo uno, un estudiante de Matemáticas, que conviene citar para su honor: Jorge Sueiras.

No cabe decir que determinados grupos de presión hayan impuesto su criterio con malas artes o mediante una eficaz campaña de persuasión. No es así. La Universidad de Oviedo como tal y libremente ha rechazado que el asturiano sea materia de estudio con el rango de asignatura optativa, y no tiene ningún sentido enredar este desgraciado asunto con otros componentes supuestos. Ciertamente, una parte de la Junta se manifestó con sus votos a favor del asturiano, una parte de la Universidad sin duda está también en esa línea y, como circunstancia muy significativa, la mayoría de la Facultad de Filología está decididamente a favor del asturiano en los términos ahora frustrados.

Así es, pero la Universidad de Oviedo se acaba de pronunciar de forma clara y libre, una expresión neta y definitiva que da la magnitud exacta del monumental escándalo que en la mañana de ayer se ha consumado.

Vamos a ver: ¿el asturiano no es un idioma? ¿Su ámbito no es Asturias? ¿No constituye un bien cultural de primer orden? ¿No merece pues toda la atención? Sólo se puede contestar afirmativamente a esta cadena de interrogantes. ¿A qué atiende entonces la Universidad de Oviedo cuando veta el asturiano? Más aún, supongamos que la Universidad de Oviedo es ajena a Asturias, ¿no le vale al menos el criterio liberal que exige atender las demandas sociales aún en el supuesto de que sean minoritarias, aunque no se compartan? Quizá ya no tenga sentido hablar de Universidad de Oviedo, quizá merezca otro nombre.

Javier Neira

(*La Nueva España*. "Cien líneas". 19-6-1993).

Galopera

Lo de la Junta de Gobierno de la Universidad de Oviedo empieza a resultar irritante, para utilizar un término que no resulte excesivo para la cortesía académica. Por cierto, una cortesía académica despedazada, con una irreprochable asepsia democrática, por la parte de la propia Junta de Gobierno, que viene sistemáticamente desautorizando a la Facultad de Filología y, más concretamente, al departamento de Filología Española, en todos aquellos asuntos que hacen referencia a los planes de estudio nuevos y, probablemente, nonatos en el futuro.

En esta ocasión una modestísima y razonable petición del departamento y de la Facultad, pidiendo la inclusión del asturiano como materia optativa para los alumnos que deseen cursarla, ha sido rechazada con el ininteligible argumento de que el asturiano «no es oficial». Pero, ¿no es ofi-

cial dónde? Pues está muy claro. No es oficial en la Junta de Gobierno de la Universidad, con lo que se cierra un círculo cabalístico muy próximo a las más desasosegantes ficciones de Kafka o Sábato.

A mí me gustaría saber cómo les sentaría a los colegas de Ciencias Jurídicas Básicas la negativa a que pudieran ofrecer como optativa una asignatura que se llamara Deontología Profesional (1) o a los ingenieros de Minas una que versara sobre Peligrosidad Laboral en las Explotaciones.

Pero, en fin, deberíamos estar ya acostumbrados a estas salidas de pata de banco de los ilustres junteros (con excepción de los diez que, en este caso, han sabido proceder con arreglo a la prudencia y cortesía —ellos sí— académicas). Es curioso que sean los médicos, los abogados, los ingenieros, los biólogos, los químicos y otros profesionales de las llamadas ciencias duras, los que decidan qué lenguas se pueden estudiar en una Facultad de Humanidades. A este paso los filólogos acabaremos dando gimnasia, dibujo artístico, labores y danzas orientales, pero eso sí, sin introducir la menor variante, no vaya a ser que nos diga la Junta de Gobierno que lo nuestro son las lenguas. Estofadas, o así.

Álvaro Ruiz de la Peña

(*La Nueva España*. “Cuchillo, tijera, ojo de buey”. 22-6-1993).

Rechazado el asturiano

La Junta de Gobierno de la Universidad de Oviedo ha rechazado el proyecto de incorporar la enseñanza del asturiano como segunda lengua. La propuesta fue sometida a votación y el resultado arroja 23 votos en contra, 10 a favor y dos en blanco. Quizá como anécdota curiosa está el hecho de que el árabe, por el contrario, sí ha sido considerado como lengua optativa, contando con un voto solitario en contra.

Ajustándonos al concepto de *universidad* —entendiéndolo como *universalidad*— también podríamos estimar que en la Universidad-institución debe tener sitio la *university*. De esta manera cabrían todas las opciones posibles para aquellos que quisieran estudiar ya la lengua árabe, el español o el asturiano. Hace años que en Oviedo es posible estudiar árabe. De hecho, se cuenta en Asturias con un grupo de notables arabistas que enriquecen nuestra cultura propia. Si en el asunto del asturiano no se mezclarán otras cosas es probable que la Junta de Gobierno de la Universidad no habría conseguido plantear un *contencioso* entre *asturianistas* y *españolistas*. Esto entraña el

riesgo de una radicalización en las posturas, de que esa radicalización se traslade a la calle y, especialmente, que la trifulca haga perder tiempo precioso para destinarlo a mejorar las condiciones de la Universidad en Asturias. Creemos que la polémica sobre el asturiano en los planes de estudio universitarios tiene —debe tener— una solución intermedia. Sobre todo, para evitar *bosnificar* esta noble institución.

(Editorial de *La Voz de Asturias*, 20-6-1993).

La Academia de la Llingua califica de provocación la decisión de la Universidad de no incluir al bable en su plan de estudios

La Academia de la Llingua Asturiana hizo público el 19 de junio de 1993, un comunicado en el que califica de «provocación que nuestra sociedad no puede tolerar», la decisión adoptada por la Junta de Gobierno de la Universidad de Oviedo de incorporar el asturiano a su plan de estudios como segunda lengua.

Según dicho comunicado «la actitud mayoritaria de la Junta de Gobierno de la Universidad es una provocación que nuestra sociedad no puede tolerar, por que sería admitir que el caciquismo es la norma de conducta que tiene que regir nuestras relaciones públicas».

La Academia asegura que, en su defensa de los derechos lingüísticos de los asturianos, viene manteniendo una actitud prudente «para no hacer de la cuestión lingüística un elemento más de la crispación social de Asturias».

Los responsables de la entidad consideran que esta decisión «atropella los derechos lingüísticos de nuestro pueblo», y aseguran que hace merecedor al equipo rectoral del rechazo de la gente de Asturias, pues «su proceder es una burla a la decisión, mayoritariamente lograda en la Junta de la Facultad de Filología, y abre el camino al establecimiento de posturas más radicales».

Asimismo, afirma que luchará «con todas sus fuerzas» contra esta decisión y hacen responsable «a aquellos sectores minoritarios que desprecian a Asturias» del clima de tensión social que desde sus posiciones pudiera generarse.

(*El Comercio*, 20-6-1993).

Lengua no oficial: una notable contradicción

La Universidad de Oviedo ha comprometido su credibilidad al tratar de ofrecer una explicación oficial al acuerdo adoptado por la junta de gobierno contra la propuesta de la facultad de Filología en el sentido de introducir la asignatura de Lengua Asturiana como disciplina reglada en su plan de estudios.

El acuerdo del pasado viernes fue tomado mediante votación secreta por una entidad corporativa. ¿De dónde se extrae pues que las causas de la negativa tienen su explicación en el carácter no oficial del bable? ¿Qué soporte objetivo permite dilucidar las motivaciones de los votantes? No puede tener obviamente origen formal el conocimiento que haya podido lograr la Universidad acerca de las razones del voto que impidió constituir a la lengua asturiana en una disciplina académica dentro de la facultad de Filología. Pero en todo caso, el curioso supuesto de que tal negativa reposa sobre el carácter no oficial del bable hace entrar a la institución universitaria en contradicción consigo misma.

La cosa es que el pasado año, por estas fechas, la junta de gobierno de la Universidad de Oviedo aprobó sin ninguna objeción específica la inclusión de la asignatura de Lengua Asturiana en los nuevos planes de estudio de la Escuela de Magisterio. Nadie recurrió entonces ni tampoco tras su publicación en el *BOE* (marzo de 1993) la concesión de rango de disciplina universitaria a una lengua no oficial.

El argumento exhibido ahora por la Universidad para dar cuenta de su oposición a la consideración del bable como enseñanza académica obliga a justificar su propio acuerdo de 1992 sobre la regulación de una asignatura de esta misma naturaleza a impartir en el primer ciclo de estudios.

Cuando menos, contradicciones de esta índole dañan a la institución universitaria.

Celso Martínez

(*La Voz de Asturias*, 24-6-1993).

Insultos contra un hombre de letras

Francisco Ayala ha escrito mucho y muy bien, pero buena parte de su obra fue hurtada durante casi cuarenta años a los españoles porque el escritor granadino fue uno más de los numerosos exiliados tras la Guerra Civil. Antes de abandonar su país, Ayala no sólo había escrito, también había ejercido el periodismo y había sido catedrático de Derecho Político en la Universidad Compluten-

se de Madrid, Argentina, Brasil, Puerto Rico y Estado Unidos fueron los países que le acogieron hasta que en 1977, decidió fijar su residencia definitiva en Madrid.

Sólo desde la ignorancia más insultante puede calificarse a Ayala de «vejestorio», «racista», «fascista» o «cazurro», términos todos éstos que el escritor, premio «Cervantes» en el año 1991, tuvo que oír el pasado jueves en el Paraninfo de la Universidad de Oviedo, cuando apenas habían transcurrido unos minutos del inicio de su conferencia.

Dicen quienes le acompañaron tras ser suspendido el acto, que el sentimiento de Ayala era de indignación. El autor de páginas fundamentales en la literatura española de este siglo—en «El fondo del vaso» puede encontrarse algún paralelismo con lo vivido en Oviedo—padeció, una vez más, la intolerancia de los sin espíritu, que él bien conoce. Que nadie se llame a engaño. Los que insultaron a Francisco Ayala no lo hicieron en nombre de una supuesta defensa del asturiano. Escupieron palabras contra una personalidad de las letras españolas que no sólo luchó por la libertad de su país sino que pagó un precio por ello. La ignorancia, en este caso, fue no sólo atrevida sino también abominable.

Pilar Rubiera

(La Nueva España. 26-6-1993).

Manifiestu pautáu, lleíu na concentración del día 24 de xunu convocada por SUATEA, CC.OO., FETE-UXT

ASTURIANO NA UNIVERSIDÁ ;YÁ!

Nosotros, los tres Sindicatos más representativos de la Enseñanza n'Asturies CC.OO., SUATEA y FETE-UXT queremos dexar clara la nuestra posición ante la opinión pública asturiana, sobre la última decisión tomada pola Xunta'l Gobiernu de la Universidá d'Uviéu.

a) En primer llugar ye una decisión que si se complementa cola negativa de facer de l'asturianu una especialidá universitaria, daría'l traste colos intentos de llevar a cabu una escolarización de la nuestra llingua de forma sería y racional. ¿Por qué? Porque si queremos que l'asignatura d'asturianu algame la mesma categoría que cualisquier otra asignatura ye necesario la so catalogación nes escueles, amás de l'habilitación del profesoráu que la imparte. Recordemos: nun se trata d'obligatoriedá pal alumnáu, sinón pa los centros, ya qu'en definitiva l'oxetivu ye garantizar la voluntariedad de los alumnos y alumnas. Si la Universidá se niega a asumir esa función de formación del profe-

soráu obstaculizaría cualquier esperanza de normalización de l'asturianu na Escuela Pública. Significaría nón sólo'l caltener l'actual precariedá y discriminación de la nuestra llingua, sinón también contribuir a la llarga a la so eliminación del sistema escolar. ¿Ye esto de lo que se trata? Hai que dase cuenta tamién que seríen muchos puestos de trabayu del profesoráu qu'imparte asturianu los que se tiraríen pela borda.

b) En segundu llugar denunciemos enérxicamente tales decisiones porque pisotien ensin contemplaciones nin reparos los derechos de tolos asturianos a aprender la so llingua con toles garantías y calidá qu'ello requier. Recordemos qu'el Estatutu d'Autonomía diz:

«El Bable gozará de proteición. Promoveráse'l so emplegu, el so espardimientu nos medios de comunicación y la so enseñanza, respetando, en tou casu, les variedaes locales y la voluntariedá nel so deprendimientu».

Pues bien, ye la propia Universidá d'Uviéu la que nos quier negar esti derechu. Nuna pallabra: la Xunta'l Gobiernu la Universidá nun alarde d'autoritarismu insultante torgará qu'esa voluntariedá d'aprendizaxe del asturianu se lleve a cabu.

c) En tercer llugar denunciemos tamién la propia falta de transparencia democrática nel funcionamientu de la Universidá d'Uviéu. Si estes coses asoceden ye porque hai vezos autoritarios y dictatoriales qu'entavía persisten y se traten de perpetuar nesta Institución. Nun entendemos cómo una asignatura propuesta pola propia Facultá de Filoloxía dempués d'un debate internu que llevó a una aprobación mayoritaria, pue ser rechazada d'esi mou tan cínicu por un muérganu de gobiernu de la mesma Universidá. Pero, el Rector Sr. Gascón debe, o debería, saber que tala propuesta de la Facultá Filoloxía d'incorporar l'Asturianu nos sos Planes d'Estudiu nun reflexa más qu'un sentir mayoritariu de tolos asturianos, amás de sofita-yos un derechu fundamental.

Recordémos-yos tamién lo que diz el mesmu Estatutu de la Universidá (artículu 6):

«La Universidá d'Uviéu por vinculación histórica, social y económica al Principáu d'Asturies dedicará especial atención a los aspectos culturales y intereses colectivos d'Asturies. La Llingua Asturiana tendrá'l tratamientu adecuáu d'alcuertu cola Llexislación. Naide sedrá discrimináu por razón del so usu».

Polo que se deduz en vista d'estes actuaciones ye que l'autoritarismu y la arbitrariedá con que se mueve la Universidá ye, yá lo sabemos toos, productu d'unos nomes y apellíos, de grupos de presión mui concretos que s'aconceyen y actúen averaos a un oxetivu pernidiu: l'odiu más intensu a la llingua asturiana. Esti sector caciquil sigue calteniendo una influencia y poder perimportante dientru la Universidá. Faciendo alarde d'unos prexucios provincianos de lo más fediondo siguen faciendo dañu al pueblu asturianu d'un mou que llenda no patolóxicu.

Anque nun hai qu'escaecer que'l culpable y responsable d'estes decisiones de la Xunta'l Gobier-

nu la Universidá ye'l propiu Rector, Sr. Gascón. La so supuesta neutralidá ye tan sospechosa comu imposible, pero lo que ye'l so doblegase a los dictaos d'esta minoría «*sensata y pensante*», ye lo que se diz inadmisibile y imperdonable, máxime siendo'l Rector nuna Institución Académica dientru una sociedá democrática. Ye por eso que nun ye ná descomunao pedir la so dimisión inmediata. La nuestra debe ser una Universidá asturiana, de tolos asturianos; y ante too una Universidá que sirva y sofite la cultura y llingua de tolos asturianos.

¡¡PIDIMOS LA DIMISIÓN DEL SEÑOR GASCÓN!!

¡¡POR UNA UNIVERSIDÁ ASTURIANA!!

¡¡L'ASTURIANU NA UNIVERSIDÁ ¡YÁ!!

Hablo de la Universidad de Oviedo

Es una pena que la Universidad se esté convirtiendo en una institución asfixiante. Cuando se trata de *mojarse* democráticamente, y para ejemplo de la sociedad, resulta que se le niega a la democracia su esencia: la igualdad. Increiblemente, arrojan a la hoguera el *Espíritu de las leyes*, es decir, le cierran la puerta a *Montesquieu* porque él ha sido quien dijo que en democracia el amor es igualdad. *Montesquieu* ha caído en desgracia increiblemente cuando la sociedad asegura que está empeñada en suprimir las desigualdades. El segundo dato que permite reafirmar esa tendencia *ilustrada* a la provocación de la asfixia social está en el lamentable *incidente* que ha enfrentado a los partidarios del asturiano, como lengua opcional en los estudios universitarios, y a los *puritanos* del sistema institucional —¡que no me lo toquen...!, —gritan— de la Universidad. La *otra* Iglesia.

Estos dos hechos se han sucedido el uno al otro de tal manera que, probablemente, cabe pensar que están íntimamente relacionados entre sí. Primero, porque la democracia si no es igualdad (aunque necesita matices la cuestión) para los ejecutivos de la Universidad, ¿qué es...? Segundo, porque si el asturiano no tiene sitio en las aulas universitarias, como lengua popular —por lo tanto, digna de estudio—, ¿ese gesto no es una expresiva muestra de regresión en un mundo que, hasta ahora, se le consideraba cabalmente intelectual...?

Ambas cosas son, a la vez, la prueba palpable de que la Universidad está de espaldas a la sociedad. Luego no se comprende por qué algunos de sus dirigentes, en muchas ocasiones, y con la voz

de *Jeremías*, lloran —con lágrimas prestadas por cualquier cocodrilo— el supuesto hecho de que la sociedad ha abandonado a la Universidad.

¿Es que la hipocresía es una asignatura del Arte que se estudia en ese *Vaticano*? Uno nunca esperó de la Universidad ni tan siquiera un amago de *revolución* liberal. Pero lo que menos esperaba era que no le cayera la cara de vergüenza —a la *inteligencia* por antonomasia— por decidirse a tomar unas decisiones que no son más que increíbles caprichos pequenoburgueses.

Lorenzo Cordero

(*La Voz de Asturias*, 28-6-1993).

La Filología Hispánica y la prohibición del asturiano

No es el asturiano (al menos por ahora): es principalmente la Filología Hispánica la que ha recibido un bastonazo irracional y caprichoso.

Y cruel. Especialmente para quienes hace ya mucho, con ilusión, diligencia y semanas de trabajo, elaboramos un plan de estudios presupuestariamente poco costoso pero ambiciosamente abierto a demandas actuales (Español para Extranjeros, Lingüística Computacional, Sociolingüística, Español de América...), sin marginar el fondo tradicional de una Filología Hispánica: Historia del Español, Dialectología, Latín, y sobre todo Literatura Española e Hispanoamericana. Más los fundamentos de todo ello: la Lingüística General y la Teoría Literaria.

Salvo la junta de Filología, que lo aprobó, nadie dentro de la Universidad, ni siquiera su gobierno, nos ha pedido explicaciones científicas ni docentes de por qué lo hemos hecho como lo hemos hecho. Tiene que ocurrir el «asturianazo» para que, tras la feliz idea de *La Nueva España* (20 de junio) de recabar la opinión de algunos ciudadanos, hayan sido éstos, con sus reservas y dudas, los primeros en demandar explicaciones. A título personal y sin representar a nadie, intentaré dar algunas.

Según don Juan Méjica, en muchos casos los enseñantes de bable no saben bable. Ni lo niego ni contradigo. Añado sólo que, en mi opinión, sólo la Universidad puede garantizar para el profesorado de Asturiano una formación filológica integral y *adecuada a la compleja realidad lingüística de Asturias*. Ni los cursos de formación de la Academia de la Llingua ni los de la Oficina Lingüística (ni tampoco unas enseñanzas en Extensión Universitaria, que serían «no regladas») garantizan el cumplimiento exacto de lo que, hoy por hoy, dice el artículo 4 del Estatuto de Autonomía. Sólo

una especialidad universitaria de Filología Asturiana podría hacerlo (la Facultad de Filología ya la ha propuesto, pero no ha sido pasada todavía por la junta de gobierno). De todos modos, esto no tiene nada que ver con la prohibición del asturiano en Filología Hispánica.

Objetivo del plan de estudios

No es el asturiano el objetivo de la Filología Hispánica. Nuestro plan de estudios tiene como fin la formación filológica (esto es, lingüística y literaria) en la investigación y para la docencia de —en palabras de doña Alicia Castro— uno de «los grandes idiomas de Europa»: el español o castellano, como se prefiera.

Hay otros grandes idiomas (inglés, alemán, japonés, chino, francés, ruso...), pero su enseñanza pública, cuando la hay, está acertadamente fuera de la Universidad: escuelas e instituciones y escuelas de idiomas. Con su Instituto de Idiomas la Universidad únicamente trata de cubrir algunas de las necesidades que llegan insatisfechas de las etapas anteriores. Pero la Facultad de Filología no es una escuela de idiomas (por más que muchos profesores, por ejemplo de Filología Inglesa, hagan de tripas corazón; pero su voluntad de servicio no debe confundirse con ninguna obligación suya de enseñar inglés).

En cuanto a «obligar a los alumnos a que conozcan el inglés, el francés y el alemán», así sin más, como dice la señora concejala del PP en el Ayuntamiento de Oviedo, algo tendrán que decir los estudiantes, y en particular los profesores de Italiano o Portugués, por ejemplo. En todo caso, y más en general, no es obligando ni prohibiendo como pueden abordarse estos problemas, sino *orientando* (y, sinceramente, no sé si la Universidad cumple su obligación con el COU).

¿Por qué, entonces, Filología Hispánica, aparte del español, ofrece varios idiomas para elegir dos (no uno, como hasta ahora)? Por cinco razones fundamentales: 1) porque algunos como el inglés, alemán, francés... permiten acceder bibliográficamente a la investigación filológica realizada en todo el mundo; 2) porque deseamos estudiantes preparados para acceder, si quieren y pueden, a los estudios de Traducción e Interpretación (titulación promovida también por la Facultad de Filología); 3) porque queremos que nuestros licenciados puedan enseñar español a extranjeros, cosa que en la actualidad —fuera de España, pero también, desde el propio gobierno de nuestra Universidad—, con escasas excepciones, se pone en manos de quienes no están profesionalmente preparados para ello; 4) porque idiomas como el portugués, el italiano, el francés... son, como el castellano, lenguas «románicas» (modalidades históricas del latín) filológicamente indispensables en el conocimiento científico del español; y 5) porque todos los idiomas, «oficiales» (donde lo sean) o

no, para la lingüística general son lenguas, sin prejuicio ni perjuicio de lo que puedan ser o parecer sociológicamente.

¿Por qué el asturiano como una opción más en Filología Hispánica? Sencillamente, por las razones 4) y 5) (y, en cierto aspecto, también la 3). Lo concretaré en dos casos.

En nuestro plan de estudios se explicará, si Dios quiere y la junta lo permite, Sociolingüística. Lo que los asturianos piensan de su(s) modalidad(es) lingüística(s), al margen de que las conciban como «asturiano» o algún tipo de «bable» como «castellano de Asturias», como «astur-gallego» o «gallego de Asturias», etcétera, e incluso lo que el Gobierno del Principado, la Academia de la Llingua y hasta la junta de gobierno hace o deshace..., todo ello es un material de primer orden para la sociolingüística.

Negarnos la realidad inmediata y mandarnos a teorizar sobre el caso del llamado «valenciano», la situación del chicano, las lenguas minoritarias de Centro-Europa o el conflicto lingüístico del Gabón, se me antoja un exceso de «universalismo», especialmente cuando tanta necesidad hay de racionalizar y «academizar» (pasar por la Universidad, no por la Academia de la Llingua) la situación sociolingüística de Asturias. La junta de gobierno nos lo ha prohibido.

Enseñar español

La otra razón es un principio pedagógico elemental. Queremos que nuestros graduados salgan preparados para enseñar español a extranjeros, pero también y sobre todo a los niños y muchachos de Asturias, y por tanto con un conocimiento suficiente del estado lingüístico de base de sus alumnos.

(Y si nunca intentamos imponer este criterio pedagógico a otras filologías, ¿por qué, o en nombre de qué, algún vicedecano de inglés o italiano ha colaborado en chafarnos esta legítima previsión pedagógica? ¿Por qué nos lo prohíben si no cuesta nada ponerlo? ¿Por qué se ha autorizado una asignatura obligatoria de Asturiano en la licenciatura de Filología Románica, y en cambio se prohíbe un Asturiano optativo en la de Filología Hispánica? ¿Por qué se autorizó una Lengua Asturiana en la Escuela de Magisterio, al tiempo que las materias de Lengua y Literatura Españolas las pasaban a genéricas «didácticas»? La consecuencia es que los nuevos maestros carecerán de un conocimiento positivo del español: ¿Por qué los «prohibidores» de hoy no dijeron entonces ni esta lengua es mía? ¿Cuál es el porqué de tantos porqués?)

Junto con el asturiano, el decano de Filología también envió al árabe a que la junta de gobierno lo apuntillase. El triste motivo por el que se salvó («razones personales», supongo) no debe empañar la alegría de su autorización: si lo hubiesen prohibido, se habría negado a los estudiantes de Fi-

lología Hispánica el medio de acceder a esa parte de la literatura castellana escrita en caracteres árabes que se llama «aljamiada». (A mí me recordó el trance por el que pasó el Instituto de Estudios del Siglo XVIII, porque la Universidad de Oviedo también es la meca (nunca mejor dicho) del «aljamiado», gracias al pequeño grupo de investigadores que lo sostienen).

Pero vuelvo al que es, quizá, el principal reparo de la mayor parte de los ciudadanos entrevistados por este diario: *qué asturiano* se iba a enseñar (¿el «occidental», el «de la Academia»?...). Copio literalmente lo que orden el BOE y viene al caso: «Formación básica en la descripción y evolución de una segunda lengua elegida por el alumno entre las establecidas por la Universidad en el plan de estudios [...]. Estudio histórico y filológico de las principales etapas, movimientos, autores y obras de su literatura».

Pues eso, ni más ni menos: un curso formativo e informativo. La asignatura, en su parte lingüística, legalmente sólo puede ser «descriptiva»: el asturiano que hay, el que se habla y el que se escribe o se ha escrito, con todas sus variedades o modalidades, sin exclusiones, y también sus avatares históricos y su evolución. Un curso, pues, de contenido filológico, que sólo colateralmente (y haciendo de tripas corazón) podría orientarse a enseñar o escribir o a hablar (tarea ésta más propia de la enseñanza preuniversitaria).

En este sentido, el ciudadano debe saber que, en ninguna etapa de la enseñanza, ninguna Academia puede imponer su visión de la lengua («oficial» o no), es decir, su gramática y diccionario como libros de texto. No deben ignorarse, pero la aceptación o no de sus contenidos dependerá de su valor científico, no de su autoridad normativa (que es otra cosa). Si esto vale, por ejemplo, para la Real Academia de la Lengua (así se llama la Española), no digamos nada de lo que podría hacer la Academia de la Llingua, que, por no tener, no tiene (por el momento) ni gramática ni diccionario.

Una pregunta clave

Finalmente, una pregunta que no se ha hecho pero que seguramente es «la madre del cordero»: ¿Qué persona, de no haber sido prohibido, habría impartido ese asturiano? En las enseñanzas universitarias regladas es costumbre que un departamento proponga, y que la Facultad apruebe, un plan docente en que a cada asignatura (con su temario, su bibliografía y hasta los criterios de evaluación) se le asigna un profesor. En nuestro caso, cabe suponer que el asturiano de Hispánicas lo habría dado el profesor que lo va a dar en Románicas o el de Lengua Asturiana de Magisterio. Por razones económicas, y siempre que no lo desaconsejaran defectos académicos comprobados. Comprobados, no presuntos ni imputados.

De la misma manera que todo ciudadano tiene derecho a la presunción de inocencia, al ciudadano profesor le asiste el derecho a la presunción de «capacidad e imparcialidad científica y docente» en su materia académica. Mientras no se demuestre lo contrario. Y los posibles (ahora imposibles) profesores de Asturiano han mostrado tener una investigación objetiva e imparcial en sus materias, a prueba de romanistas extranjeros (algún colega de la Facultad conoce en sus carnes el duro control de calidad filológica que mantienen los romanistas extranjeros).

Después de las razones a favor de incluir el asturiano en Filología Hispánica, los ciudadanos se preguntarán: «Entonces, ¿por qué no?». A esto, uno no puede responder. Y me temo que de esto nadie va a responder. Y aquí paz y después gloria.

José Antonio Martínez

(*La Nueva España*. "Tribuna" 29-6-1993).

SANTIAGO GASCON
RECTOR UNIVERSIDAD
SAN FRANCISCO, 3
33003 OVIEDO

RECHAZO EMSENYANÇA OPTATIVA BABLE POR JUNTA GOBIERNO SU
UNIVERSIDAD CONSTITUYE AGRAVIO SOCIEDAD CIVIL SU PAYS, UNA
OFENSA MAS A LOS QUE LO HABLAN Y SE INSCRIBE COMO MEDIDA ATEN-
TATORIA INTEGRIDAD PUEBLO ASTURIANO STOP ELEVAMOS SOLEMNE
PROTESTA STOP NOS PROPONEMOS ALERTAR OPINION MUNDIAL PARA
QUE CESE ESTA ACTITUD DISCRIMINATORIA STOP.

JORDI COSTA I ROCA PRESIDENT ASSOCIATION INTERNATIONALE
POUR LA DEFENSE DE LANGUES ET CULTURES MENACÉES.

La decisión de la Junta de Gobierno de la Universidad, otro «Petrocho» para Asturias

El Colectivo «LLINGUA Y ENSEÑANZA», formado por profesores funcionarios del M.E.C. de todos los niveles educativos no es capaz de entender la decisión de la Junta de Gobierno de la Universidad (18-6-93) en el sentido de rechazar la petición de la Facultad de Filología Asturiana para incorporar a los planes de estudio de la citada Facultad la asignatura de Lengua Asturiana.

¿Cómo es posible que la máxima institución académica del Principado desprecie unos estudios que han de favorecer el contacto de los alumnos asturianos con su entorno cultural y que dignifican nuestra profesión?, ¿por qué dejan de lado la realidad de que más del 80% de la población asturiana es partidaria de la enseñanza del asturiano?, ¿cómo olvidan que hay 17.000 alumnos en Asturias que eligen, voluntariamente y con excelentes resultados pedagógicos, la asignatura de Lengua Asturiana?, ¿con qué criterios educativos —y hasta legales— se pretende actuar en nuestra comunidad?

Los enseñantes de Asturias que formamos este colectivo exigimos a la Universidad de Oviedo y al entrante Gobierno del Principado una urgente respuesta a estas preguntas y una corrección inmediata ante un desatino que a todos sonroja.

Colectivu “Llingua y Enseñanza”

Nota de prensa

El Sindicato de Enseñanza de CC.OO. de Asturias, denuncia públicamente la actitud antiasturiana y antisindical de la Junta de Gobierno de la Universidad de Oviedo, al no aprobar la creación de la asignatura, optativa, de Llingua Asturiana solicitada y aprobada en su momento por la Junta de Facultad de Filología.

Esta negativa frustra las exigencias de los sindicatos de enseñanza en lo que se refiere a la formación del profesorado de Llingua Asturiana. Para el Sindicato de Enseñanza de CC.OO. la formación del profesorado de esta asignatura tiene que equipararse al resto de asignaturas, por lo que considera imprescindible una formación universitaria.

Por otra parte nos sorprende esta actitud, de la Junta de Gobierno de la Universidad de Oviedo, al considerar que debido a la no oficialidad del asturiano, deciden no incluir la asignatura de Llin-

gua Asturiana como «optativa», mientras que sí deciden aprobar la asignatura de Árabe también optativa. ¿A caso el Árabe es oficial en Asturias?

Una vez más las esferas de poder mantienen actitudes antiasturianas que perjudican, en este caso, a la cultura asturiana en consonancia con los perjuicios económicos y políticos que venimos sufriendo últimamente.

CC.OO. - Enseñanza

Comunicáu de prensa

SUATEA acaba de conocer la gravísima decisión tomada por la Junta de Gobierno de la Universidad en el sentido de oponerse a la inclusión de la asignatura de Asturiano en el plan de estudios de Filología Hispánica, como les solicitó en su día la propia Facultad de Filología.

SUATEA se ve en la necesidad de denunciar públicamente esta decisión, que es sin duda la más descabellada que la Junta de Gobierno de la Universidad ha tomado nunca, pues con ella no sólo se niega a reconocer democráticamente el sentir mayoritario de la Facultad afectada sino que evidencia su absoluta desprecio por Asturias y su más genuino patrimonio cultural. Porque un despreciable insulto es que una Universidad no considere digna de enseñar la lengua de su propia tierra.

Es evidente que la Junta de Gobierno obvia peticiones mayoritarias y legítimas de la Facultad de Filología para seguir los dictados de un ridículo colectivo de profesores jubilados y totalmente irrespetuosos con esta Asturias que tan generosamente siempre les acogió.

SUATEA señala al Rector de la Universidad, pese a su ausencia por enfermedad, como el gran culpable de esta decisión insultante y lo reta a que asuma la responsabilidad que le corresponde, disponiendo los procedimientos y medios necesarios para retomar inmediatamente esta grave ofensa a todos los asturianos y a su herencia cultural.

Asimismo solicita al Presidente del Gobierno asturiano, Antonio Trevín, y a su Consejera de Educación, Amelia Valcárcel, que aprovechen esta oportunidad de iniciar el cambio del cambio en nuestra política educativa y cultural, iniciando las gestiones que conduzcan a la resolución de esta insultante decisión de la Junta de Universidad.

S.U.A.T.E.A.

Comunicáu de prensa

La Ejecutiva Regional de Asturias de la FETE-UGT reunida en Oviedo el día 23 de junio de 1993 acuerda por unanimidad manifestar su máxima repulsa ante la situación creada por la negativa de Junta de Gobierno de nuestra universidad a aprobar la propuesta de la Junta de Facultad de Filología sobre la optativa de Lengua Asturiana.

Este sindicato cree que situaciones como estas solamente llevan a la sociedad asturiana a posturas más radicalizadas en un tema que necesita de una vez por todas que sea tratado con NORMALIDAD ya que no queremos dejar de recordar a toda la sociedad asturiana la existencia de sectores en nuestra comunidad que aprovechan este tema para poder sacar provecho o no perder ninguno de los privilegios logrados con los años. Sin olvidar que la Junta de Gobierno de la Universidad de Oviedo ha pasado por alto una decisión de la Junta de Gobierno de la Facultad de Filología sin entrar en consideraciones lingüísticas con una falta total de argumentación y escudándose en el voto secreto.

No se puede comprender la actitud de nuestra universidad a no ser como una nueva provocación a la sociedad asturiana por lo que no debemos tolerar más este tipo de actitudes en una institución que debería representar según sus estatutos a nuestra región. Por lo que pedimos al Sr. Rector que reflexione sobre las consecuencias del acuerdo para así evitar el clima de confrontación y crispación que desde ese momento vuelve a vivir la sociedad asturiana.

FETE-UXT

Comunicado de prensa sobre la decisión sobre el asturiano de la J.G. de Universidad de Oviedo

Izquierda Unida de Asturias quiere expresar su extrañeza y preocupación por la decisión de la Junta de Gobierno de la Universidad de Oviedo, de suprimir la lengua asturiana como optativa en los planes de estudios propuestos por la Facultad de Filología.

Extrañeza y preocupación por diversos motivos. En primer lugar, y respetando el valor de la autonomía universitaria, esta decisión parece cuando menos contradictoria y cícatera con los propios Estatutos con los que la comunidad universitaria asturiana se ha dotado, pues en su artículo 5, 1 se establece como un fin de la universidad de Oviedo «la recuperación cultural del País Asturiano» li-

teralmente, y en su artículo 6 se insiste en la atención especial a los aspectos culturales e intereses colectivos de Asturias, mencionándose explícitamente la lengua asturiana.

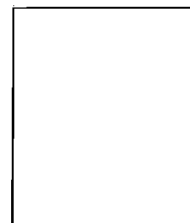
En segundo lugar no podemos compartir una interpretación tan restrictiva de lo establecido en el art. 4 del Estatuto de Autonomía, ignorando deliberadamente las posibilidades de promoción del asturiano en él establecidas; si bien, a nuestro juicio, deberían profundizarse claramente.

En tercer lugar este tipo de decisiones, al igual que aquélla de no adherirse al Manifiesto de la campaña Democracia es Igualdad, expresan un progresivo alejamiento y desprecio por los problemas e inquietudes de la sociedad, y en este caso por un ejemplo cultural esencial para Asturias. La Universidad, o mejor la mayoría de su Junta de Gobierno, ha optado y no neutralmente, en contra del asturiano, anteponiendo a su fundamental función de servicio público en el ámbito de la docencia, la investigación y la cultura, otro tipo de dinámica e intereses.

Por tanto Izquierda Unida comparte la preocupación y rechazo ante esta decisión contraria a los intereses culturales de nuestra Comunidad, expresada por diversas organizaciones e instituciones como la Academia de la Llingua; apoyando toda iniciativa que, como la de los sindicatos de la enseñanza y la concentración del jueves, expresen un compromiso con el asturiano y su necesario proceso de normalización al que la Universidad no puede ser ajena.

IZQUIERDA UNIDA - ASTURIES

TARXETA POSTAL



ACADEMIA DE LA LINGUA ASTURIANA

**Apartáu 574
Telf. 521 18 37**

**E-33080 Uviéu
Principáu d'Asturies**



Pon na conocencia de l'Academia les
anuncios que cinquen a la nuesa
llingua y cultura.

Escribe a l'apartáu 574 d'Uviéu
o llama al 521 18 37

PETICIONES

.....
.....
.....
.....
.....
.....

D.

Señes

Llugar

Tamién nes llibreríes d'Asturies o contra reembolsu.



ACADEMIA
DE LA LLINGUA
ASTURIANA



PRINCIPÁU D'ASTURIES

CONSEYERÍA D'EDUCACIÓN,
CULTURA, DEPORTES Y XUVENTÚ

Avientu